

# Sino Azul

Nº 1 — 1961



# SINO AZUL

ANO XXXIV Nº 1 — 1961  
CAIXA POSTAL 450  
RIO DE JANEIRO

## ROTEIRO ILUSTRADO DO «STAND» DA C. T. B. NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO

1. Maqueta de uma torre de micro-ondas e apresentação de esclarecimentos sobre esse importante serviço de comunicações.

2. Exibição de material de fabricação Ericsson, em uso no sistema telefônico.

3. Mesa telefônica «PBX», também de fabricação da Ericsson.

4. Painel de demonstrações, através de cartazes e gráficos, da situação atual do sistema telefônico.

5. Fotos ampliadas de diversos setores de atividade da C.T.B. e apresentação das diversas peças que compõem um telefone.

6. Pôsto Telefônico Público. Gentis funcionárias atendem pedidos para chamadas interurbanas ou pelo serviço rádio, nacionais e internacionais.

7. Cabinas telefônicas para atender a um grande número de solicitações, simultaneamente.

8. Demonstração comparativa dos diversos materiais que são utilizados na Rede de nossa Cia.

9. Miniatura de todo o sistema de micro-onda que liga Rio a São Paulo e Campinas. Através de reduções artísticas e luzes, pode-se acompanhar o processo.

10. Material da Cia. Siemens, utilizado em telefonia.

11. Sob o retrato de D. Pedro Segundo, o grande impulsionador do telefone, alguns modelos de aparelhos de antigamente.

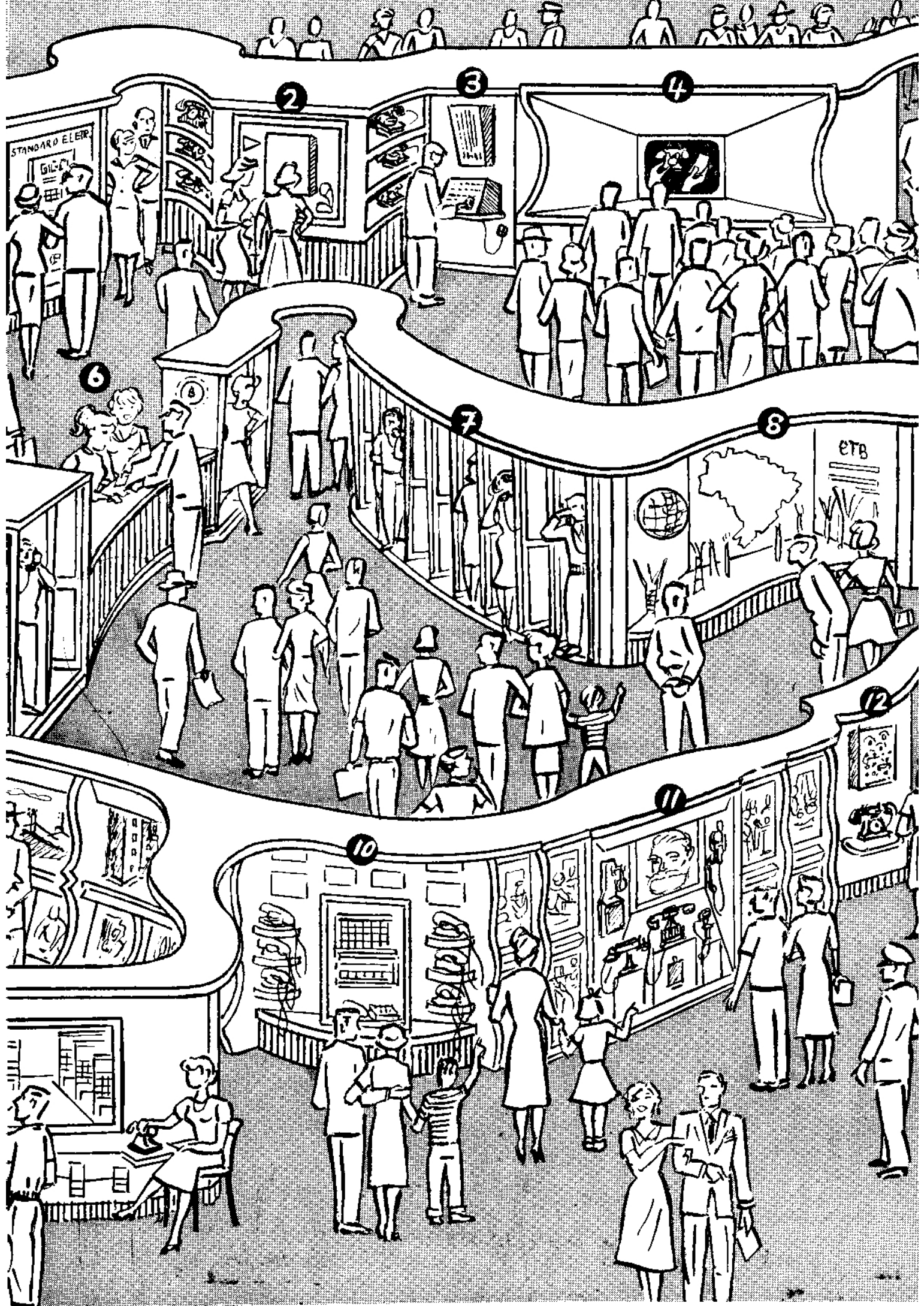
12. A voz pode ser «vista», através da curiosa demonstração eletrônica feita no osciloscópio.

13. O processamento de uma ligação telefônica local, pode ser acompanhado através de uma demonstração com equipamento da firma A.T.E., feita por bonecos.

## NOSSA CAPA

Nossas colegas em atividade no Pôsto Telefônico Público da C. T. B. na Exposição Internacional da Indústria e Comércio.







Acima: vários tipos de telefone são apreciados pela visitante, que parece interessada. Embaixo: o petiz ouve explicações de como se processa uma ligação telefônica, feita pelo boneco.



Ilustrações fotográficas e a maquete do serviço de micro-onda, são muito apreciadas.

TEM sido muito apreciado, pelo numeroso público, o "stand" que a C. T. B. exibe na Exposição Internacional da Indústria e Comércio, localizada no Campo de São Cristóvão, no Rio. Em painéis bem ilustrados e atraentes, é mostrada ao público a complexidade do serviço telefônico, como também a evolução desse sistema de comunicações. Em colaboração, diversas Companhias que fabricam materiais telefônicos mostram ali o que produzem. Um posto telefônico, para chamados locais e interurbanos, foi colocado pela C. T. B. à disposição dos visitantes.



As colegas Vanny e Solange, do Tráfego, apreciam as novidades da telefonia, ouvindo suas próprias vozes gravadas através de um aparelho telefônico.



Em cima: uma visitante consulta uma lista telefônica. Embaixo: uma menina atraída pelo gigantesco disco, tenta discar para sua casa...



Ao lado: mostra dos vários tipos de cabos usados pela nossa Empresa em sua rede, com explicações alusivas.

# COISAS

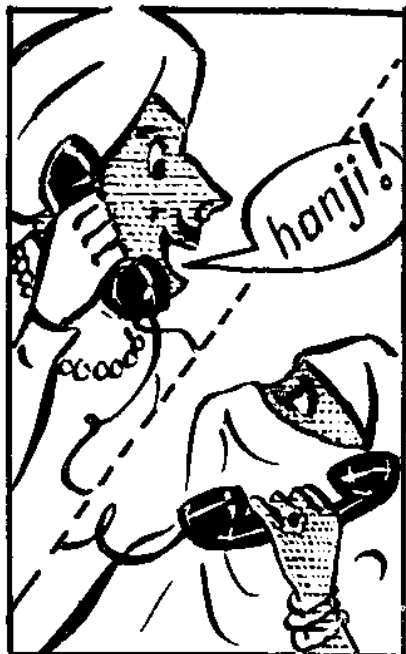
que acontecem...



Na Avenida Amaro Cavalcanti, no Rio, o gerente de uma loja foi hospitalizado em estado grave, depois de ter recebido três tiros de um homem furioso que, tendo telefonado desejando falar com uma empregada da loja não pôde fazê-lo, porque ela não estava no momento.

Julgando ser má ventura do gerente, o homem foi ao local para matar o gerente e quase o fez.

Em Provença, no sul da França, o Sr. Henri Lafoule não podia mais suportar os eternos telefonemas de sua filhinha, que ficava horas, na extensão do aparelho na sobreloja onde moravam, e o pai, estabelecido na loja, não podia concluir seus negócios urgentes. Um belo dia, o genitor da menina teve uma idéia genial: instalou um aparelho de sinalização semelhante aos usados no controle do trânsito e quando achava que a coisa já estava demais, apertava um botão "parc" e luzes vermelhas eram acensas, acompanhadas de um forte soar de sirene. E a coisa deu certo!



Uma das mais populares expressões telefônicas do mundo é "alô!". Na Índia, onde estão promovendo o uso da própria língua, mais ou menos está oficializado o uso de "hanji", que traduzimos por "saudações"

No Afeganistão e no Irã, o povo prefere usar a palavra "balch" por "Sim". E no Swahili, adoram falar "yambo".

Em Madrid, o atendimento é sempre um polido "holá" ou "quien habla-", em lugar de "quem está falando?". Os mexicanos abrem a conversação com "bueno", uma fórmula abreviada de "bom dia".

Já os italianos, ao atenderem ao telefone, se expressam assim: "Pronto, che parla?"

Em outros países da América Latina, a primeira palavra que se ouve é "A ver" como se se dissesse: "Deixa-me ver agora", ou "com quien", ao invés de "com quem deseja falar?"



Em Palo Alto, na Califórnia, E.E. U.U., qualquer pessoa poderá fazer confidências através do telefone e em toda a segurança, quanto ao sigilo, graças a um aparelho destinado a protegê-los contra os indiscretos, que a companhia telefônica local, vai pôr à venda. O aparelho foi popularizado pelo primeiro-ministro britânico sir Winston Churchill que, durante a guerra, o utilizava para falar pelo telefone com o presidente Franklin D. Roosevelt. O aparelho produz um zumbido terrível na linha, para quem não está ligado diretamente.





Com toda atenção, a funcionária solda fios elétricos numa peça feita para a C. T. B.



O encarregado de seção acompanha a preparação de peças que compõem o telefone.



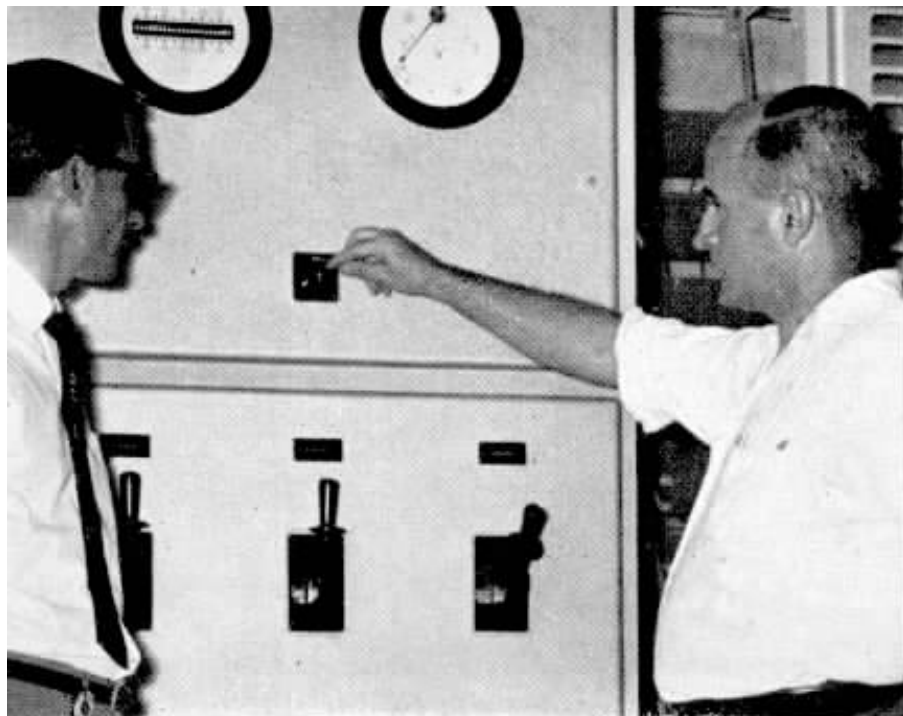
Os engenheiros Alex Kropotoff Júnior e Sándor Csapó, examinam o aparelho vibrador de voz.

## COLABORA A STANDARD ELÉTRICA S.A. PARA A SOLUÇÃO DO PROBLEMA DOS TELEFONES NO PAÍS

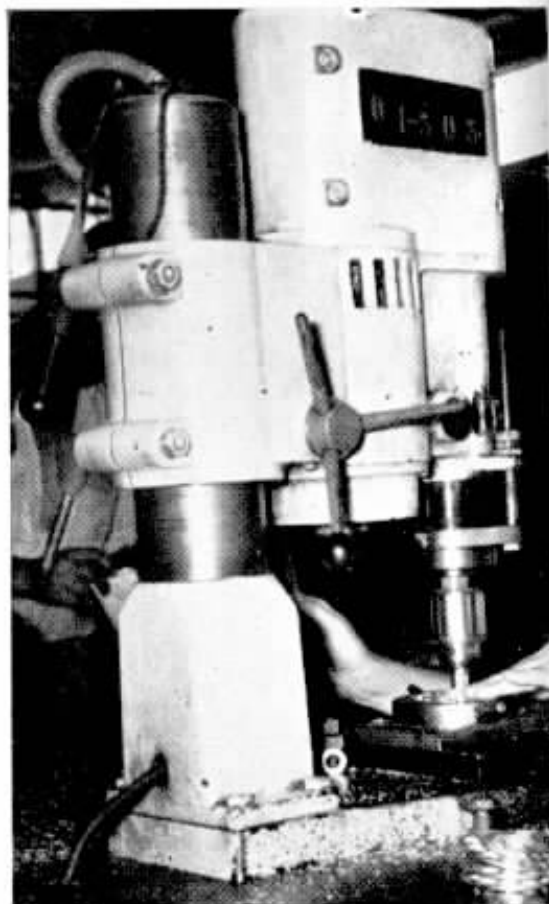
**U**MA das grandes exigências do desenvolvimento extraordinário porque passa o Brasil, é a ampliação do seu parque industrial de material telefônico. Para isso vem contribuindo com destaque, a Standard Elétrica S. A. que funcionando em nosso país desde 1942, é a pioneira da indústria de telefones e acessórios nacionais. Sua sede está localizada no bairro de Vicente de Carvalho, no Estado da Guanabara, onde dispõe de moderna fábrica de quatro grandes edifícios, acabados de construir em 1959.

Grande parte do equipamento com que opera a C. T. B. foi adquirido à Standard Elétrica, inclusive a primeira estação automática do Rio, instalada e fornecida por essa firma em 1930, como também, recentemente, parte do aparelhamento de micro-ondas.

Cêrca de 1.600 operários integram nessa colmeia que tem capacidade para abrigar 5 mil, caso o exija a demanda de material.



Antes da entrega de qualquer encomenda, técnicos especializados, realizam rigorosa inspeção nos aparelhos. Eis uma das fases de cuidada vistoria, num equipamento para a Telefônica.



A confecção de discos dos aparelhos telefônicos é feita com rapidez e segurança. A foto da extrema, à direita, mostra-nos a gigantesca máquina de modelagem das peças telefônicas.

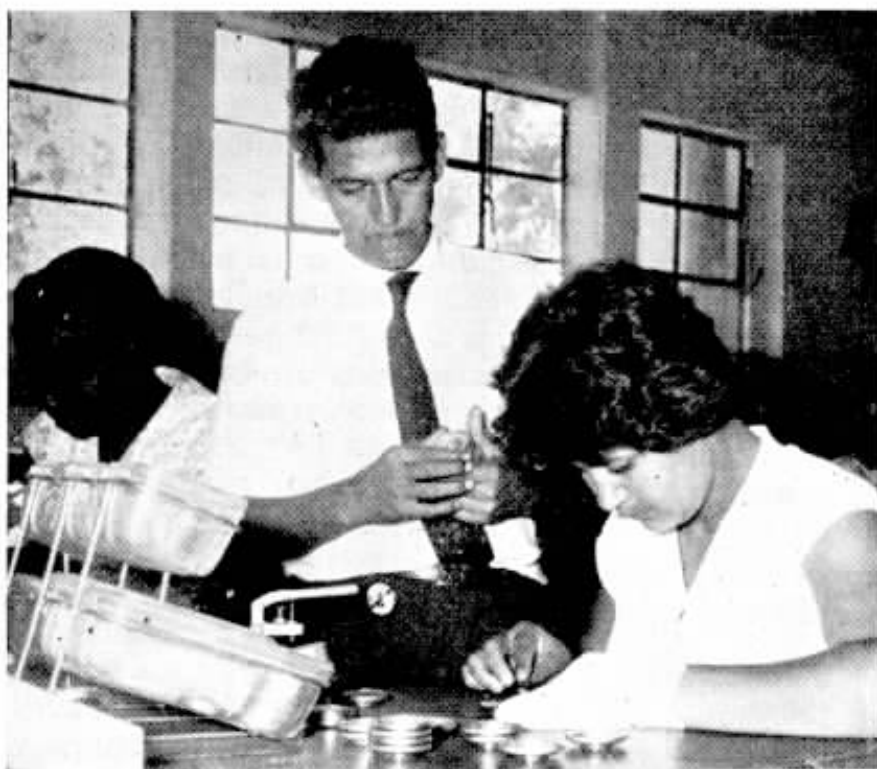
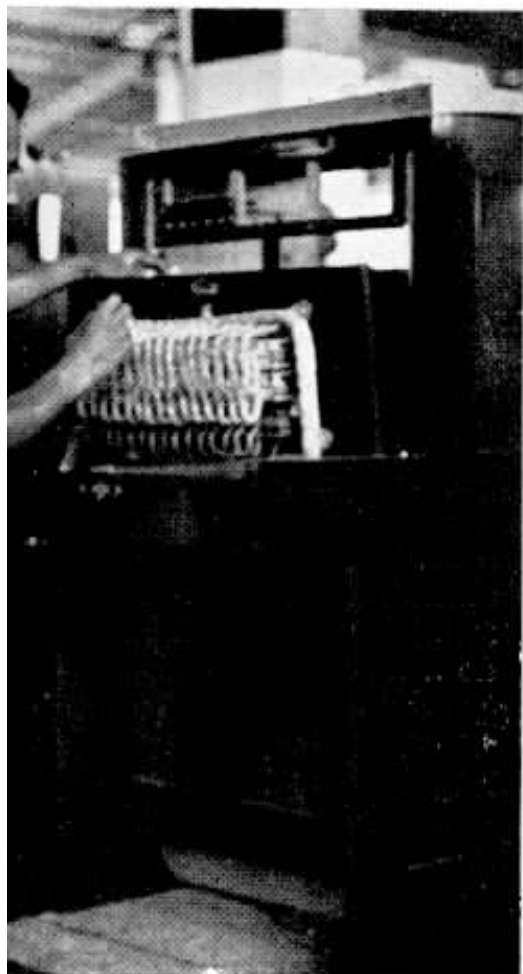
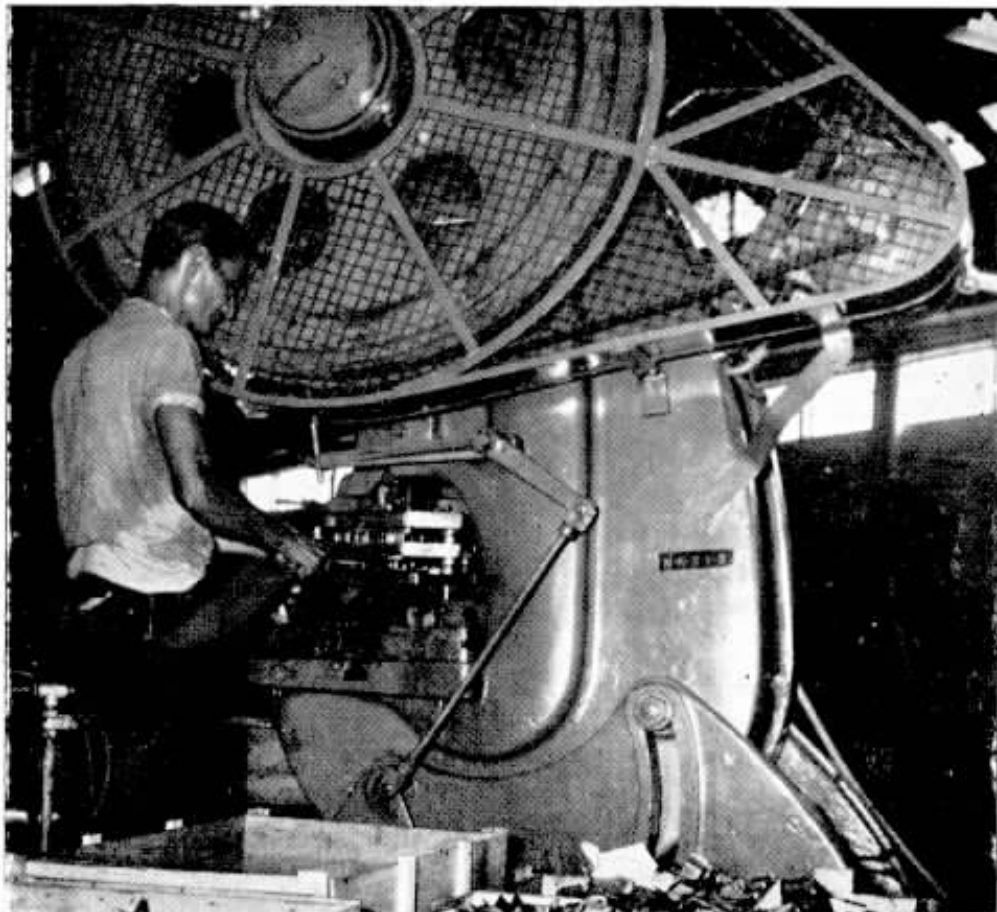


Esta ativa operária é responsável pela preparação de cápsulas de transmissão. Dezenas destas cápsulas são postas em sua mesa para os retoques finais, serviço feito à perfeição.



A seleção de fios para uso nos aparelhos telefônicos, é outro trabalho que requer atenção. Aqui, a jovem encarregada desse serviço especial, sabe da responsabilidade que lhe foi confiada. Utilizando bem o que aprendeu, cumpre tarefa de especialista.





A esquerda, a seção de montagem de mesas telefônicas manuais. As primeiras dessas mesas foram lançadas, no Brasil, em 1943, pela Standard Elétrica. Em cima, flagrante tomado na sala de montagem das cápsulas de transmissão. Um dos encarregados desse departamento, acompanha a confecção de uma das inúmeras peças, que ali, são terminadas, para o respectivo teste.

# EXTINGUEM-SE AS LUZES DO NORTE

(Transcrito do Time, revista editada nos Estados Unidos, de 2-1-1961)

“A batalha contra a Light é a chave da contenda. Se destruímos a Light, destruiremos a fonte de força para a indústria e, o mais importante, a espinha dorsal do capital privado no Brasil”, disse o líder Vermelho nº 1, Luís Carlos Prestes, em 1959, numa reunião do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro, no Rio de Janeiro.

A companhia a que ele se estava referindo não pertence ao colosso americano. É canadense — de Toronto, a Brazilian Traction Light and Power Co. Ltd., existente há sessenta anos no Brasil. Durante esse período, a “Light” cresceu dentro do Brasil, tornou-se a maior empresa do país e o maior investimento do Canadá no exterior, com um bilhão de dólares em bens, produzindo eletricidade e gás e operando bondes e telefones numa terra quase tão grande como o próprio Canadá e tão grande mesmo como os Estados Unidos Continental. Agora, entretanto, o enorme livre-emprego canadense está cercado por todos os lados pelos azares políticos e econômicos.

## Negócio Grande, Pequeno Ganho.

Pelo seu tamanho, a Light tem um problema que qualquer proprietário de loja de uma pequena cidade do interior pode entender. A companhia não está ganhando bom dinheiro — apenas dez milhões de dólares no último ano, ou 1% do seu investimento. Na última semana, para angariar a confiança em declínio dos seus acionistas (40 mil brasileiros e 40 mil estrangeiros), o Presidente Henry Borden declarou um dividendo de 25 centavos, o primeiro em três anos. Contribuiu muito pouco para melhorar as perdas dos acionistas sofridas durante a queda do valor das ações da Brazilian Traction de US \$36,85 para US \$3,85 nos últimos trinta anos.

O que leva a Light a mostrar déficits em seus livros, é a política. Durante anos, comunis-

tas e ultra-nacionalistas fizeram campanhas para expulsar a companhia do Brasil. Os seus inimigos têm-na forçado a operar com tarifas deficitárias em muitas áreas, acusando qualquer governo que dê à Brazilian Traction um tratamento razoável, de entreguista ao imperialismo estrangeiro. Sem recursos, a companhia não pode expandir-se tão rapidamente que possa acompanhar a demanda sempre crescente. Por não se expandir, é culpada de falhas, tais como o período longo de espera habitual no Rio, para que um cidadão comum possa obter telefone (um dos pedidos data de 20 anos).

“O nosso serviço é estrangulado por tarifas inadequadas e irrealísticas”, diz o Presidente Borden (59 anos) que vem chefiando a companhia nos últimos quatorze anos. “As nossas tarifas telefônicas dão, em média, US \$0,75 mensais, sem limite do número de chamadas. Fornecemos energia elétrica pelas tarifas mais baratas

do mundo". Além das preocupações de trabalho de Borden, há o fato de que tem que operar constantemente, sob a ameaça de expropriação.

### Surto Industrial

A má situação da companhia é ainda mais estranhável, visto ter sido ela quem supriu o maior país da América Latina de grande parte de sua energia, transporte e comunicações, tornando-se a Brazilian Traction, por assim dizer, sinônimo do surto industrial do Brasil. Enquanto a população triplicou em cinquenta anos até os seus atuais 70 milhões, a capacidade geradora de eletricidade da Light ampliou-se 57 vezes, os seus engenheiros e homens de negócios mudaram os cursos de rios, construíram barragens, escavaram túneis e estenderam linhas de força para fornecer a energia necessária. Lançada por um grupo de canadenses empreendedores em 1900, com uma linha de bondes de uma milha de extensão em São Paulo, dotada de uma usina termelétrica de 550 kv, a Light, agora, tem 17 companhias subsidiárias operando, principalmente, no Rio e em São Paulo; fornece 60% da energia elétrica do Brasil e 80%

do seu serviço telefônico. Um ponto que os comunistas e nacionalistas raramente focalizam é a fôlha de pagamento da Light de 45.500 pessoas (contra 150 dos seus escritórios centrais do Canadá), o que a situa como o maior empregador particular do Brasil.

Os tempos duros para a Light começaram logo após a Segunda Guerra Mundial, quando uma onda de ultranacionalismo atingiu o Brasil. Com o aumento de custos, a companhia tentou obter aumentos de tarifas para os seus serviços de utilidade pública. Em 1956, a subsidiária dos bondes do Rio, que cobrava 1,25 de centavos por passagem, recebeu um aumento para 2,5 centavos. Resultado: comunistas incitaram tumultos e estudantes bloquearam os bondes, jogando xadrez nos trilhos. Vítimas: cem feridos. A fim de amenizar os ataques, Borden transferiu todas as companhias subsidiárias, do Canadá para o Brasil e abriu as portas das mesmas a acionistas brasileiros. Criou mesmo um termo para a sua política — "naturalização" — invés de nacionalização.

### Fica para Jânio

Na semana passada, a Light ainda estava

perdendo. No Rio, o governador do estado, Carlos Lacerda, assumiu o controle de uma das maiores subsidiárias da Light, a Companhia Telefônica Brasileira, que serve ao Rio, e começou investigando as suas operações. Lacerda planejou intervenção em parte de outra subsidiária, os bondes do Rio (que perdeu dois milhões de dólares em 1959) quando a concessão expira na Véspera do Dia de Ano Novo. Um acontecimento mais ameaçador ocorreu na nova capital, Brasília, onde o Congresso aprovou um projeto criando a Eletrobrás — monopólio governamental com intuito, eventualmente, de assumir o controle de toda a energia do Brasil.

Como poderá a Brazilian Traction recuperar a sua posição? Diz Borden: "É uma situação impossível que somente será resolvida com um pouco de raciocínio prático da parte de todos". O problema ocupará uma posição alta na lista de assuntos, quando o Presidente eleito, Jânio Quadros, tomar posse este mês. O quanto Jânio ajudará é, como o homem em si mesmo, um ponto de interrogação.

# O que dizem de NÓS

**A**S inúmeras manifestações de simpatia e de reconhecimento por bons serviços prestados que fazem parte da rotina de nossa empresa, constituem grande volume de correspondência que nos estimula, cada vez mais, a cumprir a nossa determinação de bem servir.

Selecionamos algumas dessas cartas e ofícios que bem atestam o que é a vida de uma grande organização de serviços públicos.



## SAUDADES

Inês Gomes Bacelo, foi telefonista internacional na nossa organização. Deixou-nos há algum tempo por ter de regressar a Portugal de onde é filha. Agora, em palavras repletas de carinho e saudades, escreveu do país irmão, uma carta ao Sr. Edgar Zambrano, Superintendente do Departamento de Admissões e Treinamento do Tráfego, que vale a pena transcrever, e bem diz do ambiente interno de nossa companhia, onde cada funcionário é um amigo.

Diz Inês Bacêlo: "No momento em que escrevo estas linhas, o "Vera Cruz", a bordo do qual me encontro, singra a formosa Baía de Guanabara, rumo a Portugal.

O navio vai-se distanciando mais e mais e os arranha-céus já parecem diminuir. Quase pêrco de vista os lenços brancos que ace-

nam, aproveitando os últimos momentos de despedida. Também eu aceno a todos que daí ficam, ao Cristo Redentor, à querida Cidade Maravilhosa!

Uma saudade imensa me invade a alma... Levo em meu coração todos que aí deixei e em minha memória, belas recordações. E' por isso que me lembrei de vós.

No Brasil encontrei outra Pátria, outro lar, a Cia. Telefônica Brasileira — o vosso convívio. Sentia-me entre vós, como se entre os meus. Convosco passei quase todo o tempo de minha permanência aí.

Por tudo isso, daqui mesmo, quero enviar-vos duas palavras, como símbolo de minha perene gratidão — "muito obrigada!" Simultaneamente, rogo ao Cristo do Corcovado que a todos cubra com bênçãos e felicidades.

Desde já quero ter a satisfação de dizer-lhes que

tinha casa está às ordens, para quando quiserem visitar meu Portugal, que é vosso também!"

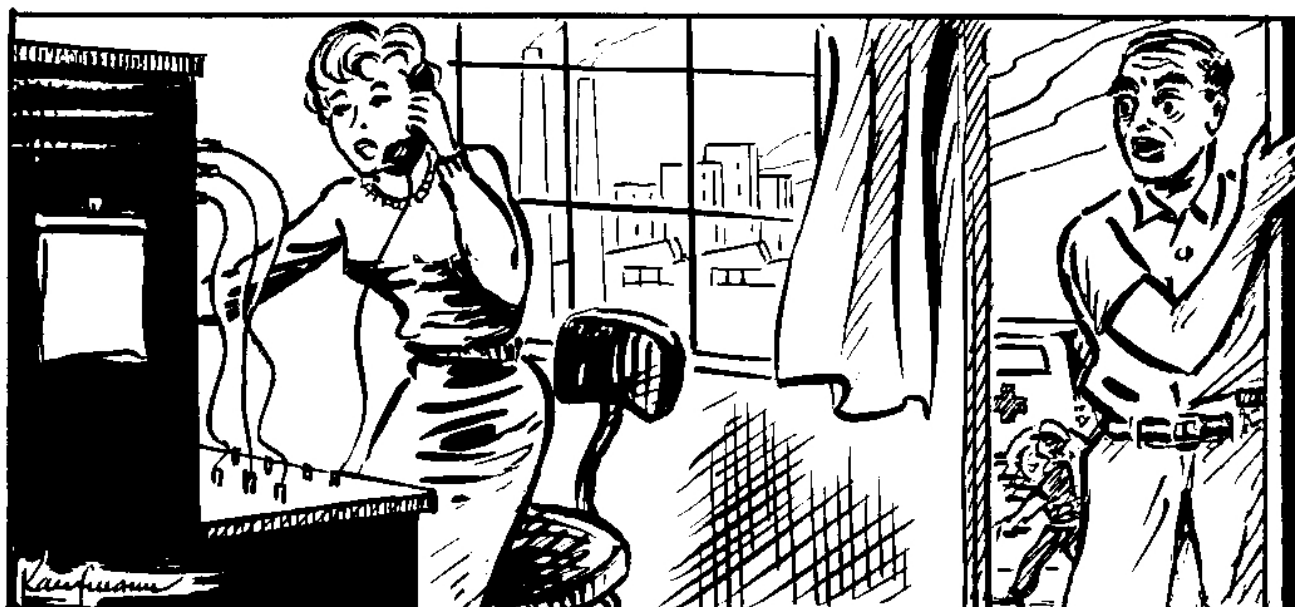
## NO CÉU

O vespertino carioca "Última Hora", mantém interessante seção de reclamações onde também se presta homenagem a figuras destacadas no bom atendimento do público. Os que merecem êsse realce elogioso, são postos "no céu" e essa honra mereceu nossa colega Neide Alentejano, que trabalha num guichê do Departamento Comercial da C. T. B., citada pelo jornal como "funcionária modelar, atendendo aos que ali vão com presteza e gentileza cativantes."



## AINDA AS ELEIÇÕES

Muitas foram as cartas e ofícios recebidos pela Companhia, salientando a sua boa colaboração na marcha correta do pleito presidencial e suas apurações. Do Exmo. Sr. Juiz Eleitoral de Itaperuna, Dr. Niltho Leite, veio agradecimento por telegrama. Do Sr. Paulo Madeira, veio



atenciosa carta, agradecendo a atenção das telefonistas de Bebedouro, Barretos, Guaira e Monte Azul Paulista, na ocasião da apuração do pleito.

#### ACIDENTE GRAVE

A "eficiência, presteza e alto espírito de cooperação" do pessoal da C. T. B. foi salientada em carta gentil do Sr. Ralph A. Davis, em nome da Indústria Champion Celulose S. A., em Mogi Guaçu, São Paulo. Essa indústria verificou um vazamento de cloro, acidente de graves proporções e que pôde ser reduzido, graças, inclusive, à ação das telefonistas da cidade que cooperaram diligentemente e foram alvo do agradecimento em questão.

#### AJUDA NAS ELEIÇÕES

A Rádio Difusora São Paulo, através da sua Direção Artística, enviou carta à nossa Companhia, agradecendo a colaboração dada pela C. T. B. ao seu trabalho completo de cobertura da recente apuração naquele Estado e diz: "mais uma vez os técnicos e a direção da C. T. B. demonstraram sua enorme capacidade profissional e a sua vontade não apenas de servir, mas também de coo-

perar, de participar o melhor possível, com desprendimento e dedicação."

#### VOTO DE LOUVOR

A requerimento do Vereador Manoel Antônio Brand, a Câmara Municipal de Petrópolis inseriu em ata, um voto de louvor aos funcionários da Companhia Telefônica Brasileira, "pela maneira delicada e atenciosa com que atendem ao público no exercício de suas funções, fato não muito comum com relação a outras organizações."

#### TRÁGICA OCORRÊNCIA

O doloroso desastre com

um ônibus que se precipitou no rio Turvo, levando várias crianças à morte, quando iam tomar parte numa festa em Barretos, São Paulo, vindos de S. José do Rio Preto, motivou, às telefonistas desta última cidade, sentida carta de agradecimento de um dos pais enlutados. A missiva do Sr. José Ferreira Sobrinho, repassada de justa dôr pela perda de seu filho Jorge, agradece o empenho das telefonistas que buscaram ajudar nessa hora terrível para as famílias atingidas pelo acontecimento.





Três elegantes modelos de chapéus apresentados.

## 20 ANOS COMEMOROU O TELEFÔNICA ATLÉTICO CLUBE

O Telefônica Atlético Clube, entidade que congrega os colegas da C. T. B. no Rio, festejou com expressivas solenidades, o seu vigésimo aniversário de fundação.

Concorridíssimo baile teve lugar no Ginásio das Companhias Associadas, no Grajaú, ocasião em que também se verificou apreciado desfile de modas, no qual foram exibidos os últimos modelos para a estação.

Personalidades de prestígio, superintendentes gerais e muitos convidados, tornaram a festa das mais agradáveis, culminando o entusiasmo com a clássica hora do bôlo comemorativo, cujo "corte" foi acompanhado com o máximo interesse, não só por motivos sentimentais, como por outros mais óbvios. E' que estava mesmo delicioso.



Aspecto da festa. Ao lado, belos modelos em desfile.



Sob as luzes do **NATAI**  
confraternizou a família  
cetebense





*Em torno ao Sr. T. D. Christian, confraternizam chefes e funcionários.*



*Hora bastante aguardada, para satisfação geral: o instante da distribuição dos presentes.*



*João Lício Jr., da Rêde, na bem recebida tarefa.*

## ENTRE RISOS E BOA CAMARADAGEM, A GRANDE FESTA DO ANO



Entre as muitas reuniões agradáveis que marcaram a passagem do ano e as comemorações de Natal, amável pretexto de sempre, para o conagraçamento de chefes e funcionários, avultaram, no Estado da Guanabara, a tradicional troca de presentes feita na festa do Departamento do Pessoal e o sorteio de brindes realizado pelo Departamento da Rêde.

Contando com a presença, entre outras pessoas gradas, do Sr. T. D. Christian e dos Superintendentes Gerais dos Departamentos, os festejos contaram com todo o entusiasmo dos demais superintendentes, chefes de seção e funcionários em geral, irmanados no mesmo espírito de cordialidade e boa compreensão.



Vista parcial da assistência presente à festa do Departamento da Rêde, realizada no restaurante do prédio dos escritórios centrais.

# ALEGRIA E UNIÃO: SÍMBOLOS DO NATAL



© S colegas que servem às extensas regiões da chamada Zona Rural do Estado da Guanabara, todos os anos, promovem simpáticas e alegres comemorações da Grande Data da Cristandade, reunindo, em tórno ao pinheirinho festivo, chefes, companheiros e familiares. Assim foi mais uma vez em Santa Cruz, Governador, Campo Grande, Bangu, Marechal Hermes e Jacarepaguá, como atestam as fotos destas páginas.



A direita: ao alto, flagrante tomado na festa realizada em Santa Cruz, no sertão carioca. Ao centro: aspecto da festa das telefonistas da Ilha do Governador. Chefes e colegas. Embaixo: ao lado, nossas dedicadas colegas que atendem ao serviço em Campo Grande.

# NA C.T.B.



Também em Bangu, houve a tradicional mesa natalina, farta de guloseimas próprias da época, com a troca de brindes e votos de felicidades, tradição que se repete todos os anos.



Acima, aspecto da reunião comemorativa em Marechal Hermes. Abaixo, grupo de servidores de Jacarepaguá. Por todos os lados, a mesma alegria e satisfação por bem servir.



B. J. P. Tancred, Superintendente Geral da Rêde, quando dirigia suas congratulações ao pessoal da Rêde.



Abaixo, dois flagrantes colhidos na festa de Natal do Departamento do Pessoal, em São Paulo.

## BOM NATAL... FELIZ NATAL...





Na Contabilidade, Divisão de S. Paulo, também houve animado festejo, a que não faltou a presença da infância.

**A** TRAVÉS de todos os Departamentos, na Guanabara, no Estado Rio, em Minas Gerais, no Espírito Santos, a alegria foi sempre a mesma, o espírito de união demonstrado o mesmo, a boa vontade e alta compreensão da camaradagem e do bom entendimento, os mesmos.

Confraternização entre chefes e chefiados, demonstrações alegres de carinho e afetividade, entre funcionários com a presença de familiares, foram e serão sempre, as notas marcantes das festas que se realizam no âmbito do pessoal que serve com desvelo e dedicação exemplares, neste ramo importantíssimo de serviço público que é o dos telefones.

Nestas páginas vão mais alguns flagrantes dessas festas que



Na festa dos menores, no Rio, houve parte artística. Eis duas das intérpretes.

A direita: Vista parcial da grande assistência à festa dos menores que, na Guanabara, comemoraram o Natal com a presença de parentes e convidados.

falam por si, da boa harmonia existente entre a nossa família, a família telefônica.

Nas fotos vemos bem o contentamento dos nossos colegas e a expressão feliz de seus familiares, trazidos ao ambiente de trabalho de seus queridos parentes, onde podem constatar ser a Telefônica, a continuação de seus próprios lares, comungando, chefes e subordinados, dos mesmos ideais e desejos de progresso e harmonia.

O pessoal do Distrito C-1, Rêde, da Divisão de São Paulo, assim se reuniu e deu largas à sua alegria.





**NATAL  
DAS  
TELEFONISTAS**



**INTERURBANO-EST.-3**

**ESTADO  
DA  
GUANABARA**



**INTERURBANO- EST.- 2**



**INFORMAÇÕES**



**INTERURBANO-EST.- 4**



**ESTACÃO-06-RURAL**



**EXPEDITO- EST.- 07**



**INFORMAÇÕES**



**TELEFONISTAS QUEBEC**



**INTERURBANO-EST**



Com a presença de Marialva E. de Melo a festa do Interurbano, com a delicada homenagem a uma das mais antigas servidoras. Abaixo, as nossas colegas da estação «31».



Acima, outro aspecto das comemorações na estação manual «31», com chefes de serviço e familiares dos colegas. Ao lado, as dedicadas servidoras durante as comemorações.

## O Natal desperta alegria no Tráfego de São Paulo

**I**RMANANDO-SE nos mesmos sentimentos de paz e felicidade que envolvem a humanidade cristã, na suave quadra do Natal, nossos colegas do Tráfego, em São Paulo, tiveram a oportunidade de realizar mais uma bonita festa onde a harmonia, a boa vontade e a simpatia, foram imperantes.

Com a presença na capital paulista do Superintendente Geral do Tráfego, Marialva F. de Melo, a festa teve maior brilho, prestigiada completamente por esse chefe e seus dedicados auxiliares. As operosas colegas que funcionam no Departamento em São Paulo, aproveitaram o ensejo, para homenagear, calorosamente, veteranas companheiras, como aconteceu especialmente com o serviço Interurbano, reunindo no mesmo carinho, antigos e novos servidores da Companhia.

Grande número de crianças e familiares dos colegas presentes, tomaram parte nas alegres comemorações, dando uma nota a mais de alegria e um toque especial a realçar a união da grande família telefônica e seus laços, tão íntimos, que fazem do local de trabalho, a adequada extensão do próprio ambiente familiar.



Crianças são sempre o centro das atenções, a nota mais delicada de ternura. Assim foi na festa do Tráfego em São Paulo, quando ajudaram — e como! — com o bôlo comemorativo, que foi o deleite da reunião.



# Festa Plena de Bom Humor o Natal das Colegas do Interior



**OURINHOS**



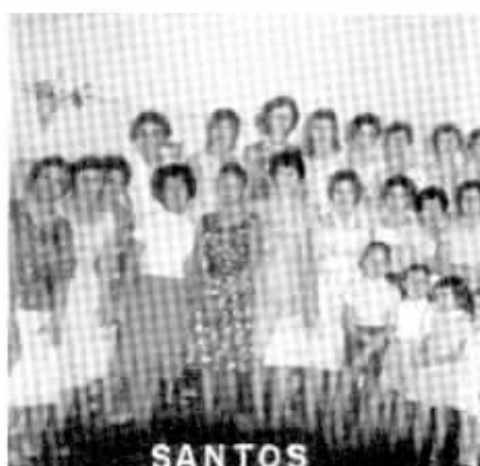
**BAURU**



**JABOTICABAL**



**TRÊS RIOS**



**SANTOS**



CAMPINAS



ARARAQUARA



OLÍMPIA



BOTUCATU



S. JOÃO DA BOA VISTA



PIRAJU







**BROTAS**



**BARRETOS**



**PRESIDENTE PRUDENTE**



**DUQUE DE CAXIAS**



**S. JOSÉ DO RIO PRÊTO**



**MARÍLIA**



**RIBEIRÃO PRÊTO**

# Mais Cidades Resolvem O Seu Problema Telefônico

**R**EPRESENTANTES de empresas concessionárias de serviços telefônicos de todo o país, estiveram no Rio, a convocação da Telebrasil, entidade que reúne essas organizações em federação. Homens do Rio, de São Paulo, do Sul, do Centro e do Norte do país, foram chamados a discutir e votar relatórios, analisar contas, modificar dispositivos estatutários e eleger uma nova diretoria para o triênio 1960-1963. Paralelamente a esses encargos, os representantes das empresas desse serviço público tiveram intensíssimo programa, destacando-se a série de visitas que realizaram, sendo dignas de citação, aquela que fizeram às instalações da fábrica de equipamento da Standard Elétrica, à Estação Norte da Companhia Telefônica Brasileira, onde tiveram oportunidade de verificar com especial interesse as instalações de micro-onda utilizado no "link" Rio-São Paulo e de "D. D. D." entre Niterói e Rio, além das do cabo coaxial com Petrópolis; ao Centro Telegráfico da Companhia Rádio Internacional do Brasil e à estação transmissora de Marapicú e à receptora de Jacarepaguá, a convite da Rádio Internacional.

Na ocasião, esses homens que lutam nos mais variados recantos do Brasil, pelo progresso da nação, procurando desenvolver o importantíssimo campo das telecomunicações, debateram aspectos do autofinanciamento, fórmula já adotada por mais de duzentas cidades do território nacional e oito capitais estaduais, além da própria sede do Governo Federal, Brasília.

A diretoria, demonstrando uma atividade incansável, apresentou magnífico relatório, muito bem aceito pelos presentes que reconduziram toda a diretoria da Telebrasil (Associação das Empresas de Telecomunicações do Brasil), assim constituída: Pedro Renault Castanheira, da Companhia Telefônica de Minas Gerais, Diretor Presidente; Jorge A. Lemgruber Emeric, da Companhia Rádio Internacional do Brasil, Rio, Diretor Executivo; Carlos Reis Filho, da Companhia Telefônica Brasileira, São Paulo, Diretor Secretário; Victório Emanuel Pareto, da Companhia Telefônica Nacional, Rio Grande do Sul, Diretor Primeiro Tesoureiro e Ralph Leça, da Companhia Telefônica de Pernambuco, como Diretor Segundo Tesoureiro.

Essa diretoria terá pesado encargo, pois se considera este triênio como decisivo para o problema telefônico no Brasil, onde só o autofinanciamento tem permitido obter-se uma amenização da situação, resolvendo o problema de cidades como o

Recife, por exemplo, permitindo o aumento de uma obsoleta rede de 6.500 telefones, para 20.000, com possibilidades de expansão.

De um modo geral, os representantes das empresas telefônicas autofinanciadas, comunicaram a seus colegas, as experiências que estão sendo proveitosamente colhidas com a adoção desse sistema. Vale a pena, a propósito, focalizarmos, aqui, algumas dessas declarações de vital interesse e importância para as grandes aglomerações como o Rio, e para S. Paulo (onde agora também o sistema será implantado), cidades onde mais se faz sentir a falta de expansão das redes, saturadas e asfíxiadas por obstáculos restritivos a esses ansiados aumentos da capacidade telefônica.

## RECIFE

O Sr. José Guimarães de Araújo, da Companhia Telefônica de Pernambuco, teve a oportunidade de referir-se ao aparecimento da idéia do autofinanciamento na populosa cidade Maurícia, como uma decorrência do agravamento do problema telefônico e da impossibilidade confessada da antiga concessionária — The Telephone of Pernambuco Limited — de solucioná-lo, desde que o poder concedente não se dispunha à colaboração no encontro de novas fórmulas passíveis de satisfazer as partes interessadas. Sabedores dos bons resultados obtidos em outras cidades, homens de negócio recifenses levantaram a bandeira do autofinanciamento. Na opinião de José Guimarães Araújo, opinião que é a dominante, aliás, em todo o Norte, o autofinanciamento traz duas grandes vantagens:

1) *de ordem econômica*, pois, só através dele, como o está evidenciando a experiência, é possível fazer, realizar, a inadiável ampliação do serviço; 2) *o sistema interessa o usuário* na vida da sociedade concessionária do serviço telefônico dado que sendo acionista, obviamente o usuário tem, pela sociedade, o interesse de sócio com dividendos. Além disso, o sistema reduz de muito, a zona de atrito entre o poder concedente e o concessionário. Acha, ainda, o representante da Telefônica de Pernambuco que o grande mal a prejudicar a expansão dos serviços telefônicos, tanto no caso particular de Recife, como, de resto, de todo o país, ainda é a política cambial que prejudica, pela flutuação do preço do dólar, qualquer cálculo ou plano em relação a telefones.

## A marcha do serviço de telecomunicações pelo país



O Sr. Pedro Renault Castanheira, o grande entusiasta do autofinanciamento no país, foi reconduzido à presidência das Associações de Empresas de Telecomunicações do Brasil. Lutador incansável pelo progresso da telefonia.

A Companhia Telefônica do Maranhão, tem em José Rego, de São Luís, o seu representante e outro adepto entusiasta do serviço autofinanciado. Essa companhia há setenta anos é concessionária do serviço, lutando com dificuldades crescentes em relação à demanda, difícil de satisfazer diante da conjuntura financeira e à necessidade de um investimento elevado. O autofinanciamento foi também a solução encontrada com pleno assentimento dos novos assinantes, todos atendidos pelo sistema, já existindo novos pretendentes que apenas aguardam a chegada de equipamento para também serem atendidos. As linhas serão duplicadas em seu número.

De um modo geral, a reunião na Guanabara, dos representantes estaduais das diversas concessionárias desse serviço público no Brasil — duzentas e trinta e sete companhias operando telefones — trouxe novos argumentos aos que defendem a tese do autofinanciamento como a única solução viável no momento, para a crise em que nos debatemos. São experiências vitoriosas e lutas vencidas que devem servir como severa advertência e lição proveitosa a seguir no assunto, assunto que é de todos os dias, pois o telefone é parte das mais ativas na vida moderna e a solução, há tanto esperada, não permite mais delongas, conclusão, aliás, a que chegou a Câmara da cidade de São Paulo.



O Dr. Antonio Janini, é dirigente da Companhia Telefônica de Pinhal, no Estado de São Paulo. Ali vigora o autofinanciamento. O Dr. Janini afirmou que «o autofinanciamento veio resolver velha aspiração de nossa cidade onde, agora, o progresso não se deterá».



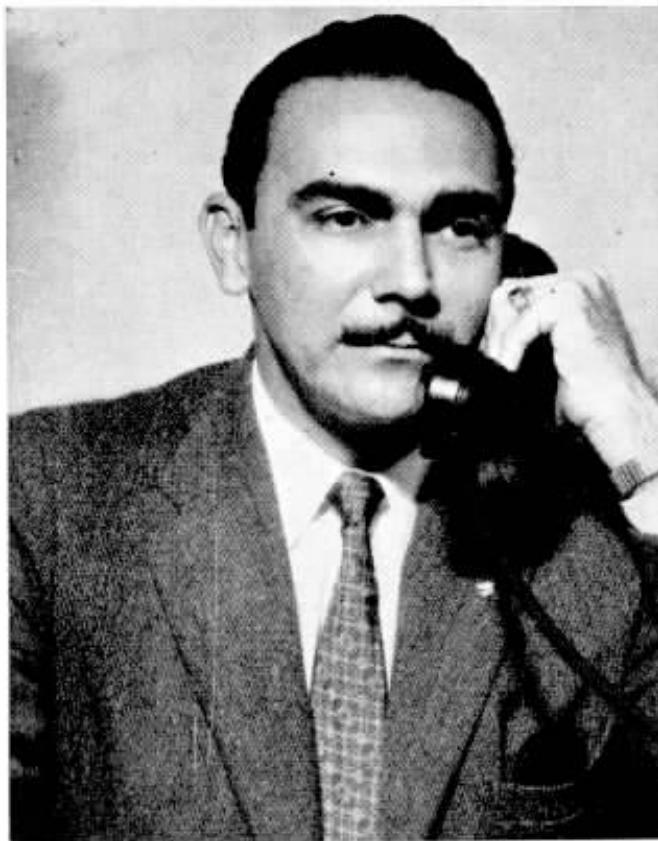
O Dr. José Luís G. Guimarães, diretor da Companhia Telefônica de Itaúna, em Minas Gerais, apresentou fatos concretos de uma bem sucedida experiência de autofinanciamento: a sua cidade.



O Dr. José Guimarães de Araújo, diretor da Companhia Telefônica de Pernambuco, foi categórico na exposição do caso de Recife: «de 6.500 passaremos a possuir 20.000 linhas».



O Dr. José Rego, responde pela Companhia Telefônica do Maranhão. «São Luís só assim terá telefones», asseverou.



O Dr. Aluisio de Oliveira Monteiro, de João Pessoa, Paraíba. As dificuldades vigentes em meu Estado são as mesmas.»



Acima, vista parcial da cidade paulista de Rio Claro. Abaixo, ato inaugural quando o Prefeito Francisco Scarpa realizava a primeira ligação. Ao centro, J. B. Carvalho Melo, e J. P. Gouvêa, da C.T.B.



# TELEFONES AUTOMÁTICOS PARA A CIDADE DE RIO CLARO

COM o comparecimento de autoridades municipais e religiosas, representantes do comércio, da lavoura e da sociedade local, inaugurou-se na próspera cidade paulista de Rio Claro, a nova rede de telefones automáticos que será administrada e conservada pela Companhia Telefônica Brasileira. A nova estação automática, surgida através do autofinanciamento, e que substituiu o antigo sistema magneto, tem uma capacidade inicial de 2.000 linhas, e foi montada com a orientação de nossa Companhia, em novo e moderno prédio ao lado da antiga estação, com grande previsão para o futuro, pela Ericsson do Brasil, sendo o seu equipamento de barras cruzadas, um dos mais modernos.

No mesmo prédio foi ainda instalada, moderna mesa de ligações para o serviço interurbano, com dez posições regulares e duas auxiliares. A rede de cabos aéreos e subterrâneos foi instalada pela firma Lacaze & Pizão Ltda., também com previsão suficiente para atender à futura expansão.

Como em Lins e Araraquara, a modalidade adotada previu a contribuição dos usuários para cobrir as despesas de instalação.

A cerimônia da inauguração foi iniciada com a bênção dada por Monseñor Antônio Martins da Silva, falando a seguir José Portugal Gouvêa, pela C. T. B. Usaram também da palavra, o representante da Ericsson, Waldmrt Henricksson; o Presidente da Câmara Municipal, Antônio Maria Marrotte; Emilio Beltrati, da CIESP-FIESP; o professor Januário Pezzotti e o Prefeito Francisco Scarpa que ligou a chave geral e fez a primeira ligação.

Uma visita à nova estação e um almoço no salão do "nosso Clube", servindo-se champanha às autoridades, imprensa e rádio, oferecido pela C.T.B., encerraram-se as festividades.



Dois magníficos aspectos do moderno equipamento automático Ericsson agora em uso em Rio Claro.



# BARRA DO PIRAÍ: FESTA DE VETERANOS



Cento e dez anos de bons serviços, representa a foto. Ao centro, Roberto J. Huss (40 anos), à direita Reginaldo M. Castro e, à esquerda, Carlos Gomes, ambos com trinta e cinco anos.



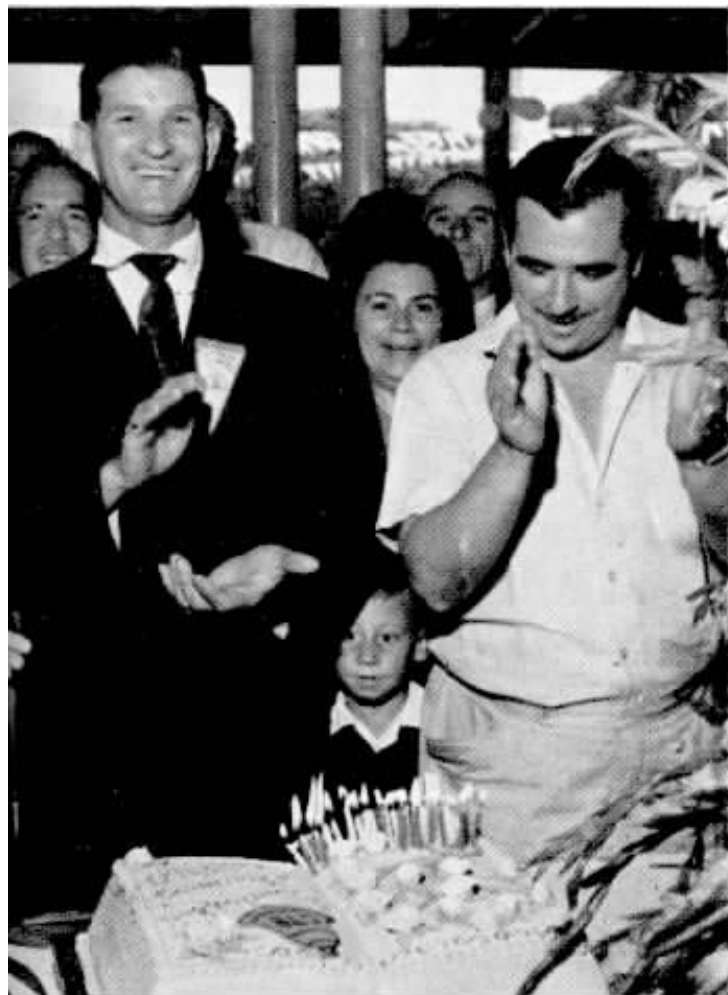
Ladeando o superintendente de Tráfego no Estado do Rio, Silvio Pereira, Genny Rossetti, Telefonista Chefe no Rio de Janeiro e Jandyra Rosas, funcionária do Interurbano carioca.

**E**M agradável festa, realizada no Clube Itapoã, Ilha dos Amores, perto da estação telefônica, em Barra do Pirai, Estado do Rio, lugar aprazível e convidativo, foi feita a entrega dos emblemas aos veteranos do Distrito B-2.

Em meio à maior alegria, fator constante nas solenidades dessa natureza em que confraternizam velhos servidores da nossa Companhia, com os recentemente entrados para a mesma batalha em prol do bem servir, a festa teve a presença de colegas dos diversos escalões de nossa empresa e inúmeros convidados que não regatearam aplausos àqueles que contavam tempo de bons serviços, empregado num dia-a-dia de dedicação às suas tarefas.

Cinquenta colegas com atuação na companhia de dez a quarenta anos de serviço, foram homenageados na ocasião, reunindo numa só festa, integrantes dos serviços em quatorze cidades diferentes, ou sejam: Petrópolis, Teresópolis, Nova Iguaçu, Barra do Pirai, Paraíba do Sul, Barra Mansa, Volta Redonda, Duque de Caxias, Três Rios, Vassouras, Resende, Miguel Pereira e Corrêas, cidades que fazem parte do Distrito B-2, cujo gerente comercial é Moacyr Capucci, presente à festa.

Superintendentes e Chefes da Divisão do Estado do Rio, tiveram a oportunidade de prestigiar vários de seus subordinados, entregando-lhes os respectivos emblemas. O Sr. Guilherme Nilward, Prefeito de Barra do Pirai, honrou a festa com a sua presença e dirigiu saudação aos veteranos.



Hora boa: apagar as velas do bôlo comemorativo de tantos anos de serviço. Cantando a alegre e característica canção «Parabéns para você», vemos, também, Baltazar Carvalho, da Rede e Moacyr Capucci, Gerente Comercial.

O Prefeito de Barra do Piraí, Sr. Guilherme Nilward, proferiu expressiva oração no ato.



Rieth Celestino Cavaleante figura entre as nossas colegas mais novas. Animou a festa.



Norma Haubrich, do Comercial de Petrópolis, foi muito festejada pelos seus dez anos.



A colega telefonista Maria G. Januzi, e Maria M. Oliveira, TC de Três Rios, divertem-se.

# VETERANOS DE SANTOS



Joaquim G. M. Portella, à esquerda, recebendo seu emblema em Santos, é cumprimentado por A. S. Roni. Ao centro, J. P. Gouvêa, que felicitou o colega.



Arnaldo de Jesus, com 20 anos de serviço, falou na ocasião, atendendo à gentil delegação de seus colegas veteranos.

Aplausos a Josepha Mantyck, telefonista encarregada de Santos, pelos seus 35 anos de atuação em nossa empresa.

TENDO por local os amplos salões da Associação Atlética Portuguesa, realizou-se em Santos, São Paulo a cerimônia de entrega de emblemas aos empregados veteranos desse Distrito, cerimônia prestigiada com a presença de J. P. Tancred, Superintendente Geral da Rede e de superintendentes da Divisão de São Paulo, além de grande número de convidados.

Com o Hino dos Veteranos, entoado pelo Côro da Igreja Presbiteriana de Santos, teve início o ato solene, falando então, J. Portugal Gouveia que fez a saudação aos veteranos. A entrega dos emblemas efetuou-se sob intenso entusiasmo dos circunstantes ao final da qual falou Arnaldo de Jesus, veterano com vinte anos de serviços, em nome de seus colegas.

Após o oferecimento de farto lanche, doces e salgados, realizou-se animado e concorrido baile de que participaram mais de mil pessoas, num ambiente dos mais alegres.



Aí está um grupo de gentis colegas, telefonistas que muito se empenharam para o maior brilho da festa.





Outro risinho grupo de colegas ainda não veteranas que colaboraram para o êxito da agradável festa. Foi um toque de graça e simpatia.



José Gonçalves, com 30 anos e Itagy Giglio, com 20, brindam à longa atividade.



João Américo Campos, 30 anos de C. T. B., conversa com Hathilde V. Weisser, colega Telefonista Encarregada em São Vicente.



Vista parcial da assistência à bonita solenidade de Santos, vendo-se, na primeira fila, veteranas que receberam seus emblemas, com os ramalhetes ofertados pelos colegas.

## EM CABO FRIO

### Outra festa de Veteranos

**N**O Cabo Frio Country Club, situada na estrada do Aeroporto, em Cabo Frio, Estado do Rio, foi realizada a festa dos veteranos do Distrito B-1 que, ali, receberam seus emblemas representativos de novas etapas de suas atividades em nossa Companhia.

Os veteranos, tiveram em sua festa colegas do Rio, de Campos e de Niterói e grande número de convidados.

Silvio Pereira, superintendente do Tráfego de Divisão conduziu os trabalhos e fez a chamada dos 36 companheiros homenageados na ocasião, que pertencem a Niterói, Macaé, Campos, Cabo Frio, S. Fideles, Miracema e Cordeiro.

A esquerda, nossa colega Maria Martha da Silva, exibe orgulhosa ao bondoso capelão de Cabo Frio, a sua insígnia: 35 anos de serviço.

A direita, Cenil Gimenes, telefonista de Campos, que contribuiu com simpatia e bastante atividade, para o êxito completo da festa dos veteranos do Estado do Rio.



Trinta anos de bons serviços prestados à Telefônica, têm todos estes nossos colegas, homenageados em Cabo Frio, onde receberam seus emblemas: Raul J. Mota, Vicente L. Ferreira e Benedito Lopes.



Abaixo, Itávio Gama que acaba de completar trinta e cinco anos de atividade na companhia, recebe seu emblema comemorativo desse tempo.



Acima, Isidro Amaral que, como o veterano focalizado logo abaixo, Felix Barbosa, soma trinta e cinco anos de bela atividade em nossa empresa. Foram todos muito aplaudidos pela assistência presente.



L. A. Latimer, Superintendente Geral do Pessoal da Telefônica, recebe das mãos do professor Antonio Ferreira Cesarino Júnior, o diploma e medalha conferidos à C. T. B.

## XIII Semana de Prevenção de Acidentes do Trabalho

Realizou-se em São Paulo, mais uma Semana de Prevenção de Acidentes do Trabalho, sob os auspícios da Delegacia Regional do Trabalho. O certame teve instalação solene no Conjunto Assistencial "Antônio Devisate", com a participação de numerosas empresas da capital bandeirante, entre as quais, a Companhia Telefônica Brasileira, representada no ato por L. A. Latimer, Superintendente Geral do Pessoal da Companhia Telefônica Brasileira.

Na oportunidade, a nossa empresa recebeu do Professor *Antonio Ferreira Cesarino Júnior* da Universidade de S. Paulo, diploma e medalha de mérito, conferidos pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, pelo que tem realizado e desenvolvido no campo da prevenção de acidentes do trabalho.

Como parte do programa que assinalou o transcorrer da Semana, verificou-se honrosa visita de representantes de diversas empresas às nossas instalações, fazendo parte da comitiva, D. Elsa Lima Neves, do Gabinete da Secretaria do Trabalho, e dr. Durval dos Santos Clemente, da Delegacia Regional do Trabalho, quando tiveram ensejo de visitar o equipamento interurbano da Estação Cidade, os Distritos do Tráfego

Cidade e "IU", bem como o moderno refeitório, onde foi servido um almoço.

O certame que visa a divulgação de normas de prevenção de acidentes ao trabalho, bem como a permuta de conhecimentos e experiências entre as empresas participantes, a respeito dessa importante matéria, desenvolveu-se com brilhantismo, atingindo plenamente suas finalidades.

### ALMOÇO DA CIPA

Após a Semana, foi realizado um almoço de conagração da CIPA-Central de São Paulo, ainda com a presença do dr. Durval dos Santos Clemente, representando a D. R. T., mais supervisores e Auxiliar de Segurança do Departamento do Tráfego São Paulo, além dos seus membros efetivos.

Na ocasião foi ressaltada a importância e o alto significado da outorga à C. T. B. da medalha e diploma. Do almoço participaram, também, representando a Delegacia Regional do Trabalho, os Srs. Dr. Antônio Ferreira Prado, Diretor do Serviço de Higiene e Segurança do Trabalho; Dr. Alfred Maluf, da Seção de Segurança do Trabalho e membros da CIPA.



**Durante a Semana de Prevenção de Acidentes do Trabalho, membros de diversas CIPAS visitaram as instalações da Companhia Telefônica Brasileira em São Paulo. Acima, no serviço IU.**



**Acima, diretores da CIPA da C.T.B., vendo-se Elpídio Corrêa de Matos, seu presidente, com a medalha oferecida à nossa Companhia, tendo à sua esquerda, o Dr. Durval S. Clemente.**

**Aspecto do almoço, vendo-se entre outras pessoas gradas, o Dr. Antonio Ferreira Prado, diretor do Serviço de Higiene e Segurança do Trabalho da Delegacia Regional do Trabalho.**





MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO

DEPARTAMENTO NACIONAL DO TRABALHO

Divisão de Higiene e Segurança do Trabalho



## Certificado

Em nome do Governo da República dos Estados Unidos do Brasil, o Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, pelo Diretor-Geral do Departamento Nacional do Trabalho e na conformidade dos decretos n.ºs 34.714, de 27 de novembro de 1953 e 38.417, de 26 de dezembro de 1955, resolve con-

ferir a **COMPANHIA TELEFONICA BRASILEIRA**

a **MEDALHA DO MÉRITO NA SEGURANÇA DO TRABALHO**, pelos relevantes serviços prestados à causa da Prevenção de Acidentes do Trabalho.

Rio de Janeiro, **21 de NOVEMBRO** de 19**60**

a comissão:

*Stelvio Luta de Antunes*  
*Wilton Peres*  
*Miguel Costa*

o diretor da D. H. S. T.

*Stelvio Luta de Antunes*

o diretor do D. N. T.

*Wilton da Silva Lima*

# Sino Azul

Nº 2 — 1961



# Sino Azul

ANO XXXIV Nº 2 — 1961

CAIXA POSTAL 450  
RIO DE JANEIRO



REVISTA DOS  
EMPREGADOS  
DAS ORGANIZAÇÕES.

COMPANHIA TELEFÔNICA  
BRASILEIRA

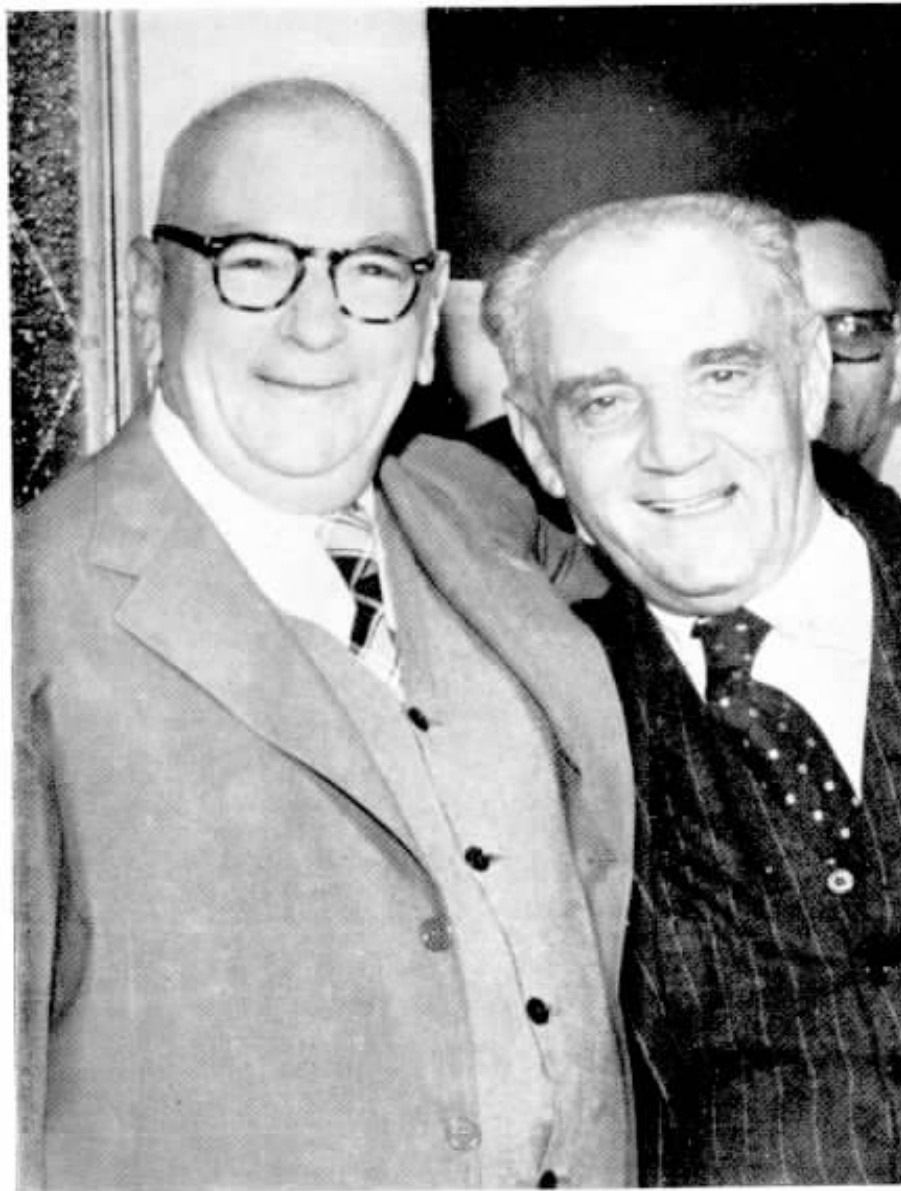
COMPANHIA TELEFÔNICA  
DE MINAS GERAIS

COMPANHIA TELEFÔNICA  
DO ESPÍRITO SANTO



## NOSSA CAPA

Wanda Dorothea Itri que, reunindo dotes de encanto e beleza, foi eleita rainha do Telefônica Clube de São Paulo. É, também, integrante do grupo teatral do clube.



Renault Castanheira e o Gov. Bias Fortes.

## BARBACENA

A COMPANHIA Telefônica de Minas Gerais inaugurou, em Barbacena, uma estação automática do tipo "Cross Bar", fabricada pela Ericsson do Brasil, tendo como capacidade instalada, mil linhas automáticas e vinte rurais semi-automáticas.

O prédio da estação inaugurada, sem qualquer acréscimo ou modificação em sua estrutura, tem capacidade para comportar até 4.000 linhas.

Ao ato inaugural da nova estação, compareceram o então Governador Bias Fortes, o Prefeito Municipal, autoridades do município, presidentes das associações de classe, dos clubes de serviço e acionistas da empresa.



Prédio da nova estação telefônica. Arquitetura moderna e funcional.

## *Possui Novo Serviço Telefônico Automático*

O serviço telefônico automático de Barbacena, foi executado com a contribuição dos assinantes na base de Cr\$ 42.200,00 para os de negócio e de Cr\$ 37.200,00 para os de residência, contribuições essas representadas por debêntures conversíveis em ações.

As debêntures já foram em parte e o serão no todo, progressivamente, convertidas, cinquenta por cento em ações ordinárias, com direito a voto, e cinquenta por cento em ações preferenciais, de 9% ao ano, cumulativas.

No ato da inauguração, o Sr. Renault Castanheira, Vice-Presidente da C. T. M. G., nascido na cidade de Barbacena, pronunciou importante discurs-

so, ressaltando sua alegria ao ver inaugurado o serviço que era um velho sonho de todos os naturais daquela terra.

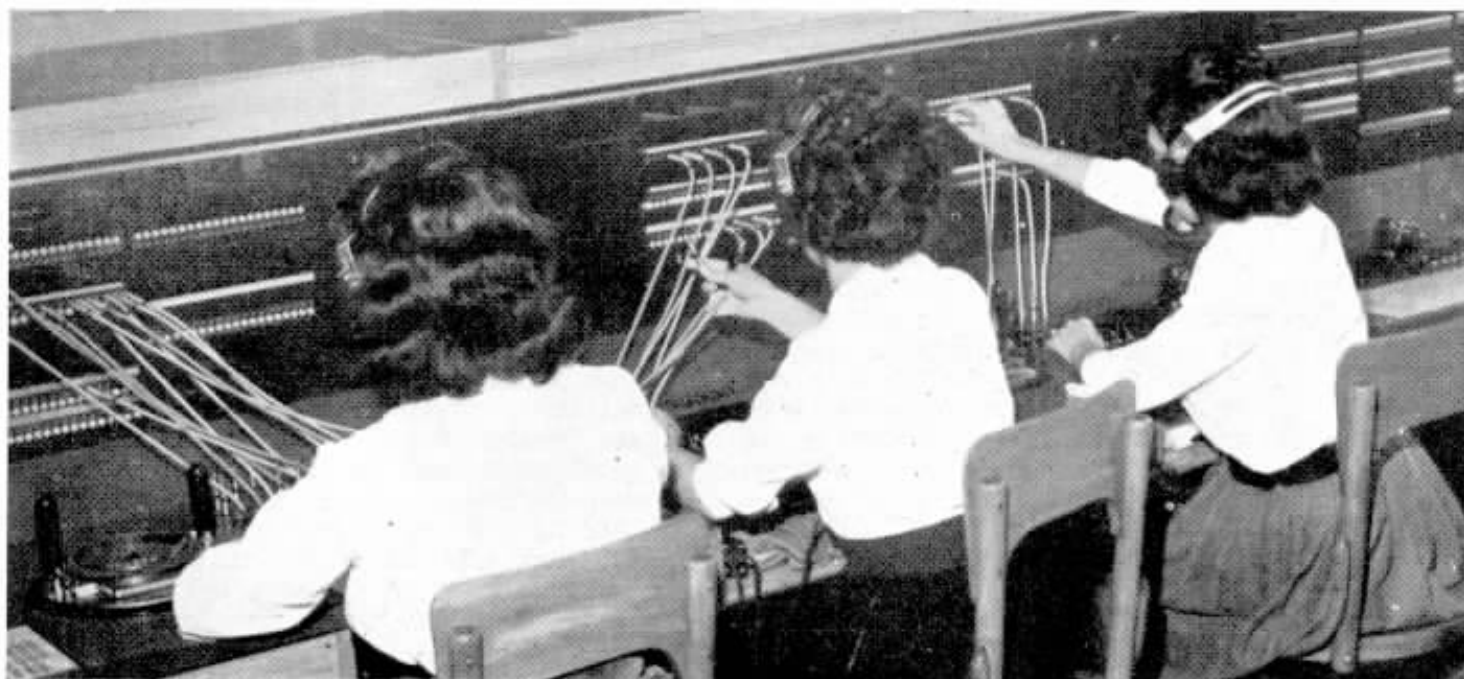
A obra resultou num investimento novo da ordem de sessenta milhões de cruzeiros, sem incluir nestas cifras, os investimentos feitos ao tempo em que o telefone ainda era o de magneto e que pôde ser incorporado à nova rede, tal como aquele representado por dutos, postes, cabos e outros materiais.

O Sr. Renault Castanheira frisou em seu discurso, muito apropriadamente, o fato de que, adotando essa modalidade de financiamento, o assinante de Barbacena tornou-se, também, um acionista da C. T. M. G.; um condômino do

O governador Bias Fortes recebe, pelo novo serviço automático, a primeira chamada do Prefeito Savassi.



O Sr. Lima Neto, Diretor Superintendente Geral da Companhia Telefônica de Minas Gerais, ergue um brinde ao Governador Bias Fortes.





Calistrato B. Muros, Engenheiro-Chefe da C. T. M. G. e o Prefeito Amílcar Henrique Savassi, quando este procedia à primeira chamada pelo novo serviço.

negócio; um diretor em potencial da empresa; um interessado direto no futuro e na grandeza dessa Companhia, dirigida por maioria de mineiros e com mais de 60% de seu capital em mãos de homens e mulheres de Minas Gerais.

— “O povo de Barbacena — disse o orador — retém, hoje, em suas mãos, um valor igual a cerca de 9% do capital social da C. T. M. G. e é um industrial, homem de bem e um velho amigo desta terra, Sr. Pedro Bianchetti, o maior acionista individual da empresa”.

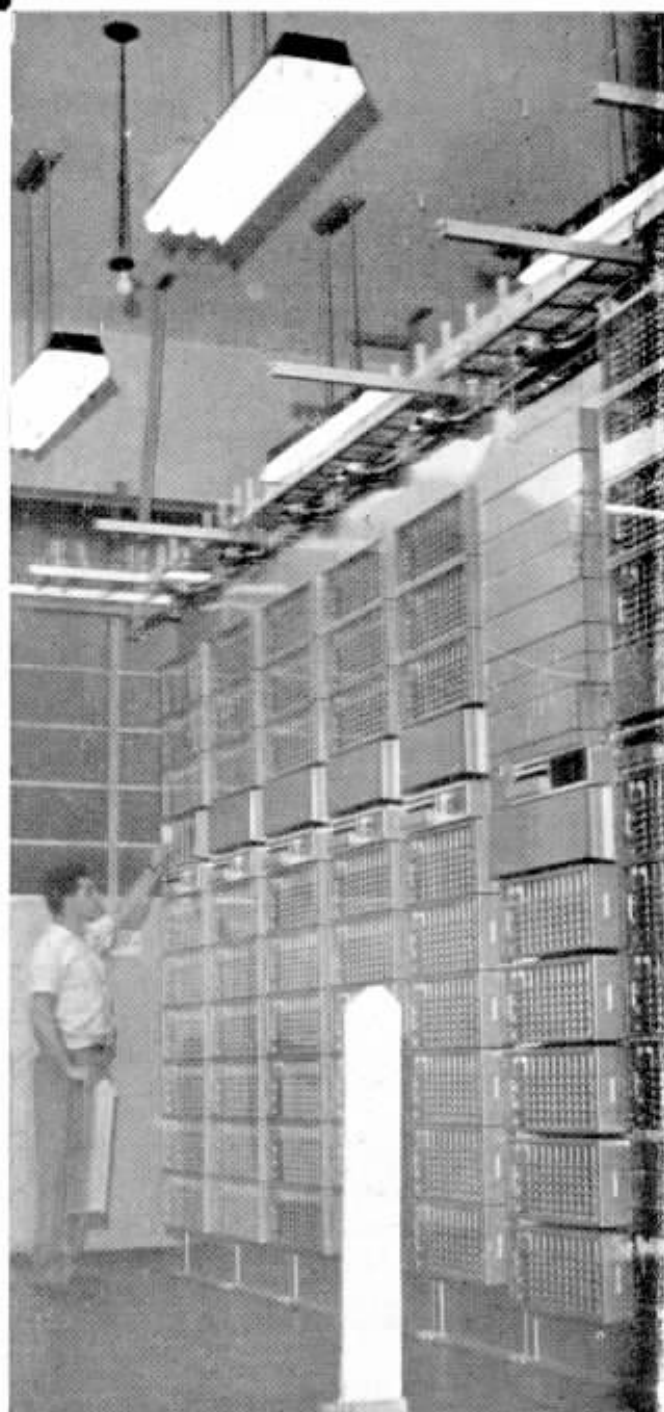
“Entregando ao povo de Barbacena este primoroso equipamento automático — um dos de tipo mais avançado na técnica telefônica — a C. T. M. G. rende a mais merecida de todas as homenagens àqueles que aceitaram, com paciência e bom humor, a demora na execução da obra, atrasada que foi em função das dificuldades de importação do equipamento.” Disse, ainda, o orador: “louvoo o povo que tão compreensivamente se prontificou, nos termos do contrato de concessão, a suplementar os

A esquerda, posições da nova mesa interurbana da estação de Barbacena, de grande importância no serviço IU.

investimentos feitos, suplementação essa que se tornou indispensável, em virtude da tremenda majoração dos preços da obra”.

Após mais algumas considerações o Sr. Renault Castanheira convidou o Prefeito de Barbacena a fazer a primeira ligação automática, ficando, assim, oficialmente inaugurado o serviço.

Embaixo, vista parcial do novo equipamento instalado pela Ericsson do Brasil, um dos mais modernos do mundo.





Francisco de Oliveira, do Equipamento de Estações e Mesas de Ligações de S. Paulo, aposentou-se compulsoriamente, mas seus colegas prestaram-lhe bonita homenagem, oferecendo-lhe, na ocasião, um presente.



Por aposentadoria especial, com 35 anos de bons serviços à C. T. B., deixou-nos Edwin Benson, valioso elemento da Contabilidade, na Divisão de São Paulo. Na foto, um flagrante da homenagem que recebeu.

## OUTROS QUE SE APOSENTAM

NOVAS aposentadorias a registrar. E' sempre uma página triste para nós mas, paradoxalmente, alegre, à tristeza do registro de que nos deixam antigos e magníficos colegas que aprendemos a estimar em anos de longa convivência, acrescentamos a satisfação de verificar que se retiram rodeados de estima e admiração pelos bons exemplos legados e, agora, vão gozar do justo descanso a longas carreiras onde, quotidianamente, deram os melhores esforços para produzir sempre e cada vez mais, numa alta compreensão de dever e da importância do seu trabalho para a coletividade.



Teresa Gallão ocupou nesta ocasião, pela última vez, a cadeira de telefonista em Santa Rosa de Viterbo, S. Paulo. Durante mais de 40 anos, foi a voz amiga ali, José P. Gouveia, Diretor Supte. Comercial e Maria Gallão, a nova chefe do Centro, são vistas nessa ocasião marcante.



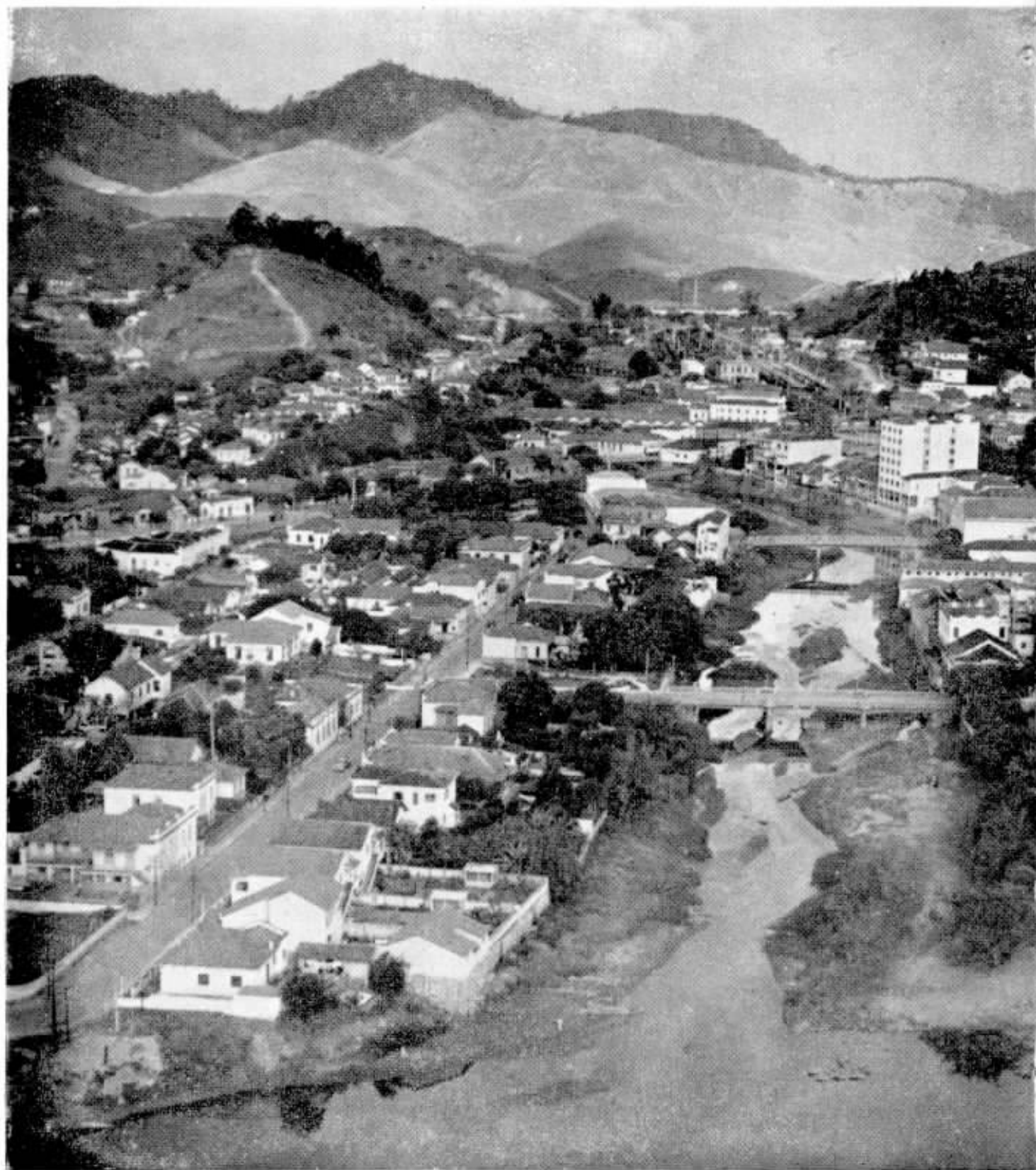
**Izilda Figueiredo Casali também recebeu comovente homenagem no ensejo de sua aposentadoria especial, após mais de 30 anos de excelentes serviços prestados à Companhia, a maior parte dos quais no Tráfego. Há dez anos transferiu-se para a Contabilidade, atuando na Renda Local, Divisão de São Paulo. Seus colegas, reunidos, demonstraram-lhe tão merecido aprêço.**



**Antonia de Souza Ribeiro, funcionária do Serviço Interurbano no Estado da Guanabara, aposentou-se, retirando-se do serviço em que tanto se destacou, após trabalhar mais de trinta e cinco anos, numa atividade onde só recebeu elogios. Seus colegas de tantas jornadas, não deixaram passar a ocasião, sem lhe prestarem uma homenagem que mostrasse quantas amizades ali deixou. E houve de tudo: flôres, abraços e palavras repassadas de ternura que a colega mereceu.**

# BARRA DO PIRAÍ — a preferida dos

Vista aérea da cidade de Barra do Piraí, o prospero município fluminense de grande valor económico.



# Tamoios

Tem 1.403 telefones.



Nossa colega Helenice B. Pereira, telefonista de Barra, nos seus lazers, gosta de passear a cavalo.

Na Prefeitura de Barra, o secretário do Prefeito, Sr. Antonio de Carvalho, respondendo pela Municipalidade e Phorphirio Rocha, Chefe de Zona da C. T. B. Abaixo, nossa colega Aparecida F. Baylão, Telefonista-Chefe, e sua filhinha, Maria das Graças, na praça Nilo Pecanha, de Barra.



**N**OTAVEL pelo seu temperado clima, Barra do Pirai representa um importante centro econômico tanto para o Estado do Rio de Janeiro a que pertence, como para o da Guanabara, uma vez que a ela vêm ter, desde os remotos tempos da colonização, os produtos exportados pelo Norte de São Paulo e o Sul de Minas. A sua colonização, segundo Amaral Barcelos in "Fragmentos Históricos do Município de Barra do Pirai", teve início em terras das sesmarias doadas a 26 de janeiro de 1761, a Antônio Pinto de Miranda, com uma légua em quadra, à margem direita do rio Pirai, e a Francisco Pernes Lisboa, em 26 de fevereiro de 1765, também com uma légua em quadra, situada à margem esquerda desse rio Pirai e direita do Paraiíba do Sul.

Quem teria porém devassado esse território pela primeira vez? Eis um ponto em que as nebulosas da história surgem com o seu envolvimento perturbador. As tradições dão aos Tamoios, os aguerridos índios senhores do chão de que tanto fala a História de nossos primeiros dias de Terra revelada ao Mundo, a primazia nessa latitude. Os bravos gentios de que falou José de Alencar em seu "O Guarani", também haviam descoberto o encantamento da paisagem e a salubridade de um clima



## Cidade Cujas Terras São Ricas em Minerais



que via de regra anda pelos 24 graus, seco e ameno. Tem-se todavia, uma vaga notícia sobre Pero Gois da Silveira, o qual, por volta de 1540, teria passado por essa região.

Seja qual fôr a origem primeira, o certo é que só em 1853 se teve a primeira notícia concreta da existência do povoado onde, segundo informa Ovídio Melo, "o comendador Gonçalves Moraes fizera construir uma ponte de madeira sobre o rio Pirai e, próximo dela, o primeiro prédio, onde foi instalado o Hotel Pirai, de propriedade de Francisco Ilheu que, mais tarde, o transferiu a José Pereira Nogueira.

Pouco depois, foram feitas outras construções pelo dito comendador Antonio Gonçalves e por seu filho José Gonçalves, ao mesmo tempo que, na margem oposta do Paraíba, os comendadores João Pereira da Silva e José Pereira de Faro, mais tarde Barão do Rio Bonito, erguiam o pequeno povoado de Santana, então pertencente ao território de Valença.

A estação da Estrada de Ferro Central (então D. Pedro II), foi inaugurada em 7 de agosto de 1864, quando ali entrou a primeira locomotiva conduzindo um trem de passageiros.

Logo após, iniciaram-se



A esquerda, ao alto, colegas do Tráfego deliciam-se à beira do reservatório da Light, na sede do Grêmio Recreativo Santana. Ao centro, as telefonistas Marlene Cardoso e Daley Araujo, em visita à Cia. Fiação e Tecelagem Sul Fluminense ouvem seu proprietário, Sr. Salvio Saldanha. Embaixo, na Química Industrial Barra do Pirai, as colegas Aparecida G. Carrera e Vera Lúcia B. Almeida, atentas às explicações dadas pelo químico Newton Machado.



Na bela praça Nilo Peçanha, Gloria J. Fernandes e Dalva Duarte, telefonistas, passeiam.

Mais duas colegas do Tráfego de Barra, aproveitando e bem, um dia de folga: Euy C. Lima e Ercília C. Leite. Uma lambreta, que achado!



Nilza M. Xavier, tem um excelente «hobby»: coleciona caixas de fósforos, lápis e miniaturas.



O colega do Departamento Comercial, Roberto E. P. Barbosa, atendendo a um assinante.



Nilo M. Bittencourt, Encarregado de Suprimentos, olha a contextura do fio em mãos de Vicente B. Souza, Ajudante de Despachante.

os trabalhos da Linha do Centro, que conduz ao Norte de Minas, e, mais tarde, os do ramal de São Paulo.

Dentro em pouco, tornou-se Barra uma das praças comerciais importantes do interior.

Tôda a exportação do Norte de São Paulo e Sul de Minas tinha ali seu ponto de embarque, vindo aquela por barcos, de Resende a Barra, e esta por carroças e tropas.

Entretanto, apesar de sua importância comercial, Barra não era, a êsse tempo, sequer, um distrito de paz, civilmente falando, nem um curato, na categoria religiosa."

Só em 1868, o próspero povoado viu criar-se um distrito de subdelegacia de policia que, dois anos depois, foi aumentado no território que abrangia. Os primeiros colonizadores brasileiros brancos, que se instalaram na localidade, foram os Faro e Pereira da Silva, vindos de Valença e os Moraes e Breves, de Pirai. Com muitos escravos, essas famílias favoreceram o progresso da região, à sua lavoura, sua indústria e comércio, num desenvolvimento tão importante que a 19 de fevereiro de 1890, a sede da freguesia era elevada a cidade e criado o Município de Barra do Pirai. Compreendendo vários distritos, Barra do Pirai é de grande importância no mapa econômico da região, ficando vizinha dos grandes empreendimentos da Light, no campo do fornecimento da energia.

Seu território fica localizado na bacia do rio Paraíba do Sul, o qual atravessa a cidade de Barra do Pirai, contornando grandes ilhas de seu leito. Além dêsse curso na direção leste-oeste possui outros, como sejam o rio Pirai que, desaguando no Paraíba, dentro da cidade, alcança a

largura de 150 metros na barra, formando assim o acidente que veio dar nome ao Município, e mais, o Turvo, o ribeirão de Sacra Família do Tinguá ou Santana, o das Minhocas e outros.

Território rico em substâncias minerais, tem uma população de 29 mil habitantes, com 1.403 telefones instalados dentro do sistema de bateria central com toque automático.

A C. T. B. mantém em Barra do Pirai, Zona B-22, quarenta e quatro funcionários na Réde, sessenta e seis no Tráfego, dois em Suprimentos e mais dois no Comercial.

A direita, quatro irmãs, tôdas telefonistas em Barra: Auta Maria, Teresinha, Maria Isabel e Cecília. Uma família a serviço de um grande município do Est. do Rio de Janeiro.



Outro bom passatempo, a música. As colegas telefonistas Maria Alice Ortolon, ao violão e Darcy R. Pinto, ao acordeon. Ao lado, na usina e barragem da Light, Santa Cecília, Edméa P. Silva, Glória Pereira e Riete Cavalcante.





Estes são colegas e são noivos também. Ela, Leda M. Franco, é funcionária do Tráfego e ele, Marcellio Ribeiro, pertence ao Departamento da Rede. Ei-los à porta de uma casa comercial. Motivo: enxoval. O casamento é para muito breve.



A Praça Nilo Pecanha é o ponto central de todas as atividades em Barra do Pirai e, principalmente, ponto de reunião das belidades locais. Nossas colegas Carmen Oliveira e Marlene Nogueira, telefonistas, aí junto à estátua do Barão do Rio Bonito, não quiseram fugir à regra e para lá foram numa tarde de folga.

# O que dizem de NÓS

**C**ONTANDO com uma tradição de bem servir, funcionários de todas as categorias de nossa Companhia, são, constantemente, alvo do reconhecimento do público. Nesta seção, também tradicional, de nossa revista, vão alguns depoimentos de como repercutem, por toda a parte, as atividades elogiáveis de nossos colegas e serviços.

## TELEFONE, AMIGO FIEL



O jornal "Tribuna Rural", editado em Campo Grande, Estado da Guanabara, inseriu em um de seus últimos números, interessantíssimo artigo de enaltecimento aos serviços telefônicos.

Em determinado trecho, diz: "O (telefone) melhor auxiliar e o mais barato de todos. Sim, porque qualquer dos nossos bons funcionários só trabalha das 3 às 5, menos domingos e feriados. O telefone está dia e noite a nosso serviço e nos custa, em um mês, menos do que qualquer dêles em uma semana. Se fica doente é por minutos apenas. Não perde hora de chegar ao serviço porque não depende de condução." "E' um funcionário amigo.

Por isso temos ciúme de nosso telefone. Não gostamos de vê-lo usado a não ser rápido e em caso de necessidade e não consentimos que molestem nossas amigas, as telefonistas, que dão alma e vida ao nosso telefone."

## A PROPÓSITO

Assinado pelo Dr. Eduardo Lane, diretor clínico do Hospital Evangélico Cel. Joaquim Ribeiro, da Associação Evangélica Beneficente de Rio Claro, São Paulo, a nossa Companhia recebeu simpático ofício, ao ensejo do início da nova fase dos serviços telefônicos naquela cidade interiorana. O objetivo principal do ofício é "trazer os agradecimentos meus e do Hospital Joaquim Ribeiro, pelos serviços prestados por um grupo de dedicadas telefonistas. Em várias ocasiões tivemos prova desta dedicação quando, passando a linha do dever, andaram elas conosco a "segunda milha", a milha do desprendimento, do interesse pessoal, do altruísmo; a milha que salvou vidas e que acudiu necessidades".

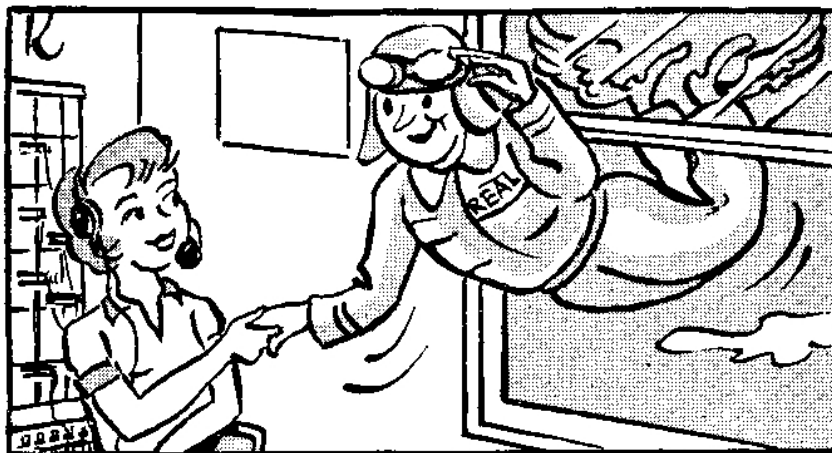
## BOA VONTADE, E' TUDO

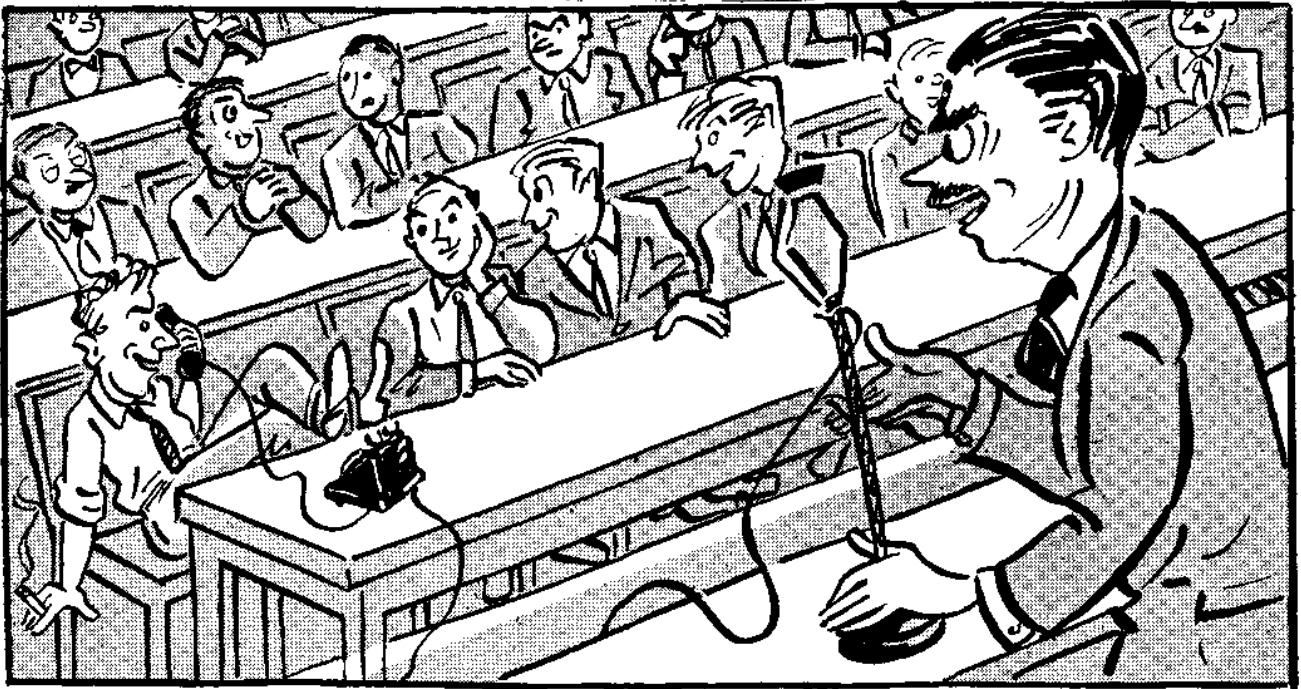
Da cidade de São Roque,

o Sr. José Carvalho de Brito, enviou comovido agradecimento pelo esforço demonstrado pelas telefonistas locais que, durante uma noite e pela madrugada adentro, possibilitaram-lhe estabelecer comunicações com diversos pontos do Estado de São Paulo, para comunicar o desenlace de pessoa de sua família, numa tentativa de reunião dos parentes.

## REAL AGRADECE

Do Chefe da Divisão de Reservas da companhia de transportes aéreos "Real", em São Paulo, foi recebido ofício, para agradecer muito especialmente às nossas colegas telefonistas Dima Augusta Biancardi e Leonides Guerrero Ruiz, a "demonstração de capacidade, dedicação e educação profissional", dada quando "conseguiram localizar pessoas que não constavam das listas, bem como outras, em interurbanos, colaborando proficuamente, para que pudessemos avisar totalmente uma série de passageiros, de que, suas viagens, para o dia imediato, estavam retardadas, o que seria impossível, não fora, frisamos, o senso compreensivo e desprendimen-





to de ambas”, as telefonistas.

### CONGRESSO

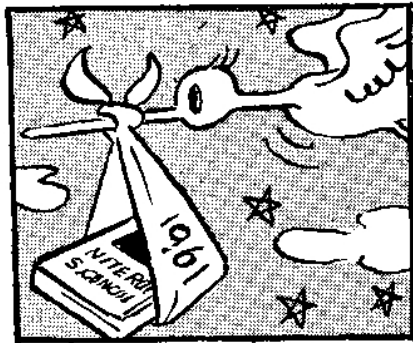
Ao ensejo do encerramento do I Congresso Nacional de Conservação do Solo, realizado em Campinas, São Paulo, o seu Diretor Executivo, Sr. João Abramides Neto, dirigiu agradecimento à C. T. B. pela “valiosa colaboração”, “notadamente na parte que tange aos chamados interurbanos e que realizamos às dezenas, em cada dia que já passou, antes do término deste conclave.

Queremos aqui destacar, o trabalho atuante das telefonistas responsáveis por tais ligações que, com cordialidade e presteza, auxiliaram os nossos trabalhos, motivo porque consignamos a tôdas o nosso agradecimento, pela colaboração pessoal prestada ao nosso Congresso, que reuniu centenas de técnicos oriundos de todo o Brasil”.

### FACILIDADES À IMPRENSA

A reportagem de “A Tribuna”, que se edita em Taubaté, registrou a grande colaboração dada pelas telefonistas Iria Paes La-

pido, chefe, a encarregada e as do serviço interurbano, facilitando o trabalho da imprensa nas comunicações com a cidade de São Bento do Sapucaí, atingida por fortes chuvas, e São Paulo, dando conta do informativo fornecido pelo órgão local aos jornais da Capital paulista.



### NOVO GUIA

O assinante niteroiense, Sr. Waldevino A. Moreira, satisfeitíssimo com as inovações telefônicas para 61, enviou entusiástica missiva à Companhia ressaltando: “Estão pois, de parabéns, os assinantes de Niterói e São Gonçalo, especialmente os de Niterói, e congratulo-me com essa Companhia pelos excelentes melhoramentos introduzidos no novo guia dos telefones.”

### TELEFONISTAS DE CARATINGA

Do assinante da cidade mineira de Caratinga, Sr. Rodrigo Moreira Júnior, a telefonista-chefe local da C. T. M. G., recebeu carta entusiástica e altamente gentil, a ressaltar a esplêndida colaboração recebida num momento de aflição.

### HOSPITAL GRATO

A Sra. Marília de Gonzaga, secretária da Campanha Pró-Inauguração do novo hospital da Santa Casa de Poços de Caldas, Minas Gerais, em nome da diretoria desse movimento, en-



viou officio à C. T. M. G. agradecendo a cooperação que esta vem dando a esse trabalho, facilitando-lhe as comunicações telefônicas, notadamente do interurbano.

## Rei Momo I e Único no Baile do TAC, no Rio

O CARNAVAL, festa mundialmente celebrada, destacadamente em nossa terra, é sempre aguardada com grande interesse pelos nossos colegas que acorrem aos clubes de nossa Empresa, para as justas comemorações dos folguedos de Momo. Envergando fantasias, às vezes originais e custosas, dão expansão à larga, de contagiante alegria de que são atingidos nessa época. Não há limite de idade nessa festa, onde todos irmanados, velhos e moços, dançam, cantam e



A alegria toma conta de todos nos bailes de carnaval. Música, confete e serpentina complementam a animação.



Foliões de tôdas as idades se divertiram a valer, em S. Paulo, no som gostoso das músicas carnavalescas que eram executadas pela orquestra. Organizando cordões e dançando, assim eles se divertiram.

## Bem Animadas as Festas Momescas em São Paulo



Insatisfeito por ter pulado pouco, o foliãozinho parece convidar a garotinha para dar outra volta pelo salão.



Nos bailes infantis, em São Paulo, as bainhas estão sempre presentes. Toque de graça.



Não há quem resista aos folguedos do carnaval. Todos são atingidos e irmanados pelo reinado da folia, cantam, pulam e dão mostras das suas aptidões coreográficas, fazendo inveja aos renomados bailarinos.



Das lindas fantasias apresentadas no baile do TAC, no Rio. Interessantes e já bons foliões.



No salão bem decorado do Telefônica Clube paulista, os adeptos de Momo deram mostras da sua grande animação. Embaixo, carioquinhas que se divertiram no baile do TAC.



Sua Majestade, Momo I e Único, compareceu ao baile infantil do Telefônica Clube, do Rio, recebendo homenagens. Embaixo, no TC de São Paulo: bonitas fantasias.

**E a Alegria foi Geral. Cantaram e Sambaram muito os Nossos Colegas**

pulam animadamente, numa demonstração viva de que cumprem à risca os preceitos carnavalescos, dentro da disciplina e do respeito. O baile promovido pelo Telefônica Atlético Clube, no Estado da Guanabara, teve, a abrilhantá-lo, o comparecimento de Sua Majestade, Momo I e Único, que foi calorosamente ovacionado pelos seus inúmeros súditos que, freneticamente, cantaram músicas do seu reinado. Os bailes destinados à petizada são, também, dignos de registro, pois a garotada, imitando aos "marmanjos", pula, samba e canta de fazer inveja aos mais animados foliões, exibindo suas fantasias feitas caprichosamente, as quais concorrem aos prêmios que são conferidos às mais originais.



# Entusiásticas Homenagens Prestadas



1



2



3



4



5



6



7



8



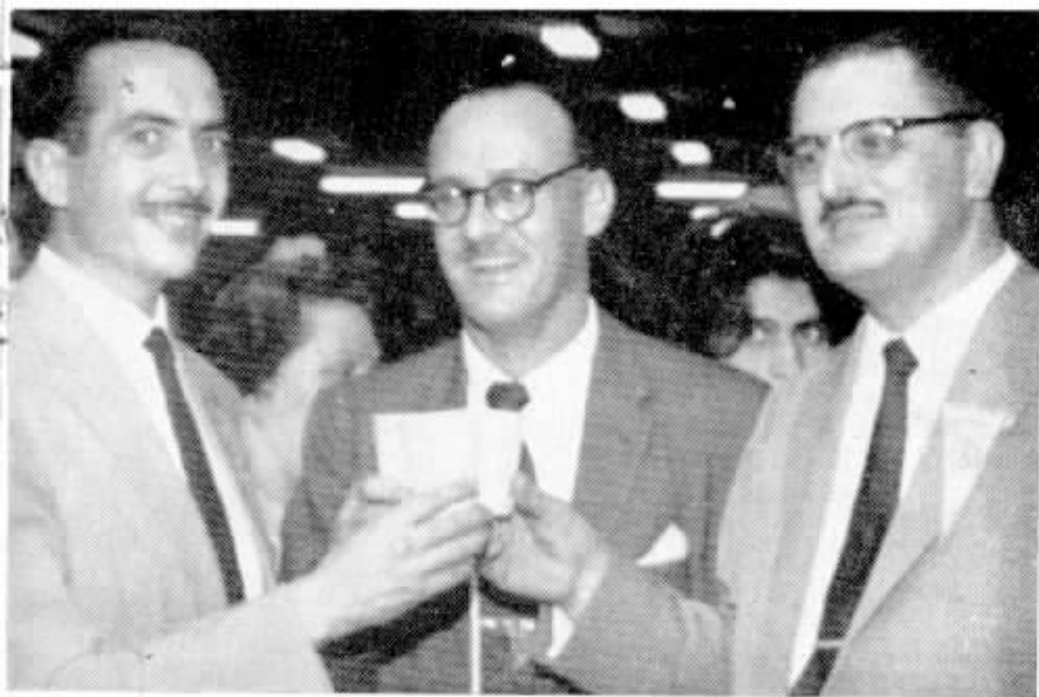
9

Eis alguns dos mais destacados veteranos de São Paulo, homenageados pelos seus longos anos de serviço: 1. Nelusco Telline, 45 anos, Encarregado geral de construções na Rêde. 2. Lino Busana, 45 anos, Comprador no Departamento de Suprimentos. 3. Francisco Antonio de Castro, 35 anos, Encarregado da Seção de Construção da Rêde. 4. Francisca Lobato, 35 anos, Tráfego. 5. Vicente Felice, 35 anos, Encarregado da Seção de Expediente e Contrôla da Contabilidade. 6. Julieta Fantini Pires Armada, 35 anos, Encarregada da Seção de Acomodação das Telefonistas. 7. Eurydice de Almeida Pedroso, 35 anos, Telefonista Instrutora. 8. Domingos Romano, 35 anos, Encarregado de Seção na Rêde Interurbana. 9. Ney Rodrigues, 35 anos, Assistente de Relações Públicas.

# aos Veteranos da Capital de São Paulo



José Portugal Gouveia recebeu especial homenagem, pelos seus 40 anos de serviços à C. T. B. Na foto, aparece à direita, após receber cumprimentos dos Srs. T. D. Christian, P. Salatini e Carlos Reis F<sup>o</sup>.



L. A. Latimer, no centro, saúda os veteranos Armando Del Papa, Superintendente do Pessoal de Divisão, à sua esquerda, e Waldemar Staniccia, Chefe da Secção de Seleção do mesmo departamento.

REALIZARAM-SE em São Paulo, as festividades de entrega de emblemas a cêrca de cem empregados veteranos que atingiram, naquela Divisão, a diversos estágios de sua vida funcional.

A solenidade compareceram o Sr. T. D. Christian, Carlos Reis Filho, B. J. P. Tancred, A. Brooking, L. A. Latimer, M. de Oliveira e Superintendentes de Divisão de São Paulo, estando ainda presentes os Srs. Domingos Laurito, representando o Sr. Antonio Devisate, Delegado Regional do SESI; Frederico Abranches Viotti, representando a S. Paulo Light; Cely Roberti, do IAPFESP; Antonio Maria Vilela, do Departamento do Pessoal da São Paulo Light e outros convidados especiais, colegas e seus familiares.

Antes da solenidade de entrega de emblemas, os veteranos foram saudados por Carlos Reis Filho, ressaltando o orador, o festivo significado da solenidade na sua tradicional ocorrência de todos os anos.

A chamada dos veteranos foi procedida por Armando Del Papa, Superintendente do Pessoal de Divisão, sendo os emblemas entregues pelos respectivos superintendentes de departamentos, sob constantes aplausos dos presentes que envolviam no seu carinho, a quantos durante anos e anos, se dedicaram a um labor profícuo e exemplar.



# INAUGURADA A ESTAÇÃO "92" DE SÃO PAULO

FOI inaugurada na capital paulistana, mais uma estação telefônica automática, a de prefixo "92", e que está situada à Rua Costa Valente, onde já funcionava a de prefixo "93".

A solenidade inaugural contou com a presença do Sr. Manuel Figueiredo Ferraz, prefeito em exercício da capital do Estado, que se fez acompanhar de sua exma. esposa, e dos Srs. José Miraglia, Secretário de Cultura do governo municipal; e vereadores Lammana Júnior, Anna Lambergia Zeglio, Mantelli Neto, Gouveia Franco, Shiro Kyono e Helio Mendonça, e Plínio Colás e capitão Pimentel, do gabinete do Prefeito Municipal, além de diretores da Sociedade Amigos de Tatuapé, representantes da "ATE", e Carlos

Reis Filho, Geraldo Blum e vários chefes de serviço da C. T. B.

A nova estação que entrou em serviço com quatro mil linhas, tem capacidade para dez mil assinantes e servirá aos bairros do Brás, Belém e Tatuapé.

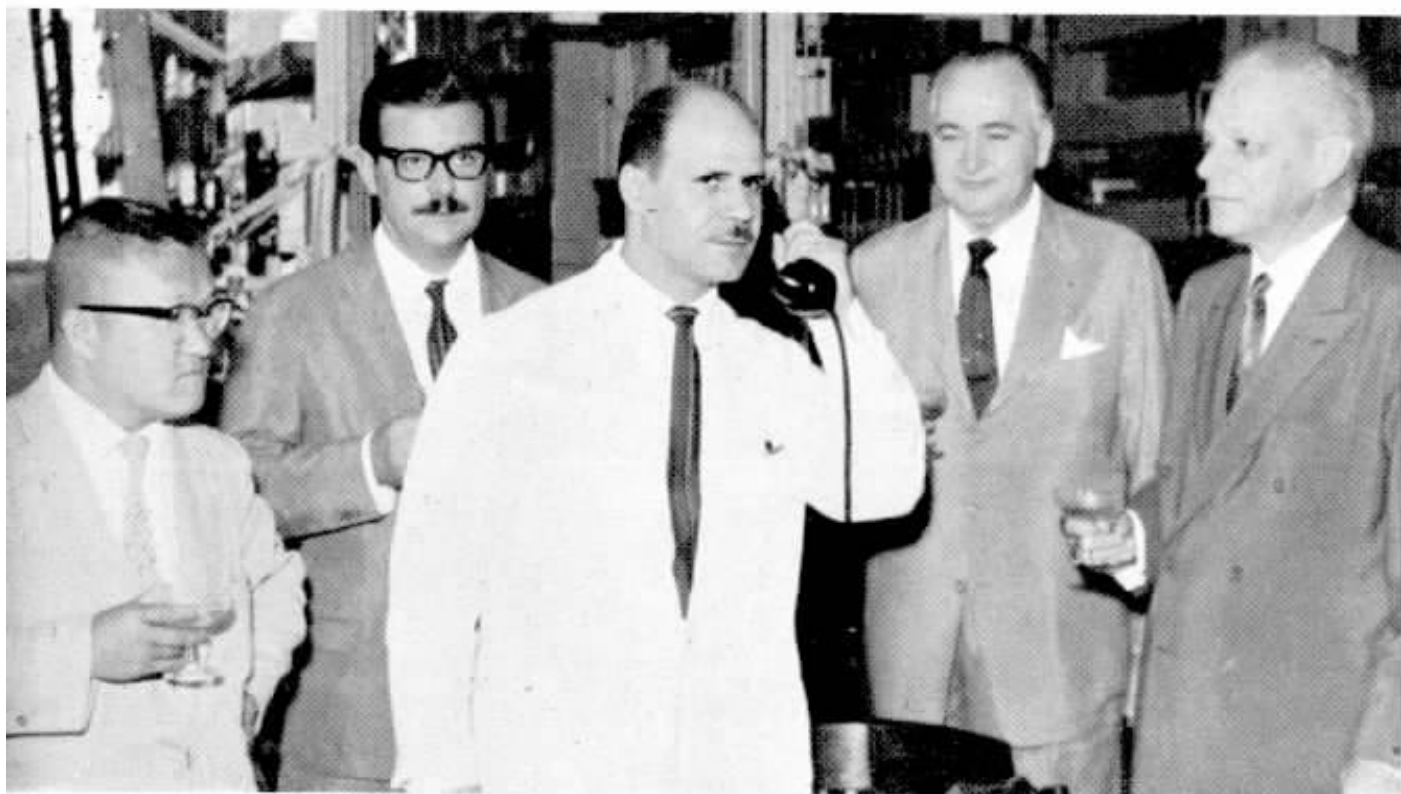
Entregando a nova estação aos paulistanos, falou Carlos Reis Filho, Superintendente Geral Adjunto que disse do esforço que vem sendo dispendido pela nossa Companhia para vencer as grandes dificuldades que cercam o atendimento à enorme demanda de telefones na capital paulista.

O Prefeito de São Paulo descerrou a fita simbólica a seguir, cabendo a sua esposa, a realização da primeira chamada.

A senhora Figueiredo Ferraz, realizou a primeira ligação.



Os vereadores Shiro Kyono e Januario Mantelli, Carlos Reis Filho e Geraldo Blum, da C. T. B. acompanhando o prefeito Manuel Figueiredo Ferraz, quando este fazia uma ligação telefônica através da nova estação. Ao lado, o prédio onde funcionam as estações telefônicas automáticas «92» e «93».



# FATOS E FOTOS



O Prefeito de São Paulo, Dr. Adhemar de Barros, homenageou a nossa Companhia, através de amável convite para um almoço a que compareceram, além de Sua Excelência, os Srs. Italo Zaccaro, Chefe de seu Gabinete, Dr. Plínio Colás e Dr. A. Bossi. Da C. T. B. presentes ao ágape: os Srs. Carlos Reis Filho, Geraldo Blum, Waldemar F. Leal, D. Castro e Alfredo Coutinho.

Estudantes dos Cursos de Eletrotécnica das Escolas de Engenharia Mackenzie, Politécnica e Bandeirantes, de S. Paulo, Belo Horizonte e Itajubá, visitaram as estações interurbanas da capital paulistana. Acompanhados do professor Eng. Joaquim Fontoura, visitaram também Tucuruvi, almoçaram e ouviram palestra especial sobre micro-ondas, pronunciada pelo Dr. Aristides Wiltgen.

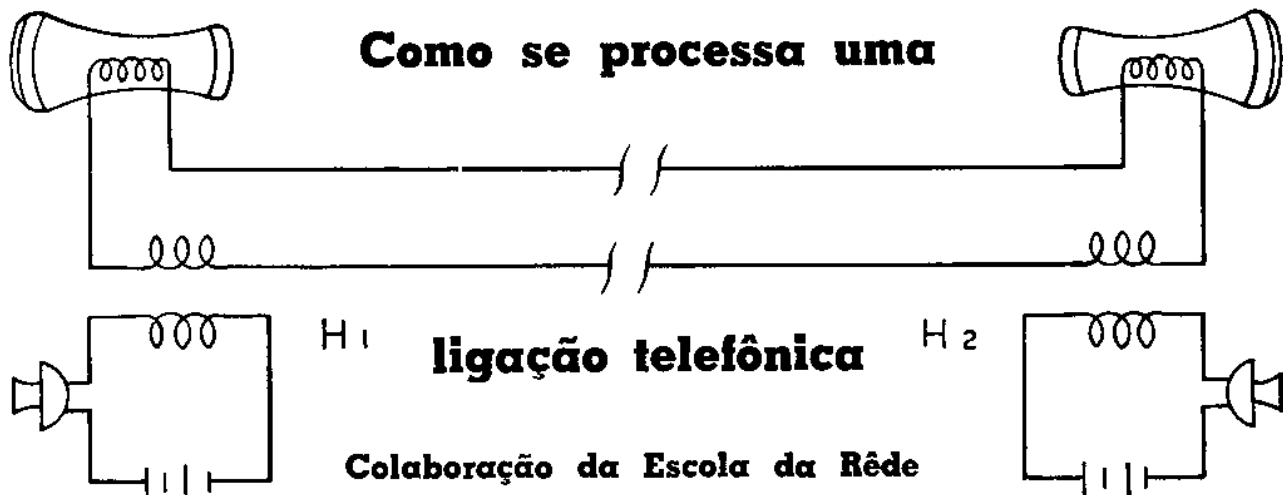




Alunos do curso de Relações Públicas do IDORT, entre os quais se incluem funcionários do Lar Escola São Francisco, Banco Hipotecário Lar Brasileiro, Departamento de Cooperativismo e VASP, acompanhados do professor Amaury Moraes de Faria, estiveram em visita às instalações da C. T. B. em São Paulo e a percorreram em companhia de Ney Rodrigues e Paulo A. Motta.

Por solicitação do General Comandante da Academia Militar das Agulhas Negras, foi feita uma demonstração dos nossos serviços, na estação telefônica de Resende, Estado do Rio, como estágio de instrução de uma turma de cadetes do Exército, pertencentes ao segundo ano, no Serviço de Comunicações. A turma de cadetes composta de 17 alunos, foi comandada por três oficiais.





NA série de colaborações especiais da Escola da Rede para "SINO AZUL", colaborações através das quais temos aprendido, de maneira leve e bem compreensível, os segredos de uma ligação telefônica, apresentamos, agora, mais um desses trabalhos, tão úteis a todos nós.

Embora o princípio no qual se baseou o telefone original de Bell, não tenha sofrido modificações, com relação ao receptor, notou-se nas primeiras fases do desenvolvimento do telefone que a transmissão da voz, utilizando-se o circuito mostrado nas figs. 5 e 6, publicado anteriormente, não conseguia vencer grandes distâncias.

A energia poderia, evidentemente, ser ligeiramente aumentada, usando-se ímãs mais fortes ou levantando-se mais a voz ou, finalmente, utilizando-se melhores diafragmas, porém, mesmo com esses limitados recursos, a transmissão da voz só era possível em distâncias relativamente curtas.

Um ano após o advento do telefone, essa dificuldade foi removida, introduzindo-se uma bobina de indução no seu circuito. Por este meio, foi possível estabelecer uma corrente elétrica de maior valor na li-

nya telefônica, atingindo, assim, grandes distâncias.

A figura que encima esta página, mostra, esquematicamente, dois telefones ligados às extremidades de uma linha telefônica, pon-do em destaque os transmissores, os receptores, as baterias e as bobinas de indução H1 e H2.

As flutuações da corrente causadas pela vibração do diafragma, fazem com que esta, ao atravessar o enrolamento primário da bobina de indução, provoque uma corrente alternativa induzida no enrolamento secundário. Esta corrente, além de percorrer o receptor do próprio aparelho, causando o que se denomina de "side-tone" ou efeito local (espécie de ressonância pela qual o assinante, ao falar no transmissor do aparelho telefônico, sente a sua própria voz no receptor respectivo), é, também, transmitida à distância, até ao aparelho ligado na extremidade da linha, com muitíssimo maior rendimento.

Na maioria das instalações modernas de serviço telefônico, não existe bateria individual junto ao telefone. A bateria se acha instalada na estação telefônica, sendo comum a todos os aparelhos de assinantes ligados à estação, por intermédio de linhas relativamente curtas, deno-

minadas "linhas de assinantes".

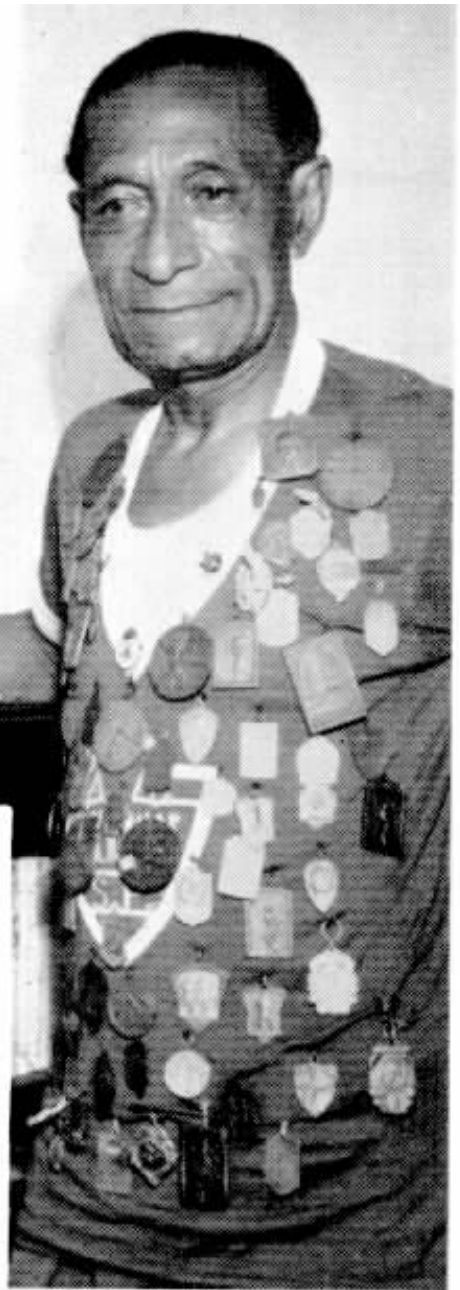
A finalidade principal de uma estação telefônica, é proporcionar meios de ligação, pelos quais qualquer aparelho de assinante a ela ligado, possa falar com outro aparelho da mesma estação, com aparelhos pertencentes a outras estações que lhes estejam ligadas, dentro da mesma cidade, ou com aparelhos de outras cidades e, até mesmo, de países distantes.

Existem nas estações telefônicas grandes instalações de baterias de acumuladores, máquinas geradoras de corrente elétrica, quadros de força e equipamentos de controle associado.

Os equipamentos que proporcionam as ligações entre assinantes podem ser de dois tipos distintos: *manual* e *automático*. No primeiro caso, as ligações são feitas por intermédio de telefonistas e, no segundo caso, por processos electro-mecânicos, sem interferência manual.

Embora ambos os tipos tenham a mesma função, os equipamentos e os métodos empregados em cada caso são completamente diferentes.

Vamos procurar explicar esses dois tipos de equipamentos nas próximas notas.



## LEGENDA DE TRABALHO E ESPORTIVIDADE NA C. T. B.

ALFREDO GOMES — este nome é uma legenda, a um só tempo de trabalho e de esportividade, como bem o salientou a reportagem especial da "Gazeta Esportiva" de São Paulo, com o título que encima esta página.

Para nós da Companhia Telefônica Brasileira, é mais ainda: é um marco até hoje ainda não alcançado, pois é o primeiro dentre nós que conseguiu alcançar a meta até aqui inédita e o será por muito tempo, dos 50 anos de serviço, tendo ingressado em nossos quadros exatamente no dia em que comemorava seus doze anos, ou seja 16 de janeiro de 1911.

Em cerimônia realizada em São Paulo, no escritório do Sr. Carlos Reis Filho, com a presença deste, de Ernesto Markgraf, Geraldo Blum e Armando Del Papa, Superintendentes de Divisão, prestou-se excepcional homenagem a esse nosso companheiro, hoje

encarregado do Distrito C-2, da Rêde de São Paulo.

A homenagem teve prosseguimento no almoço, oferecido pela C. T. B., com a participação de inúmeros colegas de Alfredo e de elementos da Administração, tendo o homenageado comparecido com sua esposa, D. Camila Gomes, um de seus filhos, o Sr. Augusto Gomes, sua nora, D. Teresa Gomes, casada com seu filho, José Gomes, impossibilitado de comparecer, estando presentes ainda, seus netinhos Walter e Helane Maria.

Na ocasião, entre as palavras de carinho merecidas, foi ressaltado que, nos 50 anos de atividade na C. T. B., Alfredo não tem sequer uma licença ou acidente no trabalho! Alfredo, a par de exemplo de operosidade é, também, exemplo de esportista. Entre outras proesas, Alfredo, como grande atleta, sagrou-se campeão da primeira corrida de "São Silvestre",

a mundialmente famosa prova de pedestrianismo todos os anos realizada pela "Gazeta Esportiva" e participou da equipe nacional que defendeu o nosso pavilhão nas Olimpíadas de 1919, realizadas em Paris, atuando nas corridas de fundo e colocando-se entre os dez melhores do mundo na especialidade.

Esse é Alfredo Gomes que ainda hoje, na semana anterior à disputa da São Silvestre, cobre o percurso de seis quilômetros entre o Monumento do Ipiranga e a sede da "Gazeta", para trazer o fogo simbólico com que é acesa a pira ali então colocada. Um exemplo magnífico para todos nós, Alfredo Gomes!

## Cursos de Corte e Costura e Educação Alimentar



Acima, a oradora da turma, Marlene Gomes Torres, proferindo sua oração. Abaixo, Ida Ragazzo, da Seção de Estudos Comerciais, visita a mostra.

Realizou-se em São Paulo, na sede do Telefônica Clube, a V Exposição de Confecções e Trabalhos Manuais e entrega de diplomas dos Cursos de Educação Alimentar e Corte e Costura, cursos ministrados em nossa Companhia, pelo SESI. A inauguração estiveram presentes os Srs. T. D. Christian e Carlos Reis Filho, além do Dr. Domingos Laurito, representando o Sr. Antônio Devisate, diretor regional do SESI, e inúmeros chefes da Telefônica, colegas e convidados. No ato da entrega dos diplomas, falaram, Marlene Gomes Torres, pelos alunos e Haroldo Prestes Miramontes, paraninfo.



A mostra teve a curiosidade maior, como é óbvio, de nossas colegas. Ai estão, com todo o interesse, Eunice Alves da Silva, Dulce Leonardo de Oliveira, Margarida F. Garcia, Anna Amélia G. Alvares e Nilce Fonseca. Agradou.



## em São Paulo



Abaixo, presentes à mostra, vemos o Sr. T. D. Christian, entre Carlos Reis Fe e L. A. Latimer que a prestigiaram na inauguração.



A colega Ivette Rossi, do Tráfego de São Paulo, tendo ao colo sua sobrinha que, admirada, olha para um dos trabalhos executados por nossas colegas, mostrado por sua genitora.



Acima, Eunice e Dulce, telefonistas, mostram apreciar os frutos da inventiva das colegas. Abaixo, Marlene Couto Gonçalves, do Pessoal, também expressou admiração pelo que viu.

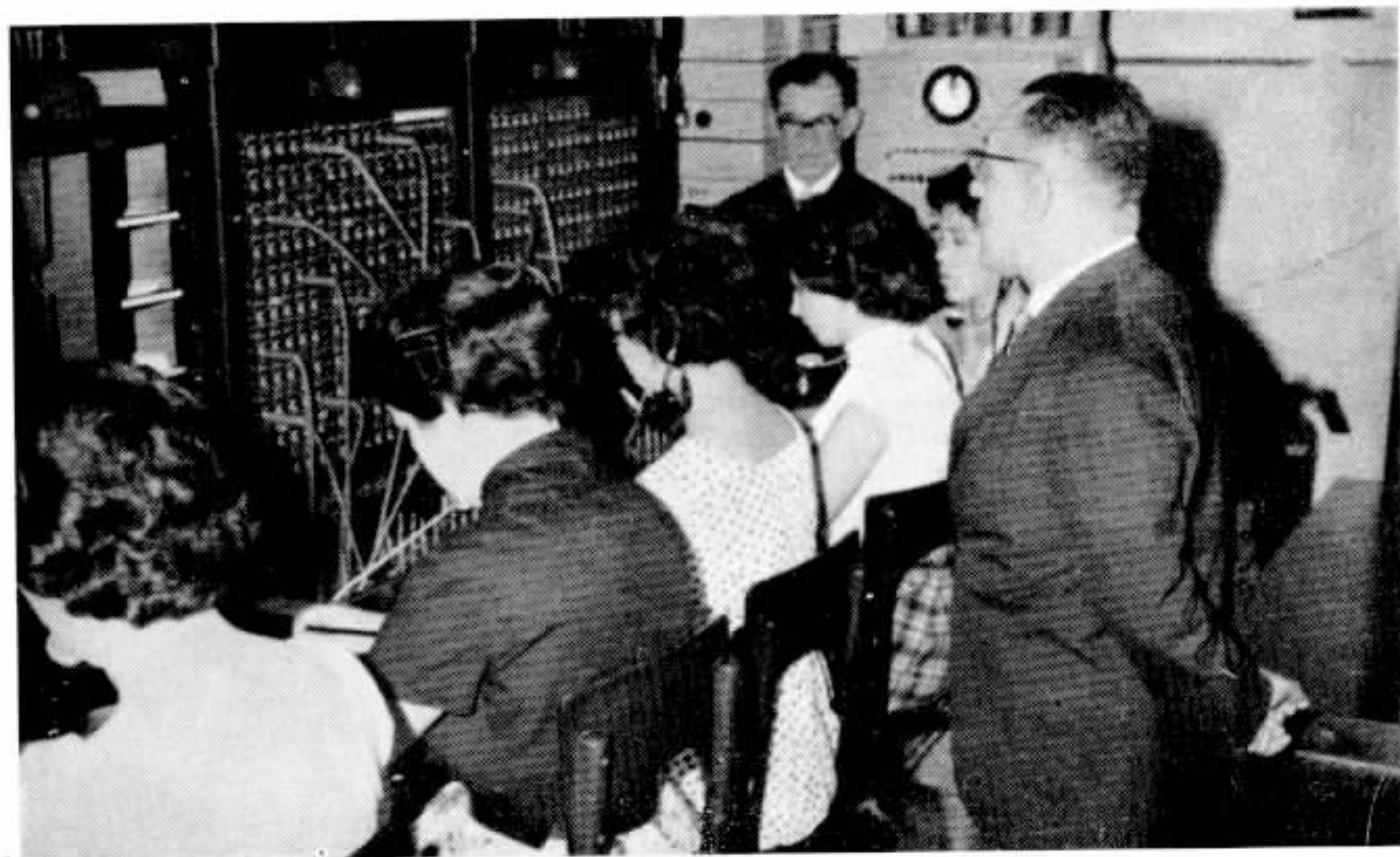




## Melhorado o Serviço Telefônico de Avaré, Itapeva, Atibaia e Socorro

A necessidade de ampliação dos serviços telefônicos, tem encontrado de parte da nossa Empresa, maior empenho de colaboração, na busca das soluções que tornem capazes essas ampliações, em face das múltiplas dificuldades que se antepõem a essa expansão. Agora mesmo, a C. T. B. levou ao interior paulista, novos desenvolvimentos dos seus serviços que se refletiram na vida de quatro cidades progressistas do estado: Avaré, Itapeva, Atibaia e Socorro. Na primeira destas, a rede local passou a contar com oitocentas linhas, verificando-se um acréscimo de

O Sr. Misael Euphrásio Leal, Prefeito de Avaré, em companhia do Sr. Antonio Gomes Teixeira, Presidente da Câmara Municipal da cidade, no momento solene do corte da fita simbólica, à entrada do novo prédio da Telefônica naquela cidade paulista.



Flagrante tomado em Itapeva, vendo-se as novas posições e as telefonistas que as operam. Em Itapeva a capacidade da rede local quase foi triplicada, reinando grande satisfação no município inteiro.

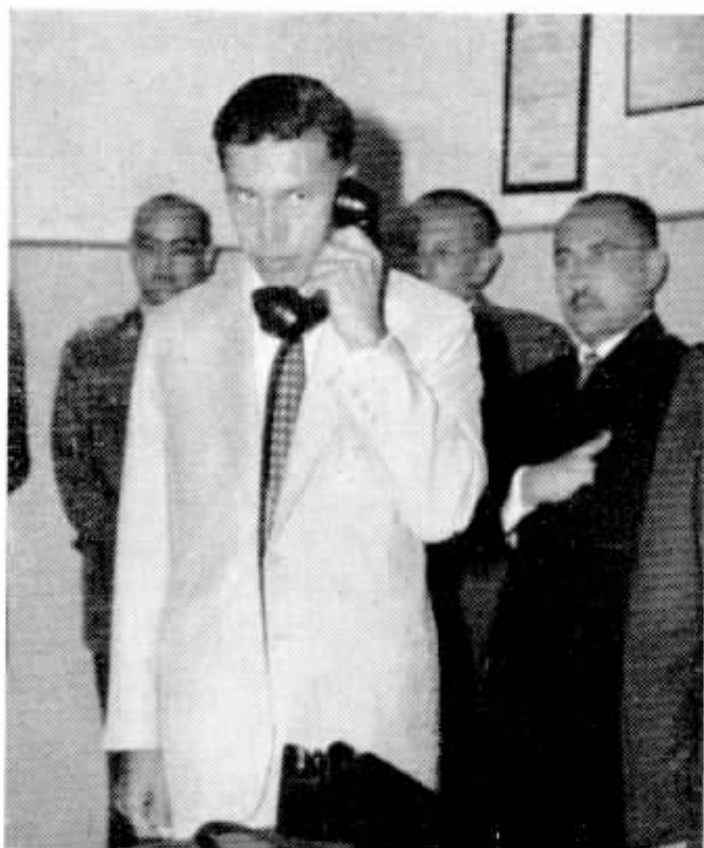


A foto dá uma idéia do serviço ampliado em Avaré. Nossas colegas telefonistas locais, aí estão operando as novas posições. A bela cidade interiorana duplicou a rede local, velha aspiração da cidade que, agora, conta com oitocentas linhas em pleno funcionamento, ou sejam 480 a mais que antes.

nada menos do que 480, operadas pelo sistema magneto. Este sistema também é o usado em Itapeva, onde a ampliação de linhas foi de 145 para 320, tendo sido inteiramente atualizada a rede que, de fios nus e circuitos simples, passou a contar com uma rede de cabos aéreos.

Em Atibaia, a ampliação foi igualmente de 320 linhas, ou seja de duas mesas de ligações do tipo CTB-1-B, coincidindo esse melhoramento, inaugurado festivamente, com a data aniversário da cidade. A Companhia esforçou-se, aliás, para conseguir esse objetivo, antecipando a entrega do melhoramento, para associar-se à data, fato frisado na cerimônia, pelos Srs. Marco Vinício Chiochetti, Prefeito Municipal, e Cyro de Assis Pereira, Presidente da Câmara, na resposta ao discurso de entrega proferido por José P. Gouveia.

Em Socorro, cidade famosa pelo clima e água radioativa, vizinha de Serra Negra e Lindóia, também foi inaugurada substancial ampliação da rede, para acompanhar o grande crescimento da cidade, numa cerimônia festiva e solene.



O Sr. João Benedito Barbosa, Prefeito Municipal de Itapeva, que inaugurou a ampliação telefônica.



Mesmo entre os animais a necessidade de comunicar-se sempre existiu. E, através de gritos e gestos, o homem primitivo fazia-se entender.



No recesso das florestas africanas, nos meios mais rudimentares da civilização, o tantã indígena foi o verdadeiro ancestral do telégrafo.



Entre os índios peles-vermelha da América do Norte, a comunicação através da fumaça, constituiu curiosa e segura forma de entendimento.

E a Igreja Católica ao lançar aos ares, a voz dos seus sinos, nada mais fez que atirar às distâncias, u'a Mensagem de Fé.



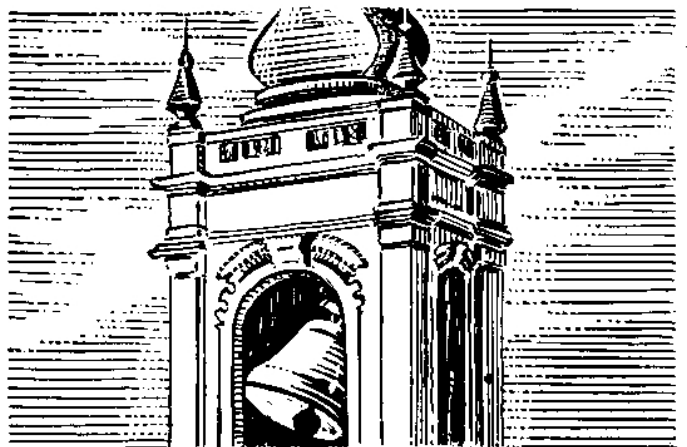
# AS COMUN



Na velha Grécia e na valente Roma das legiões invencíveis, o gênio guerreiro criou a comunicação por reflexos em superfícies palidas.



Mesmo entre os bárbaros do alvorecer da vida européia, a necessidade de comunicação à distância engendrou formas práticas e engenhosas.



# COMUNICAÇÕES

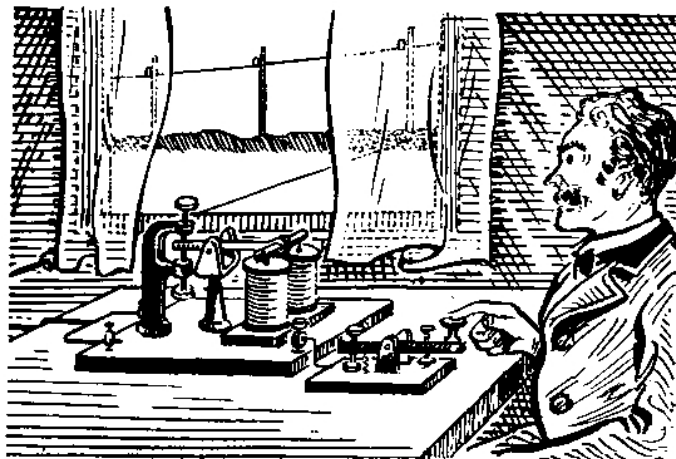
## ATRAVÉS DOS TEMPOS



O veloz pombo correio é empregado no transporte de mensagens a enormes distâncias, desde o alvorecer da Idade Média.



O semáforo dos marinheiros, com as suas bandeiras, é outra expressão da ansiedade do homem em fazer-se entender.



O telégrafo através de fios, possibilitou o envio de mensagens a longa distância, tornando o homem ainda mais unido.



— «Venha aqui, Mr. Watson! Desejo falar-lhe», foi a mágica mensagem de Graham Bell. Estava descoberto o telefone.



Mola mestra do progresso no século, através do telefone, fazem-se negócios, prestam-se socorros, vive-se socialmente.



Através do tubo acústico, funcionando em curtas distâncias, foi dado o primeiro passo para o advento do telefone.

## Futebol na Festa do 16º Aniversário do TAC Santista

**A** CONVITE do Telefônica Atlético Clube, de Santos, o conjunto futebolístico do Telefônica Clube, de São Paulo, excursionou à cidade de Santos, a fim de realizar naquela cidade dois jogos de futebol, em comemoração às festividades do 16º aniversário de fundação do clube praiano, que preparou excelente programa de festas.

Na parte desportiva, foram realizados, à noite, no campo do Clube City, dois prélios de futebol, preliminar e principal, vencidos pelo Telefônica Clube de São Paulo, respectivamente, por 1 x 0 e 2 x 0. O transcurso desses jogos foi excelente, onde a fibra e a técnica demonstradas, foram sempre apreciadas, merecendo dos assistentes os mais entusiásti-

cos aplausos. Os tentos conquistados foram de boa feitura, mercê a investidas ao campo adversário com finalizações bem sucedidas, cuja trama coroara de êxito o objetivo: tentos.

O Telefônica Clube de São Paulo vem de uma campanha vitoriosa, pois as quarenta partidas consecutivas que já disputou, venceu-as tôdas, o que constitui um ótimo feito, demonstrando que a equipe está bem orientada e ostenta bom estado atlético.

Terminados os jogos, um animado baile na sede do Telefônica Atlético Clube, de Santos, rematou a visita, ao qual compareceram inúmeros convidados, festa essa que deixou gratas recordações.



Antes da realização do jogo de futebol, os representantes dos dois clubes trocaram gentilezas. Cristovam Fonseca, do TC, ofereceu uma taça ao clube local, recebida por Jurema Silva, recebendo desta uma lembrança, como símbolo da amizade que une as duas agremiações.



Constituída de Aldemir, Angelo, Roberto, Fonseca (Noel), Sergio, Chiquinho, Henrique, Getuliro, Sacatolin, Helio e Anagê, a equipe do Telefônica Clube que está invicta na série de 40 partidas consecutivas que já disputou, venceu também a dos santistas por dois a zero.



Este é o bem treinado conjunto do Telefônica Atlético Clube de Santos, que nos festejos do seu 16º aniversário de fundação, jogou contra o TC de S. Paulo, formando assim: Almeida, Peteco, Jorge, João Batista, Carvalho, Marinho, Ferraz, Vivaldo, Chico e Carlos Belo.

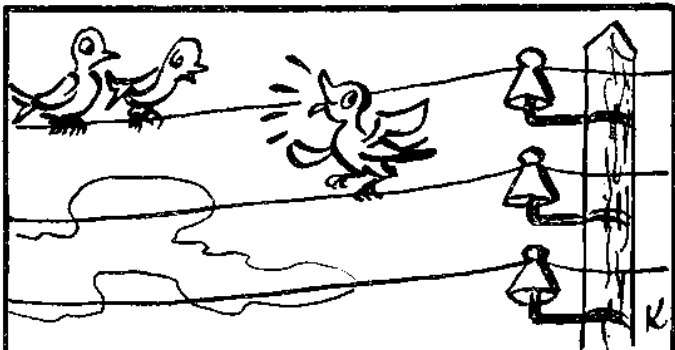


# Sino-Humor

através da imprensa mundial

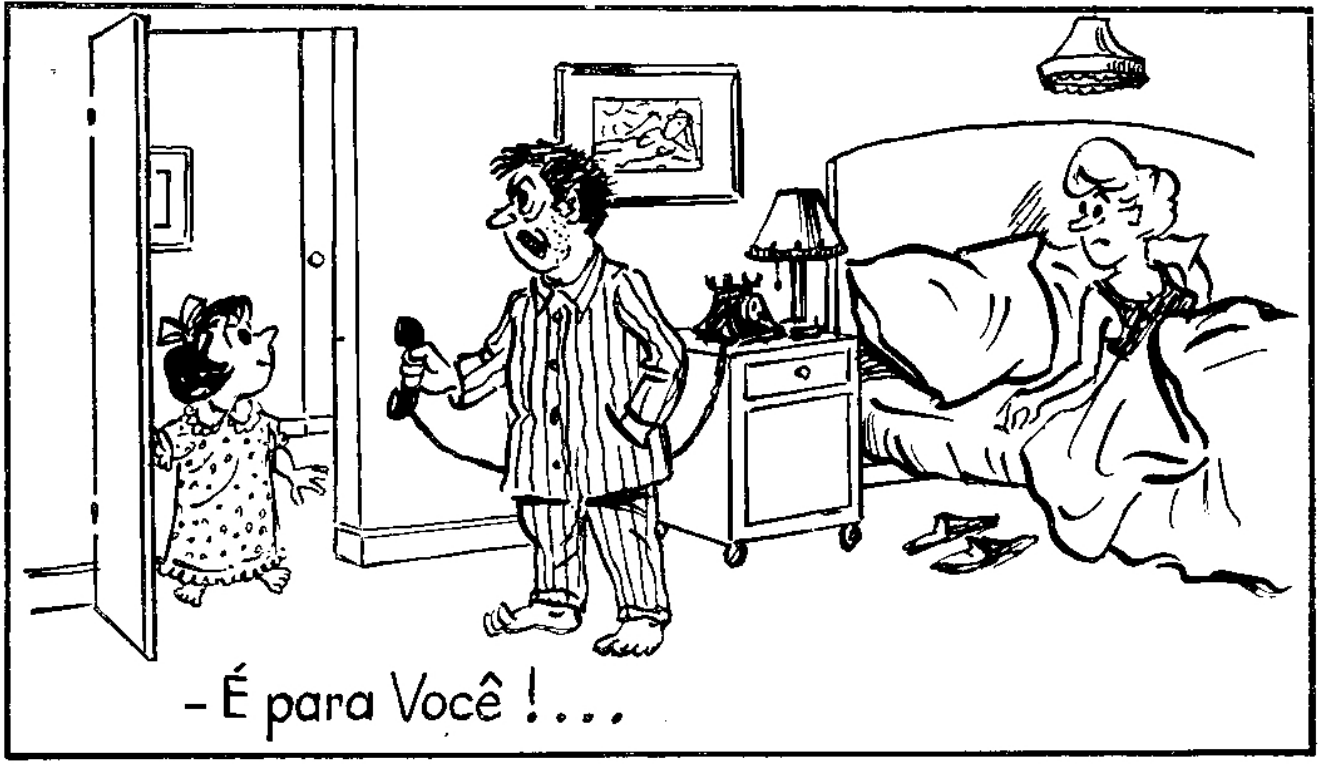


-Você não acha que é um pouco pesado para êste tipo de fio?



-Onde está a poeira que cobria a mesa? Eu tinha tomado nota de um número de telefone l...

-Por que você está rindo?  
-Escutei na minha linha Grande Otelo conversando com Oscarito.



- É para Você !...

# Sino Azul

N° 3 — 1961



REVISTA DOS  
EMPREGADOS  
DAS ORGANIZAÇÕES

ANO XXXIV Nº 3 — 1961

CAIXA POSTAL 450  
RIO DE JANEIRO



REVISTA DOS  
EMPREGADOS  
DAS ORGANIZAÇÕES:

COMPANHIA TELEFÔNICA  
BRASILEIRA

COMPANHIA TELEFÔNICA  
DE MINAS GERAIS

COMPANHIA TELEFÔNICA  
DO ESPIRITO SANTO



## NOSSA CAPA

Miyako Hatanaka, colega telefonista em Mari-  
lia, Estado de São Paulo,  
no jardim do templo  
budista daquela cidade,  
exibindo um traje típico  
oriental.



Uma estrada de rodagem foi construída para dar  
acesso à torre de micro-ondas na Serra do Curral.

# RIO E BELO HORIZONTE LIGADOS PELA MICRO-ONDA

MAIOR RAPIDEZ NAS

COMUNICAÇÕES INTERURBANAS

ENTRE GUANABARA E MINAS GERAIS



A mesma torre vista de outro ângulo, em fase final de construção. Todos os esforços estão sendo empregados para a pronta inauguração das micro-ondas.

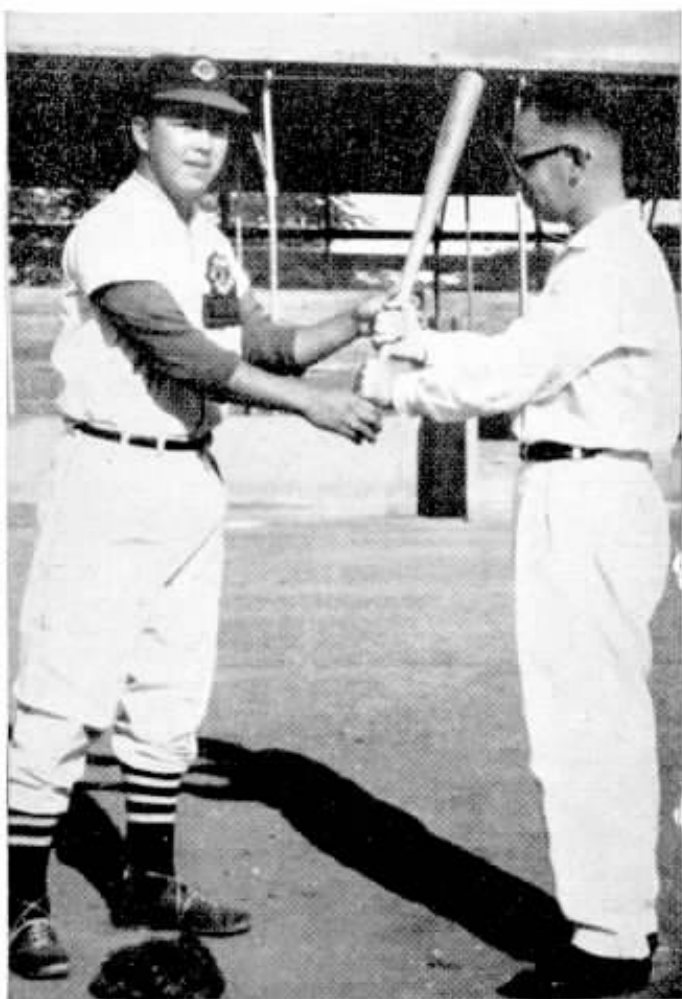
**S**ENSIVEL avanço será dado no serviço nacional de telecomunicações, com a breve inauguração do sistema telefônico, por micro-ondas, ligando o Rio a Belo Horizonte.

Grandes problemas de engenharia estão sendo paulatinamente vencidos, graças à competência técnica dos homens da C. T. B. e C. T. M. G. que, com esforço e determinação, têm prosseguido na obra gigantesca, enfrentando locais de difícil acesso e, lá, construindo os prédios destinados a abrigar o equipamento eletrônico das estações terminais e repetidoras. Técnicos das companhias nacionais e estrangeiras que forneceram o respectivo material, vêm prestando valiosa cooperação na execução do projeto.

Inicialmente, funcionarão cento e vinte canais, possibilitando outras tantas ligações simultâneas, mas a sua capacidade final é de três mil circuitos, o que virá aumentar em rapidez e melhorar em qua-

lidade, as comunicações telefônicas, em região de vital importância econômica para o país.

Cinco estações ao todo, ligarão o Rio com Belo Horizonte, através das micro-ondas, com duas estações terminais, em Petrópolis (Estado do Rio de Janeiro) e Serra do Curral, (Belo Horizonte), três intermediárias — Juiz de Fora, Barbacena e Ouro Preto, em Minas Gerais. As ligações serão completadas no seguinte percurso: Rio de Janeiro a Petrópolis, estação localizada no mórro da Bandeira, a 1.490 metros de altitude, pelo cabo coaxial; Juiz de Fora, estação repetidora recebendo de Petrópolis num lance de 104 quilômetros, no mórro do Sertão; daí para Barbacena, com a torre no mórro Montevideu; depois, Serra da Bocaina Negra e, finalmente, a torre de Serra do Curral, em Belo Horizonte, conjunto que dotará o Brasil do que há de moderno e perfeito, em matéria de telecomunicações.



Em Marília o esporte mais popular é o beisebol. Yoshio Takitani, um dos craques locais, ensina a manejar o bastão ao nosso colega Alcides Lopes.



Odete Ramos, telefonista, e Semiramis S. Muller, do Comercial, atentas às explicações do técnico, na estação de tratamento da água, em Marília, Sr. Levy Merighe.

## MARÍLIA

O grande número de japoneses e seus descendentes, em Marília, contribuiu para o florescimento do culto a Buda. No templo local,



EM 1850, Botucatu e Lençóis eram os últimos pontos conhecidos do Sudoeste paulista. O primeiro possuidor de terras, a oeste da então vila de Botucatu, foi o mineiro de Pouso Alegre, José Teodoro de Sousa que, em 31 de março de 1856, fêz, de acôrdo com lei em vigor, a declaração necessária à legitimação da posse, afirmando que a mesma se realizara em 1847, ficando assim, proprietário. só nesse trato de terras, de uma área de mais de 60 quilômetros de testada por 150 de fundos. Dono legítimo de tão grande patrimônio, José Teodoro tratou de povoar a terra. Entre os desbravadores que para ali foram então, achavam-se João Antônio de Moraes e Francisco de Paulo Moraes, intrépidos sertanejos que foram os segundos possuidores das terras vertentes do rio do Peixe, onde, hoje, se localizam a cidade e o município de Marília. A venda de glebas teve início e, entre os compradores, ressalte-se a situação de Emílio José da Piedade e Augusto César da Piedade que formaram a Fazenda dos Piedade do Rio Peixe, de acôrdo com as escrituras feitas em 25 de maio, 10 de julho e 4 de agosto de 1882, em partes ulteriormente pertencentes a diversas outras



As colegas Izide Pereira da Cunha e Odete do Amaral Sanchez, enfrentam uma descascadeira de amendoim, na fábrica Sasazaki Ltda., para diversão do técnico K. Shibuya.



O Marília Tênis Clube, expressão da terra, é o alvo do entusiasmo de nosso Chefe de Zona, Carlos A. Franchini, seu sócio-proprietário, na foto, à direita, com J. Emilio Costa, Encarregado Geral da Rede.

## SÍMBOLO DE AMOR E LIBERDADE

junto ao sacerdote Techu Haranaka e o oratório revestido de ouro, as colegas telefonistas Shizuko Oto e Doroti Tornioti,



Com trajes japoneses, de seus ancestrais, as colegas Fussae Shibuya e Miyako Hatanaka, dão-nos um flagrante de beleza, com as orquídeas de seu cultivo.



O monumento do Fundador, Sampaio Vidal, recebe a visita de Jeanete Pardo e Marlene do Carmo Viana, nossas colegas.



Marília terá, breve, serviço telefônico automático, cujo contrato para esse fim acaba de ser firmado, sendo adotada a fórmula do autofinanciamento. Na foto, Carlos



José Antonio Torres, emendador da Rede, é famoso pelas suas invenções e pelas apreciáveis habilidades manuais.

peças, terras essas que constituíram o patrimônio da Companhia Pecuária e Agrícola de Campos Novos, organizada em maio de 1914, e avaliadas à razão de 25\$000 o alqueire paulista.

Já anteriormente, em 1905, a Comissão Geográfica e Geológica do Estado fizera o levantamento do vale do rio do Peixe, da foz do ribeirão Alegre até o rio Paraná, mais ou menos. Na altura do ribeirão Bonfim, abriu a Comissão uma picada, rumo noroeste, para o espigão divisor das águas dos rios do Peixe e Feio. Foi a primeira entrada em terras do Município. A Comissão verificou a existência de aldeamentos de silvícolas, nas cabeceiras do ribeirão Pomba, no atual perímetro urbano da cidade. Eram os índios Coroados. Mais ou menos em 1913, construído já um trecho da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, o

governo do estado encarre-



Reís Fº assina o documento, assistido pelo prefeito Otávio Barreto Prado, à direita.

gou o coronel Antônio Carlos Ferraz de Sales, de abrir um picadão de 147 quilômetros, partindo da estação de Presidente Pena, hoje Cafelândia, na Noroeste, indo até Platina. Nesse tempo, a Sorocabana ainda estava longe, razão por que o ponto terminal do picadão ficou em Platina, ao invés de ir até uma estação de estrada de ferro. Foi este picadão, o maior fator de desbravamen-

Entre a gurizada da Associação Filantrópica de Marília, o Dr. Raul Pimazoni, Presidente da Câmara Municipal e da instituição considerada modelar.



Edison da Silva Lima, Encarregado no Departamento de Suprimentos, responsável pelo almoxarifado de toda a zona de Marília.



Joaquim Simões recebeu recentemente medalha de ouro: é o primeiro operário aposentado de Marília. Na foto, posa junto a sua filha, telefonista Shirley Simões, e Benedita Santos Ceube, telefonista chefe da próspera cidade paulista.





**José Vicente, apreciado colega, tem pendor para malabarista. E faz coisas incríveis como o prova com pesadas bolas de difundido esporte em São Paulo: a bocha.**

to da região. Ao abrir o coronel Ferraz Sales, esse picadão, teve a idéia de chamar seu amigo, o doutor Cincinato César da Silva Braga e mostrar-lhe as ricas terras que margeavam o picadão. Aconselhou-o, então, a comprá-las, o que ele fez, adquirindo 3.600 alqueires que, anos depois, vendeu a Bento de Abreu Sampaio Vidal e seus filhos.

A região tomou o topônimo de Alto Cafezal e passou a irradiar fama de Canaã. Levas de trabalhadores afluíam, concentrando-se no clarão existente em plena mata virgem, trazendo os primeiros sinais da civilização e progresso, em volta dos dez mil pés de café mandados plantar por Cincinato Braga.

Corria o ano de 1926. Ao lado de Alto Cafezal surgia novo patrimônio: Vila Barbosa. Depois outro, o de Bento de Abreu, considerado "o pai de Marília", o qual como que antevendo a formação da cidade de hoje na área de sua propriedade,

*(Conclui na capa 3)*

**Ao lado, no alto, Sonia Maria Moya, telefonista, numa das grandes fazendas de café da região, a Santa Carolina, Embaixo, Maria A. Soila e Marlene A. Silva, na mesma fazenda, fazem a colheita da preciosa rubiácea**





A alta mecanização da lavoura de Marília, desperta a adoração dos forasteiros. Tratores cruzam ruas e num vai Matilde Prado.



Fusako Ishio e Sebastiana Martelaro, aprendem a arte das flores com Yoshio Kajiva. Embaixo, Isaura G. Teixeira e Alice Bianchi, alunas do SENAC, iadeam o Sr. Vicente F. Silveira, seu diretor.



QUANDO A GARÓTA TRABALHA

Gentileza da  
revista GAROTAS

RETRATO DE ENI,

# ...telefonista

Texto de  
PAULO SALGADO



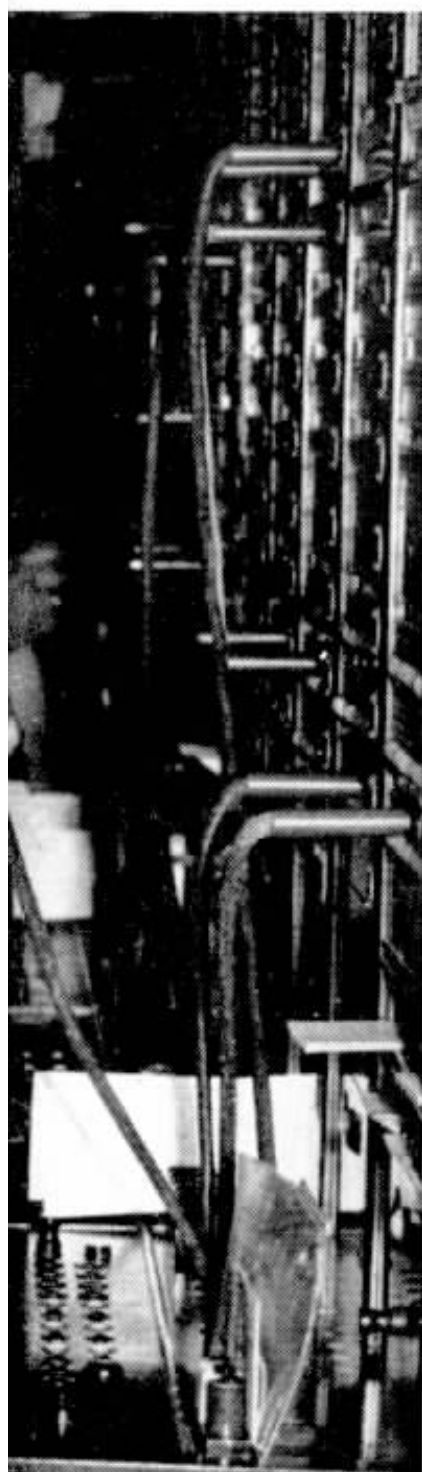
**N**ESTA série de reportagens que **GARÔTAS** vem apresentando, queremos retratar aquelas profissões que se apresentam às moças que, terminados os estudos, ingressam na vida com sua carga de responsabilidades e problemas. Na primeira da série traçamos (ou tentamos) o retrato de uma jovem professorinha com todos os seus planos de trabalho e projetos para o futuro. Focalizamos a seguir, a secretária.

Mas, às vezes, a "garôta" não pode nem mesmo terminar seus estudos em paz. A vida está pela hora da morte, e mesmo o mais extremoso dos pais, sente-se na contingência de concordar em que a menina da casa (ou as meninas da casa!) enfrente um trabalho que ajude a suavizar o orçamento, sempre tão carregado. Na procura de um trabalho decente, honesto e compensador surge, via de regra, a palavra "telefonista" na cabeça daque-

las que procuram uma função.

"Número, faz favor?!..." Aquêles de nossos leitores que pegaram ainda o telefone manual, lembram-se certamente daquelas vozinhas (às vezes ligeiramente antipáticas...) que nos ajudavam a alcançar números longínquos, quando o

Fotos de JORGE PETER



A telefonista Eni A. C. dá ao repórter suas impressões sobre a carreira. Suas palavras relativas ao tratamento que lhe dá a Companhia Telefônica Brasileira são as mais sinceras possíveis, mesmo para ouvidos descrentes como os do repórter.

O lugar onde a telefonista senta chama-se «posição». Os fones são leves e de uso exclusivo. Não pensem que as folhagens são para efeito de montagem fotográfica... não! O ambiente em que exercem sua profissão as telefonistas é quase que luxuoso... É, pelo menos, bem feminino.

(Continuação)

# ...telefonista

A telefonista-chefe está sempre atenta às necessidades de suas comandadas, dentro e fora dos trabalhos.



Terminado o horário noturno, a telefonista (caso queira ou não tenha companhia) pode pernoitar na CTB, que trata com carinho maternal suas funcionárias.



Talvez por influência do ambiente em que trabalha (um verdadeiro jardim), Eni habituou-se a viver cercada de plantas, tratando-as com grande carinho.

Rio não tinha estações definidas por números e sim: "Norte", "Sul", "Beira-Mar" e outras. Mas, depois, as moças telefonistas desapareceram de nossa paisagem diária... ou quase. O "quase" é por conta do interurbano. Mas isso de chamar S. Paulo, B. Horizonte e outras, não é coisa comum, dirão nossas leitoras!... mas Niterói e Marechal Hermes é!...

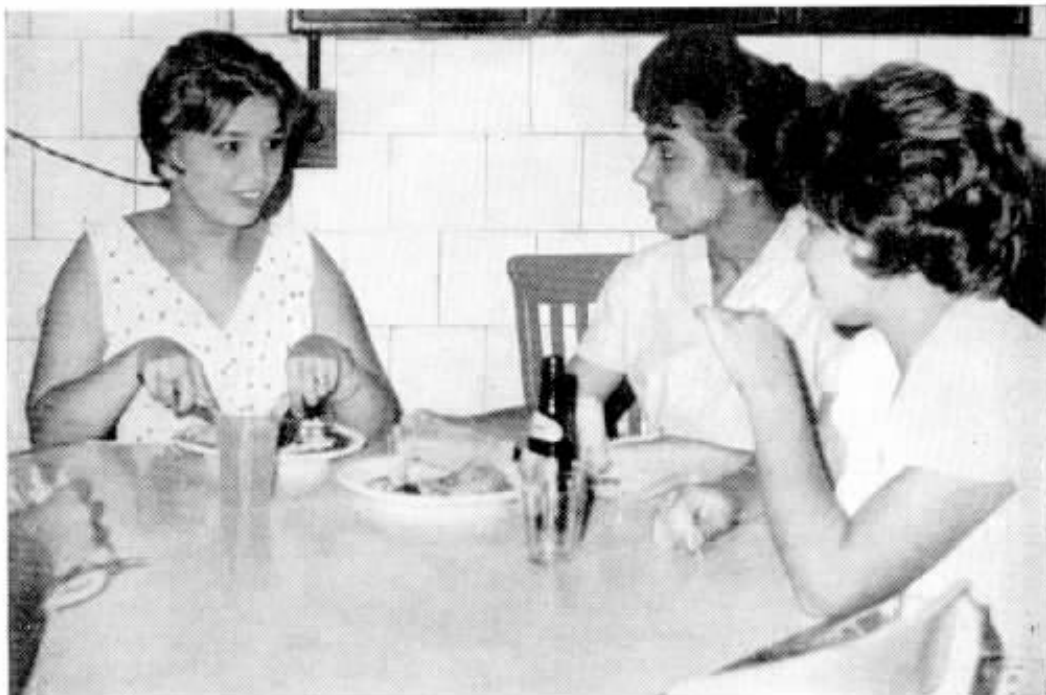


Quando escolhemos a telefonista como personagem de nossa terceira reportagem, tínhamos a idéia de procurar uma mocinha que exercesse a profissão em alguma companhia particular, mas, aos poucos, uma outra idéia foi-se cristalizando em nossos pensamentos: — se alguém desejasse retratar um médico, certamente deveria procurá-lo (de preferência) num hospital, cercado de seu ambiente natural, ao lado das mil e uma dificuldades que dão tanta beleza ao sacer-

dócio da medicina. Assim, por que não procurar nossa "Garôta Telefonista" na própria Companhia Telefônica Brasileira, que é (malgrado a intervenção) o berço natural destas cidadãs tão úteis e às vezes tão espezinhadas por nós, assinantes ou não?...

Nasce daí uma grande surpresa para o repórter, e uma agradável surpresa: o encontro de um ambiente de trabalho magnífico, limpo e onde o padrão técnico anda de braço dado ao padrão moral.

Na pessoa da irmã, Eni encontra uma grande companheira e amiga.



Refeições fartas e baratas, estão à disposição das telefonistas, vinte e quatro horas por dia, num bem aparelhado restaurante.

O papai estava viajando, mas mamãe, a mana e o garotão, resolveram servir de platéia para Eni, a acordeonista... — perdão! — a telefonista.





A hora da estudo é sagrada. A telefonista também precisa (e deve) manter a sua cultura em dia.

(Continuação)

## ...telefonista

A C. T. B., apesar da mecanização dos seus serviços, ainda emprega um número nunca inferior a três mil telefonistas. Estas estão todas localizadas (ou pelo menos em sua esmagadora maioria) no edifício-sede da Rua Alexandre Mackenzie.

Encontramos na C. T. B. moças usando o uniforme do Colégio Pedro II e fomos informados que a companhia admite-as num sistema de meio expediente (3 horas de trabalho) ajudando assim seus estudos num

amparo mútuo que produz os mais amplos resultados.

A segunda etapa da carreira da telefonista é a de "Telefonista Encarregada", cuja função é a de fiscalizar o trabalho de dez telefonistas. Depois vem a função de "Telefonista-Chefe-Assistente", e finalmente a "Telefonista-Chefe". Aquelas que tenham perseverado no serviço ativo, chegam a funções mais altas ainda.

Além das condições de higiene e segurança de trabalho exigidas pela lei, a

companhia oferece ainda, um amplo e confortável restaurante (no qual o repórter saboreou uma gostosa e copiosa refeição), o qual funciona vinte e quatro horas por dia (!) atendendo mesmo dentro da madrugada, aquelas que tenham necessidade de um prato de sopa, um sanduíche ou um doce que retempere suas forças, gastas em turnos de três horas cada um, atendendo pessoas de humores e... educação variados...

Logo na entrada do prédio em que funciona a "corporação", encontra-se um amplo vestiário. Ao início do dia de trabalho a moça recebe uma caixa de madeira e um cabide nos quais coloca a roupa que usa (caso queira) assim como seus valores; porém, dado o fato de todas as dependências serem servidas por um perfeito sistema de ar refrigerado e mantidas na mais escrupulosa limpeza, poderão trabalhar até com um vestido requintado, sem que isto prejudique sua produção.

A escolha da eleita para heroína desta reportagem, foi feita pela própria direção da C. T. B., com a supervisão de um simpático Sr. Afonso que é um verdadeiro pai e irmão mais velho, para aquele duplo milhar de moças que trabalham sob suas ordens.

Eni A. C. tem dezoito anos. É pequenina (pouco mais que um metro e cinquenta e cinco), graciosa e loura. É uma menina ainda. Viva, inteligente e alegre.

Declarou-nos que entrou para a companhia atendendo sugestão de uma amiga que já é quase veterana. Encontrou em sua chefe mais do que uma superiora... uma amiga. Não pensa sair do emprego, ao con-



Em matéria de cozinha, Eni ainda está na fase do lavar pratos... sob os olhos vigilantes da mamãe, que não confia muito na pressa da «geração coca-cola».

trário, pretende postos mais altos, para isso dedicando-se com afinco à sua função. Talvez mais tarde, depois de completar seus estudos, queira trocar de pouso e abraçar uma carreira liberal, e acha que este será um dia de tristeza, pois adora seu trabalho e suas colegas.

Tem noções de estenografia e datilografia e o curso ginásial completo.

Seu perfume favorito é "Ma Grife"; sua côr predileta o branco, e a música "A noite de meu bem", embora declare terminante que não possui nenhum "bem" à vista.

Seus artistas favoritos são Gregory Peck, Marlon Brando e Paul Newman entre os homens, e, entre as mulheres, Susan Hayward, Jennifer Jones e Deborah Kerr.

Sinceridade e firmeza de caráter são as qualidades

que mais aprecia nas pessoas, sendo que para os homens exige ainda bondade, e discreção nas mulheres.

Não suporta falsidade, nem de brincadeira.

Adora sua casa, que, ela faz questão de frisar, é um "lar" de verdade. Na pessoa de sua mãe encontra a melhor amiga, uma verdadeira companheira. A compreensão que existe entre o pai e a mãe é uma das coisas que mais lhe agrada; não cansa de admirar a constante ternura que existe entre os dois. Sua irmã é uma grande companheira e o irmão (o caçula da família) é cem por cento "lega!".

Enquanto o "éle" de sua vida não surgir, vai continuando a estudar, pois não tem a menor pressa de casar; aliás declara que, em vista do ambiente harmonioso de sua casa, será difícil para ela o dia da separação.

Eni, tal como suas demais companheiras de trabalho, não se importa de enfrentar um horário noturno na C. T. B., cuja administração (carinhosa!) providenciou para que as moças tenham um confortável dormitório, onde podem passar a noite, sem os riscos de enfrentar os perigos que são tão comuns nas ruas cariocas.

Você, leitora ou leitor de GARÓTAS, tenha um pouco mais de compreensão pela moça que o ajuda a falar com os entes queridos que estão em cidades longínquas, ou então a completar ligações importantes que farão crescer suas rendas e, portanto, seu prestígio e sua tranquilidade. Elas são jovens que lutam, que sofrem, que sentem às vezes, na voz daqueles que lhes pedem a ligação de um número, um drama, um sofrimento íntimo, às vezes

patético, e que sofrem um pouco estas vibrações.

Acontece por vezes que uma telefonista-chefe vê uma de suas auxiliares (as mais novatas sômente!) abandonar sua posição de trabalho em lágrimas... Foi algum perverso que, não compreendendo a impossibilidade de uma ligação ou a demora de sua realização, soltou nos ouvidos sempre decentes das moças telefonistas, um grosseiro palavrão. Tenha paciência, leitor ou leitora, quando encontrar dificuldade em ser atendido no seu primeiro pedido! Pode ser que no outro extremo da linha, sentada numa honesta banca de trabalho, prestando um serviço relevante à comunidade, esteja uma sua irmã, uma sua filha, ou mesmo sua esposa, a mãe de seus filhos, e pode ser também que você tenha muita sorte, e aquela que o atendeu se'ia uma criaturinha doce e bonita... seja... Eni A. C., a TELEFONISTA! \*\*\*

Uma telefonista, por não ter contato com o público, não está na obrigação de trajar-se com grandes requintes de elegância. As roupas confortáveis, a saia e blusa, são as preferidas. Mas existem as festas, os passeios...





Aplaudida pelos colegas veteranos, Dulce C. Rodrigues, de 40 anos de serviço, recebe de B. J. P. Tancred, Superint. Geral da Rede, seu emblema. Na foto: Manoel R. Lage, Juracy Borges, Teotônio J. Pinto, Augusto B. Pinto, João V. Borba, Mario Gomes e Otávio S. Arêas.



## NO ESTADO DA GUANABARA:

**S**IGNIFICATIVAS homenagens foram tributadas aos veteranos do Estado da Guanabara, por ocasião da cerimônia de entrega de emblemas, representativos das várias etapas de tempo de serviço. Reunidos no salão do restaurante do edifício central, foram eles saudados pelos seus chefes e por inúmeros colegas que acorreram à festa para levar-lhes o testemunho do seu aprêço. Foram 213 companheiros os contemplados com êsses símbolos, representando 4.720 anos de trabalho na C.T.B. Após as solenidades, um "show" com números de música, canto e bailado abrilhantou a festa, rematada com um ótimo lanche.

Lourival Vasconcelos, Chefe de Normas e Métodos de Contabilidade, é outro veterano de 35 anos de trabalhos prestados à Telefônica.



Joaquim M. Saraiva, 40 anos de CTB, abraçado por A. G. Burnett, então Controlador Geral, Oswaldo Corrêa, Jayme Labuto e Leopoldo Ferreira, veteranos de 25 anos.



Maurice E. Gane, da Engenharia, 35 anos de CTB, ao lado do Dr. J. A. Wiltgen, Engenheiro Chefe.

## COLEGAS RECEBEM SÍMBOLOS DE TEMPO DE SERVIÇO



Zilah da Silva Vargas, Telefonista-Chefe, no centro, e Elza Muniz, Encarregada, do Tráfego, completaram 35 anos de serviços prestados à nossa Empresa. Gastão Vaz, Superintendente da Divisão, saboreia um cafêzinho, em companhia das dedicadas veteranas de seu Departamento.

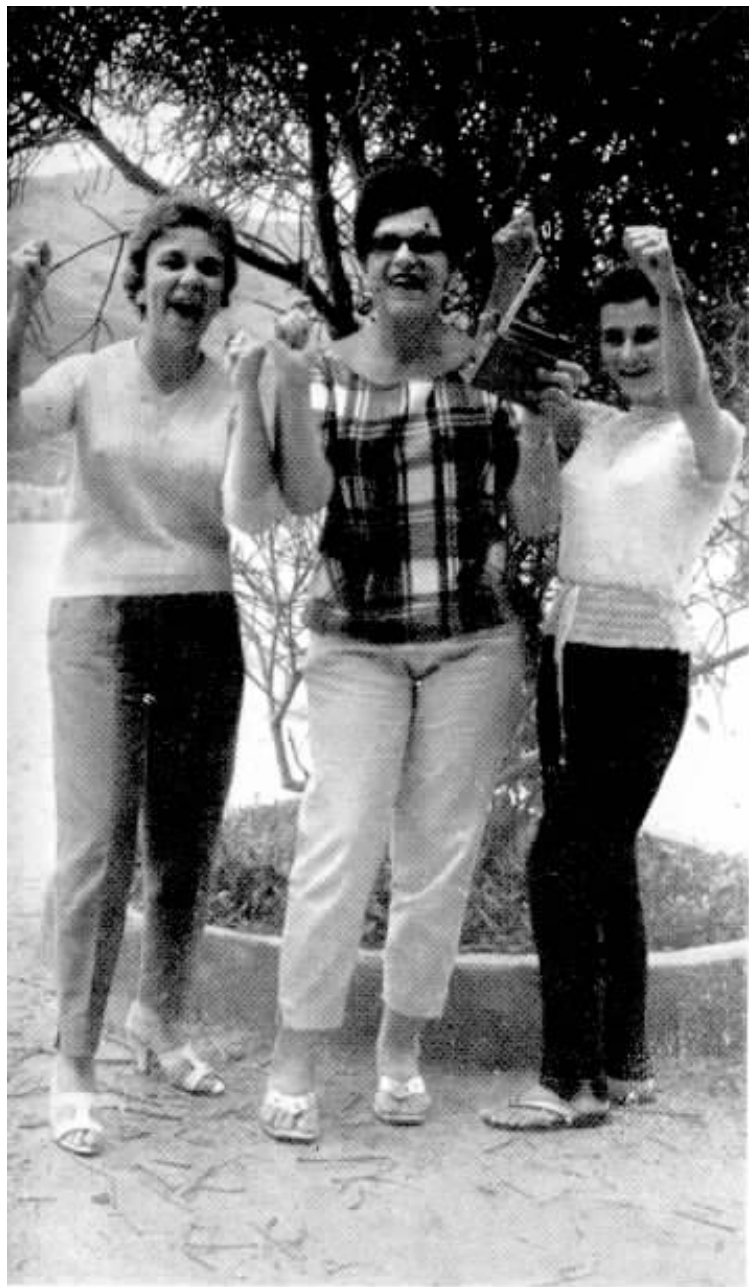


Ouvir boa música foi também o passatempo predileto da colega Lídia Santos Bezerra.

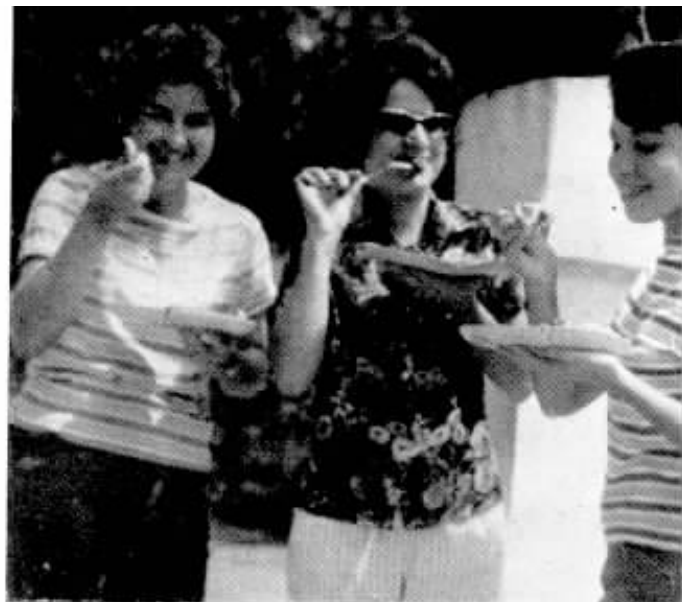
Não houve protocolo no almoço servido ao ar livre. Farto e apetitoso churrasco.

Ponto culminante da festa: Diva M. Silva é coroada rainha por Armando M. Santos, ladeada pelas princesas Ivone Moraes e Suely Chagas. Atrás, Francisco R. Valente e João Guimarães.





Mesmo distantes, não deixaram de torcer pelo seu clube favorito e vibraram com o gol conquistado.



Este trio foi surpreendido pela nossa objetiva.



O colega Raphael, ao violão, é o diretor do conjunto que deleitou a todos com a sua música.

## COLÔNIA DE FÉRIAS GRAHAM BELL TEM SUA RAINHA

### Diva Monteiro da Silva a eleita

**N**O concurso promovido pela comissão diretora da Colônia de Férias Graham Bell, composta de Armando M. Santos, Francisco R. Valente e João Guimarães, para eleger a primeira rainha daquele aprazível recanto de férias, foi vencedora Diva Monteiro da Silva, da Guanabara. Interessante e bem organizado programa de festejos, cheio de atrativos, foi levado a efeito em Francisco Frágoso, para a coroação da rainha, ao qual compareceram as duas princesas, Ivone de Moraes e Suely T. Chagas, respectivamente, da Guanabara e de Campos, Estado do Rio, bem como todas as participantes do certame. Nessa oportunidade, foi inaugurada a Capela de Nossa  
(Conclui na capa 3)

Capela: inaugurada com a pregação do Pe. Lidio.



# O TELEFONE TOCÔU!

Conto de Lêdo Ivo, escrito especialmente para «Sino Azul»

POSSO AFIRMAR, sem receio de contestação, que estava dormindo quando fui nomeado ministro. Sucedeu comigo o contrário do que acontece com os ministros que, indo para o sono na plenitude de suas funções, acordam demitidos. Não adianta pôr os óculos para ler a notícia do matutino funesto: lá está a demissão em letra de fôrma, e o telefone soa, imp'acável, de instante a instante.

Dormi gripado, tendo até tomado um comprimido ao recolher-me, e acordei ministro de Estado. Digo assim porque me encontrava ressonando e o decreto de minha nomeação já fôra assinado pela mão incansável do presidente da República. Sei que há várias versões sôbre o fato; an-

daram espalhando que fui acordado no meio da noite e, pondo às pressas uma roupa qualquer por cima do pijama, acorri ao palácio, onde o Presidente me esperava. Também disseram que eu estava numa "boite" quando fui avisado de que a posse seria às nove horas. Houve ainda quem garantisse que, ao atender o telefonema do Presidente, julgara ser troto e desligara.

Nenhuma dessas versões tem cabimento. Eu estava dormindo e Jandira, minha mulher, saíra cedo para ir à feira, quando Teresa, a empregada, bateu à porta do quarto e me chamou, despertando-me sem custo, pois tenho o sono leve. Estavam me chamando ao telefone.

— E' do Palácio, doutor Bartolomeu.

Um telefonema do palácio é ao mesmo tempo uma coisa preciosa e vaga. Pode ser um dos numerosos sub-chefes ou assessôres da Presidência ou um contínuo pedindo um favor qualquer. Muitas vêzes, o interlocutor não está absolutamente em palácio, mas em casa, de pijama, e cita o local de seu ganha-pão para ser atendido mais depressa.

Meus pés procuraram cegamente os chinelos.

— Disseram que é o Pre-

sidente que quer falar com o senhor.

Desapareceu de mim qualquer sobra de sono mais ousada, e havia razões para isso. Desde o dia da posse que o Presidente não falava comigo. E' verdade que fui a palácio várias vêzes, mas não conseguia abordá-lo. Dir-se-ia que todos, ali, se tinham unido, num pacto, para barrar-me os passos. Até o Rangel, que antes me pedia dinheiro emprestado, asseverava, com um ar compungido, ser de todo impossível conseguir um encontro para mim. Mas eu estivesse certo de que o Presidente não me esquecerá e me chamaria. E verberava a conduta dos partidos que não queriam libertar o homem, e pareciam cães disputando um osso. "Cada um quer uma



fatia do bôlo”, acrescentava Rangel, as pálpebras caídas, olhando penalizado um grande mapa do Brasil, pendurado na parede de sua sala de vago assessor presidencial.

Um dia, queixei-me a Renato, antigo companheiro da Constituinte, e ele me explicou como conseguira falar ao Presidente. Sabendo que este ia inaugurar uma fábrica de vidros em São Paulo, tomara um avião e comparecera à solenidade. Só assim conseguira conversar com ele alguns minutos, o suficiente para arrancar a nomeação prometida. E adiantou que esse expediente estava sendo adotado por vários dos nossos correligionários, que, tendo gasto até dinheiro do próprio bôlso durante a campanha, se viram postos de quarentena pelos espertos que cercaram o Presidente após a posse. A verdade é que ele ignora a conspiração instalada em palácio, e que tem como objetivo afastá-lo de seus verdadeiros e fiéis amigos. E' um santo homem.

Ao pôr o telefone ao ouvido, notei que minha gripe fôra embora. E para sempre ignorei se já amanhecera curado, ou se o telefonema presidencial era, no caso, medicina mais enérgica do que cálcio na veia.

Escutei a voz frágil, quase feminina, do Nicanor. Só depois veio o Presidente.

Não sei se algum dos leitores já foi nomeado ministro de Estado. Se o foi, para qualquer pasta, deve ter experimentado a sensação que me cumulou. Se não o foi, mal que não desejo a ninguém, será difícil narrar-lhes o que sucede. As têmperas latejam, temos a impressão de que vamos tem um enfarte no miocárdio, mas a opressão desaparece, de súbito; sen-

timo-nos como se acabássemos de fazer os pés, e o calista estivesse passando certa pomada em nossa pele e ativando o sangue dos artelhos por meio de massagens ao mesmo tempo doces e vigorosas. Parece que, de repente, a vida se amplia como a tela de um cinema, onde vai ser projetado um filme em cine-mascópio.

Estava nomeado ministro. De tudo quanto o Presidente me dizia, só isto possuía, para mim, significado real. Dir-se-ia que eu, prêsas de vertigem, me agarrava a um corrimão para não cair de uma alta escada. Esse corrimão era o Ministério.

— O ato já está lavrado.

Aparecia a presteza do Presidente.

— Meu caro ministro, estou à sua espera — completou, com um tom brincalhão e afetuoso na voz.



— Irei imediatamente, Presidente — retorqui, resolutos e transbordante de felicidade.

Mal desligara, e o telefone soou novamente. Era o Arquimedes, que dias atrás fingira não me ver à porta do Jôquei, que se apressava a felicitar-me. Vinguei-me: disse que, a rigor, não poderia aceitar-lhe o abraço. O Presidente



me convidara (exato), mas ainda não dera a resposta. Teria antes uma entrevista em palácio.

Deixei o telefone fora do gancho. No banheiro, enquanto fazia a barba — e minha mão tremia um pouco! — avalei que, por maior que tivesse sido o sigilo que precedera a escolha e nomeação, o certo é que a notícia já estava em tôda parte. E observei que Jandira não estava ali para compartilhar de minha alegria. Discutindo o preço de uma cenoura ou segurando um pé de alface, ela ignorava ainda seus privilégios: o carro oficial, os chás, o patrocínio das festas de caridade, as recepções nas embaixadas. Com algum frêmito de temor, logo contido, pensei nos vestidos novos que teria de comprar-lhe.

Debaixo do chuveiro, pus em ordem o espírito e encontrei certa lógica para minha nomeação. Enquanto me enxugava, percebi que fôra uma fatalidade. Para solucionar a crise política, o Presidente só dispunha, efetivamente, de uma saída — nomear-me. Atendera à reivindicação das bancadas do Nordeste, que reclamavam um ministro nascido no Polígono das Sêcas; assegurara o apôio do meu partido, que amea-

va desligar-se da maioria e ter uma ação parlamentar independente; e apaziguara o impaciente Moreira Lemos, governador do meu Estado.

Senti-me providencial. Se eu não existisse, a crise política teria continuado. Sem falsa modéstia, eu era uma "reserva moral" do governo.

Recordo-me confusamente de que tomei café às pressas — em verdade não sentia a menor fome — e deixei um bilhete para Jandira. Assaltou-me estranha pressa em chegar ao Palácio. Voltei ao telefone, abri o caderno de endereços, telefonei para o ponto de táxi. Do outro lado da linha, o "chauffeur" perguntou: "Para onde vai?". Impávido, respondi-lhe: "Para o Palácio do Catete". Sentia-me imensamente ministro.

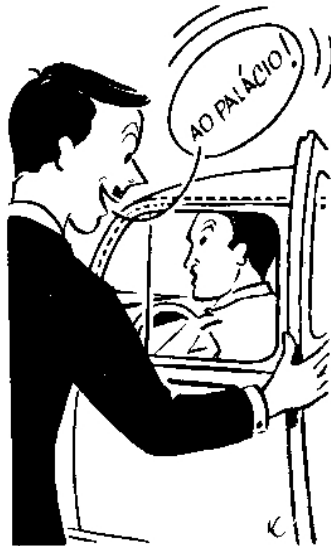
Ao sair do elevador, iam entrando um fotógrafo e um rapazinho, decerto repórter. Era para mim, sabia, mas me mantive quieto, não desejando ser reconhecido. Nada aconteceu e suspirei aliviado. Não deveria manifestar-me antes do encontro com o Presidente.



Ministro! E não dera um passo. Dormia, talvez ron-

casse, no momento em que o Presidente, de eliminação em eliminação, chegara ao meu nome e nele se fixara, feliz e aliviado.

O táxi já estava me esperando. Bendito telefone! Afundei-me no assento de couro gasto.



Ao dobrar a esquina, vi, no fundo de um carro, o gordo Teixeira. Acompanhei o veículo, que parou no meio-fio do meu edifício.

Não, ele estava muito enganado! Meus planos já estavam formados. Dinamizaria o Ministério, adotaria métodos racionais, cercar-me-ia de técnicos, extinguiria a burocracia emperrada.

Nesse momento, senti um lampejo de alucinação — era como se o ministro que sempre se aninhara dentro de mim estivesse viajando no carro, e eu me limitasse a acompanhá-lo. Imaginei-me dividido.

Nas calçadas, pessoas liam jornais. Pensei em mandar parar o carro e comprar um matutino. Mas para que? Estava indo para o palácio, ninho e fonte de tôdas as notícias.

A enunciação do meu destino não causara o menor efeito no motorista. Ele acelerara o veículo com

um ar enfasiado e rotineiro, como se eu lhe tivesse dito: "Vamos para Madureira". Ou então: "Me deixe na estação da Leopoldina".

O ministro olhou o mar. Um esquiador aquático abria nele um sulco de espuma. Lembrei-me de que, quando simples inspetor de ensino, lera uma composição bastante estranha. "Entre Rio e Niterói, ergue-se a frondosa baía de Guanabara". Aumentara a nota, chocado e deliciado. Havia alguma verdade naquela sentença — a vida era uma coisa estranha e bela. E frondosa.

\* \* \*

Antes de ir para o Ministério, uma semana após a nomeação, passei por uma chapelaria. Pela minha cabeça, começaram a desfilar inúmeros chapéus,



mas todos me desagradavam. Além do mais, o caixeiro que me atendera me desconhecia, ou fingia desconhecer-me. Meu coração pedia um chapéu que casasse a imponência com a elegância, a graça com a austeridade. Não me decidia, contudo, a citar o modelo, que era o "gelot" do prefeito.

Finalmente, surgiu numa caixa amarela o tipo desejado. Antes de sair e entrar no carro parado ostensivamente no meio-fio, vi-me ao espelho. Estava soberbo.

Os altos círculos não notaram a transformação. O líder da maioria, que me esperava no gabinete, foi logo ao caso das nomeações prometidas e não cumpridas pelo seu desatinado antecessor. Todavia, no olhar da competente dactilógrafa, do porteiro indolente, daquele oficial de gabinete que servia sem remorsos a todos os ocupantes da pasta, julguei ver um lampejo de malícia. Seria que êles me achavam desajeitado?

Nos raros instantes em que me acontecia ficar sozinho no gabinete, eu examinava o chapéu, admirava-lhe o fêltro cinzento, macio como o braço de certas moças pestanudas, as abas viradas, o acabamento onde havia brilhos fugazes de sêda.

Numa daquelas tardes, saindo para o despacho, tive meu rosto iluminado pelo clarão de magnésio de uma máquina fotográfica. Ergui a mão até o chapéu, meus dedos tocaram na aba inglesa, senti a penugem acariciante do fêltro. Estava agradecendo a cortesia.



No dia seguinte, lá estava a reportagem malvada, cheia de perfidias, na primeira página do vespertino. E o repórter, após contar algumas anedotas e atribuir-me "gaffes" imaginárias, perguntava se, após a demissão, eu continuaria a usar aquêle chapéu.

Em breve, o "gelot" foi-se tornando assunto obrigatório de certos jornalistas desocupados. Meus desafetos, por sua vez, inventavam anedotas.



Uma noite, sonhei que estava dentro de um chapéu enorme, de copa virada para baixo. Minhas mãos agarravam-se às paredes daquela prisão circular, mas escorregavam num fêltro pegajoso como limo. Estava enjaulado para sempre. Chamava Jandira — ela estava patrocinando um chá em benefício das crianças órfãs de Jacarta e fingia não me ouvir. Teixeira, monstruosamente gordo, circulava, num automóvel, em torno do chapéu. E o Presidente, de vez em quando, me olhava como quem se debruça furtivamente sobre um muro. E telefones tocavam.

Acordei alagado em suor, meio sentado sobre a cama. Jandira, que despertara assustada com os meus

gritos, deu-me a explicação para o pesadelo: eu me excedera, no jantar ao embaixador da Turquia.

A possibilidade de vir a ser candidato a governador, as nomeações e remoções que me davam a impressão de acionar um teatro de títeres, os planejamentos, as festas, as adulações, tudo isto se esvaía, mudava-se em pasmo e suor. O telefone estaria tocando?

Tornei a dormir. Sonhei que, de novo criança, arramara minha gaiola num galho da goiabeira do sítio e esperava que nela caíssem os cantantes sanhaços. Era meio-dia e o sol cegava-me.

Foi Teresa que me acordou. Eu estava sozinho no quarto, pois minha mulher se levantara cedo, para ir à feira.

— E' do Palácio, doutor Bartolomeu.



Fui atender. Era o Presidente, convidando-me para ser ministro. Em verdade, só agora é que eu estava recebendo aquêle surpreendente telefonema, que me vinha compensar da desoladora espera que me afligia desde a campanha eleitoral. Antes, tudo fôra sonho e eu jamais pusera na cabeça um chapéu de aba virada.

# O que dizem de NÓS

**B**EM servir é o lema de nossa Companhia. E seus funcionários esmeram-se no seu cumprimento, dando o melhor de si mesmos, certos da relevância do serviço que prestam à coletividade. Esta, por sua vez, reconhece amplamente esse esforço. A cada dia, chegam-nos provas eloqüentes desse reconhecimento, de que esta seção é prova.

## CARINHO COM TELEFONISTAS



Em Dois Córregos, cidade interiorana de São Paulo, circula o jornal "O Democrático". Num de seus últimos números encontramos laudatório artigo sob o título: "De nós todos para as telefonistas de Dois Córregos", no qual são tecidos os mais eloqüentes elogios ao pessoal do Tráfego que ali opera, sendo citadas nominalmente todas as telefonistas e, especialmente, Eugénia Mendes, Encarregada, e Francisco Diogo, reparador, "para que sejamos atendidos de acordo com a enorme tradição da Telefônica Brasileira".



## AMIGO DA CIDADE

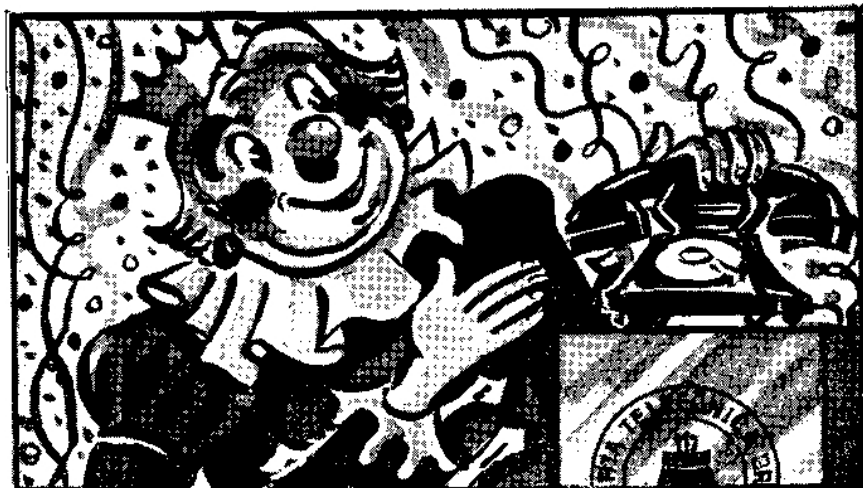
O jornal "Diário do Rio Claro", publicado na cidade paulista do mesmo nome, inseriu, há pouco, o ofício enviado pela "Sociedade Amigos da Cidade" ao Chefe da Estação telefônica local, Gastão Frotz Salles.

Nesse ofício, extenso e altamente honroso para a C. T. B. aquela Sociedade congratula-se "pelo ótimo serviço telefônico de que a nossa cidade hoje se vê servida, com aparelhos moderníssimos de acordo com os novos princípios da eletrônica".

"Não podemos deixar de destacar neste ofício, a dedicação e a delicadeza de todas as funcionárias incumbidas das ligações com o público (sempre exigente), e que sempre deram demonstrações de tolerância, educação e cavalheirismo no cumprimento dos seus deveres. Do mesmo modo queremos render os nossos mais sinceros elogios aos abnegados empregados dessa Empresa, aqueles que, madrugada adentro, ou ao sol a pino, vestidos com seus blusões de couro sob chuva inclemente, lá permaneciam "encarapitados" sobre os postes, em busca de defeitos de funcionamento, tudo isso numa elogiável demonstração de zelo pelo bem estar público".

## POLÍCIA E CARNAVAL

O Delegado Policial da cidade de Miracema, no Estado do Rio, Sr. João de Oliveira Albuquerque, encaminhou ofício à gerente do posto telefônico local, Sra. Elisa C. do Amaral, agradecendo a ampla colaboração dada pela Telefônica, principalmente nos dias de Carnaval.





### EFICIÊNCIA NO SOCORRO

Do Sr. Antônio Alexandre, diretor da Emissora Continental de Campos, Estado do Rio, recebemos ofício agradecendo os serviços prestados durante a calamidade das cheias do Paraíba, "quando encontramos eficiência e solidariedade em tôdas as horas, nos facilitando em tudo, sendo ainda a ajuda das mais proficuas que obtivemos no salvamento de dezenas de pessoas.

"Aceite Vossa Senhoria pessoalmente, e transmita a todos os funcionários indistintamente, nossos melhores agradecimentos."

### FORÇA DE PROGRESSO

De Avaré, São Paulo, o Sr. Mariano Rodrigues, pela Empresa de Auto Ônibus Manoel Rodrigues, oficiou à Companhia, nessa mesma cidade, para agradecer a valiosa cooperação. "Cooperação de muita valia, pois esta Empresa que colabora para o progresso de Avaré e cidades circunvizinhas, pode considerar o serviço telefônico através de suas amáveis funcionárias, colaboradoras para o engrandecimento de nossa Avaré."

### CALAMIDADE

Ainda a propósito das cheias do Paraíba, recebeu a C. T. B. da Empresa Fluminense de Energia Elétrica S. A., assinado pelo Sr. Antônio José de Miranda, seu Diretor Comercial, atencioso ofício datado da cidade de Campos, no qual diz: "Encontrando-me nesta cidade a fim de colaborar com a administração local da EFE na adoção de medidas visando amenizar os efeitos decorrentes do colapso de energia elétrica, que atinge sua população, venho agradecer e louvar a grande colaboração que temos encontrado por parte dessa Gerência, das senhoras encarregadas e telefonistas que tudo têm feito no sentido de facilitar as comunicações com a direção da EFE e outras autoridades na capital do Estado, graças ao que conseguimos coordenar uma série de entendimentos que possibilitarão, em horas próximas, remediar-se a situação".

### BANCO DO ESTADO AGRADECE

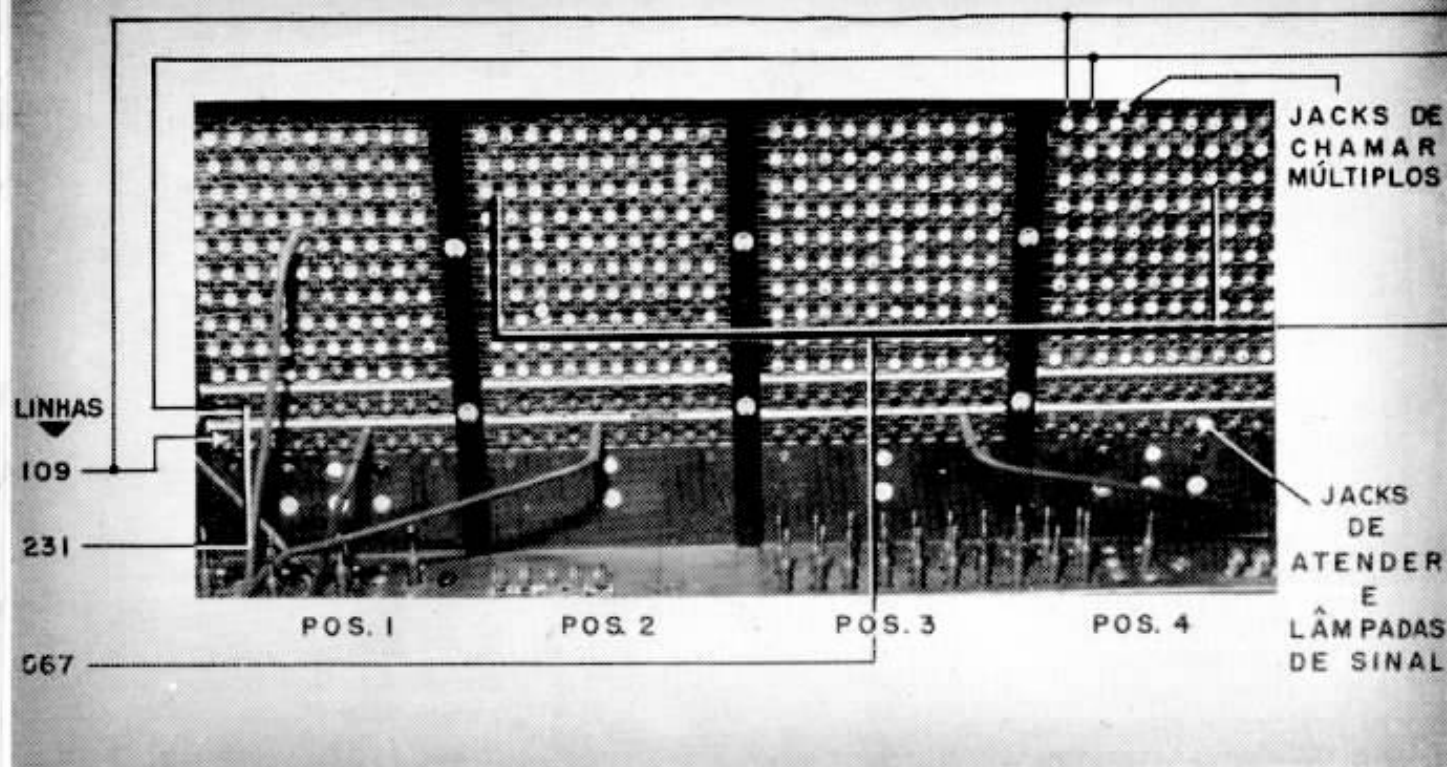
Do Sr. Vergílio de Carvalho, DD, Presidente do Banco do Estado do Rio de Janeiro, chegou-nos ofício que diz:

"Nos dias que precederam o falecimento do Exmo. Sr. Governador Roberto Silveira, as comunicações telefônicas deste Banco foram grandemente aumentadas, como decorrência do acontecimento que enlutou o nosso Estado.

"E, em que pese esse fato, teve o nosso estabelecimento de crédito seu serviço de intercomunicações perfeitamente atendido, com aprazo, presteza e solicitude, graças ao trabalho eficiente das funcionárias Yara Etchat e Laura da Cunha, respectivamente, Chefe e Encarregada do setor de Tráfego subordinado a essa Superintendência" (a do Tráfego da C. T. B.).



"E como as funcionárias em aprêço concorreram para que nossas comunicações de caráter oficial, fossem feitas de pronto e com lhanza de trato, desejamos consignar aqui, o procedimento exemplar de suas auxiliares."



## Como se processa uma ligação telefônica

Colaboração da Escola da Rede

COMO vimos fazendo há vários números de "SINO AZUL", damos aqui, mais alguns esclarecimentos sobre o processamento das ligações telefônicas, numa explanação das mais úteis e acessíveis a todos os nossos leitores.

★

Nas estações manuais, assim denominadas porque são providas desse tipo de equipamento, as ligações são feitas nas Mesas de Ligações com o auxílio de telefonistas.

Em uma estação manual local simples, tôdas as linhas de assinantes terminam em, pelo menos, dois "jacks" destas mesas de ligações.

O "jack" é uma peça engenhosamente idealizada, cuja função se assemelha à de uma tomada, que per-

mite a ligação rápida e cômoda da linha do assinante, por intermédio de um "plug" ou pega, como se vê no clichê da página à direita.

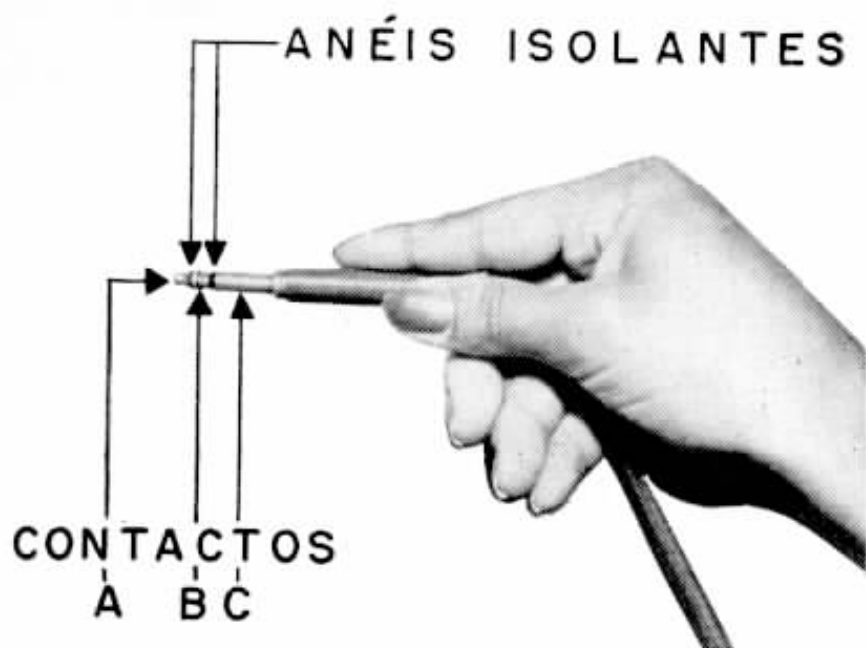
Um desses "jacks", denominado "jack de atender", pertencente a uma carreira ou tira de "jacks" idênticos situados na parte inferior do painel da mesa de ligações, possui uma pequenina lâmpada de sinal a ele associada, por meio da qual um assinante que deseja fazer uma chamada, consegue atrair a atenção da telefonista. O outro "jack", denominado "jack de chamar", é também montado em tira de "jacks" instalados na parte superior do painel da mesa e é utilizado, pela telefonista, para completar uma ligação para a linha deste mesmo assinante, quando estiver sendo cha-

maço por um outro assinante.

Cada telefonista, trabalhando numa mesa desse tipo, pode atender, em média, a cerca de duzentas linhas de assinantes para completar ligações.

Além desses "jacks de atender", podem existir, à frente de cada telefonista, até 3.300 "jacks de chamar". Estes "jacks" não têm nenhum sinal associado a eles e estão ligados em paralelo ou em múltiplo com outros "jacks" situados em painéis idênticos, localizados em algumas outras posições de telefonistas.

Cada telefonista terá acesso, desse modo, a cerca de 10.000 "jacks de chamar", considerando os "jacks" situados na sua posição e os de posições adjacentes à direita e à esquerda da sua.



Suponhamos que o assinante cujo telefone tem o número 109, queira chamar o assinante do telefone 567. Ao retirar o fone do gancho, este, ao se erguer, fecha um par de contactos, situado dentro do próprio aparelho, ao qual está ligada a linha, pondo-a em curto. Isto faz com que o relé de linha correspondente, na estação telefônica, provoque a ligação da bateria da estação à lâmpada associada ao "jack de atender" do assinante 109, na posição 1 da mesa telefônica, acendendo-a.

A telefonista, então, inserirá a pega de um cordão nêsse "jack de atender", associado à lâmpada acesa, fazendo com que a lâmpada se apague. Esta manobra permite, também, que ela entre em contato com o assinante 109, com o auxílio do seu aparelho de telefonista. Indaga do assinante o número do telefone que deseja chamar e, em seguida, introduz uma segunda pega, companheira da primeira, no "jack de chamar" número 567, no múltiplo à sua direita (posição 2), completando, assim, a ligação. A campainha do aparelho te-

lefônico do assinante 567 passa a ser acionada, com o auxílio de uma chave denominada de "toque", em alguns tipos de mesas e, em outros tipos, automaticamente, pela simples introdução da pega no "jack de chamar".

Um "click" de advertência evitará que a telefonista entre numa linha ocupada; ela o ouvirá, em seu aparelho de cabeça, se tentar inserir a pega em um "jack de chamar" que já esteja em uso em outro lugar no múltiplo.

Quando a conversação termina entre os dois assinantes, ao recolocarem os fones nos ganchos respectivos, duas lâmpadas denominadas "lâmpadas de fiscalização", situadas na mesa de ligações, junto aos cordões utilizados na manobra, acenderão, a fim de dar aviso à telefonista. Ela, então, deverá retirar as duas pegas dos cordões, desfazendo a ligação.

O que dissemos acima é, talvez, o mais simples exemplo de uma ligação telefônica, isto é, uma ligação entre dois assinantes localizados na área da mesma estação.

Quando uma cidade ou área for de tal tamanho

que exija mais de uma estação telefônica, a comunicação entre assinantes de estações diversas não poderá ser feita com o auxílio, apenas, de uma telefonista.

Nêste caso, a telefonista que atende ao assinante que chama, liga a sua linha a um circuito denominado "tronco", o qual interliga as duas estações. A telefonista da estação chamada entra no circuito e completa a ligação desejada.

Conclue-se, portanto, que cada estação telefônica deverá ser ligada a tôdas as demais estações, por intermédio de circuitos troncos, que são enfeixados, cada grupo, nos denominados cabos troncos.

Nas grandes cidades onde há muitas estações telefônicas, a interligação de cada estação com as demais, exige uma quantidade considerável de cabos troncos.

Assim, por exemplo, numa cidade com cinco estações, teremos necessidades de dez cabos troncos para interligá-las, isto é, o dobro do número de estações. Se houver dez estações, isto é, duas vezes, a quantidade anterior de estações, o total de cabos troncos será de quarenta e cinco, portanto, mais do que o quádruplo do número de estações, acarretando uma despesa considerável com a rede externa de cabos.

Em tais casos, torna-se muito mais econômico o emprêgo de uma terceira mesa de ligações, conhecida como "mesa tandem", instalada numa estação intermediária, adequadamente localizada.

Na página ao lado, mostramos uma mesa de ligações dêsse tipo.

Trataremos dêsse assunto, com mais detalhes, no transcurso da explicação sobre o Equipamento de Ligação Automático, que iniciaremos proximamente.



Diligente operária, especialista na montagem de centros automáticos da Siemens do Brasil.

# PRODUÇÃO NACIONAL DE EQUIPAMENTO TELEFÔNICO

Objetivando revelar o estágio em que se encontra a indústria nacional de equipamento telefônico, iniciamos, com este número, uma série de reportagens, através das quais poderá ser verificada a capacidade de produção das mesmas, patenteando que há de fato uma indústria especializada no país, apta a um desenvolvimento de grande interesse para o Brasil.

Essas fábricas, como é o caso da Siemens, alvo desta nossa reportagem, fabricam centros automáticos, PBX e PABX, telefones etc. e foram planejadas para se adaptarem à fabricação de grandes centros telefônicos de dez mil linhas, mas não se podem expandir, apesar disso, porque lhes faltam encomendas garantidas, a justificar os vultosos in-

vestimentos que seriam necessários a esse fim. Quando as companhias telefônicas tiverem rentabilidade segura que lhes permita assumir tais compromissos, a fabricação nacional terá o justo desenvolvimento para que está preparada, com o que poderá atender à demanda e resolver o problema no país inteiro, sem evasão de divisas.

Neste caso está a fábrica Siemens do Brasil, que iniciou as suas atividades fabris de artefatos telefônicos, em nossa terra, em 1905. E, portanto, organização experiente e tem capacidade para uma expansão imediata, podendo ajudar a resolver o angustiante problema das comunicações telefônicas que tanto aflige aos dirigentes de nossa pátria.



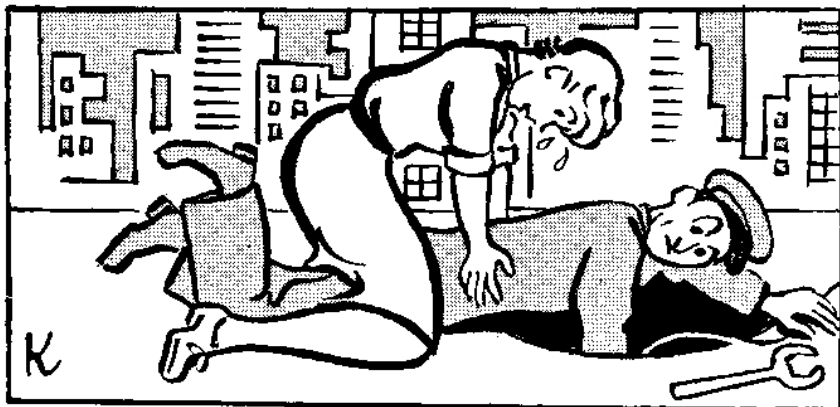
Vista parcial das linhas de montagem e controle dessa fábrica de material telefônico, situada no estado de São Paulo. São instalações modernas e funcionais, para bons especialistas.

Outro aspecto da montagem de centros automáticos PABX, na fábrica Siemens de S. Paulo.



# COISAS

que aconteceu...



UMA COLEGA de elevada estatura, completou um curso de socorro a acidentados e estava em plena euforia, doida por poder utilizar os seus novos conhecimentos.

Funcionária de nossos escritórios, não via como pôr em prática o que aprendera até que, um dia, ao sair da Companhia, viu um homem, deitado de barriga para baixo em plena rua. Imediatamente "sentiu" que o homem precisava de socorros. Correu, sentou-se sobre ele e passou a praticar-lhe respiração artificial: um, dois! um, dois!...

O homem, sob o impacto daquele pesado corpo, virou a cabeça e disse:

— "Olhe aqui, minha senhora, eu não sei o que a senhora está tentando fazer, mas eu sei o que eu estou fazendo... Desculpe-me, eu trabalho na Rêde e preciso tirar o fio desta galeria..."

\*\*\*

ESTA aconteceu com um de nossos cobradores. Nosso funcionário bateu a uma porta e apresentou a conta a uma criada, evidentemente

te do interior, pelo aspecto e pelo falar.

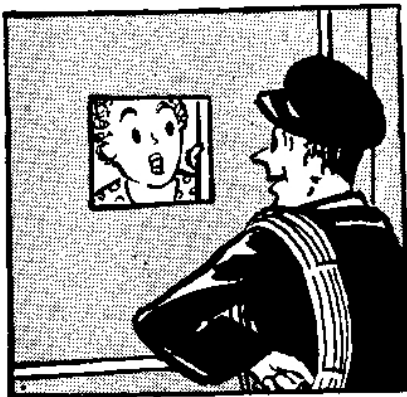
— Sabe se a sua patrão vai pagar agora?

— Uai! Intão não haverá de sê?, respondeu a servente.

Enquanto a servçal ia ao interior da casa, nosso colega preparou o trôco de Cr\$ 500,00, já que a conta era de quase isso.

Quando a criada voltou, trazia a importância que, de fato, era prevista. O trôco foi-lhe dado e ela, muito risonha e contente, comentou:

— Êta home inteligente! Adivinhou direitinho o dinheiro que a patrão tinha!



UM REPARADOR dirigiu-se a uma casa onde ha-

via um defeito no aparelho. Lá chegando bateu à porta. Uma pessoa olhou pelo postigo, ajustando óculos nuns olhos míopes e perguntou:

— Quem é?

— Telefone — respondeu o funcionário.

— Tem fome? Deus o favoreça! — respondeu a pessoa. E fechou o postigo.



MARTINHA FIGUEIREDO DA SILVA, jovem e conceituada telefonista, estava trabalhando calmamente, em sua posição, quando, repentinamente, ouviu uma voz cantar um anúncio comercial. Após demoradas pesquisas, verificou, com bastante surpresa, que se tratava de uma interferência num circuito de rádio.

\*\*\*

UM CIDADÃO procurou o Departamento do Pessoal e foi encaminhado ao Serviço de Seleção. Queria ser vigia da noite. O homem era pequenino, fraquinho e com ar de teimosia. O encarregado olhou para ele duvidosamente e disse-lhe:

— Olhe aqui, meu caro. Nós estamos precisando de uma pessoa que pense o pior de todo mundo; que durma com um olho aberto; alguém que tenha sempre ouvidos atentos para o menor ruído. Uma pessoa que seja grande, agressiva, intrépida e perigosa, sempre de mau humor. O tipo que, zangado, fica uma fera.

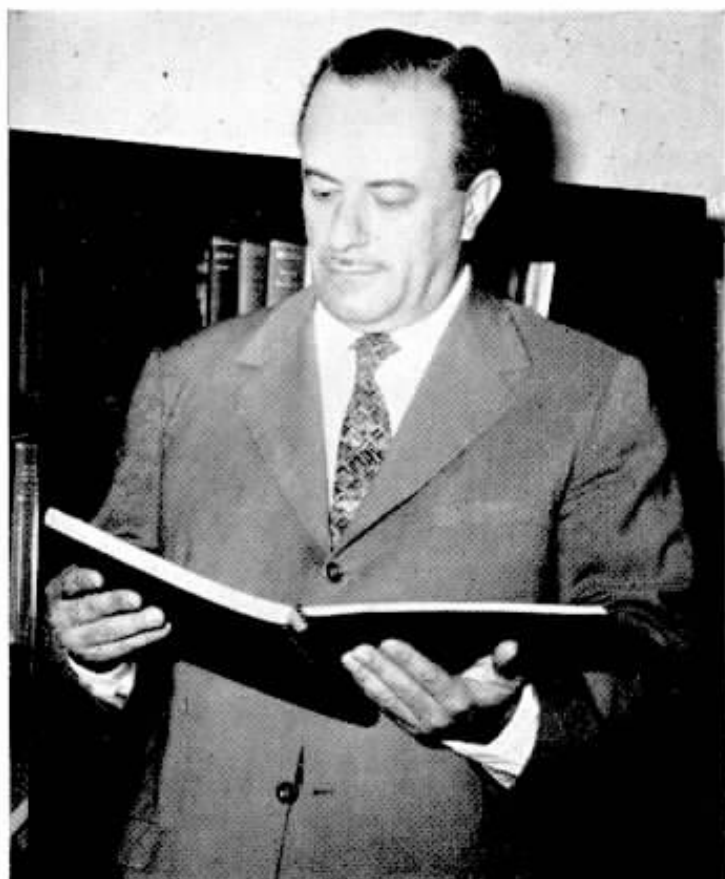
— Está bem, — disse o homenzinho resignado — vou mandar-lhes a minha mulher.

## COLEGAS PROMOVIDOS

Deixou a Companhia Telefônica Brasileira, onde vinha exercendo as funções de Controlador, desde janeiro de 1955, o Sr. Arthur George Burnett que vai agora ocupar cargo semelhante, na São Paulo Light S. A. — Serviços de Eletricidade. Tendo chegado dos Estados Unidos em outubro de 1950, foi então nomeado Assistente especial do Departamento de Finanças da Cobast, cargo em que se conservou até a sua investidura como Controlador da C. T. B. Foram vários anos de excelente convívio deixando agora, o Sr. Burnett, inúmeros amigos que vêm com pesar a sua transferência pela amizade que lhe dedicam.

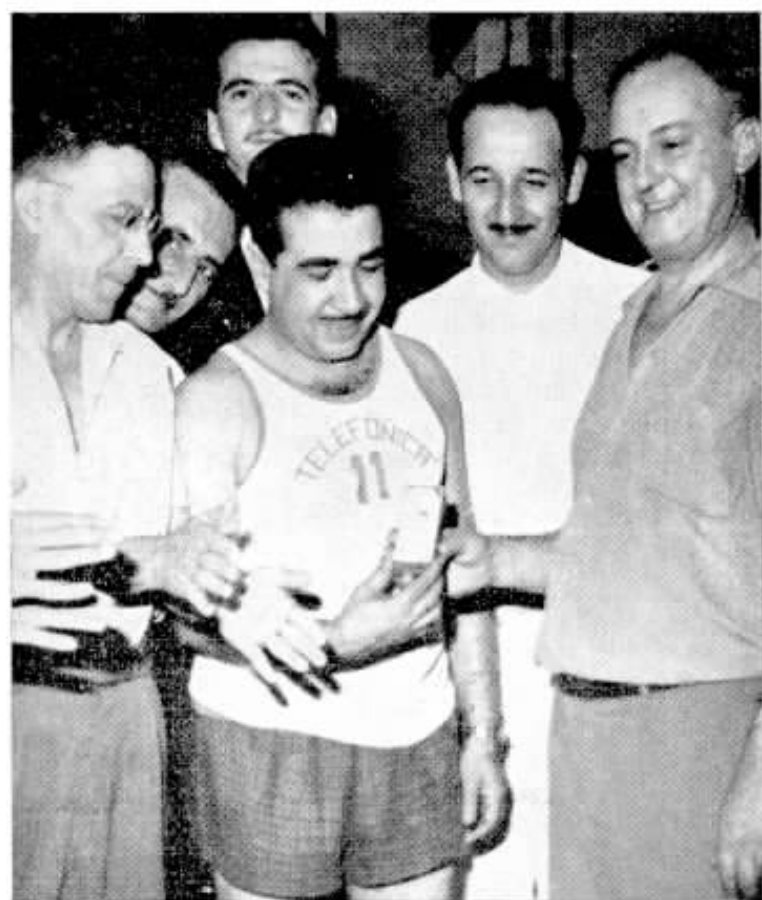


Eric H. Binnie, por sua vez, ascendeu ao posto de subcontrolador, após uma série de brilhantes demonstrações de capacidade, desde a Contabilidade da Rio Light até os sucessivos postos ocupados na C. T. B. desde 1948: assistente de contador; contador-chefe da Divisão da Guanabara, superintendente dos estudos da contabilidade e, agora subcontrolador, respondendo pelo Departamento Geral de Contabilidade nos impedimentos de Anselmo Patricio.



Anselmo Patricio é o novo Controlador da C. T. B., substituindo A. G. Burnett. Dê-se se pode dizer que é o homem certo para o lugar certo. Entrando a serviço da Companhia como auxiliar de escrita, em dezembro de 1924, em São Paulo, chegou a contador chefe nessa Divisão, em setembro de 1951. Em junho de 1954 era subcontrolador e, agora, Controlador. Um bom companheiro e um chefe dos melhores, eis Anselmo Patricio.





Zelly Gondá, da equipe carioca de boliche, recebeu delicada lembrança das mãos do diretor paulista desse esporte, Antônio Solitto.



Tendo ao lado, Chiavone Fonseca, diretor de futebol do clube telefônico da Paulicéia, aí aparece a valorosa

## O TAC, DO RIO, EM VISITA DESPORTIVA A SÃO PAULO



UMA delegação do Telefônica Atlético Clube do Rio, esteve em visita a São Paulo, onde teve a oportunidade de cumprir um grande programa de visitas e comemorações, organizado pelos colegas do Telefônica Clube paulistano. Na sede do T. C. foi oferecido um coquetel aos quarenta representantes dos guanabarininos, fazendo as honras da casa, Armando Del Papa, uma vez que se encontrava de férias Nelson Perroud, presidente do grêmio telefônico bandeirante.

Em seguida ao coquetel, os visitantes jan-

Antes do jogo, Carlos Edison Ribeiro, orientador da equipe de futebol do TAC, do Rio, deu instruções aos jogadores que, bem inspirados, venceram o prêmio por quatro a zero.



equipe que defendeu em seu próprio campo, as cores do T. C. bandeirante num jogo cheio de atrativos para todos.



O presidente do T. A. C., Ignácio Miranda, ofereceu o troféu disputado em futebol que acabou vindo para o Rio, com a equipe vencedora.

taram no salão de refeições da C. T. B., em meio à melhor atmosfera de cordialidade, pronunciando expressivos discursos Del Papa, pelo T. C. e Ignácio Miranda, presidente do T. A. C. do Rio. Na mesma noite efetuou-se o jogo de xadrez, ganho por pequena diferença pelos colegas paulistanos.

No dia seguinte, sábado, à tarde, no campo do T. C., jogou-se futebol com a vitória dos cariocas por quatro a zero, ante uma gran-

de assistência. À noite, efetuou-se também a partida de boliche, cabendo desta vez a vitória aos locais por u'a margem de quinhentos pontos. Digna de nota foi a festiva reunião realizada no recinto do boliche, com a confraternização entre visitantes e colegas de São Paulo, sendo oferecido então um coquetel e um "chopp-amigo".

O regresso da delegação carioca ocorreu no domingo.



Numa partida animada e bem assistida, Orlando A. Ribeiro (SP) enfrenta Cláudio B. Melo (Rio), à esquerda, que venceu com bom jogo.



Cariocas e paulistas pertencentes às duas entidades associativas do pessoal telefônico, confraternizaram alegremente no T. C.



## JUST HAMMERICH KOHMANN

**F**IGURA de prestígio entre os funcionários da nossa Companhia, Just Hammerich Kohmann, cujo falecimento repentino encheu de surpresa e pesar a quantos com ele tiveram o prazer de um bom convívio, deixa grande saudade, tais os seus dotes de espírito, simpatia e competência profissional.

Formado em engenharia elétrica, em 1925, na Noruega, Kohmann iniciou uma carreira de sucessos na International Telegraph and Telephone Company, especializando-se em equipamento telefônico. Após haver trabalhado na Espanha, veio para o Brasil onde se encontrava desde 1929, tendo ingressado na C. T. B. em 1934. Deixa viúva a senhora Kirsten Kohmann e dois filhos, Hugo e Anne-Karine. Notável pela sua jovialidade, Kohmann grangeou um círculo enorme de amizades.

## MARÍLIA . . .

(Conclusão da pág. 6)

reservava lugares para igreja, estação ferroviária, campo de futebol, jardins etc.

Bento de Abreu demonstrava acentuado amor pelo lugarejo e impulsionava seu progresso. Certa ocasião, viajando para a Itália a bordo do "Giulio Cesare", Bento de Abreu lia o livro "Marília de Dirceu".

Sabendo que a Companhia Paulista pretendia classificar as cidades de seu futuro trajeto ferroviário, após Piratininga, com denominações que representassem as letras alfabéticas iniciais, em ordem crescente, iniciando de América, Brasília, Cabrália, e assim por diante, e sabendo que a sua cidade teria que ter um nome iniciado por "M", visto que a anterior era Lácio, escreveu à direção da Companhia, sugerindo Marília, o qual foi entusiasticamente aceito.

Marília marchou aceleradamente desde então. O município foi criado em 1928, instalando-se o poder municipal em 4 de abril de 1929.

A Marília de hoje é um monumento à operosidade de sua gente. O aspecto físico-topográfico não apresenta elevações de grande relevância, apesar de ligeiramente acidentado. Seu clima, de modo geral, é quente e salubre. Constituinto um "intermezzo" dos rios Peixe e Feio, Marília está situada na parte ocidental da Serra dos Agudos. Sua temperatura varia entre 33 e 7 graus. Mais de trezentos estabelecimentos industriais existem em Marília, sendo que mais de uma centena emprega mais de cinco operários em média. Quase um milhar e meio de casas comerciais, conta a cidade. O

município tem perto de 2.500 propriedades agrícolas, com 21.250.000 cafeeiros produzindo e em formação. Arroz, milho, algodão, amendoim, mamona, mandioca e feijão, são outros produtos importantes para a economia local, com 45 mil hectares cultivados. Quatro milhões de litros de leite foram a produção do ano passado de seus rebanhos que contam com 47 mil bovinos, 3.200 caprinos e mais 70 mil galinhas, 60 mil galos e frangos, 22 mil suínos, 4.300 equinos, 2.000 asininos, 5.000 muares e 2.300 perus. A produção média anual de queijo é de 26 mil quilos e de manteiga de 30 mil quilos.

Marília possui cerca de 20 grupos escolares com mais de 8 mil alunos, uma centena de escolas isoladas com 3.500 alunos, oito cursos de jardim de infância, 30 escolas do município, nove particulares, três de comércio, seis ginásios, três pré-normal, seis cursos científicos, três técnicos de contabilidade, uma escola artesanal, uma faculdade de Ciências Econômicas, uma de Filosofia, Ciências e Letras, uma de enfermagem, dois conservatórios de música, dezenas de escolas de corte e costura, bordados, datilografia, línguas etc.

No município predomina a religião católica, sendo Marília sede de Bispado, cujo titular é Dom Hugo Bressane de Araujo.

Existem na cidade templos de diversos cultos religiosos, como budistas, espíritas, protestantes e outros.

Com enorme vida cultural, Marília possui três estações de rádio, uma de radiotelegrafia e cuida de sua população através de quatro hospitais, estando ali sediado o Instituto Adolpho Lutz para a erradicação da malária.

Com 32 anos apenas de

autonomia municipal, Marília é um magnífico exemplo de trabalho organizado e amor à terra, sendo a melhor a harmonia entre os nacionais e as colônias japonesa, italiana, portuguesa e siria, as maiores da região.

Com quase cem mil habitantes, Marília tem verdadeiros marcos da economia e desenvolvimento industrial do estado, como as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, Anderson Clayton, Indústrias Zillus e outras.

Marília é uma das zonas do distrito de Bauru, dirigido por Mário Messemberg e tem como principais responsáveis pelas suas operações, Carlos Alberto Franchin, no Departamento Comercial; João Emilio Costa, Encarregado Geral, na Rêde; e Benedicta Santos Coube, Telefonista Chefe, no Tráfego. Oitenta funcionários da C. T. B. dedicam-se entusiasticamente em seus setores de atividade, a oferecer dedicado serviço de comunicações locais e à longa distância, cooperando no crescente e imprevisível progresso da terra que é símbolo de amor e liberdade, a terra que dispõe agora de 2.015 telefones instalados, completando u'a média mensal de pedidos interurbanos da ordem de 17.664 chamadas completadas.

---

## COLÔNIA DE FÉRIAS...

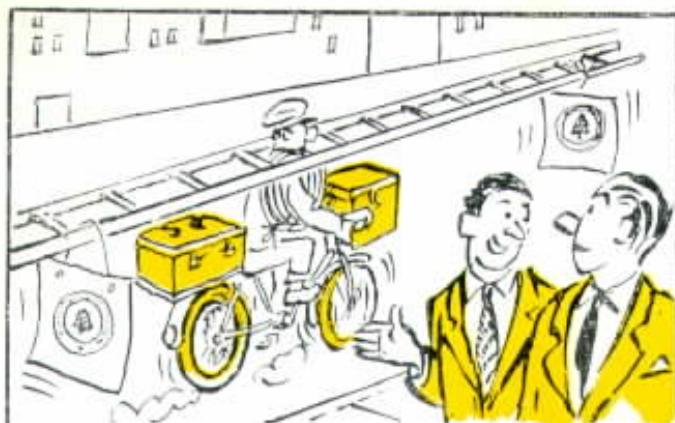
(Conclusão da pág. 17)

Senhora das Graças, construída na área da Colônia, sendo rezada a primeira missa pelo padre Lidio que, momentos antes, em pregação, entregara a capela aos fiéis. Após os festejos um suculento churrasco foi servido, seguido de animada tarde dansante.



# Sino Humor

através da imprensa mundial



- ... é que seu carro de reparos está no conserto !



- se nós inventamos esta droga de telefone, por que não fazemos isto trabalhar direitinho ?



- Não aguentei mais, seu guarda! Oito anos de espera na fila do telefone e ainda insistem em saber o meu número !! -



- Sabe, Carlos, na verdade me casei porque "cansei" um pouco de ser telefonista...



- Desde que ela ganhou o telefone, está tôda orgulhosa. Mostra o seu nome na lista a todo mundo...

# Sino Azul

Nº 4 — 1961



# REVISTA DOS EMPREGADOS DAS ORGANIZAÇÕES

NO XXXIV Nº 4 — 1961

CAIXA POSTAL 450  
RIO DE JANEIRO



REVISTA DOS  
EMPREGADOS  
DAS ORGANIZAÇÕES:

COMPANHIA TELEFÔNICA  
BRASILEIRA

COMPANHIA TELEFÔNICA  
DE MINAS GERAIS

COMPANHIA TELEFÔNICA  
DO ESPIRITO SANTO



## NOSSA CAPA

Abel Corrêa de Mattos, veterano de 45 anos de C. T. B., recebendo calorosa manifestação de artistas que participaram da bela festa do Dia do Trabalhador em Serviços Telefônicos.



Uma das belas praças da ilha está situada na praia da Rica Nilcéa e Teresa, ali descansam após breve passeio. Ao fundo, a igreja de N. S. da Conceição, construída em 1865.

## GOVERNADOR, namorada

A HISTÓRIA da Ilha do Governador pode ser dividida, arbitrariamente, em dois períodos: antes e depois da ponte inaugurada em 1949. Governador é a mais extensa das ilhas que se encontram dentro da Baía de Guanabara, com uma área equivalente a 29 quilômetros quadrados. Com a sua situação privilegia-

da, não muito distante do centro da cidade do Rio de Janeiro, com uma superfície capaz de suportar uma grande população, depois da ponte que a ligou através da ilha do Fundão, onde se constrói a Cidade Universitária, à vital artéria Avenida Brasil e, por ela, ao próprio coração do Rio de que passou a distar



O Jôquei Clube Guanabara é uma obra de requintada arquitetura. É mais um local na ilha de divertimento para os seus moradores. Eglantine, Marilda, Iracema e Maria, ali aparecem.



No aristocrático Iate Clube Guanabara, Maria Silva descansa e sorve um refrigerante.



O Pôsto Telefônico da nossa Companhia, no Aeroporto Internacional do Galeão, é dotado de modernas e funcionais instalações, oferecendo um ambiente de conforto para o público.

## da Guanabara

breves minutos, Governador se transformou, rapidamente, numa das áreas residenciais da Guanabara. Considerada administrativamente como área suburbana, tem, no entretanto, aspectos característicos bem diferentes dos aglomerados suburbanos cariocas, com a absoluta preponderância de um comér-

cio que tem por fim servir às necessidades mais imediatas da população local. Praias belíssimas, até à inauguração da ponte, eram guardadas com zelo de avaro pela população local que,

A Pedra Rachada, no Bananal, é um ponto pitoresco da ilha. Maria José e Francisca Oliveira foram conhecê-la.



depois, teve de se conformar com a "descoberta" pelo resto dos cariocas, dos encantos da ilha, onde avultam, pela sua importância, o Aeroporto Internacional e a Base Aérea do Galeão, que fazem dela, um gigantesco domínio do Ministério da Aeronáutica que ali, mantém, inclusive, grande área residencial onde moram inúmeros servidores dessa secretaria de Estado.

Ficaram famosas, nas páginas da imprensa, as crônicas de Raquel de Queirós, uma das maiores escritoras do país, por muitos anos residente na ilha, em defesa daquele recanto da Guanabara que ocupava em seu coração, o mesmo lugar reservado ao rincão cearense de onde veio. Raquel jamais se conformou com a "invasão" da ilha — depois da ponte — por um novo tipo de habitante, embora lhe reconhecesse as melhores condições econômicas e consequente possibilidade de desenvolvimento da ilha, por isso mesmo combatido, pois ia quebrar-lhe o lirismo, aqueles aspectos tão típicos locais.

Governador é hoje, um reflexo do progresso que envolve o estado. A sua edificação é vertiginosa. Elegantes prédios enchem as suas ruas e estradas, mostrando o gosto crescente pelas suas paragens, possuindo até um soberbo hipódromo, de construção recente. Tem inúmeros estabelecimentos escolares primários e ginásiais; vários cinemas e clubes recreativos, desportivos e náuticos. É dotada de serviço médico de pronto socorro e de bombeiros, com equipamento moderno. Templos religiosos ali existem, alguns quase centenários. Um cemitério serve a ilha.

Em 2 de setembro de 1933, a Companhia Telefô-

nica Brasileira inaugurava a sua primeira estação telefônica em Governador, na Praia de Cocotá. Possuía apenas uma posição e era operada por Agente Operador, com quatro telefonistas. Pouco depois, passou para quatro posições e, logo, a seis, mostrando as necessidades crescentes do Tráfego. Com a instalação da Aeronáutica no Galeão e a existência de um aeroporto internacional, essas necessidades se tornaram flagrantes e a Companhia mantém hoje extensos serviços, incluindo um moderníssimo posto público de onde são feitas, diariamente, dezenas e dezenas de chamadas locais,

Nos intervalos para descenso, Edna Costa, Oldinéia Ribeiro e Isaura Domingues lêem as novidades em revistas.



O bonde é um meio de transporte interno bastante usado pelos moradores locais. Maria Lucia Souza tem, também, sua preferência por ele. O Estado é quem mantém ali o serviço de bondes.





Residências suntuosas e belos jardins também existem na ilha, emprestando um colorido todo especial e agradável. Lindóia e Tereza, são dois ornamentos que completam a bela paisagem.



Os moradores da ilha se utilizam da bicicleta para locomoção interna, como o faz Ana Lourdes Cardoso. Clorinda Bruno é fã da pesca. Sempre que dispõe de tempo, mune-se do seu caníco e rumo para o mar, em busca do precioso pescado.

rurais, interurbanas e pelo serviço rádio interior e internacional.

Esta reportagem, leva aos nossos leitores, flagrantes da nossa gente na Ilha. Das moças telefonistas, de seus chefes e demais auxiliares da C. T. B. naquele recanto carioca, com os seus instantes de trabalho e de lazer dentro de uma das mais privilegiadas paisagens no privilegiado panorama da Guanabara.



Tereza N. Azevedo, do Tráfego, atende com tóda a solicitude, as pretensões de um assinante. Servir sempre melhor, é o lema.



Passear pelas lindas alamedas que contornam a formosa praia da Bica, constitui a preferência do animado grupo de alegres telefonistas.



O Departamento do Tráfego, tem como telefonista chefe, Noedes P. Guerra, que há alguns anos ali presta a sua colaboração.





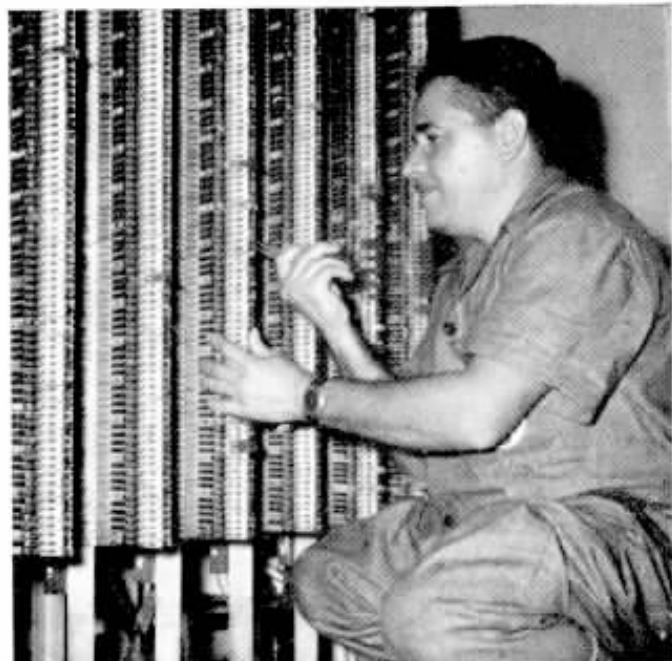
Governador possui praias lindíssimas, que são sempre procuradas pelas funcionárias do Tráfego nas manhãs quentes e convidativas, para o refrescante banho e, também, para bronzear a pele ao sol. Tereza, Nilcéa, Wilma, Marilda, Oldineia e Clorinda, na praia de São Bento.



Na sala de estar da estação telefônica da ilha, Isaura Domingues, Hermelinda Neves e Oldinéia de Almeida conversam sobre modas.

À esquerda: Junto a um avião, no Aeroporto Internacional do Galeão, um grupo de telefonistas que visitou aquele campo.

A direita, Eglantine M. Ramos, telefonista local, manipulando uma chamada telefônica, solicitada por um assinante. Tudo OK.



A responsabilidade da conservação do equipamento da estação telefônica de Governador, está a cargo de Milton de Souza.



Durante a festa, «La violetera» distribue suas flôres. Um bonito número do «show».



## VETERANOS DA GUANABARA RECEBEM SEUS EMBLEMAS





Ao lado, um alegre grupo de veteranos da Rêde que improvisou uma orquestra, regida por B. J. P. Tancred, se não afinada, musicalmente, bem entrosada por anos e anos de bons serviços prestados.

Abaixo, veteranos de 35 anos de atividade na CTB: Altamiro C. Saldanha, Rêde; Aloísio S. Marques, Rêde; Luiza Braga, Comercial; Otacilio F. Martinho, Comercial; Nair Braga Comercial; Antonio J. Carvalho, Rêde; Afonso Osólin, Rêde e Nair L. Alves, Tráfego.

NO dia comemorativo do trabalhador em serviços telefônicos, realizou-se magnífica festa de homenagem àqueles que, em 1961, completavam novas etapas de serviço, atingindo mais anos de dedicação e esforço.

Com uma enorme afluência, até aqui ainda não verificada em outras ocasiões, e que reuniu perto de três mil pessoas nas amplas dependências do Ginásio do CEMDECA, à rua José do Patrocínio, no Grajaú, na Guanabara, duzentos e noventa e seis veteranos, cujo tempo de serviço à CTB somava 5.655 anos de atividade incansável, receberam palmas e abraços, emblemas e múltiplas homenagens, de chefes, familiares, colegas e amigos, irmanados no mesmo objetivo..

O programa foi extenso e consistiu de sessão solene, churrasco, show com elementos do corpo artístico do Teatro da Guanabara, jogo de futebol entre colegas do T. A. C. do Rio e da Companhia Telefônica Nacional de Curitiba, vencido pelos cariocas por quatro tentos a dois, terminando a festa, já noite, com animado baile.

Uma grande e bonita festa para comemorar um grande e festivo acontecimento: a contagem de mais tempo para bons e estimados colegas que fazem do seu trabalho, legítimo motivo de orgulho não só para a C. T. B., como para toda a família telefônica.

A esquerda, dois flagrantes da bela festa. Acima, a mesa que presidiu os trabalhos, com autoridades e superintendentes da CTB. Abaixo, a assistência e, de pé, veteranos recebendo seus emblemas.





40 anos  
Angela C. Leite



40 anos  
Lourival A. Corrêa



Iracema R. Waltz, 35 anos e  
Armando A. Cardoso, 40 anos.



Expectativa: garrafa de champanha está sendo sorteada para os veteranos do Tráfego. Marialva F. Melo segura a roleta, acionada por sua filha.

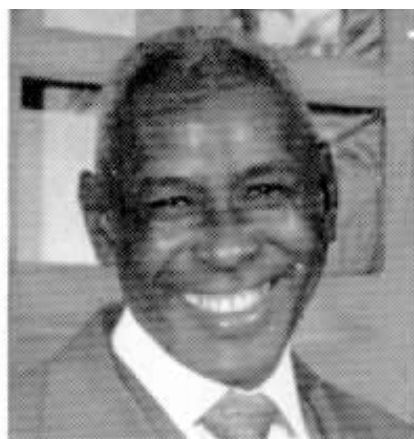


«La Violetera» brinda os veteranos da Contabilidade e a Anselmo Patri-  
cio, e, embaixo, oferece flôres aos do Comercial. L. J. Goulart, observa.





35 anos  
Orlando L. T. Cunha



35 anos  
Hildebrando E. Santos



35 anos  
Nair S. Mascarenhas



35 anos  
Mario D. Ribeiro



35 anos  
Dulceulina M. Silva



35 anos  
Dylo S. Gonzaga



35 anos  
Dora G. Esteves



35 anos  
Ignacio S. Miranda



35 anos  
Nair Waltz

As homenagens aos veteranos, foram programadas pela Companhia Telefônica Brasileira e pelo Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Telefônicas do Estado da Guanabara, unidos no mesmo e sincero desejo de evidenciar o valor de quase três centenas de homens e mulheres, cujas vidas funcionais, têm sido padrões de bons serviços. Variando de dez até quarenta e cinco anos de intenso trabalho a serviço de causa de tão grande magnitude na vida da coletividade, os veteranos

receberam os seus sinos-de cobre, para os dez anos de serviço; de prata, para os de 20; de ouro, para os de 25; de ouro e esmeralda, para os de trinta; de ouro e rubi, para os de trinta e cinco; de ouro e brilhante, para os de 40 e, finalmente, o que o Sr. Marialva Mello, superintendente-geral do Tráfego colocou na lapela do mais antigo veterano presente, Abel C. de Mattos, de platina e brilhantes, simbolizando os seus 45 anos de excelentes serviços.



A mais nova colega, um dia de serviço, Deodete A. A. Souza, oferece flôres ao mais velho: Abel.



O indispensável amigo de Abel C. de Mattos: o charuto, aceso por prestimosa artista do «show».



Graziela de Salerno orientou o desfile artístico, e ensinou um passo de dança ao «jovial» Abel.

Os colegas do Departamento do Tráfego na Guanabara, fizeram questão de solenizar a ocasião: reuniram-se e deram ao Abel, magnífico relógio, amável lembrança de todos.





O abraço honroso do chefe e amigo de sempre: Marialva Mello, superintendente-geral do Tráfego.



«No meu tempo, o telefone era assim!», parece dizer à simpática senhorinha, o veterano Abel.



Dois irmãos de larga fôlha de serviços à C.T.B.: Abel e Elpidio C. Mattos, exemplos de operosidade.

## ABEL CORRÊA DE MATTOS

### 45 anos de serviço

A FESTA dos veteranos de 1961, na Guanabara, teve um toque de rara emoção, nas homenagens prestadas ao mais antigo funcionário em atividade nessa área da C. T. B., o veteraníssimo Abel Corrêa de Mattos, um homem cheio de jovialidade, de bom humor indestrutível, transbordando de seu sorriso constante e do charuto indispensável, e que, há quarenta e cinco anos, trazia para a convivência de seus colegas da Telefônica, um notável exemplo de força de vontade, de tenacidade, de otimismo e de simpatia pessoal. Nestes quarenta e cinco anos de contato diário, desde as funções mais modestas às responsa-

bilidades de chefe de seção no Departamento-Geral do Tráfego, Abel C. de Mattos foi sempre o mesmo ativo, diligente, compreensivo e infatigável colega.

A grande massa de pessoas — três mil ao todo, entre superintendentes, chefes de diversos escalões, autoridades, colegas, amigos e familiares — presente à festa do Dia do Trabalhador em Serviço Telefônico, no Estado da Guanabara, teve muitas razões para tributar a sentida homenagem que prestou a Abel C. de Mattos, quando seu nome foi pronunciado com emoção. Ele é um exemplo de trabalho, de dedicação e de caráter.



Esta risonha colega, animou com a sua alegre presença, o baile do Telefônica A. Clube do Rio.



Na Colônia de Férias Graham Bell, no Estado do Rio, os nossos colegas comemora-

# FESTA À CAIPIRA DA FAMÍLIA CETEBENSE



COMO é de hábito nas associações formadas pelos funcionários, o Telefônica Atlético Clube (Rio) e Telefônica Clube (São Paulo) e também a Colônia de Férias Graham Bell (Francisco Frágoso, Estado do Rio) promoveram animadas festas à caipira, onde nada faltou, desde a mais tradicional quadrilha, às sortes, prendas encantadas.

Nestas páginas, damos alguns aspectos fotográficos bastante expressivos do que foram essas noites de plena alegria, demonstrativas do interesse que sempre acompanha a realização de tais festas, tanto na Guanabara, como em São Paulo e na Colônia de Férias, pois o espírito é sempre o mesmo e a mesma a boa disposição de espírito de todos os colegas.

Tipos os mais curiosos, em excelentes caracterizações de nossos colegas paulistanos, desfilaram na festa caipira promovida pelo T.C.



ram, a bela quadra de junho. A foto mostra a «cadeia» repleta de «detidos».



Outra colega do T.A.C., no Rio, que contribuiu com a sua animação e encanto para a festa.



Outro pitoresco flagrante colhido na festa junina do Telefônica A. Clube do Rio, vendo-se alguns dos mais curiosos tipos de «croceiros» presentes à ocasião e que se divertiram à grande.



A barraquinha da sorte impunha, na ansiosa espera do número feliz, uma concentração maior, como o demonstram os colegas.



A concentração desaparecia, porém, na hora agradável da quadrilha, ponto alto da noite de Antônio, Pedro e João no Telefônica.

**É** DIFÍCIL levantar no tempo, a origem das festas dedicadas aos três (que são quatro) santos famosos de junho. O que se sabe de positivo é que, no Brasil, o ardor festivo veio do interior para o litoral, com um enorme cortejo de hábitos e tradições, umas criadas aqui, outras herdadas de nossos antepassados. E eram tão pitorescas essas festas, revestidas de um tal calor de alegria e de tantos toques de ingenuidade, que logo as cidades as adotaram crescendo com o correr dos tempos, o entusiasmo pelas mesmas.

Na área dos clubes integrados pela família telefônica também, de ano para ano, é maior a freqüência aos bailes à caipira, traduzida no número cada vez maior de jovens que disputam lugar entre os pares da engraçada quadrilha dançada.



Embaixo: o que não pode faltar numa festa «caipira» a caráter: o «casamento da roça». Este foi o da Colônia de Férias Graham Bell, em Francisco Frágoso, com os noivos e os convidados, na igreja, na hora da solene saudação do «sacerdote».



Aspecto da quadrilha dançada pelos colegas, na esplêndida festa do T.A.C. no amplo ginásio do CEMDECA, no Grajaú, na Guanabara. Dentro de variada coreografia, rapazes e moças deram uma excelente demonstração de apuro, tão bem apreciado.



## São Paulo : Conclusão de Cursos e Premiados os Alunos



Acima, ladeadas por dirigentes da C.T.B. e professoras as alunas que completaram o Curso de Arte Culinária, Corte e Costura e Atividades de Horas de Lazer, premiadas.



Armando Del Papa e a professora Herclia Godoy, à direita, que entregou prêmios a duas destacadas alunas, Maria Esther Petruceli Menezes e Geonice Vilela Petrolle.



**R**EALIZOU-SE, em São Paulo, significativa reunião com enorme afluência, durante a qual foram entregues os certificados de conclusão dos Cursos de Arte Culinária, Corte e Costura, Básico de Escritório, por correspondência, e Atividades de Horas de Lazer, promovidos pela C. T. B.

A reunião que teve lugar na sede do Telefônica Clube bandeirante, contou com a presença de superintendentes, notadamente do Sr. Armando Del Papa, Superintendente do Pessoal de Divisão, e muitos familiares dos concluintes, cujos alunos mais destacados, receberam prêmios.

## Mais Destacados



Abaixo, alunos do Curso Básico de Escritório, por Correspondência, e seus professores.



A professora D. Thereza Fernandes, do SESI, entregou o prêmio a que fêz jûs, pela sua dedicação ao aprendizado, a Tracy P. de Souza, agora habilitada à agulha, ao dedal e ao fogão.



A professora Brazilina Lavolta, do SESI, acima, e Armando Del Papa, embaixo, entregam às alunas Maria Assi e Elza Mantovanelli, os prêmios pela dedicação nos cursos completados.



# Como se processa uma ligação telefônica

Colaboração da Escola da Réde

**PROSSEGUIMOS** neste número, com mais alguns esclarecimentos sôbre o processamento das ligações telefônicas, dando desta feita, um novo capítulo.

As operações fundamentais a serem executadas por um sistema automático de ligações são, naturalmente, as mesmas realizadas pelo sistema manual, já descrito anteriormente.

Seria, portanto, desnecessário assinalar que qualquer sistema, inteiramente mecânico, consiste numa quantidade considerável de peças eletro-mecânicas que integram o equipamento automático, de razoável complexidade e de requintado acabamento.

Numa estação automática, a operação do sistema eletro-mecânico de ligações é controlada pelo disco instalado no aparelho telefônico do assinante, o qual transmite ao equipamento, impulsos elétricos correspondentes a cada algarismo discado.

O tipo mais antigo de maquinaria de estação

automática, em uso, utiliza o princípio do sistema denominado «passo a passo». Isto significa que cada algarismo discado origina impulsos elétricos que provocam o movimento de um mecanismo ou chave especial na estação, que levará a ligação um passo adiante em direção ao seu objetivo final, que é a linha do assinante chamado.

O princípio básico que isto envolve pode ser compreendido prontamente, se observarmos o exemplo simplificado, apresentado no clichê ao lado. Nele mostramos, apenas, cinco passos e há, unicamente, cinco contatos nas chaves de cada passo.

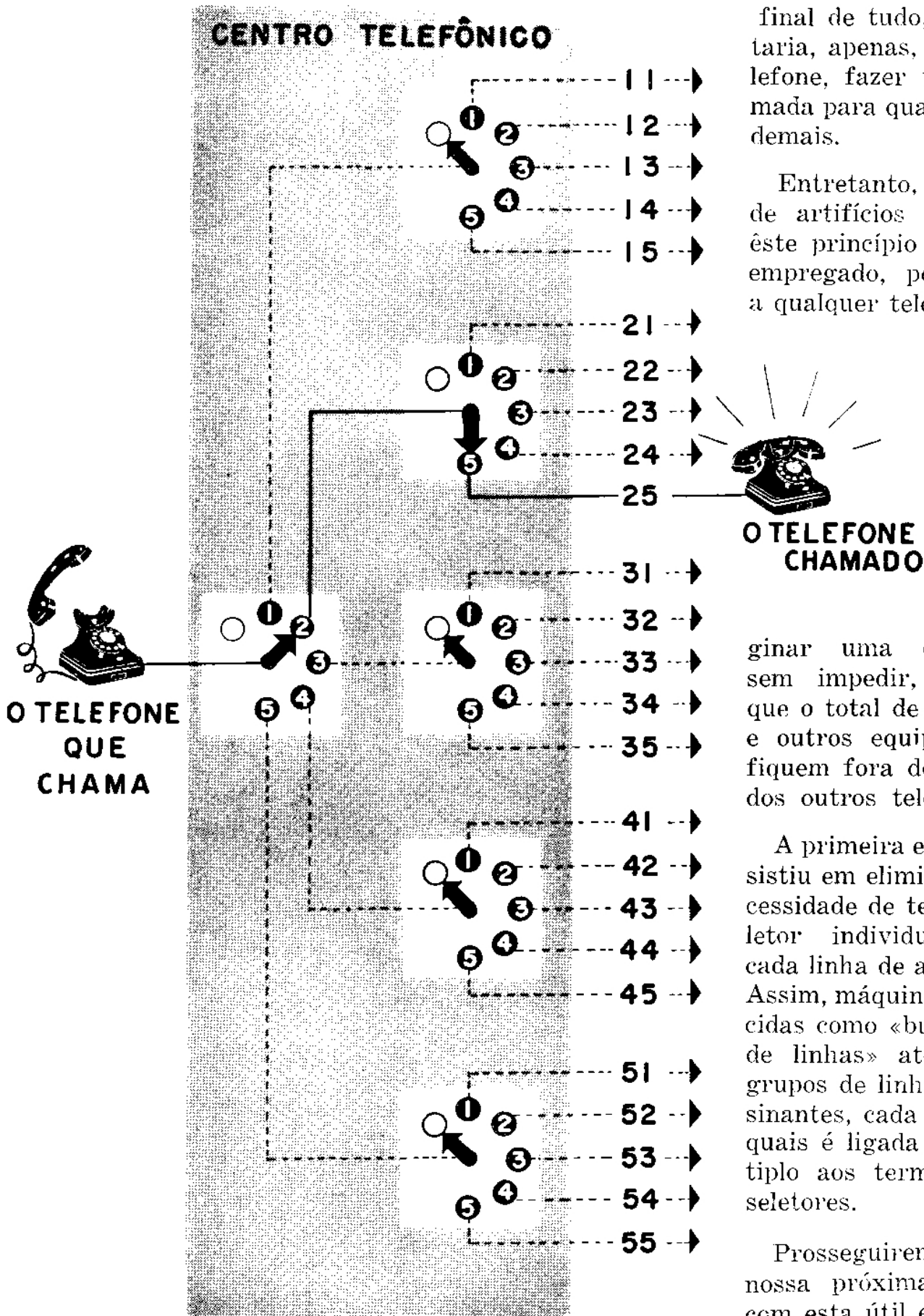
Se dispuzermos as ligações de tal modo que ao discarmos o primeiro algarismo, a primeira chave avance para o contato correspondente ao número de impulsos recebidos, o qual, por sua vez, corresponde, exatamente, ao algarismo discado, verificamos que uma outra chave do segundo grupo de chaves ficou a ela ligada.

Ao discarmos, então, o segundo algarismo, esta segunda chave avançará até ao contato correspondente ao número discado, ao qual está ligado o telefone chamado.

Procedendo dêsse modo, poderemos atingir qualquer um dos vinte e cinco telefones, discando, apenas, dois algarismos, de 1 a 5.

Se, como acontece com o disco telefônico em uso, houver dez algarismos, e o sistema fôr planejado e construído para a discagem de até sete algarismos para atingir o telefone desejado, o diagrama simples da fig. 1 poderá ser facilmente ampliado, sem nenhuma alteração em seu princípio básico, a fim de mostrar como seria alcançado qualquer um dos dez milhões de telefones em sete passos sucessivos de discagem.

A desvantagem de um sistema tão simples quanto êste é que, embora exigindo um número enorme de chaves ou seletores e fios, no



O desenho dá uma idéia do processamento de uma chamada pelo sistema automático. A operação é controlada pelo disco do aparelho que chama e que transmite impulsos elétricos a distância, correspondendo o número de impulsos ao algarismo discado.

final de tudo, possibilitaria, apenas, a um telefone, fazer uma chamada para qualquer dos demais.

Entretanto, por meio de artifícios especiais, este princípio pode ser empregado, permitindo a qualquer telefone ori-

ginar uma chamada, sem impedir, todavia, que o total de seletores e outros equipamentos fiquem fora do alcance dos outros telefones.

A primeira etapa consistiu em eliminar a necessidade de ter um seletor individual para cada linha de assinante. Assim, máquinas conhecidas como «buscadores de linhas» atendem a grupos de linhas de assinantes, cada uma das quais é ligada em múltiplo aos terminais de seletores.

Prosseguiremos em nossa próxima edição, com esta útil e acessível explanação, cuidadosamente preparada pela Escola da Rede.

# Primeiro Painel de Administração da C. T. B.



Diretores e Superintendentes Gerais da C. T. B. e convidados, I. A. Latimer, o quinto a contar da esquerda, dirigiu os trabalhos fazendo comentários dos relatórios que foram debatidos.

**R**EAUZOU-SE, no Estado da Guanabara, o Primeiro Painel de Administração da Companhia Telefônica Brasileira, sob o tema "A Liderança e o Dirigente".

A reunião que contou com a presença ativa dos funcionários que participaram dos diversos seminários de administração, teve, ainda, como membro do Painel, todos aqueles que, por motivos diversos, não puderam comparecer a esses seminários e ocupam cargo de direção na empresa.

A finalidade era caracterizar

um tema de grande preponderância, como a Liderança, tão necessária à boa produtividade, ao desenvolvimento e à orientação de qualquer organização. Paralelamente a este objetivo de aperfeiçoamento administrativo, à base de troca de opiniões e experiências de seus participantes, o Painel proporcionou a aproximação de dirigentes de Departamentos e Seções, desenvolvendo as boas relações entre eles.

O Painel é uma técnica educacional em: que um grupo de dirigentes discute, diante de um au-

**O que foi a grande reunião no Estado da Guanabara sob o tema — «A liderança e o dirigente»**



**Embaixo: Manoel N. Silva e Luciano Roger defende-ram, em plenário, a tese apresentada pelo seu grupo.**



**Maria P. Machado conduziu a bandeira brasileira no desfile de abertura do Painel.**



## «A Liderança e o Dirigente»: Promoção das Mais

ditório, um tema sob diferentes pontos de vista. Depois disto é permitido ao auditório, participar na discussão geral. Usado pela primeira vez em 1929, durante uma sessão na Universidade da Califórnia, em Berkley, por Harry A. Overstreet, do colégio da cidade de Nova York. Mais tarde, esse método popularizou-se e foi denominado Painel numa reunião da Associação Americana para Educação de Adultos, em maio de 1932.

O funcionamento do Painel da C. T. B., o primeiro no gênero realizado no âmbito da nossa empresa, esteve a cargo do Departamento de Treinamento do Pessoal e Segurança no Trabalho, atuando como Coordenador Geral, Elpidio Corrêa de Mattos que teve como assistentes, Helicy Padilha da Cunha, Virgílio Diego Caballero e Oswaldo Peres.

Como relatores, funcionaram representantes das turmas preparatórias para o painel que tiveram como assessores, outros participantes, em número igual aos dos relatores.

Durante três dias, o amplo Ginásio do CEMDECA, à rua José do Patrocínio, no Grajaú, recebeu o elevado número de participantes que ali discutiram temas de grande interesse e levantaram questões da maior importância, e que se reuniram depois, mais uma vez, para o Painel propriamente dito, uma vez que as três reuniões anteriores foram consideradas preparatórias, e, dessa feita, para, ao encerramento, participar de um almoço de confraternização que, além dos participantes, contou com alguns convidados especiais.

Dado o alcance e o elevado número de chefes presentes ao Painel, quase duas centenas, pode-se afirmar que foi uma realização magnífica e altamente proveitosa, excepcionalmente bem recebida por todos os participantes e de profundas repercussões no bom andamento administrativo da companhia.



Acima e abaixo: Depois de várias horas de prolongados debates em plenário, quando muitas energias são dispendidas, nada é melhor para compensar esse desgaste do que gosto-



## Proveitosas



síssima feijoada servida no bar do ginásio do CEMDECA, num clima de confraternização e bom humor.



Luiz Muniz Barreto e Emanuel Eboli, assessor e relator, respectivamente, atentos aos vivos comentários de um relatório. Sua turma apresentou pontos interessantes e apreciados.



Josino S. Reis (assessor) e Enio M. Saldanha (relator) e, embaixo, Erothildes C. Oliveira (relator) e Moacir Cappuci (assessor) expuseram, muito bem, as conclusões de suas turmas.





Haroldo Prestes Miramontes, autor das notícias abaixo, e Sebastião Maria Guerra, ex-Gerente do Distrito de Sorocaba, aposentado, manuseiam a nossa revista que lhes traz gratas recordações.

## **GUARANTÃ, Cidade Cujas Raízes se Prendem à CTB**

De Haroldo Prestes Miramontes

Em novembro de 1960 comemorou-se o 16º aniversário da elevação a município da cidade paulista de Guarantã, nascida em plena mata virgem, e cuja fundação está ligada à Telefônica Brasileira.

A Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, editada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, revela no seu histórico que "a origem da cidade é interessante, pois, mais ou menos em 1921, a Companhia Telefônica Brasileira, necessitando de postes para as suas linhas, adquiriu a mata onde se acha a cidade de Guarantã, conseguindo da Noroeste a construção de um desvio da estrada de ferro para o embarque dos postes. A origem do nome foi devida à grande quantidade de madeira rija existente na região. A escolha do nome de Guarantã foi feita pela própria direção da Noroeste ao construir ali, uma primeira estação." Distrito de Paz em 1924, município em 1944 pelo Decreto-Lei nº 14.334

de 30 de novembro; Guarantã é uma cidade-broto, em pleno desenvolvimento.

A C. T. B. ali chegou com suas linhas interurbanas em 1934, quando estendeu seus circuitos àquela região, tendo sido o serviço inaugurado por Sebastião Maria Guerra, um dos pioneiros telefônicos da C. T. B., então gerente do Distrito, contemporâneo da "fazenda", de onde eram retirados os postes, e que foi o berço da cidade. O Deputado Anibal Haman, apresentando na Assembléia Legislativa do Estado um voto de congratulações pelo transcurso do 16º aniversário da elevação daquele burgo a município, fez constar nos anais da casa que Guarantã "vem se desenvolvendo em ritmo de progresso crescente, graças ao trabalho patriótico de seus dirigentes, que secundados pelos habitantes em geral, vêm realizando grandes obras e sólida administração".

# Sistema Telefônico Provido de Pulsações Codificadas Vai Duplicar Número de Chamadas

K. W. CATTERMOLE

Um novo sistema britânico de transmissão, vem sendo alvo de intensas experiências, em uma conexão telefônica ora em funcionamento na cidade de Madri. O sistema foi aperfeiçoado por engenheiros da Standard Telecommunication Laboratories Ltd. (S. L. T.), de Londres, em colaboração com a Standard Telephones and Cables Ltd., também de Londres e a Le Materiel Telephonique de Paris.

Emprega a técnica de modulação de impulsos codificados, conhecida por sua sigla inglesa, P. C. M., e oferece um aumento decuplicado no número de circuitos telefônicos em cabos de conexão em grandes e pequenas cidades. Proporcionará, também, em muitos casos, transmissões "limpas", melhoradas, com um mínimo de ruídos.

Para essas experiências, duas centrais telefônicas de Madri, a Norte e a Delicias, estão ligadas pelo P. C. M. através de um cabo de 5 mil e 800 metros de extensão. Esse cabo contém 900 pares de fios, a maioria dos quais continua empregada em operações normais da rede interna ou outros serviços. Um número menor de pares foi reservado às transmissões em P. C. M.

Essas facilidades de teste foram oferecidas pela Administração Nacional dos Telefones da Espanha. As experiências estão sendo realizadas em colaboração com a Standard Electric S. A. de Madri, uma associada da S. T. L.

## ORIENTAÇÃO PARA SATÉLITES

Embora o P. C. M. tenha sido inventado há mais de vinte anos por A. H. Reeves, da S. T. L., seu emprego não está ainda difundido, e é muito comum considerá-lo ainda, mais adequado para serviços especializados do que para a rede telefônica comum, para meios de transmissão reconhecidamente difíceis, ou para servir como radiofaróis de satélites. Po-

de causar surpresa, portanto, que seus primeiros testes práticos para uso em trabalho experimental, realizado também pela Bell Telephone Laboratories, dos Estados Unidos, e pelas experiências em Madri, sejam restringidos a uma pequena área local entre duas centrais telefônicas vizinhas.

O sistema diminuirá os problemas do congestionamento de tráfego telefônico, especialmente nos casos em que os troncos estejam sobrecarregados e seja anti-econômico instalar mais cabos. Os novos cabos se beneficiarão também, porque o diâmetro do fio de cobre poderá ser reduzido, sem prejudicar a clareza da voz. Um cabo leve e barato permitirá portanto, um grande número de chamadas.

Eis, em resumo, como funciona o sistema P. C. M.

A conversa de vinte e três pessoas, é classificada em uma seqüência de oito mil palavras por segundo. Essa classificação é enviada a uma unidade comum de codificação que compara a amplitude instantânea de cada classificação, com uma escala de setenta níveis, selecionando o respectivo nível, e produzindo o sinal de código apropriado. Desta forma, em vez de serem transmitidas palavras em forma de ondas sonoras, é enviada apenas uma série de impulsos elétricos de alta velocidade.

## REPETIDORES TRANSISTORIZADOS

Devido às elevadas freqüências — cerca de 1.5 Mc/s — são elevadíssimas as perdas de clareza, sendo necessária uma repetição freqüente. Para tais experiências, algumas linhas dispõem de repetidores em cada quilômetro e, outras, em cada 2 quilômetros. Esses repetidores, todavia, são muito mais simples do que os usualmente empregados em circuitos telefônicos comuns, uma vez que agem como regeneradores de impulsos. São transistorizados e consomem energia de bai-

xa potência, de modo que são prontamente abastecidos pelos próprios cabos telefônicos de pequeno diâmetro.

No auscultador, esses impulsos, não transformados por um decifrador, em impulsos de amplitude variada e, em seguida, transformados em voz e enviados aos 23 ouvintes. Os impulsos podem ser localizados a despeito da interferência e recuperados em cada repetidor, de modo que, nos percursos longos e barulhentos, a qualidade global é melhor do que em uma ligação de frequência direta. A voz reconstituída não é uma cópia exata do original e, sim, uma aproximação, pois as amplitudes das classificações são comparadas em uma escala de 70 níveis. O efeito, contudo, só pode ser notado, mesmo por um ouvido bem agudo, se o P. C. M. for comparado com uma ligação breve e direta.

Esse novo sistema de transmissão opera em uma base de 4 linhas (canais condutores e receptores em pares separados), e é de imediata utilidade porque decuplica a capacidade de tráfego dos cabos existentes, de duas linhas (canais condutores e receptores no mesmo par) ou a dos tipos de cabos mais baratos e modernos.

Espera-se que esse sistema seja especialmente compatível com centrais eletrônicas de divisão de tempo. Um sinal de código, uma vez produzido, pode ser enviado através de diversas vias de transmissão e centrais telefônicas diferentes a ser convertido em voz apenas quando muito perto de seu destino. A qualidade da voz será então uniformemente boa independentemente do percurso ou distância. (BNS).

# O QUE DIA

**A** CADA novo ano é maior o número de manifestações de apreço e simpatia dispensadas por toda a parte, às telefonistas, no seu dia próprio — o 29 de junho — sempre comemorado com alegria e entre homenagens merecidas.

Desta feita, as mensagens de carinho e reconhecimento foram tantas que a própria CTB se viu compelida a um agradecimento geral pela imprensa, orgulhosa por saber do alto conceito de que gozam suas operosas auxiliares.

Não encontraríamos espaço suficiente para traduzir o que foram essas manifestações cordiais às telefonistas e, nessa impossibilidade, englobando a todos num sincero agradecimento, registramos as mensagens simpáticas de um sem número de organizações, repartições, manifestações pessoais vindas dos mais diferentes pontos do território nacional, entusiásticas, vibrantes e espontâneas, que muito estimulam nossas dedicadas colegas, as infatigáveis telefonistas.

Na impossibilidade, como dissemos, do registro total dessas manifestações carinhosas, vamos citar algumas, das mais expressivas.

Em Santo Antônio de Pádua, no Estado do Rio, o Rotary Club dessa cidade ofereceu às telefonistas locais um jantar, comemorativo do Dia da Telefonista. Foi uma homenagem recebida com viva emoção, e no qual as figuras de maior prestígio da vida do próprio município fluminense estiveram presentes.

A fidalga Academia Mi-

litar das Agulhas Negras, instituição que constitui legítimo motivo de satisfação para o Exército, também não faltou com o seu estímulo, através das saudações que enviaram, o seu comandante, General de Brigada Adalberto Pereira dos Santos, e o comandante, oficiais e Corpo de Cadetes, na pessoa do digníssimo Coronel Corrêa.

Das mais tocantes, foi a homenagem da Emissora Continental de Campos que, por determinação expressa de seu gerente, Sr. Antônio Alexandre, não se limitou a um registro simpático da data. Foi muito mais longe, dedicando a programação inteira, desse dia, às telefonistas, com horas especiais, nas quais estas puderam enviar "presentes musicais" a seus familiares. O mesmo amigo da CTB, redigiu expressiva crônica, lida ao microfone da ZYP-29, na qual entre palavras de carinho e estímulo, afirmou: "Nós da Emissora Continental de Campos, devemos toda eficiência do nosso trabalho, da nossa popularidade, da nossa penetração e do nosso prestígio, às telefonistas brasileiras e, principalmente, às de Campos".

Na imprensa campista, o dia também teve eco, destacando-se mais uma vez, o assunto, através de artigo de Izaurino de Lacerda Prado, o qual publicou expressiva crônica, sob o título "Telefonista, para você!" e que, gostosamente, transcrevemos:

"Bom Dia para Você:

Bom dia para você, Telefonista. Bom dia para você, como nosso modesto, mais sincero reconheci-

# DIZEM DE NÓS

## DA TELEFONISTA

to, pelo muito que sua profissão representa para o bem estar, e para a segurança de toda a população. Bom dia para você, como nossa modesta, mas sincera homenagem, pelo muito que sua colaboração significa a todos nós.

Você, telefonista, através de sua profissão indispensável, elevada e muito nobre, presta serviços dos mais relevantes à coletividade, possibilitando mensagens de alegria e mensagens de dor, mensagens de felicitações e mensagens de condolências, servindo de traço de união entre os povos.

Você, telefonista, no anonimato, na humildade, revela-se de uma dedicação sem limite, revela-se de uma tolerância sem igual, suportando as nossas impertinências, suportando o nervosismo daqueles que, no ímpeto repentino de um choque nervoso, procuram seus ouvidos para o desafo de que necessitam...

Mas, telefonista, nem por isso deixam todos de reconhecer a elevada significação de que se reveste o seu trabalho diurno de atendimento da coletividade. Nem por isso deixam todos de reconhecer, a importante profissão que você exerce como ponto de apoio à segurança de todos nós. Pela manhã e à noite, pelas madrugadas afóra. Você telefonista, em seu posto de combate, intermediária de mensagens de alegria ou de dor, vai desempenhando sua missão e vai conquistando, por isso mesmo, o respeito, a admiração e o reconhecimento de toda a coletividade que confia em

você, que confia na eficiência de seu trabalho.

"Enquanto a cidade dorme, enquanto a população procura refazer-se através do repouso, da labuta diária, Você, telefonista, vela pelo sossego e pela tranquilidade de todos. Enquanto a cidade dorme, Você, telefonista, tal qual uma sentinela, permanece de prontidão, respondendo sempre com um suave "alô" àqueles que necessitam de sua atenção.

E a cidade, Telefonista, dorme tranqüila. Dorme tranqüila porque tem confiança na sua atuação. No dia seguinte, ao despertar, ao romper da aurora, Você ainda permanece em seu posto de trabalho, que é bem um posto de sacrifício, sempre disposta a colaborar, sempre disposta a ser a intermediária de mensagens de alegria ou de mensagens de dor.

Por tudo isto, por tudo o que você faz em benefício da coletividade, é que prestamos hoje, a você, telefonista, a nossa melhor homenagem, dedicando-lhe o nosso amigo, o nosso cordial, o nosso sincero Bom Dia. Bom Dia para Você, Telefonista."

A Rádio Cultura pela voz de Salvador Machado e em redação de Bueno Braga, veiculou magnífica página de encômios às telefonistas, para as quais foram imploradas graças e bênçãos. O sigilo a que é obrigada a telefonista, a sua honestidade profissional, o elevado alcance social das boas comunicações telefônicas, foram ressaltados nessa expressiva crônica.

Dêsse belo trabalho, homenagem das melhores que

as nossas colegas receberam, extraímos o seguinte e sugestivo trecho:

"Alexandre Graham Bell, quando iluminado por Deus com a tocha da genialidade, viu surgir em sua mente privilegiada, a sublime idéia de obter à distância, o entendimento, pela voz, entre os homens, inventando o telefone, nem ao de leve chegou a supor que iria proporcionar ao mundo civilizado, uma verdadeira metamorfose em seus meios de comunicação.

O homem em sua marcha ascensional pelo saber, fez de seu minúsculo aparelho um gigantesco processo de comunicação no mundo moderno.

O telefone, paralelamente, com os demais meios de comunicação, tornou o mundo pequenino; de fácil domínio pelo Homem. Tornou os continentes, de fronteiras intransponíveis, em simples vizinhos de contatos imediatos pela voz."

"As telefonistas só nos têm proporcionado grande satisfação no desempenho de suas funções, em favor de nosso trabalho.

Aqui ficam os nossos sinceros agradecimentos pelo muito que nos tem proporcionado a operosidade dessas incansáveis colaboradoras.

Muito obrigado, Telefonistas!"

Também no Estado da Guanabara, a Siemens do Brasil enviou à C. T. B. discos musicais para serem utilizados na sala de descanso das telefonistas, acompanhados de delicada mensagem alusiva à data.

Um sucesso o Dia da Telefonista!

# PÁSCOA DE NOSSO PESSOAL

COMO em todos os anos, por toda a área atendida pelos serviços da Companhia Telefônica Brasileira, realizaram-se os atos religiosos, através dos quais, os colegas de fé católica, reuniram-se na comemoração festiva e tradicional da Páscoa.

Foram atos de fervor religioso tocante, que contaram com grande afluência.



Na Guanabara, em São Paulo, pelo Interior, em toda a parte, colegas, chefes e familiares, confundiram-se diante dos altares, na mesma demonstração de fé e conagração.

Nestas páginas damos alguns aspectos do que foram essas comemorações, alguns apenas, exemplificando, com êsses poucos, o elevado comparecimento ante os sacerdotes, no mesmo pensamento e determinação, dentro desse espírito pascal de tão profunda significação religiosa e humana.

A esquerda, no alto, o Sr. Carlos Reis Filho e colegas da Telefônica de São Paulo, com o Rev. Pe. Antônio Alberto OPACIA, S. J., que fez a preparação Pascal. Embaixo, grupo feito após a missa em Amparo, no interior paulista, vendo-se colegas e, também, pessoas de suas famílias.



A missa e comunhão geral, em São Paulo, teve lugar na igreja das Cônegas de Santo Agostinho, na Consolação, com um número considerável de colegas da Telefônica e familiares.



Dom Helder Câmara, Arcebispo Auxiliar do Rio de Janeiro, foi o oficiante da bela cerimônia realizada no Estado da Guanabara, pronunciando belíssima oração.



Flagrante tomado em Amparo, bela cidade interiorana de São Paulo, no solene momento da comunhão pascal, ministrada a grande número de colegas da Companhia Telefônica Brasileira. A exemplo dos anos anteriores, a Santa Missa foi bastante concorrida, numa manifestação de elevado espírito cristão de que são possuídos.

# COISAS

que aconteceram...

O CASO foi contado por uma telefonista do serviço interurbano, numa cidade americana. Disse ela que, certo dia, completou com presteza uma ligação, para uma senhora que a solicitava de uma cabina telefônica. Quando a senhora acabou de falar, a telefonista informou-lhe quanto deveria pagar. A senhora foi depositando o dinheiro necessário e a telefonista foi tomando nota das moedas que caíam na caixa, no outro extremo da linha. Depois, houve uma breve pausa.

— Telefonista? — chamou ela.

— Pronto!

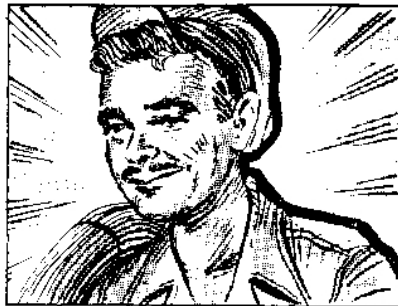
— Você foi tão boazinha! Tome para você.

E deixou cair outra moeda.

UM MAJOR DO EXERCITO, um tanto miope, passando junto ao seu quartel viu no topo de um poste, reparando a rede, um rapaz uniformizado de cáqui, cabeça descoberta e com a túnica desabotoada. Desça imediatamente! gri-



tou o militar. Do alto, o jovem olhou indiferente e respondeu: — Estou ocupado. Já furioso, berrou o oficial: — Desça! Meio sem jeito, o rapazola desceu mas não fez a saudação militar. Irritado, o major repriminou-o por estar com a túnica aberta, pela falta do casquete e a imperdoável infração de não ter feito a continência regulamentar: — Você é uma vergonha para o nosso exercito! Dê-me seu nome e a companhia a que pertence! Pela primeira vez, o rapaz tinha a oportunidade de falar, e respondeu: — Meu nome é Thomaz e a minha companhia é a Telefonica. Com licença, preciso trabalhar.



O RECEM-FALECIDO astro cinematográfico, idolo das multidões, Clark Gable, foi, no princípio de sua vida de homem de trabalho, "telephone lineman". Nos intervalos de sua atividade de técnico de uma companhia telefônica americana, Gable representava com um elenco de amadores. Dêsse conjunto, saiu para buscar a glória na tela e tornar-se um dos mais famosos nomes de todos os tempos na cinematografia mundial.



O MINISTÉRIO DOS CORREIOS da Grã-Bretanha anunciou que estabeleceu um serviço telefônico, incluído na sua rede de alta frequência, para os aviões comerciais em voo, tal como já existia para os navios.

Desta forma, qualquer passageiro das linhas aéreas britânicas poderá telefonar do ar, para casa ou o escritório, ou ainda, receber telefonemas de terra.

NA ÉPOCA do tecnicismo, ainda é possível um toque de ingenuidade e romantismo. Para cultivar as histórias de fadas que estavam desaparecendo, a Companhia concessionária do serviço telefônico de Londres estabeleceu um serviço especial por meio do qual, diariamente, oferece às crianças, durante cinco minutos, uma nova história.

NA BERLIM ORIENTAL, o som característico da campanha dos telefones será, dentro em breve, substituído por acordes característicos da música de Wagner.



No programa comemorativo, houve entrega de prêmios dos vários torneios. No boliche, Salvador A. Hyppolito, à esquerda, foi o vencedor do «Indígena», recebendo, por isso, belo troféu.

## PELOS CLUBES

O Telefônica Clube de S. Paulo, comemorou, com brilhantismo, a passagem de mais um aniversário. O baile do ótimo festejo foi no Clube Comercial.



Instante solene: o corte do bolo comemorativo, feito pela colega Vanda Ferreira que tem a seu lado o dedicado presidente do Telefônica Clube: Dr. Nelson Perroud.



Os associados Luiz A. Ulbrecht, Neyde Amiral B. Rodrigues e Tereza Mazzeti, receberam prêmios pelo destaque alcançado na consulta à variada e valiosa biblioteca do «T.C.»

## O Baile do TAC Agradou Com «Uma Noite no Japão»



Ignacio Miranda, presidente do T.A.C. recebeu abraços pelo seu aniversário natalício, incluindo o de sua esposa.



Uma das muitas convidadas presentes à noite japonesa que foi ponto alto no calendário social do nosso clube.

Ao lado, flagrante de um dos bonitos números artísticos apresentados na noite cheia de atrativos e de alegria.

○ Telefônica Atlético Clube do Rio, procurando sempre desenvolver apreciável programa de atividades esportivas e sociais, promoveu agradabilíssima reunião com características típicas japonesas, a que deu o nome de "Uma noite no Japão", à rua José do Patrocínio, 171, Estado da Guanabara.

Contando com grande comparecimento, o T. A. C. viu coroado de êxito mais este esforço, oferecendo à seleta assistência, números variados, num "show" de alta expressão artística a que se sucederam danças, animadas por excelente orquestra.

A noite foi prestigiada pela presença de superintendentes gerais da C. T. B. e do Sr. Yoshinori Nuimura, secretário do Embaixador do Japão, representando o Sr. embaixador daquele país e que se fazia acompanhar da senhorita Zuleika Horita, funcionária da mesma representação diplomática, que tiveram palavras amáveis para a iniciativa e de encômios à realização e seus participantes artísticos.





L. A. Latimer, superintendente-geral do Pessoal, não falta a essas reuniões de confraternização entre colegas e chefes, estimulando sempre, com os seus aplausos, a crescente realização de festas como «A Noite no Japão», que foi suave pretexto para o estreitamento de amizades.



Presença das mais simpáticas e sumamente honrosa para o T.A.C. foi a do senhor Yoshinori Nuimura, secretário do Embaixador do Japão no Brasil, representando o enviado de Sua Majestade nipônica, que se fez acompanhar da senhorita Zuleika Horita, daquela representação.



# Sino-Humor

através da imprensa mundial



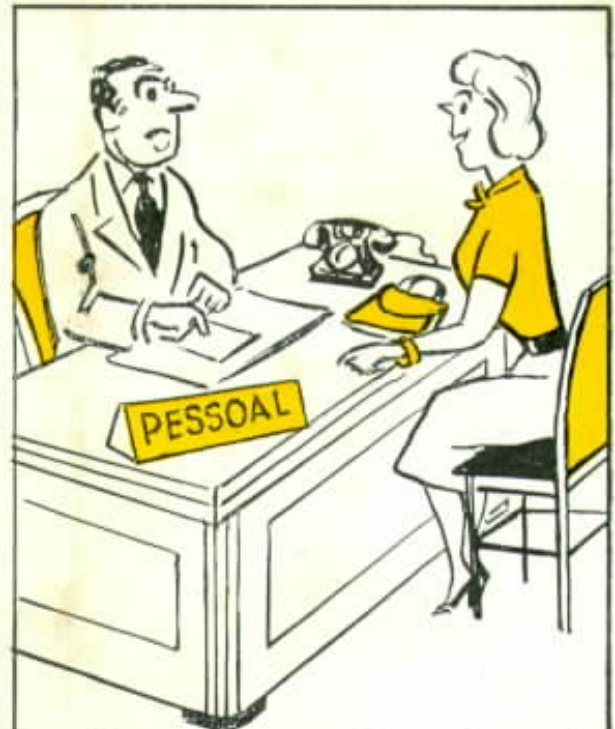
- Êste Paulo é o tipo do rapaz convencido, fica perguntando pelo número de nosso telefone e nunca toca!



- Mamãe, hoje a noite não poderemos ir à sua casa, José chegou exausto da repartição... Você já sabe... o novo horário!



- Moça, poderia dar-me o número de seu telefone?... Estou procurando um presente de aniversário para meu irmão mais velho!



- Estou certa Sr. Pessoal que inteligência não me falta para êste emprêgo! . .

# Sino Azul



Nº 5 — 1961

CAIXA POSTAL 450  
RIO DE JANEIRO



REVISTA DOS  
EMPREGADOS  
DAS ORGANIZAÇÕES:

COMPANHIA TELEFÔNICA  
BRASILEIRA

COMPANHIA TELEFÔNICA  
DE MINAS GERAIS

COMPANHIA TELEFÔNICA  
DO ESPIRITO SANTO



## NOSSA CAPA

O guarda-fios José Luiz dos Santos, do Departamento da Rêde do Estado da Guanabara, no desempenho de suas atividades na praia da Bica, logradouro da ilha do Governador, na Guanabara.



## GUARDA-FIOS, O SENTINELA DAS COMUNICAÇÕES TELEFÔNICAS

VINTE e quatro horas por dia, com sol ou com chuva, onde houver fios telefônicos, cobrindo milhares de quilômetros, incansáveis e dedicados homens, encarregam-se do funcionamento ininterrupto dos circuitos interurbanos que formam a vasta rede da Companhia Telefônica Brasileira. São os guarda-fios, eternos vigilantes da Rede, autênticos sentinelas avançadas para garantir efetivamente as ligações entre as cidades espalhadas pelo nosso "hinterland".

Um guarda-fios é sempre um entusiasta na constante vigilância dos fios, nas pontas dos quais encontra-se outra classe de empregados — as telefonistas, as quais, contando com a dedicação e a colaboração dos guarda-fios, completam milhares de ligações interurbanas, de um público que sempre confiou na eficiência desses serviços.

Com a mesma desenvoltura com que palmilham, diariamente, longos trechos de chão, na sua observação de rotina, a assegurar-se de que os fios estão em ordem, os guarda-fios galgam com agilidade e presteza, os postes de madeira, "lombando" as ferramentas necessárias à remoção de defeitos. Graças à sua ação contínua, interrupções são evitadas. O guarda-fios percorre constantemente em toda a extensão, as "suas" linhas; roça o mato que as cerca, preventivamente, a foice, evitando que galhos crescidos venham danificar as linhas; destrói os ninhos de "João-de-Barro", o estranho pássaro que tem enorme preferência pelas cruzetas e isoladores do alto dos postes telefônicos.

Mas não para aí, o número de "pragas" que afligem o herói desta reportagem. Há outras. A dos caçadores de asfalto, que fazem dos isoladores de vidro ou de louça, alvo para tiro de armas de fogo, por exemplo. Ou os moleques que destroem isoladores a pedradas. São atos absolutamente condenáveis, sobrecarregando mais o trabalho desses homens dedicados, danificando a rede e prejudicando o público.

Entre as causas maiores que dão origem a defeitos de vulto, destacam-se os temporais e vendavais que provocam quebras de fios, tombamento de postes, entrelaçamento e quebra de árvores e de grandes galhos, sobre as linhas telefônicas. Nessas adversidades, muitas e muitas vezes enfrentando condições difíceis até de locomoção, dirigem-se os guarda-fios para os locais das ocorrências, não importa o tempo que faça, em terrenos traiçoeiros durante o dia e a noite, de carro, a cavalo, a pé, para a pronta restauração dos circuitos interurbanos atingidos.

Mas ainda não é só. Não é só o "João-de-Barro"; não é só a atividade dos caçadores, nem a queda dos troncos e de galhos de árvores, ou as intempéries e ventanias que necessitam da intervenção do guarda-fios na laboriosa tarefa de manutenção eficiente dos circuitos telefônicos interurbanos.

Há, também, a enfrentar e vencer, o perigoso e audaz inimigo dos guarda-fios e da sociedade: o ladrão de fios que age na calada da noite, destruidor



O guarda-fios, mesmo em sua casa, à noite, quando recebe um chamado para reparar um defeito, parte imediatamente. Sempre alerta.



As vezes, são os roubos de circuitos telefônicos ou, então, danos provocados por temporal. Não importa a origem, o fato é que as linhas têm que ser postas em tráfego. E lá vai o Alípio Alves dos Santos, de mala, para restabelecer as comunicações interrompidas.



Na estação, Raimundo Pedro Lucas, remove um defeito. Embaixo: vai para cumprir uma tarefa. Antes, verifica o motor do carro.



Alípio e Raimundo, acima, fazem uma pausa para o cafézinho no Pouso de Paranapiacaba, no cume da Serra do Mar. Embaixo: quando é possível, os guarda-fios utilizam-se da camionete para a execução do serviço. Antes do trabalho, porém, uma revisão do material necessário.





elemento humano, que, deliberadamente, provoca criminosamente interrupções entre cidades, cortando e roubando os fios de cobre das comunicações telefônicas. Esses criminosos e furtivos elementos, são verdadeiras "pragas" para os homens da Rede, exigindo sôbrehumanos esforços, principalmente dos guarda-fios, pois, com freqüência, não apenas roubam os fios, mas danificam as cruzetas, os pinos e os isoladores, em seu lesivo ato.

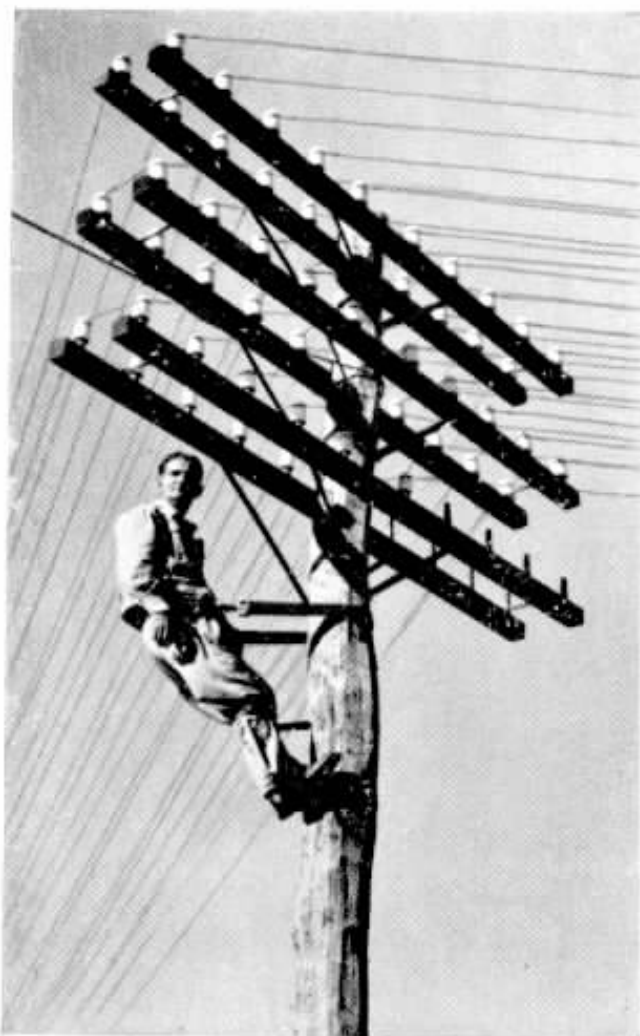
O guarda-fios é, pois, um elo de importância vital, por ser, aquele homem que, num trabalho constante e anônimo de todos os dias e horas, mantém em continuo funcionamento as ligações interurbanas, homem de vários instrumentos, pois repara também telefones, instala-os e cuida dos aparelhos públicos, fazendo pequenos serviços em caixas de "drops" e auxiliando na remoção de defeitos em cabos e terminais.

A esquerda, Raimundo F. Lucas, prepara-se para substituir um pino de madeira. Esses pinos suportam os isoladores que se distribuem pelas cruzetas. Sua fixação é feita em lugares especiais, com auxílio de marreta.

A direita, João Garcia, um dos diligentes guarda-fios da zona de Bauru, em pleno e árduo trabalho, sôbre um poste das linhas interurbanas, esforçando-se para que não haja a menor interrupção nas «suas» linhas.



Obrigado a andar a pé vários quilômetros, o guarda-fios (Raimundo P. Lucas), desafia a natureza imponente. Com as suas ferramentas maleta e telefone portátil, ele inspeciona as linhas e remove defeitos: pinos e isoladores quebrados, cruzamento de linhas, fios partidos galhos de árvores sôbre os circuitos, refinamentos de postes, destruição de ninhos de João-de-Barro... Trabalho!



A escada é auxiliar indispensável ao guarda-fios. Junto a pontes de trilho, ferro tubular ou de cimento, é essencial. Nos postes de madeira, a espora de ponta aguçada, também resolve.



O ninho do João-de-Barro foi retirado e uma linha II, isso em Vitória. Agora é guardar tudo que mais um dia de trabalho acabou. Mas antes (abaixo) é preciso fazer o Relatório de Defeitos, ponto final no dia intenso do guarda-fios. Resta a volta ao lar e a certeza de que os fios, estão «vivos», vibrando de sons humanos. Amanhã será outro dia.



# TRÊS RIOS

## Princesa do Vale do Paraíba

TRÊS RIOS é uma das mais antigas e prósperas cidades do Brasil. Seu nome provém do fato de situar-se nas proximidades dos rios Paraíba do Sul, Paraibuna e Piabanha. Sua história é longa e tem o seu comêço em meados do Século XVI, quando seu nome de batismo era Paraíba Nova e aí habitavam várias tribus indígenas. As mais conhecidas eram as dos Coroados e dos Barregidos que pervagavam, em constantes guerras, pelas margens dos rios Paraibuna e Paraíba.

O devassamento do território de Três Rios, verificou-se em consequência da abertura do roteiro Parati-Minas Gerais, pelo qual, aventureiros e faiscadores transitavam em busca de ouro. Conta-nos a história, que Martim Corrêa de Sá, filho do governador Salvador de Sá, foi, em 1597, um dos primeiros garimpeiros que por ali passou, acompanhado de 700 portugueses e cerca de 2 mil indígenas. Atingiu o vale do rio Paraíba utilizando o itinerário misto marítimo-terrestre, via Parati, para alcançar as Minas Novas, ou seja, o atual Estado de Minas Gerais.

Consta, também que nos primeiros decênios do Século XVIII, Pedro Dias Paes Leme, filho do bandeirante Garcia Paes Leme, mandou construir uma capela dedicada ao culto de Nossa Senhora do Mont Serrat, em terras onde está localizada a sede do distrito de Afonso Arinos.

A região, nessa época, estava em adiantado progresso agrícola. Grandes fazendas de café, de algo-

ção, de milho, de mandioca, de cana de açúcar e a exploração do trabalho do elemento negro escravizado, faziam a fortuna de seus proprietários. Floresciam no vale do Paraibuna, as lavouras de mamona, cujo aproveitamento destinava-se ao fabrico do azeite, usado para iluminação das casas.

Segundo o historiador Pedro Gomes, "Três Rios era apenas uma colônia dependente da Fazenda de

Olga Janete de Oliveira e Carmindo P. Oliveira, aproveitando uma folga, foram pescar no piscoso açude e de lá trouxeram muitos peixes.

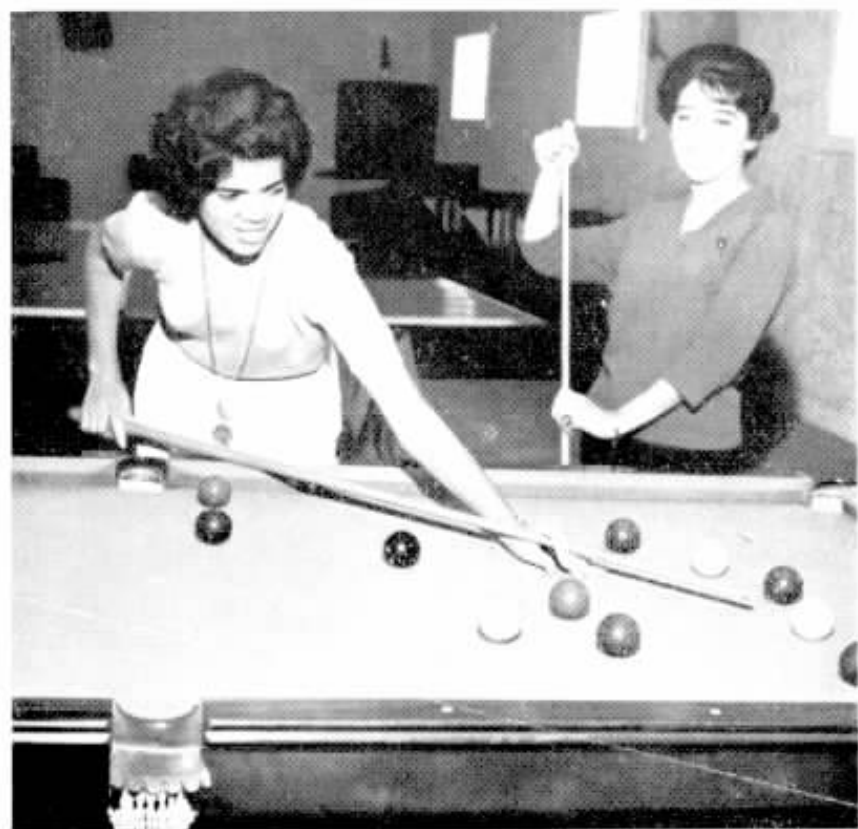


Acima, o Sr. Cesar Pereira Lobo, prefeito municipal, junto à estátua de seu primeiro antecessor, Walter Franklin, palestra com Osmar Rocha, da C. T. B. Ao lado, na fábrica de balas «Sorriso», Olegária Silva e Maria Alice Inocêncio.



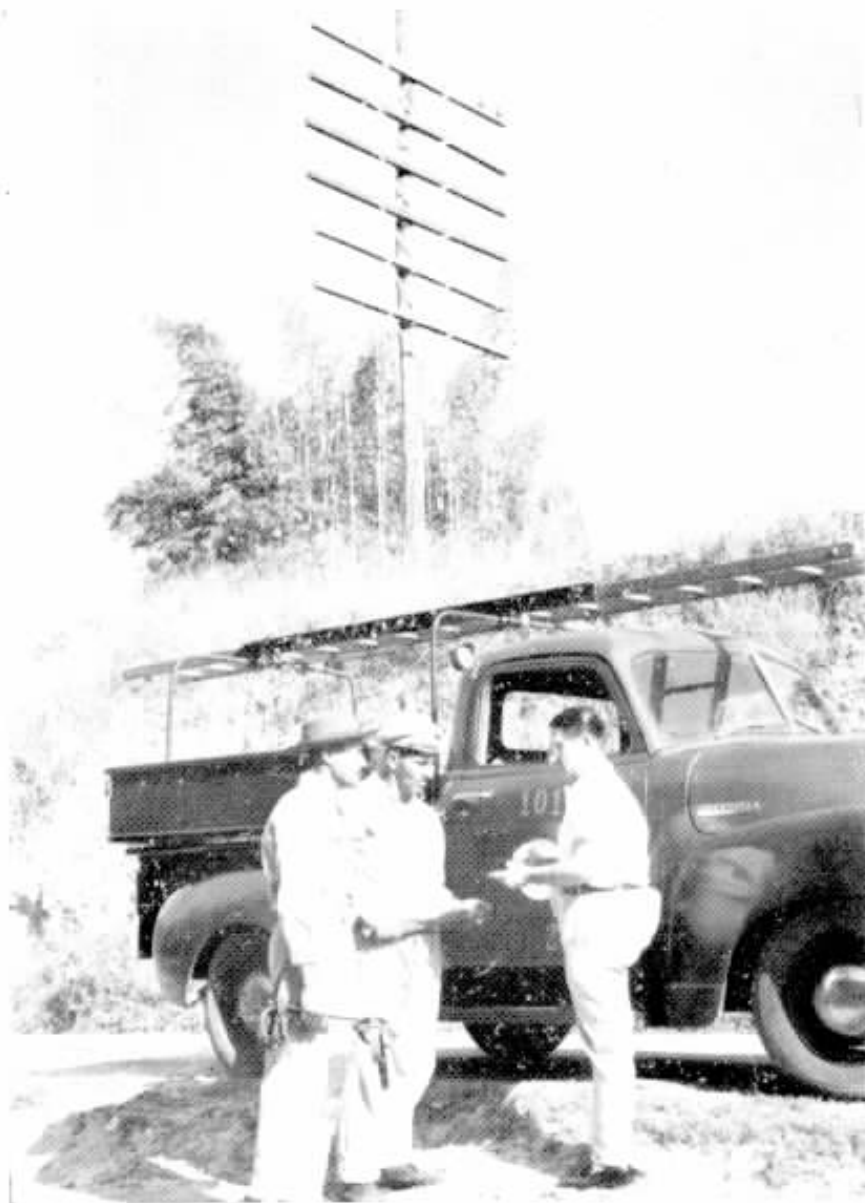


As telefonistas Adelair Lourdes Reis, a TE Laciir Kopk de Aguiar e Mariulia Pereira Salgueiro, contemplam as medalhas oferecidas pela Rádio local, à dedicação das colegas.



Uma partida de entusiasmar. Carmen Honéia Pais vai arriscar uma sete, com grandes possibilidades de marcar. Maria Regina Januzzi, porém, passando com calma o giz no taco, não acredita muito no pulso firme da companheira. Nossas colegas desejam desafiar muito «barbado», tido como absoluto nesse jogo.

## Município Próspero, de Solo Fértil em Minerais e de



A Seção da Rede Externa tem grande atividade nas estradas que levam a Três Rios. Na foto, junto a um dos postes de linhas interurbanas, Oseval Torres, Encarregado, dá instruções aos guarda-fios Carlos Pereira e Aladim Hefonso de Moraes.



Os livros são bons companheiros. A colega Jeanete Costa Barros mostra uma das últimas novidades literárias a Maria José R. Barbosa.

Cantagalo, propriedade de Antônio Barroso Pereira, barão de Entre-Rios. Precisando Mariano Procópio passar com sua rodovia por esse local, comprou 81.400 braças quadradas de terras, a fim de ali construir a estação ferroviária de Entre-Rios". Diz, ainda, Pedro Gomes, que "a inauguração da Estrada de Ferro D. Pedro II, realizou-se em Três Rios, a 13 de outubro de 1867, com a presença da família imperial e de grande comitiva", e que, com essa parada, a cidade passou a desenvolver-se comercialmente.

Por decreto de 13 de agosto de 1890, quando já vigorava a lei abolicionis-



Realizando cerca de 900 ligações interurbanas diárias, o pessoal do Tráfego tem intensa atividade. A foto é das posições, vendendo, junto às Encarregadas, a dedicada TC, Maria Machado, sempre atenta.

## Clima Temperado e Salubérrimo



Na piscina do Clube Atlético Entre Rios, frequentadíssimo pela sociedade local, nossas colegas Maria Catarina Rodrigues e Iris Marine, são consideradas entre as mais exímias nadadoras locais, para a alegria dos fãs.



Acima, nossa colega Leir Santos que pertence ao acastó da rádio local, ZYL-7. Abaixo, a Telefonista - Chefe de Três Rios D. Maria Machado, com seu filho único, motivo de desvelo e de constantes cuidados.



O belo parque da cidade, propicia bom passeio e diversões. A TCA Vera dos Santos Faria, com sua filha Ana Isaura, e Eugênia Ribeiro, TE, com seu filho Roberto Luís, aproveitam uma boa folga no parque.

ta de 1888, que tanto debilitou a economia local e já sob o regime republicano, foi reconhecido e criado o distrito de Entre-Rios. A divisão territorial de Paraíba do Sul sofreu modificações pelo decreto estadual nº 1056, de 31 de dezembro de 1943, que fixou o quadro territorial do Estado, para vigorar no quinquênio 1944-1949. O topônimo Entre-Rios foi mudado, então, para Três Rios.

Esse município, pela sua excelente posição geográfica, constitui um dos mais importantes entroncamentos rodoviários e ferroviários do país. Sua população — segundo o Recenseamento de 1960 —, é de 44.565 habitantes, e as atividades fundamentais à economia local, estão ligadas à indústria, à pecuária e à agricultura. Dois grandes estabelecimentos que bem demonstram a pujança da indústria trirriense são, por exemplo, o Frigorífico Três Rios, que abate e exporta o gado bovino para os Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara e o Laboratório Dáveres, que está fabricando plasma, derivado exclusivamente do leite de vaca, único no gênero no Brasil, segundo se informa.

Três Rios conta, atualmente, com a sede municipal, nove estabelecimentos comerciais atacadistas e mais de duzentos e cinquenta lojas varejistas. O movimento bancário é feito por cinco agências de diversos bancos, inclusive do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal. Tem vários jornais, clubes recreativos e desportivos, bibliotecas, teatro de amadores e uma banda musical. O serviço médico e hospitalar conta com vários centros de saúde e de maternidade. Quase uma centena de estabelecimentos escolares municipais, estaduais e particulares servem à população. O município é servido por Correios e Telégrafos e a Companhia Telefônica Brasileira mantém ali cerca de 620 telefones instalados, com u'a média diária de 900 chamados telefônicos interurbanos. Trabalham na CTB, nessa cidade, 84 funcionários. Também as cidades de Vila Areal, Alberto Tórres, Afonso Arinos, Hermogêneo Silva e Serraria, que compõem o município de Três Rios, são servidas pela nossa Empresa.



Newton Figueiredo, do Comercial, executa uma soma à máquina, num dia de rotina dos seus serviços para a Telefônica. Tudo em ordem.



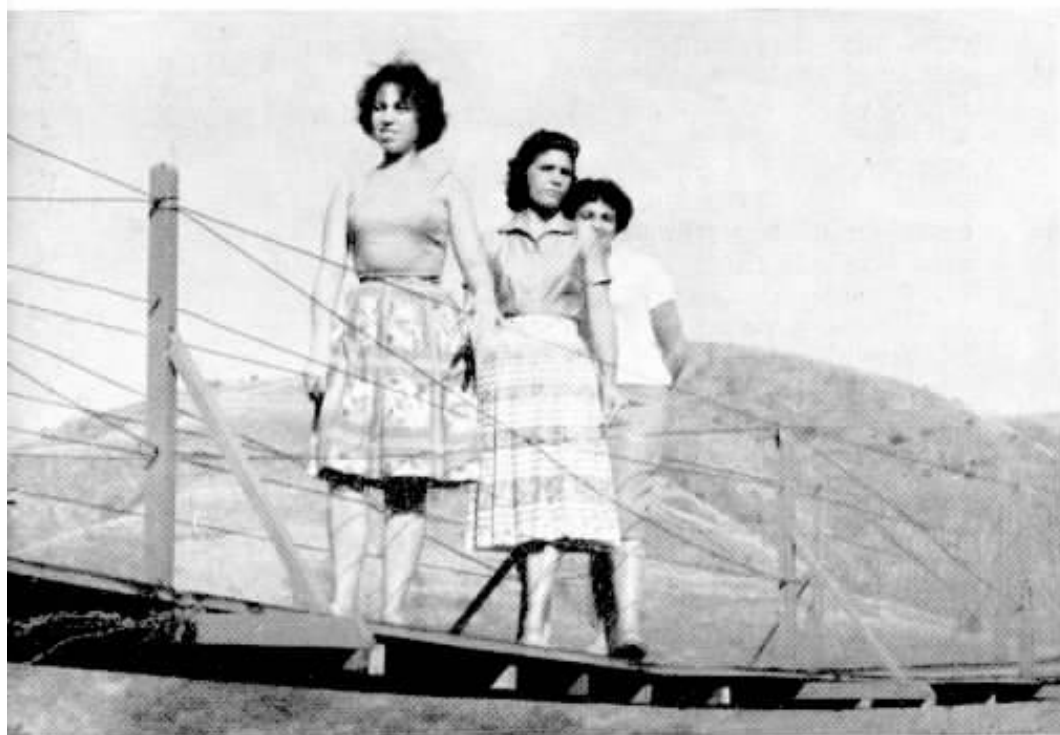
José de Sousa, da Rede Interurbana, medindo corrente de placa no quadro de fusíveis. Trabalho intenso e de alta especialidade na CTB.



Bordar e costurar são prendas domésticas que Josélia Serpar, à máquina, e Violete A. Dias, as possuem.



Na Praça da Autonomia, aprazível recanto local, Edir N. Fogaca, Cleire de Almeida e Zileine T. S. Dutra, telefonistas, apreciam do coreto, o movimento do logradouro.



Não faltam lugares agradáveis para bons passeios em Três Rios. Nossas colegas Georgeta Monteiro de Barros, Cornélia M. Abraão e Nilcéia Augusta Silva, apreciam descobri-los. E o resultado: uma boa foto na ponte.



Rodolfo O. Nogueira, na mesa de exame de linhas, mede circuitos IU e os anota.

# O Amigo do **Ministro**

José Cândido de Carvalho

Conto escrito  
especialmente para  
«Sino Azul»

ESTAVA Gaspar Badaró, corretor de imóveis, posto em sossêgo, na varanda da Pensão Familiar, quando leu que Fogaça tinha sido nomeado Ministro. Gritou, largando a fôlha:

— Não pode ser!

Mas podia. Tanto podia que lá estava, na primeira página, o retrato do ami-



go Fogaça — aquela fotografia de homem público às ordens da pátria. Gaspar achou Fogaça mais gordo, em ponto de bala para a administração. Não, não podia deixar de levar o seu abraço ao amigo. Ele haveria de gostar:

— Badaró, que prazer!!  
E, dias depois, enquanto mudava a calça de listras, deu de cantar, diante do espelho, pedaços de carnaval antigo:

*“O teu cabelo não nega,  
[mulata,  
porque és mulata na  
[côr”.*

Sim, êle e Fogaça, lá para um carnaval de 32, pintaram o bode nos salões do Flor de Rezedá, só na base do “Teu cabelo não nega”. No meio da noite, bem mamado, de costeleta de toureiro espanhol e cabelo caído na testa, Fogaça abafou o Flor de Rezedá a poder de tango argentino:

*“Adios muchachos, compañeros de mi vida, barra querida, de aquellos tiempos...”*

No ônibus, a caminho do Ministério, quase meteu o guarda-chuva num bexiguento que dizia coisas contra o governo. Gaspar, dedo na cara do sujeito, mandou que êle calasse a bôca. E batendo as costas da mão no jornal que trazia o retrato de Fogaça:

— Conhece êste? E' o meu amigo Fogaça. Quan-

do tocar no nome dêle limpe a bôca com eriolina, ouviu?



O bexigoso murchou. Também Gaspar nada mais disse porque era chegado no Ministério, onde um senhor de farda azul veio ao seu encontro. Badaró foi importante:

— Quero falar com Fogaça. Diga que é Gaspar Badaró.

O homem pediu que êle enchesse uma papeleta. Encheu. E no macio da primeira poltrona repousou suas partes. Ia ser uma beleza o encontro com o velho amigo. Coisas de in-

fância, banhos de rio, rou-  
bos de goiaba nos quintais  
da vizinhança. Tudo tão  
no antigamente! Na certa,  
o Ministro ia querer que  
êle ficasse. Recusaria:

— Não, Fogaça, hoje  
não.

Os primeiros quartos de  
hora de chá-de-cadeira fo-  
ram de prosar. Veio gen-  
te e saiu gente. Chegou  
um senhor vermelhão, de  
chuveiro de doutor no de-  
do e nem esperou. Foi le-  
vado à presença do Minis-  
tro:

— Tenha a bondade, se-  
nador. Tenha a bondade.

E mais uma vez aquela  
porta que separava Bada-  
ró do velho amigo foi fe-  
chada a sete chaves. Ou-  
tra hora passou e mais ou-  
tra. Na boquinha da noite,  
um moço apressadinho  
veio saber quem era o Sr.  
Gaspar. De guarda-chuva  
na mão, de pé, coração aos  
pulos, Badaró disse:

— Sou eu!

O mocinho foi educado:

Sua Excelência pede  
desculpas. Não pode rece-  
ber hoje.

Badaró ainda tentou ar-  
gumentar. Mas o moço foi  
taxativo. Sua Excelência  
não podia receber nem na-  
quêlc dia, nem durante o  
resto do mês. Todo seu  
tempo estava tomado. E  
estendendo a mão branqui-  
nha de cêra:



— Lamento, lamento!

Badaró agradeceu. E pe-  
los corredores, alma em  
picadinho, arrastou as má-  
goas:

— Isso não fica assim,  
não. Vou revidar.

E repetiu:

Revidar na violência.  
Fogaça me paga. Ora se  
me paga!

E na porta da rua, en-  
quanto abria o guarda-  
chuva, pois começava a  
pencinar, falou feroz:

— Desaforo é que não  
levo! Fogaça vai ver.

Dormiu mal, cheio de al-  
finetes na alma. No Fo-  
mento Agrícola, onde era  
escriturário de terceira,  
passou o dia todo maqui-  
nando planos, agravos e  
vinganças. Não, uma des-  
consideração de tal gran-



deza não podia ficar sem  
revide. E dando uma pal-  
mada na mesa:

— Revide violento!

Almeida Pereira, o Pe-  
reirinha da Seção da Saú-  
va, também escriturário  
de terceira, já de olho na  
primeira, olhou espantado  
na direção de Badaró. E  
pousando a caneta sôbre  
a mesa:

— O amigo está dife-  
rente. Deu de falar sôzi-  
nho...

Com um ouvido dêsse  
às ordens, Badaró não con-  
versou. Deitou nêlc, duran-

te horas, tôda a raiva re-  
presada. Reviveu a infân-  
cia, os banhos de rio, Fo-  
gaça ("êsse que agora é  
Ministro") na farreação de  
pular muros, de pegar san-  
gaçus e bicos-de-lacre:

Esparramado na cadeira,  
cara de injustiçado, Bada-  
ró desceu aos pormenores  
do seu desentendimento  
com o Ministro. Soubesse o  
amigo Pereira que antes de  
ser nomeado ("duas sema-  
nas antes, Pereirinha"), os  
dois, na maior amizade, ha-  
viam almoçado juntos. E  
agora era aquela descon-  
sideração:

Mas isso não vai fi-  
car assim. Não sou de le-  
var desaforo para casa.

Pereira, da Seção da  
Saúva, foi prudente. Sujei-  
to de olho em aumento não  
pode se dar ao luxo de ter  
opinião formada. Sim, o  
amigo Badaró tinha lá as  
suas razões. Afinal de con-  
tas, era amigo do Ministro,  
unha e carne um com o  
outro. Mas que visse o que  
era a vida de um homem  
de Estado, a papelada a es-  
tudar, as audiências, o te-  
lefone, os despachos. E ar-  
rematou:

— O amigo tem que dar  
os devidos descontos.

Badaró, mão espalmada  
sôbre a mesa, disse que não  
dava desconto nenhum:

— Nenhum, seu Perei-  
ra! Vou escrever a Fogaça  
uma carta malcriada, co-  
mo sei fazer.

Apavorado, sem querer  
tomar partido, o prudente  
Pereira mergulhou a cabe-  
ça na papelada da formiga  
saúva:

— Faça o amigo Badaró  
o que bem entender. Lavo  
as mãos.

De tarde, a caminho da  
Pensão Familiar, outra  
vez ao lado de Almeida  
Pereira, o amigo do Mi-  
nistro relatou, em linhas  
gerais, o que seria a car-  
ta. Nada de cerimônias, de  
S. Excelência, como man-  
dava o figurino. Entrava

logo no apelido de antigamente:

— Lulu Cara de Cachorro!

E assim por diante. Ia ser uma peça de esborrachar qualquer cristão. Ia ser uma carta para sair nos jornais, na primeira página. Depois, só tinha Fogaça uma saída. E bateu nos peitos:



— E' convidar o papai para um duelo.

Pereirinha, embrulho de pão debaixo do braço, recuou apavorado:

— Duelo de sangue, de tiro?

Badaró riu, fêz pouco da coragem de Fogaça:

— Que tiro nada! Fogaça é lá de tiro. E' capaz de pedir asilo na Embaixada do Japão.

Branco, em pânico, Almeida Pereira pediu que Badaró não escrevesse carta alguma. Medisse as conseqüências do ato. Com um simples bilhete, um pedido ao diretor do Fomento, Badaró saía de escriturário diretamente para o olho da rua com inquérito cabeludo em cima:

— O amigo não sabe o que é inquérito. Não sabe!

Badaró sentiu um esfarrinhamento por dentro. Desempregado, outra vez na rua, na desgraça. Via o major Caldas, dono da

Pensão Familiar, na porta do quarto: "Seu Badaró. Hoje é dia 10. Só espero até amanhã". Mas, diante de Pereira, sustentou a carta:

— Sou lá homem de correr de inquérito, seu Pereira! Rebento o Fogaça na rua. Na rua, seu Pereira!

E mostrou o pulso que esborracharia, como um pilão as desconsiderações do Ministro. O escriturário nem quis ouvir o resto. Trepou no primeiro ônibus, em risco de ser amassado. Badaró, já sem convicção, repetiu, na beira da calçada:

— Rebento o atrevido!

Não rebentou nada. No outro dia, já a carta estava esquecida, morta e sepultada. Quando chegou ao Fomento, a primeira coisa que fêz foi procurar o Pereirinha:

— Seu compadre, o homem pediu soda. Telefonou.

E diante da admiração sem tamanho do outro, Badaró relatou as desculpas deixadas em poder do major Caldas. Que ele aparecesse, não deixasse de pegar o ajantarado de domingo, sem falta. Iam mandar o carro apanhar Badaró na Pensão Familiar:



— Seu Pereira, estou de cima, estou mandando.

O escriturário, saído da conversa do Badaró, foi espalhar a notícia. Já de tarde, o velho Pires de Abreu, que sempre tratou Gaspar pelas pontas, pediu seu comparecimento ao gabinete. E lá, muito em intimidade, disse que necessitava de um funcionário de valor, que ficasse responsável pelos trabalhos mais importantes do Fomento. E mão no ombro de Badaró:

— E esse funcionário é o senhor. Confio no senhor.

Semana e meia depois, pediu a Gaspar um favor todo especial. Quando estivesse com o Sr. Ministro não esquecesse de uma pretensão sua, já devidamente relatada e informada:

— Só falta um empur-



rãozinho. E esse empurrão sei que o amigo Badaró pode dar.

Gaspar estremeceu. Fêz modéstia:

— Sou amigo de Fogaça. Mas não sei se tenho prestígio para tanto...

Pires de Abreu achou graça. Todo o Fomento sabia das intimidades que ele desfrutava junto de S. Excelência:

—Um pedido seu é uma ordem!

Badaró, murcho como

genipapo velho, ficou sem saber como sair da entaladela. Nesse meio tempo adoeceu, de ficar em casa. A Pensão Familiar, na Bôca do Mato, não teve tamanho para receber tanta gente. Era um chover de maçãs e uvas sem descanso. Veio uma tarde o diretor Pires de Abreu. Badaró, diante do velho pediu a Deus todo poderoso, morte rápida. Abreu, na beira da cama, consolou o doente. Fêz questão de servir os remédios:

— Tome, amigo Badaró. Tome!

Na despedida, na porta do quarto, pediu que não esquecesse de “dar uma palavrinha ao Sr. Ministro”. Badaró, em vez de sepultado, disse que havia falado:

— Fogaça prometeu atender.

Badaró espichou o mais que pôde a doença. Mês e meio ficou no bem-bom da Bôca do Mato, jogando víspera, tirando sua ponta de conversa nas casas vizinhas. E uma segunda-feira, depois de um domingo de vasto ajantarado, apareceu no Fomento. Foi uma festa. O velho Pires de Abreu veio de braços abertos:

— Muito obrigado. Muito obrigado. Saiu hoje.

E mostrou ao espantado Badaró a página do “Diário Oficial” onde êle, Pires de Abreu, era promovido e reembolsado de uns atrasados de dois anos. Pereirinha, de olho esmaltado, esfregava as mãos. E acompanhou Badaró por todo o canto. Nesse mar de rosas os dias foram morrendo. Badaró dava cartas e jogava de mão no Fomento e redondezas. Peireira fêz também o seu pedido. O amigo do Ministro denegou:

— Agora não. Deixa Fogaça esquecer o caso de Pires de Abreu.

Uma tarde, o telefone tocou. Chamava Badaró.

As prestações do alfaiate andavam em atrazo de dois meses e o mestre da tesoura queria receber. Acabada a ligação, que foi curta, Badaró ficou ainda no telefone. Alterou a voz:

— Ora, Fogaça, assim não é possível! Se você não pode atender diga logo. Não sou palhaço!

A Seção da Saúva, Peireira à frente, caneta no ar, parou para ouvir Gaspar Badaró. Pires de Abreu, chamado às presas, pediu que êle agradecesse ao Sr. Ministro a gentileza do despacho. Badaró não perdeu tempo:

— Olha, Fogaça, o nosso amigo Pires de Abreu, que está ao meu lado, manda agradecimentos.

E soltando uma gargalhada no fone:



— Não, jantar não. Domingo você manda o carro logo de manhã. As sete horas, Fogaça. Em Goiás? Era só o que faltava! Até amanhã. Telefone sim.

E deixou o aparelho. Pires de Abreu, admirado, agradeceu o recado ao Sr. Ministro. Então, na presença de toda a Seção da Saúva, Badaró comentou a conversa:

— Fogaça está doido. Quer que eu vá caçar com êle em Goiás. Matar onça

braba. O homem perdeu o tino.

Riu — todo mundo riu, inclusive Pires de Abreu que quase solta a dentadura postiça no soalho. A verdade é que Badaró sabia, por leitura de jornal, que o Ministro, acompanhado de amigos, ia ao mato, em rastro de pintada. Embarcou na canoa. Longe do Fomento e de seus papéis ficou duas semanas. Para todos os efeitos, Gaspar Badaró andava na selva. E, como comprovante, apareceu na repartição munido de flecha de índio, comprada na rua São José, numa casa de especialidades. Trouxe também umaservas e capins de saúva, que distribuiu, em pacotinhos, aos colegas do Fomento. Pereirinha, todo cheio de reverências, perguntou se êle tinha fígado alguma onça. Respondeu em jeito modesto:

— Onça não. Mas estoparei uma cobra de mais de vinte metros.

O fim veio depressa. Veio certa manhã, como o leiteiro. Outro governo assumiu o poder. Outro governo e outros ministros. Fogaça foi embora às presas. E Badaró sentiu na carne, o que é ser amigo do peito de Ministro. Foi removido para o Acre.



## Marcantes as Cerimônias Dedicadas aos Veteranos



Em cima: No primeiro plano, parte dos veteranos e, ao fundo, a assistência. Ao centro e embaixo: graciosas colegas que auxiliaram na distribuição de «chopp», refrigerantes e guloseimas durante a festa, tornando-a ainda mais agradável.

DIVERSAS solenidades de entrega de emblemas a veteranos, foram realizadas em várias cidades das Divisões dos Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, com programas de festejos, interessantes e bem organizados, traduzindo bem o interesse que a Companhia Telefônica Brasileira tem, em premiar aqueles que desempenharam sempre suas tarefas quotidianas, de longa data, com entusiasmo em prol do bem comum — o de fornecer um serviço telefônico perfeito. Assim, em Araraquara e Taubaté, no Estado de São Paulo, e em Nova Iguaçu, Estado do Rio de Janeiro, nas cerimônias ali realizadas, a nossa Empresa teve o cuidado de demonstrar, aos veteranos, o seu reconhecimento pelos bons serviços que lhe prestaram, oferecendo-lhes emblemas representativos das etapas de serviço a que faziam jus.

Na cerimônia de Araraquara, bela e progressista cidade do interior paulista, cujas fotos estampamos nestas páginas, cerca de cinqüenta veteranos receberam seus símbolos de tempo de serviço, sendo saudados, em nome da nossa Companhia, por José Portugal Gouvêa. A fazenda de Salto Grande, lugar aprazível, gentilmente cedido por seu proprietário, Sr. Henrique Lupo, foi o local escolhido para tão significativa homenagem, havendo farta mesa de variados petiscos e alegre chopada, seguido de animado baile. A surpresa, foi o harmonioso câro formado por telefonistas de São Carlos que entoou lindas canções alusivas aos veteranos e aos serviços da CTB, dando, assim, um colorido todo especial.



Nelly Rinaldi, do Comercial, e João Gaspar, da Rede, veteranos de 35 anos de bons serviços.

José Portugal Gouvêa, à esquerda e José B. de Carvalho Mello, satisfeitos com a festa.

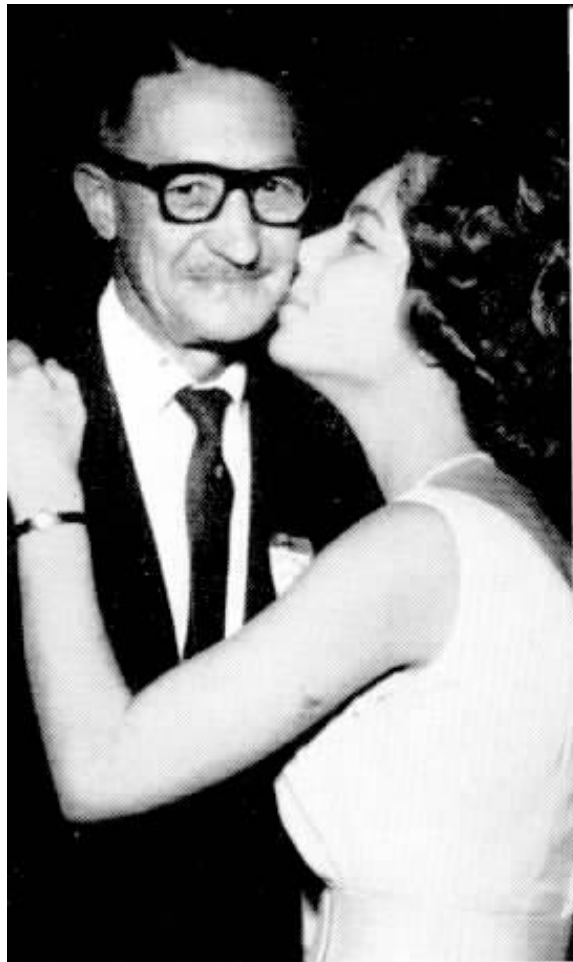


Rinaldo Marchesin, ao centro, ladeado por B. J. P. Tancred, à sua esquerda, e por J. Sarkissoff.



Elza Godoy foi homenageada pela filha da TC e por sua sobrinha. Embaixo, José Alves Cunha, recebe afetuoso abraço de sua esposa.





Alberto Cardoso Siqueira, da Rêde, completou 30 anos de serviços. Sua filha beija-o com ternura.



Esse gracioso trio de tão gentis colegas, com graça e beleza, encantou a todos, incansável na trabalhosa tarefa de distribuição do regalante choppe.

## BAURU

COM o costumeiro brilho, realizou-se, em Bauru, Estado de São Paulo, na sede do Esporte Clube Paulista, a festa dos veteranos daquele Distrito, ocasião em que cêrca de cinqüenta de nossos colegas receberam seus emblemas, coroando o esforço e a dedicação de muitos anos de trabalhos. Na oportunidade, José Portugal Gouvêa, em sua saudação, teceu enômios aos veteranos. Inúmeros colegas compareceram a essa manifestação de aprêço e simpatia. Alberto Cardoso Siqueira falou, interpretando o agradecimento dos veteranos. Um farto churrasco seguido de baile, completou a solenidade.



É sempre interessante relembrar um pouco do passado. Nicolau Francisco Valerio, da Rêde de Botucatu, à esquerda, conversa com o seu velho amigo: Haroldo Prestes Miramontes. Quantos fatos curiosos.



Outra veterana, Nair Ortolon, funcionária do Departamento do Tráfego, no centro, cercada por seus familiares. Ostenta, presa ao seu vestido, a flâmula simbólica, como galhardete de uma grande etapa feliz e já vencida.



Esse seletto grupo composto por telefonistas, longe das frases convencionais que diariamente pronunciam, no desempenho de suas funções, tais como: «Alô? Qual o número desse telefone? Os troncos estão ocupados; chamarei depois», com excelente apetite, «devoram» o delicioso churrasco regado com choppe e guaraná bem geladinhos, na deliciosa e animadíssima festa de Bauru.

## TAUBATÉ: Homenageados Aquêles Que Contaram



Assim transcorreu a festa tributada aos veteranos. Um lauto e convidativo churrasco, refrigerantes à vontade e muita alegria. Completa confraternização de amigos e colegas.



Benedita Vieira Marcondes, de Pindamonhangaba, recebeu emblema correspondente aos seus 35 anos de serviços dedicados à nossa Companhia. À direita, vemos José Portugal Gouvêa em palestra animada com um grupo de colegas que saboreiam o gostoso churrasco que lhes serviram.



## Tempo de Serviço

NA sede da Associação dos Empregados no Comércio de Taubaté, quase três dezenas de veteranos foram contemplados, com emblemas correspondentes a tempo de serviço na C. T. E., sendo o ato presidido por José Portugal Gouvêa, ao qual compareceram Superintendentes e outros colegas, e também autoridades locais, todos para levar o seu aplauso aos homenageados. Dalva Moutela agradeceu em nome dos veteranos. Logo após, no pátio do edifício de nossa Companhia em Taubaté, foi servido um churrasco que a todos regalou.



Ao alto: Paulo F. Siqueira, com 35 anos de CTB, à esquerda, conversa com Fernando Lanzoni. Ao centro: um aflasho da festa. Embaixo: Benedito Lourenço ao lado de sua esposa.



Silvio Alves Martins, veterano de 30 anos, da Rêde, recebe da telefonista de NI, Daiza B. Santos, um cartão de felicitações que as colegas de Nova Iguaçu ofereceram a todos os veteranos do Distrito B-2. Gesto significativo.



Veteranos de trinta anos, numa pôse que será lembrada: Guilherme José Mescke, José Maria de Souza Dimas e João Luciano de Souza.



Francisco Pereira Campos, veterano de quarenta anos de serviço, é da Rêde de Nova Iguaçu. E. do Rio de Janeiro.

## HOMENAGEADOS OS VETERANOS

**R**EAUZOU-SE em Nova Iguaçu, no conhecido e conceituado Nova Iguaçu Country Club, a bela festa promovida para homenagear os veteranos do Distrito B-2 — Petrópolis que, em número de sessenta e sete, receberam, então, os seus emblemas. Um veterano de 40 anos, Francisco Pereira Campos e sete de 30, polarizaram as atenções da festa que transcorreu em ambiente da mais contagiante alegria.

Veteranos e seus familiares, colegas e chefes, em grande número, deram animação à festa, lotando amplamente as dependências do querido grêmio fluminense. Os colegas que completavam novas etapas de suas vidas funcionais, entre 40 e 10 anos de bons serviços prestados à Companhia Telefônica Brasileira, à medida que seus nomes iam sendo citados, entre aplausos recebiam os símbolos correspondentes e que constituem verdadeiro galardão, de que se orgulham todos os veteranos.

Terminada a solenidade, foi servido um churrasco a



todos da Rede, diante da máquina de Maria de Lourdes Miloski, de Corrêas.

## EM NOVA IGUAÇU

todos os presentes, completado com uma série de deliciosos bolos comemorativos de tantos anos de atividade, recebidos com verdadeiro entusiasmo e aplausos às qualidades de doceiras das colegas que se esmeraram para tornar suas massas, verdadeiras delícias gustativas.

Uma bonita tarde, a dos veteranos do Distrito B-2, em Nova Iguaçu.

Moacyr Cappuci, gerente do Distrito, e Waldir Simões, saboreiam o bôlo que lhes oferece gentilmente uma colega.

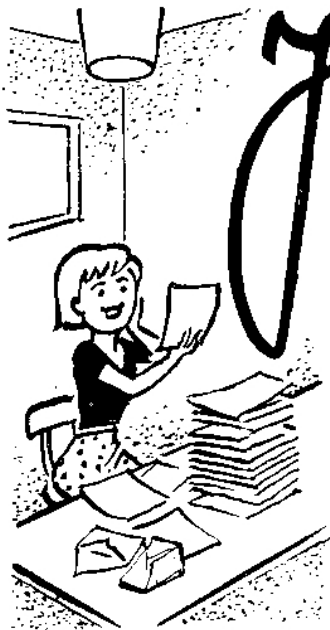


Entre grande animação, a festa teve alguns pontos altos, como este, sempre alegre e aguardado com entusiasmo: a hora de partir o bôlo.



Daria Amanda Ferreira Mattos Morais e Maria Josefina Nicolay Baur, ambas com trinta anos de bons serviços ao Tráfego.





Já é de absoluta rotina, a recepção de cartas, telegramas e ofícios diários, atestando o desvelo, correção e simpatia com que funcionários da grande família telefônica atendem o público.

Essas manifestações espontâneas de quem, obtendo bons serviços, faz questão de reconhecê-los, são encaminhadas pela Administração a SINO AZUL que, prazerosamente, as divulga, fazendo éco ao reconhecimento do público satisfeito.

## A DÓR NÃO FEZ ESQUECER

Feridos pela dôr da perda de entes queridos, levados em meio a terríveis aflições e enormes transtornos, às vészes com a necessidade imediata de comunicações a longas distâncias para levar a infausta notícia a parentes afastados, convocados às pressas para as últimas homenagens, assinantes da Companhia, passados êsses instantes de maior aflição, em sua tristeza, não es-

# O que dizem de **NOS**



## O "LIONS" PRESENTE

A universal instituição do "Lions Club", através da entidade teresopolitana, convidou nossa colega Edna da Rocha Branco, para representar tôdas as suas colegas, num jantar especial, onde foi enaltecida a "colaboração e elevado espirito público demonstrado por tôdas, quando do caso dos escoteiros desviados de rota no Parque Nacional", caso de que bastante se ocupou a nossa imprensa.

## ESCOLARES DE RIO CLARO

Dentro das festividades do Primeiro Calendário Cívico-Social da Criança, na cidade de Rio Claro, foi realizada proveitosa visita dos alunos do 4º grau A, masculino, do Grupo Escolar "Marcelo Schmidt", às instalações da C. T. B. nessa importante cidade paulista, o que motivou simpático registro do jornal local, "Cidade de Rio Claro".

quecem aquêles que se solidarizaram nos momentos piores e tudo fizeram para atender, na medida do possível, às necessidades imediatas.

São cartas e bilhetes, telegramas e ofícios, repassados de tristeza, mas enaltecendo êsse esforço.

Aqui temos, por exemplo, o cartão do assinante Arthur Eugênio Sacconi, de Piracicaba e a carta de Santo Ettore Rinaldi, de Garça, ambas concordes nesse agradecimento e elogio, após um transe difícil e irreparável.

## POR ANÚNCIO

Na imprensa santista, apareceu grande agradecimento a quantos confortaram a família do Dr. Antônio Gilberto Pinto Azevedo, pelo passamento de pessoa muito querida. Nesse agradecimento, eram especialmente citados os médicos e a telefonista local nº 63, Erotylde Fidelix, pela especial dedicação e carinho com que acompanharam o caso.



### PIRAJUI APLAUDE

Através de requerimento apresentado à Câmara Municipal de Pirajuí, pelo vereador Lázaro P. Fagundes, foi aprovado "um voto de aplausos às telefonistas e demais funcionários da C. T. B., "considerando o trabalho abnegado dos funcionários da Companhia Telefônica Brasileira local".

### VALIOSA COLABORAÇÃO

Nossas dedicadas colegas do Tráfego em Marechal Hermes (GB), foram alvo de entusiástico ofício de enaltecimento à sua "perfeita e eficiente atuação" por parte do "Prontec", Pronto Socorro Infantil, situado na Rua Carolina Machado, Estado da Guanabara.



### NOVA IGUAÇU AGRADECE

O Vereador Jorge de Lima, líder da Maioria da Câmara Municipal de Nova Iguaçu, enviou à nossa Companhia, ofício amabilíssimo de exaltação à telefonista nº um daquela cidade, Maria das Graças Cursino, a qual foi de enorme valia para o citado edil, numa hora de aflição. No dizer do Sr. Jorge de Lima, "essa funcionária foi de uma dedicação, de uma solicitude, somente própria nas pessoas de espírito elevado, que têm em grande consideração o sofrimento. Apesar de não conhecê-la - diz o ofício - de não poder levar-lhe meus agradecimentos pessoalmente, quero que conste o quão grato lhe sou, e como representante do povo, faço questão que fique bem gravado o meu mais sincero e sentido agradecimento.

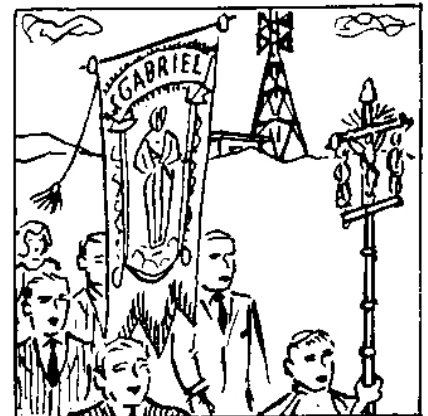
"Com funcionárias como esta - prossegue - que procura honrar o cargo que ocupa, sabendo ser o mesmo simples, mas imprescindível à vida do município, a Companhia Telefônica pode ficar certa que será sempre lembrada e estimada por todos que dela se servem".

### GRATIDÃO

Embora ferida pela dor da perda sofrida, a família de Maria Lírio Brant, falecida em Santa Bárbara, Minas Gerais, não deixou de enviar delicada carta à sede da C. T. M. G. para agradecer os bons serviços prestados pelas telefonistas locais que foram de grande solicitude e muito cooperaram com a família nessa hora tão grave. Estabelecendo comunicações urgentes, esforçando-se para atender à natural ansiedade dessa hora, as telefonistas de Santa Bárbara fizeram jûs ao elogio.

### VISITA

Alunos do Colégio Anglo Americano fizeram uma visita de estudo a dependências da Companhia Telefônica Brasileira no Rio de Janeiro, detendo-se mais demoradamente nos serviços interurbanos, tendo tido oportunidade de apreciar o funcionamento das comunicações telefônicas do Rio com as demais cidades do Brasil e do Mundo. Da visita de que levaram agradável impressão, recolheram proveitosos ensinamentos, o que motivou carta de agradecimento do Sr. Alberto de Almeida Correia, diretor-presidente daquela prestigiosa organização de ensino.



### RIBEIRÃO E OURINHOS

Também as nossas colegas de Ribeirão Preto e de Ourinhos, receberam significativos elogios pelos seus assinalados serviços às respectivas populações.

As primeiras ganharam crônica na ZYR-79 e ZYR-92, Rádio Ribeirão Preto, e, as segundas, a saudação especial do rev. Pe. Duílio O. S. J. que, ao ensejo da passagem do dia de São Gabriel, padroeiro das telecomunicações, convidou a dirigentes e servidoras da C. T. B. para a missa especial oficiada por aquele motivo, na capela da Santa Casa local.

# ENIGMA dos ENGANOS



VEJA, CARO LEITOR, SE VOCÊ  
CONSEGUE DESCOBRIR OS  
9 ENGANOS COMPARANDO  
O DESENHO ① COM O ②  
(SOLUÇÃO NA ÚLTIMA CONTRACAPA)



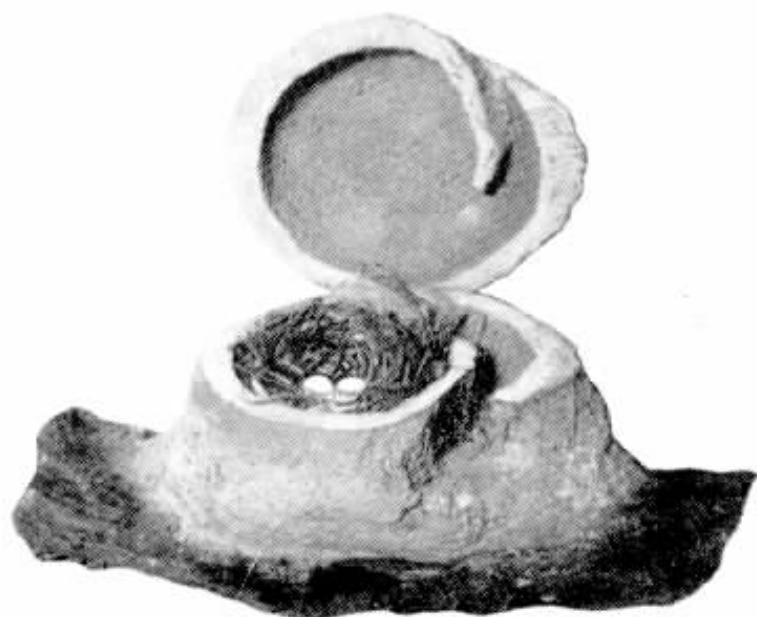
# JOÃO DE BARRO



VER um passarinho a saltitar de um lado para outro, com fragilidade e bela plumagem, nem sempre é agradável à vista e poético ao sentimento. Pelo menos em relação ao João-de-Barro, é esse o modo de sentir dos guarda-fios da Telefônica que, embora apreciando o "furnarios rufus rufus", nome porque o conhecem os cientistas, ou o ôgaraitig, como o denominam em guaraní, não gostam de ver a preferência que tem pelas cruzetas dos fios telefônicos, para a instalação das suas bem feitas casas de barro. Esses ninhos, via de regra feitos sobre os isoladores de fios, causam dificuldades enormes ao serviço interurbano e constituem verdadeira praga, a que não se dá, nem se pode dar, descanso, em nome das boas comunicações telefônicas.

Embora "inimigo", dada a curiosidade que é a própria existência do pássaro, resolvemos dedicar à ave que é conhecida em toda a América do Sul, embora sob nomes diferentes, algumas linhas de esclarecimento.

Se algum dia forem à Argentina e ouvirem falar de um pássaro "hornero", estejam certos que é dele que falam. Chamam-no de "fornheiro" porque o seu ninho de barro tem a forma característica de um forno primitivo, de cozer pão. Já um gaúcho do Rio Grande do Sul o chamará de "barreiro", e um baiano de amassa-barro. Um cearense o denominará maria-de-barro. Mudam os nomes, mas não o pássaro que será sempre o



No alto da página, dois exemplares do belo João-de-Barro, conservados no Museu Nacional do Rio. Embaixo, corte do admirável ninho do pássaro, verdadeiro arquiteto alado.



João-de-Barro de mil histórias, talvez o mais popular dos pássaros do Brasil.

Como o João-de-barro costuma construir o seu ninho entre os isoladores das linhas interurbanas de fio nu, a umidade absorvida pela sua casa, produz baixa isolação que prejudica, assim, a transmissão telefônica. E é isso que faz com que seja mantida constante vigilância ao longo da posteação da C. T. B., nas estradas e no mato adentro, num trabalho dos mais penosos para a remoção das casas do pássaro-engenheiro.

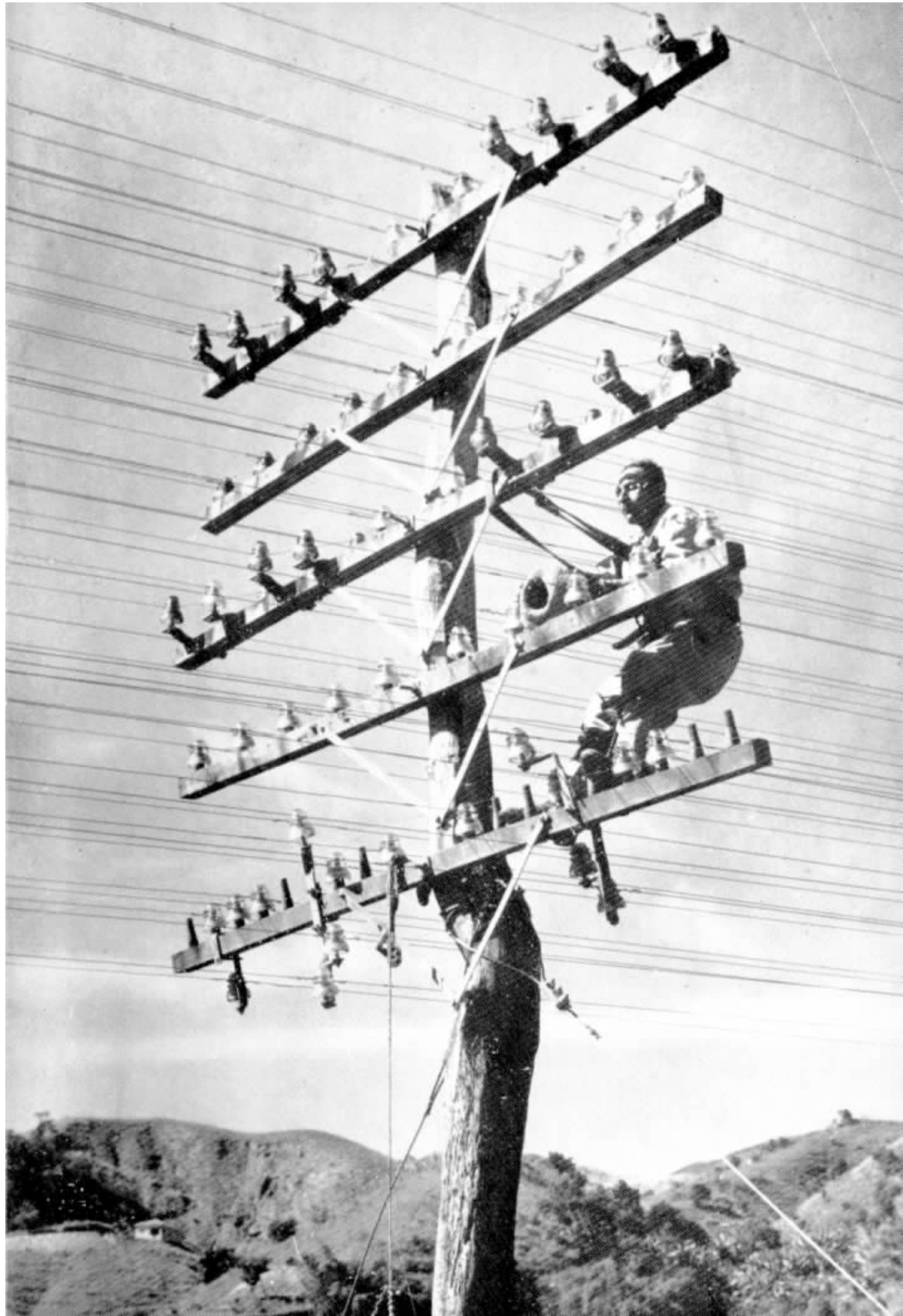
Fora esse prejuizo, porém, não há porque querer mal ao nosso alado "inimigo". Dêle se contam as coisas mais interessantes possíveis, como o faz, por exemplo, Eurico Santos, escritor especializado em assuntos da nossa fauna que, em "Pássaros do Brasil", dedica ao João-de-Barro, fartos elogios, classificando-o de "super-pássaro, cheio de qualidades, industrioso, honesto, inteligente, casto, trabalhador, pacífico e conquistador da simpatia do homem".

De côr terrosa, garganta branca e parte inferior do corpo amarelado escuro, bico fino, reto, ligeiramente curvado para a ponta, com perto de dois e meio centímetros, o João-de-barro tem cabeça arredondada e é um pássaro bem elegante, apesar de seu tamanho não passar de vinte centímetros.

O ninho é característico e um môdêlo de confôrto e segurança, construído de barro e com a forma típica de um fórnô. No matériál de construção estão misturados ao barro, palhas, crinas e fibras diversas, levando o trabalho de ereção de três a sete dias, parecendo às vêzes um edifício de apartamentos com casas sobrepostas. Geralmente têm dois compartimentos, separados por uma parede, um corredor de entrada que vai dar na câmara onde a fêmea põe os ovos, entre janeiro e setembro. Seu canto é um hino de otimismo que cessa ao cair da chuva, mas que se levanta claro e forte, mal rala o sol, numa prova de que, até entre os pássaros, a vida requer claridade, bom tempo e otimismo. E nesse ronto, o João-de-barro é mestre. Com licença dos nossos colegas, os guarda-fios.

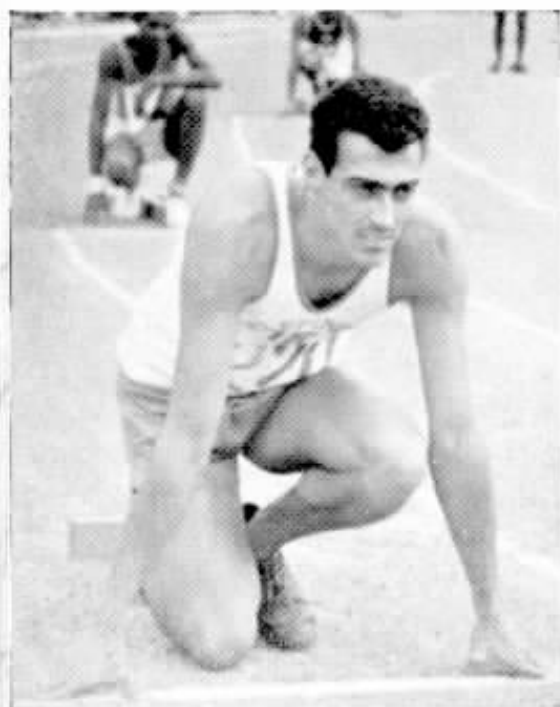
●

A esquerda, magnífico exemplo de «edifício de apartamentos» construído pelo João-de-Barro (exemplar do Museu Nacional). A direita, flagrante do trabalho do guarda-fio, procurando retirar um ninho do pássaro.



# TELEFÔNICA A. C.: CAMPEÃO DO SESI

## BRILHANTE FEITO ESPORTIVO



Júlio de Araujo, campeão de 110 metros com barreira e segundo nos 400 metros rasos. Um valoroso elemento do T.A.C.

DOS mais empolgantes foi o resultado dos XIV Jogos Esportivos do SESI, realizados no Estado da Guanabara e de que o Telefônica Atlético Clube saiu amplamente laureado. Os jovens integrantes da equipe telefônica, levantaram pela terceira vez consecutiva, o título na série B, e, pela primeira vez, o da categoria A.

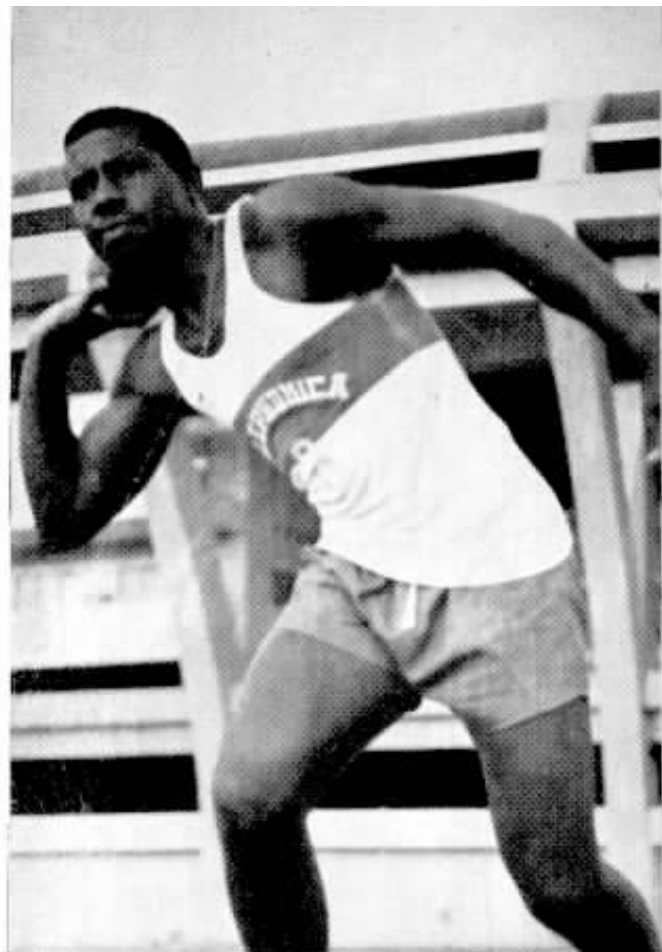
Salientamos como melhores resultados na categoria A, obtidos por atletas do T.A.C., o primeiro lugar nos cem metros rasos, vencido por Hélio Malheiros com o tempo de 11,9 segundos, vencendo este atleta, ainda, o salto em altura com 1,60. Nos 1.500 metros, o T. A. C. destacou-se colocando os vencedores do segundo ao quarto lugares nos Gastão Nogueira, Ney Flôres de Melo e Manoel Dias. Outros bons resultados foram atingidos nas provas de salto triplo (3º), salto com vara (dupla em 1º), 110 metros com barreiras (1º), 400 metros rasos (2º) e revezamento 4 x 100 (2º). Na categoria B, Osvaldo Brito foi o mais destacado vencendo as provas de pêso, disco e dardo. Outros excelentes resultados foram verificados nas provas de revezamento 4 x 75 m (1º), 75 e 300 m rasos (2º), salto em altura (2º) e disco (3º). Uma excelente equipe a do T. A. C.



Aí está a excelente equipe que defendeu o tricampeonato da série B e levantou também o título da série A, para o T.A.C. nos XIV Jogos do SESI. Tendo na extrema direita o presidente Miranda, a equipe posa após os feitos, tendo o treinador Francisco Cortez, terceiro da esq. um dos troféus.



Hélio Malheiro, campeão do salto em altura e dos 100 metros rasos, foi um dos grandes construtores das magnificas vitórias dos nossos rapazes.



Osvaldo Brito foi um colecionador de vitórias na categoria B, vencendo as provas de peso, disco e dardo, em tempos excelentes



Luiz Gonzaga Campos, outro bom colaborador no esforço magnifico realizado pelos rapazes do Telefônica Atlético Clube, na esplêndida prova do SESI.



Santo Bruno, vice-campeão no salto com vara, da série A, empatou com Cândido Freire, o vencedor, na altura alcançada: 2,50 m.



Flagrante em Botucatu, à saída do ato religioso no qual colegas daquela próspera cidade paulista, cumpriram o piedoso dever da Páscoa, no Ginásio Diocesano de Nossa Senhora de Lourdes.

## Páscoa na C. T. B.



Também em Ourinhos, outro grande centro da vida paulista, se fez sentir o fervor religioso de quantos, servindo à Telefônica, não esqueceram de suas obrigações. Após a missa festiva da Páscoa, nossas colegas de Ourinhos e os seus familiares, numa foto com o reverendíssimo oficiante.



A cidade de Campos, no Estado do Rio, mais uma vez fez das comemorações pascoais, justo motivo de relêvo. Na ocasião fez-se o registro acima.



Ao lado, aspecto do templo onde se realizou a solenidade religiosa em Jaú, no Estado de São Paulo, literalmente repleto com tão belo pretexto.



A progressista cidade interiorana de S. Paulo, S. João da Boa Vista, também comemorou de maneira assinalada, a passagem da quadra pascal, realizando os funcionários da Companhia Telefônica Brasileira, uma bonita festa de elevação cristã. Na foto, colegas e os sacerdotes preparadores.



Muitos compareceram à despedida de Maria de Lourdes Barbosa Pinto. Todos para formular votos de felicidades. Emocionada, vemos-la, ao lado de Augusto Faria e do Dr. Theodoro Arthou.

## Aposentadorias

Ao alto: Colega das mais estimadas, Maria de Lourdes Barbosa, chefe da seção de Serviços Internos, do Depto. Comercial do Estado da Guanabara, aposentou-se com 37 anos de excelentes serviços prestados à nossa Companhia. Sorrisos e lágrimas marcaram a sua despedida, quando um grande número de chefes de seção e de colegas foram lhe dar afetuoso abraço e desejar-lhe felicidades. Nesse dia, o ambiente de trabalho visto pela companheira que nos deixava foi outro, numa reunião íntima e de cunho fraternal.



Ao lado: Significativa homenagem foi prestada a mais um companheiro que se retira das lides telefônicas. É ele, Rudolpf Aps, Encarregado da seção de Estudos da Réde, e que se aposenta com trinta e três anos de bons serviços prestados à C. T. B. Inúmeros colegas e admiradores foram levar, na ocasião da despedida, o seu abraço ao velho companheiro de trabalho. Rudolf Aps recebe de Leonidas H. Granoff, um belo rádio, lembrança de seus colegas da Telefônica.



Iracy Maria Vidotti, a telefonista do Ano de 1961, recebe das mãos de Carlos Duarte de Oliveira, o troféu de «Honra ao Mérito». Ganhou-o merecidamente.

## Campinas Elege a Telefonista do Ano

COMO tradicionalmente ocorre todos os anos, foi escolhida, em Campinas, a Telefonista do Ano de 1961. Desta vez, a vencedora do concurso realizado entre as funcionárias da Companhia Telefônica Brasileira, foi a jovem e simpática Iracy Maria Vidotti, telefonista zelosa, cumpridora dos seus deveres e portadora de ótimos predicados pessoais. O concurso que contou com a promoção do jornal "Diário do Povo", chegou ao seu quarto ano con-

secutivo, sempre norteado pelos princípios de incentivar o valioso trabalho das telefonistas, escolhendo a que mais se destacou durante o ano. Os proprietários do "Bar e Restaurante Rosário", ofereceram, a Iracy Maria Vidotti, um lauto almoço e entregaram-lhe na ocasião, um troféu de honra ao mérito, como prova de reconhecimento ao muito que as jovens telefonistas fazem em prol do progresso e bem estar de Campinas.

### SOLUÇÃO DO «ENIGMA DOS ENGANOS»



A orelha ficou branca.



A gaiola tem outro enfeite.



O homem colocou gravata. O telefone ficou branco.



A caixa tem nova forma. O lápis mudou de posição.



A cauda ficou mais curta.



A vasilha aumentou.



Mudaram de posição.



# Sino Humor

através da imprensa mundial



- Laerte ? Julião ? Artur ? ...  
Ah, é Você, Ana Maria ! Por que  
não avisa logo que está rouca ?



- Romeu e Julieta namoraram,  
Cinderela e o príncipe namora-  
ram e todos fizeram história,  
sem jamais ter usado o telefone!..



- Agora podemos conversar...  
Segurei meu filho que está de  
ôlho na mesa de doces...



- Teresinha, quer emprestar-me  
o seu baton ? . . .



- Telefonista de auxílio ? .. Escute,  
o meu telefone deve estar com  
defeito - há duas horas que não toca!

# Sino Azul

Nº 6 — 1961



REVISTA  
DOS  
EMPREGADOS  
DAS ORGANIZAÇÕES

ANO XXXIV Nº 6 — 1961

CAIXA POSTAL 450  
RIO DE JANEIRO



REVISTA DOS  
EMPREGADOS  
DAS ORGANIZAÇÕES:

COMPANHIA TELEFÔNICA  
BRASILEIRA

COMPANHIA TELEFÔNICA  
DE MINAS GERAIS

COMPANHIA TELEFÔNICA  
DO ESPÍRITO SANTO



## NOSSA CAPA

Fany Rozental, colega da Contabilidade, no Estado da Guanabara, é uma das gentis modelos das nossas novas páginas de moda.

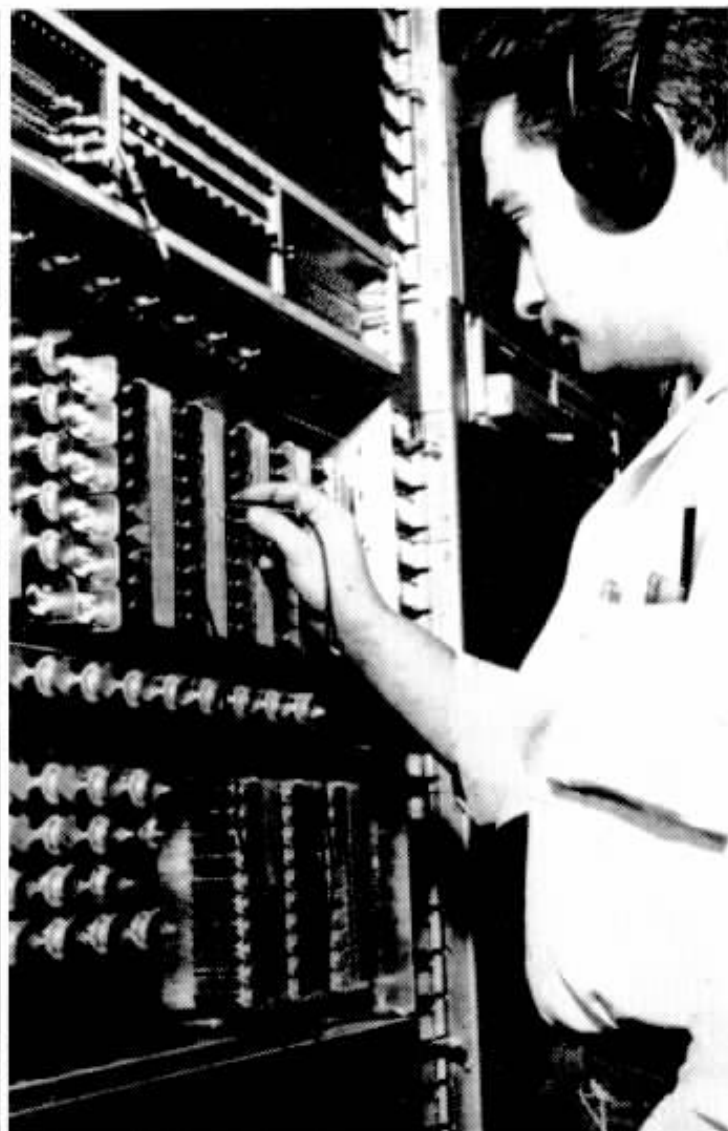


Na solenidade inaugural dos novos telefones automáticos de São João da Boa Vista, teve a oportunidade de fazer uso da palavra, José Portugal Gouvêa, diretor-superintendente Comercial da Divisão do In-

# São João da Boa Vista

## Cidade dos Crepúsculos Maravilhosos

**MAIS UM PROBLEMA RESOLVIDO PELO  
AUTOFINANCIAMENTO**



terior do Estado de São Paulo. Ressaltou a importância do empreendimento para a vida daquela cidade. A rede foi dobrada em capacidade.

SÃO JOÃO DA BOA VISTA, encantadora cidade de São Paulo, na zona da Mogiana, acaba de resolver o seu problema de telefones, adotando, também, como tantas e tantas outras cidades brasileiras, o sistema de financiamento pelos próprios usuários.

As novas instalações automáticas, já inauguradas, atenderão aos reclamos dos municípios de São João que, desta forma, acompanharão o extraordinário progresso que hoje se verifica em tôdas as cidades do grande e próspero estado bandeirante.

A instalação e montagem do moderno equipamento automático foi executada pela Ericsson do Brasil e a rede externa construída por Lacaze & Pizão.

A Prefeitura Municipal de São João da Boa Vista firmou contrato com a Companhia Telefônica Brasileira, ficando a cargo da C. T. B., além do serviço interurbano, a administração e a operação do

Henrique Alberto da Silva, conservador, operando nos novos equipamentos da rede automática de telefones, recém-inaugurada em S. João da Boa Vista.

moderno serviço telefônico da progressista cidade.

O antigo sistema manual, ou sistema de magneto, comportava 555 assinantes. O sistema ora inaugurado, automático, como dissemos ao início, comporta, inicialmente, mil assinantes, já em pleno funcionamento.

É mais um marco no progresso magnífico da bela cidade que tem vinte e cinco mil habitantes na zona urbana e mais quinze mil na rural e que, pelo seu desenvolvimento, estava mesmo a reclamar esta marca registrada do progresso que é o serviço telefônico automático.

Cidade próxima a montanhas verdejantes, o que lhe empresta um cenário empolgante, proporcionando tal topografia um entardecer surpreendente e motivador do "slogan" orgulhosamente apregoado por todos os naturais de São João da Boa Vista — Cidade dos Crepúsculos



Cidade surpreendente pelo progresso, S. João tem piscinas monumentais como esta, em que as colegas Dayse Teixeira Alves e Sara Rocha Schilive, executam passes de bola, aprimorando o físico e recreando-se na paisagem admirável que é encanto permanente.

## SÃO JOÃO DA BOA VISTA



Maravilhosos, tem motivos diversos — que não só os naturais — para transformar-se num verdadeiro centro de atrações.

O município que já ultrapassou o seu primeiro centenário, tem nas atividades agro-pecuárias a sua base econômica mais forte, ao lado de um movimento comercial florescente e de acentuada atividade industrial. São ali produzidos, em larga escala, finos cafés de exportação, algodão,

★

Ao lado, a colega Lydia Cereja, mostra a Alzira Pires de Aguiar, telefonista-chefe, sugestivos bordados de suas horas de lazer. Aprovada!

arroz, batatas e cebolas, das melhores qualidades do Estado. No setor pecuário, São João ganha relevância na produção de carnes, leite e seus derivados. As indústrias contribuem com a produção de tecidos, instrumentos musicais, óleos etc.

As origens de São João apresentam pontos controversos que jamais serão perfeitamente esclarecidos, perdidos no tempo documentos que poderiam fazer luz a respeito.

Accepta-se como fato comprovado que as terras que formam hoje o município, pertenciam a Mogi-Mirim e



A Fazenda Destêrro, de propriedade do atual prefeito, Sr. José Rui de Lima Azevedo, é motivo de atração para as colegas Olga dos Reis e Lúcia Manocho.



Severiano Palomo Garesti, colega da Rêde, surpreendido no gozo de suas férias na Esportiva.

## Cidade dos Crepúsculos Maravilhosos



A colega Maria de Lourdes Bodelon Braganholle, no seu lar, junto ao espôso e à bela filhinha.



O prefeito J. Rui de Lima Azevedo, mostra à telefonista Sidnei P. Rodrigues, atas antigas do município. A seu lado, Antonio G. de Oliveira, responsável comercial.

foram ocupadas por Antonio Manuel de Oliveira, o Antonio Machado, como era conhecido que, juntamente com seus cunhados Ignácio e Francisco, chegaram às margens do Jaguari, vindos de Itajubá, no ano de 1822 ou 1824.

Antonio Machado doou o terreno para patrimônio da futura povoação e, erguida a capela sob o patrocínio do Monsenhor João José Vieira Ramalho, este vinha de sua fazenda Pinheiros, a fim de celebrar missas aos domingos e officiar matrimônios e batizados. Padre Ramalho apaixonado pela terra, em breve para lá se mudou. Tipo de pioneiro, destemido, homem de opinião, lutou na Revolução de 1842. Da atividade do padre, restam na região os córregos do Quartel e do Polvarinho e a serra do Paiol, a atestar o espírito belicoso do sacerdote.

O nome da cidade deve-se também aos Machado. Eles chegaram à região em vésperas do São João e o nome do santo foi o que dedicaram ao pouso onde se instalaram. Boa Vista, explica-se pelas paisagens encantadoras do local.

Em 28 de fevereiro de 1838, o pequeno povoado foi elevado a freguesia e, em 24 março de 1859, a Lei Provincial nº 12, elevou a freguesia a Vila e em 1888, a 28 de fevereiro, S. João era feita cidade.

Servida por magníficas estradas que a ligam a diversas cidades, São João tem ótima estação rodoviária a ligá-la especialmente com São Paulo e a conhecida estância mineral de Poços de Caldas, em território mineiro, que lhe é vizinha. Os trilhos da Mogiana, são, porém, o escoamento natural da sua produção.

Contando com mil tele-

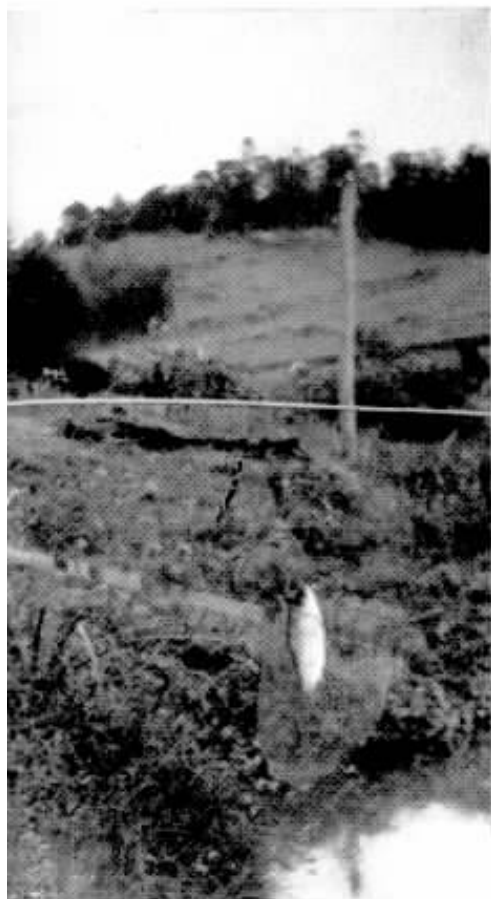
fonos automáticos, são completadas mensalmente em São João, vinte mil chamadas interurbanas. Colaboram nesse magnífico resultado, com d. Alzira Pires de Aguiar, telefonista-chefe, cerca de cinquenta telefonistas. A Rêde, entre guarda-fios e conservadores, conta com seis dedicados auxiliares. Antonio Gomes de Oliveira, com dedicação e competência, trata com operosos funcionários, do setor comercial, agora acrescido de novos encargos com a automatização do serviço, meses a mais na marcha de São João da Boa Vista, para o progresso.

Ao lado, João B. de Souza, ajudante de emendador, dá diversas explicações sobre pesca, às colegas Neusa Moraes de Oliveira e Irene B. Ferreira.



Acima, Ruth Cereja experimenta uma harmônica Sartorello enquanto Thereza Fonseca, examina outra, com o Sr. Franco D'Amore, da fábrica bastante conhecida. Ao lado, o lindo jardim principal da cidade, onde passeiam as colegas Maria H. Rubio e Odila de Andrade.





Sede de bispado, tem em Dom David Pião, o seu chefe espiritual. Ei-lo, relembando a sua sagração com a colega Thereza dos Santos e F. Teixeira, nosso representante.



A tecelagem Fiatece representa uma das maiores atividades industriais do município. Além da fábrica, há a loja de venda, onde as nossas colegas Maria de Lourdes Souza e Gilda Aparecida Beveto tiveram uma tarde cheia e bem feminina, vendo e revendo os produtos Fiatece que o Sr. Osvaldo Spletstoser, gerente geral da fábrica, lhes foi mostrando pacientemente.



Um instantâneo «extra» do espetáculo, em que aparecem Suely Peres, «a mulher do padeiros»; Gregório, «o auxiliar do Palhaço» e as «zararas» Jacquelin, Solange e Nair, figuras do belo triunfo do T.E.



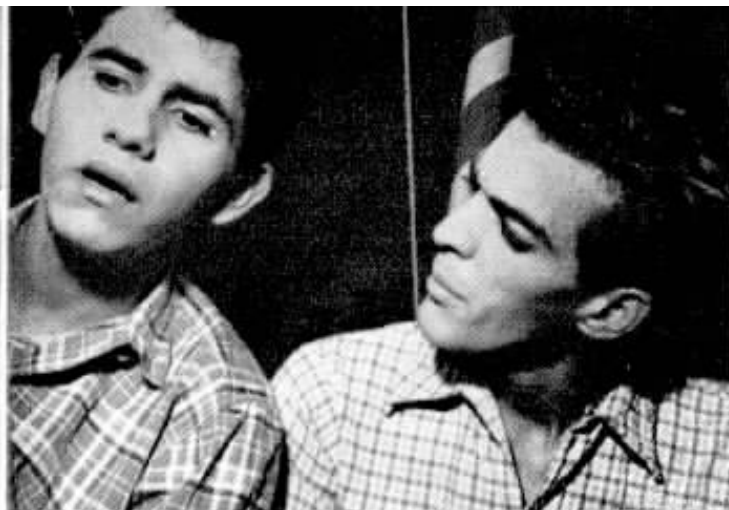
Nelson Pucci, foi o Cristo negro da excelente concepção de Suassuna. Além de ator, foi distinguido como cenarista, conquistando dois prêmios.

## TEATRO DO TELEFÔNICA

**F**AZENDO de suas horas de lazer, o bom pretexto para muito estudo, ensaios constantes e a busca da perfeição artística, os colegas paulistas do Teatro de Ensaio do Telefônica Clube, vão acumulando vitórias marcantes, na sua trajetória como grupo atuante em ocasiões memoráveis.

Amadores, porém já consagrados, as moças e rapazes escolhidos por Carlos Alberto Aloise, o diretor do excelente conjunto, são bastante conhecidos da família telefônica, pois já deram espetáculos em várias cidades de São Paulo e na Guanabara.

Desta feita, a repercussão foi maior. Concorreram os jovens do Teatro de Ensaios ao IV Festival Estadual do Teatro Amador, sob o patrocínio da Comissão Estadual do Teatro e da Federação Paulista de Teatro Amador.



«Chicó» foi vivido por Ruy Lopes Pereira, o melhor coadjuvante masculino do Festival. Na foto, contracena com Carlos Campanille que deu vida no «João» de Suassuna.



Duas figuras que personificam o diabo, tal como o descreve o folclore nordestino: o «Encourado» foi representado por Waldir M. Souto e o «Demônio» por José W. L. Pereira.



Enio Finocchi, «o palhaço», peça importante no enredo, ouve as últimas instruções de Paulo Alberto Aloise, diretor do grupo, antes de entrar em cena. O «palhaço» é o apresentador do elenco.

## REPRESENTOU SUASSUNA

A peça encenada foi a consagrada obra de Ariano Suassuna, "O Auto da Compadecida", representada no Teatro de Arte Israelita, superlotadas as suas dependências e atuando os seguintes elementos: Enio B. M. Finocchi, Carlos Campanille, Ruy Lopes Pereira, Waldemar Trumpanskas, Juarez S. Silva, Suely Perez, Nelson Figueira, José Soares, Rubens Roccia, Getúlio C. Teixeira, Gregório José Filho, Nelson Pucci, Mariazinha Sampaio, Waldir Mendonça Souto, José Wilson Lopes Pereira, Neide Arruda e Maria José Barros.

Dias após a apresentação da "Compadecida", a imprensa paulistana divulgava o resultado do aludido festival, destacando-se do noticiário, a outorga de medalhas a Ruy Pereira, como o melhor coadjuvante masculino e a Nelson Pucci, como o melhor cenarista, cabendo a este, ainda, o cobijado prêmio "Governador do Estado", também como cenarista, no valor de cinquenta mil cruzeiros.



Situações de extrema singeleza, são as que envolvem o «bispo» Rubens L. Roccia, o «padre» Waldemar Trumpanskas e o «frade» Getúlio C. Teixeira.

# COISAS

que aconteceu...

# COISAS

A EMPREGADA de um casal morador em Niterói, deixara grande e irresistível amor na Bahia. Morta de saudades, não pôde mais resistir e, às escondidas, pediu uma ligação interurbana para Salvador. Quando a conta da Telefônica chegou, no fim do mês, o



dono da casa quase morreu de susto: havia uma chamada para a capital baiana, no valor de 6 mil cruzeiros, correspondente à longa conversa, verdadeiro idílio telefônico. O caso foi parar no Juizado de Menores, após grandes confusões domésticas. E a baianinha apaixonada, como o "deputado" conterrâneo da marcha carnavalesca, deve ter dito: "Sou namorada baiana, o que eu quero é conversar..."

DESEJANDO oferecer um presente original para o aniversário de sua mãe que se encontrava em São Paulo, de onde jamais quisesse sair, um milionário do

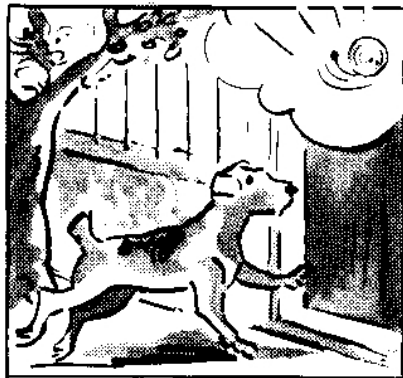
Amazonas comprou, por duzentos mil cruzeiros, um pássaro raríssimo da família "Mynah" e mandou-o para a mãe. O bicho fala-



va português, inglês e francês e ainda cantava algumas árias de ópera em puríssimo italiano. No dia do aniversário da mãe, o milionário conseguiu uma ligação telefônica e perguntou ansioso:

— "Então? O que achou do pássaro que lhe mandei, mamãe?"

— "Delicioso!". respondeu ela.



UM ASSINANTE chamou a telefonista quase à meia noite e pediu-lhe que lhe chamasse o próprio número. Diante da estranheza, explicou:

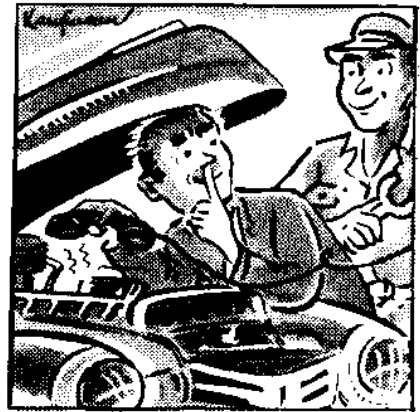
— "O meu cachorrinho está na rua e não quer voltar quando o chamo. Mas

há uma coisa que o faz voltar sempre; ele volta correndo para casa, quando ouve a campainha do telefone."

A telefonista deixou tocar o telefone dez vezes, antes que o assinante respondesse, acima do barulho dos "au-aus" do cachorro:

— "Muito obrigada, telefonista! Deu certo... Ele... já está em casa!"

O DIRETOR-PROPRIETÁRIO de um dos nossos maiores jornais, jura que não existe no mundo, um mecânico igual ao seu. Uma vez ia ele passando por



uma pequena localidade, quando o seu carro começou a falhar. O garagista do lugar não conseguiu descobrir o que era, e, então, o dono do jornal resolveu-se a fazer um telefonema interurbano ao seu mecânico de confiança, para pedir-lhe opinião.

— Patrão — disse a voz do outro lado do fio — ligue o motor e ponha o fone bem perto. Deixe-me ouvir.

Escutou durante alguns minutos, depois disse:

— Agora, por favor, deixe-me falar com o mecânico aí da garagem.

Em dez minutos, o dono do jornal estava na estrada, com todos os cilindros do motor funcionando.



José Fonseca, cobrador da C.T.B., cumpre a sua tarefa que, às vezes, é das mais agradáveis, como no caso em que a «cobrada» é a vedeta do teatro musicado, Mione Amorim.

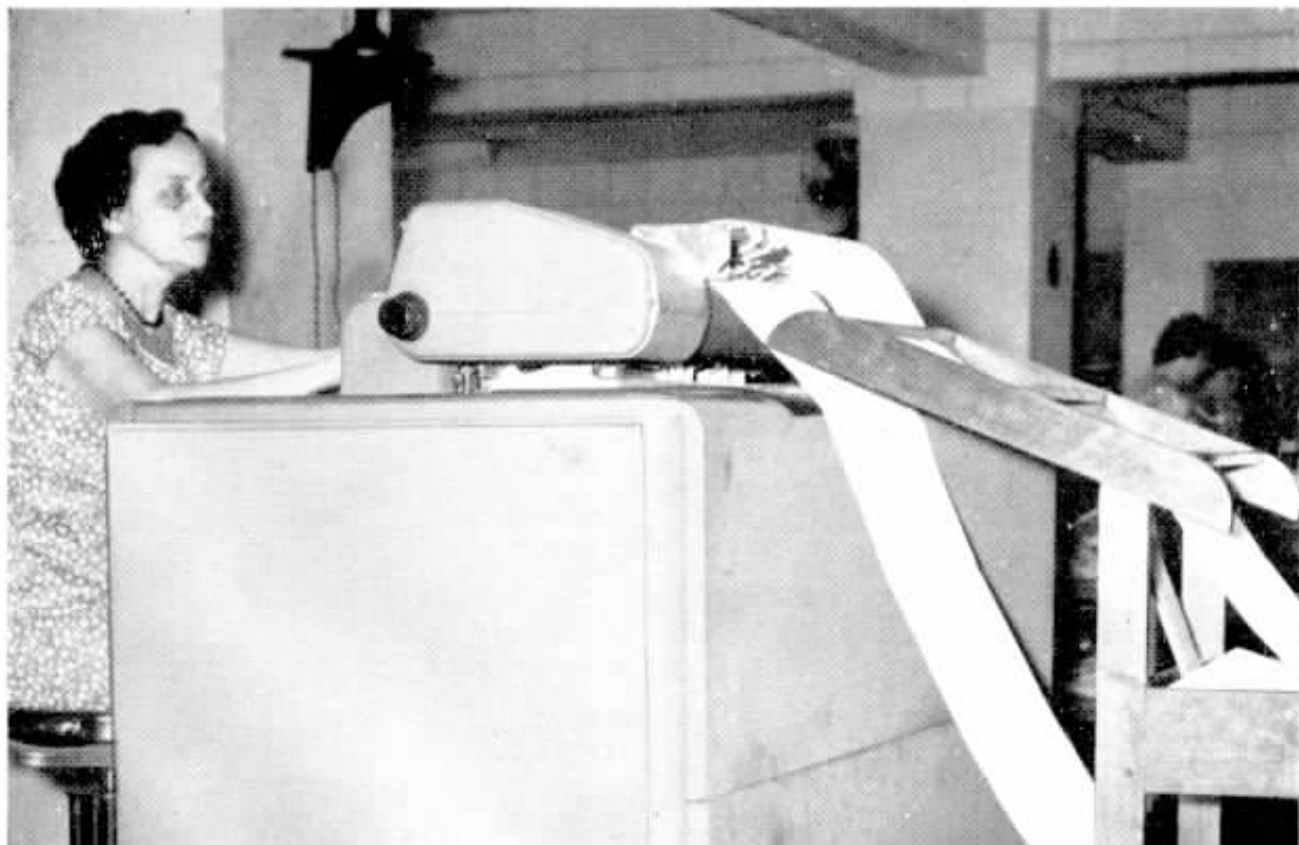
## SUA CONTA, POR FAVOR!

QUEM vê um cobrador na rua, batendo de porta em porta, muitas vezes não é capaz de avaliar o trabalho que ele tem para desempenhar a sua exaustiva profissão.

Também a nossa Companhia tem os seus cobradores que, através de um departamento especializado, cumpre uma tarefa gigantesca, cobrindo, diariamente, as enormes extensões da cidade do Rio de Janeiro — o centro escolhido para a nossa reportagem que, no entretanto, poderia ser estendida igualmente a B. Horizonte e a outros centros populosos onde esses diligentes funcionários da C. T. B. quer chova ou

Saída, matinal, para mais um dia de intensa atividade na cobrança das contas da C.T.B.: mil e poucas vão na pasta.





Zélia Vilarinho de Araújo, tem a seu cargo, uma impressora tipo 420, da Contabilidade. Seu trabalho atento e eficiente, se traduzirá numa conta perfeita: o assinante nada tem a reclamar.



Ulysses Olegário Lins Caldas, na Seção de Cobranças, recebe as contas enviadas pela Contabilidade e seleciona-as por zonas, para remetê-las aos cobradores que farão o resto do serviço.



Levy Rodrigues, encarregado da Seção de Cobranças, dá a tarefa do dia ao nosso focalizado, José Fonseca.



Amaro Pecanha de Carvalho, opera a máquina especial utilizada para destacar as contas telefônicas. Eficiente.



Cobrança feita, rápida busca de um banco para depósito do dinheiro arrecadado. Um dia a mais na sua rotina.

faça sol, desempenham suas atividades de rotina.

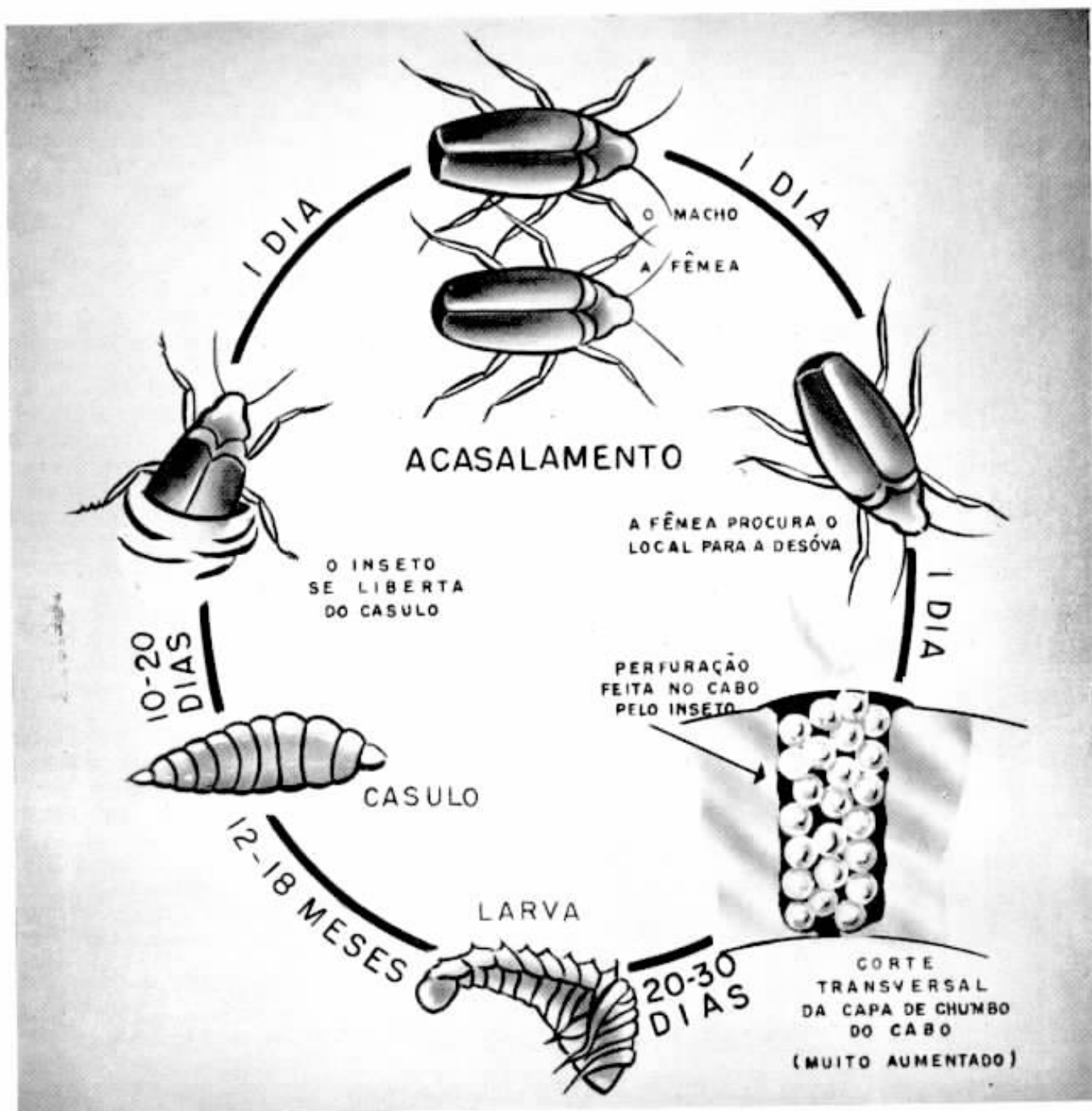
Quem vê esses nossos colegas, fazendo a cobrança das contas telefônicas, logo as primeiras horas da manhã, mal sabe que esses funcionários são alguns dos que mais cedo chegam ao serviço. Muitos até madrugam, pois são eles próprios que catalogam as contas que irão cobrar, dividindo-as por zonas, ruas e números de casas.

Embora à primeira vista a coisa pareça fácil, a verdade é que a distribuição desse serviço e mesmo a cobrança, requer do cobrador uma boa dose de experiência, somada a outros requisitos essenciais.

A maioria desses nossos colegas, faz, diariamente, a cobrança de seiscentas a mil e poucas contas telefônicas, sendo o dinheiro arrecadado no serviço, depositado em vários bancos da cidade, o que facilita ao homem da cobrança, não ter de caminhar até a Telefônica para a devida prestação da importância total recebida dos assistentes.

Um cobrador é um representante da Companhia, onde quer que se apresente. Deve estar apto a responder às perguntas que os assinantes lhe fazem e dar aos mesmos, a satisfatória resposta de que tudo vai bem. E que tudo vai bem, é a impressão imediata de seu departamento, o departamento das cobranças.

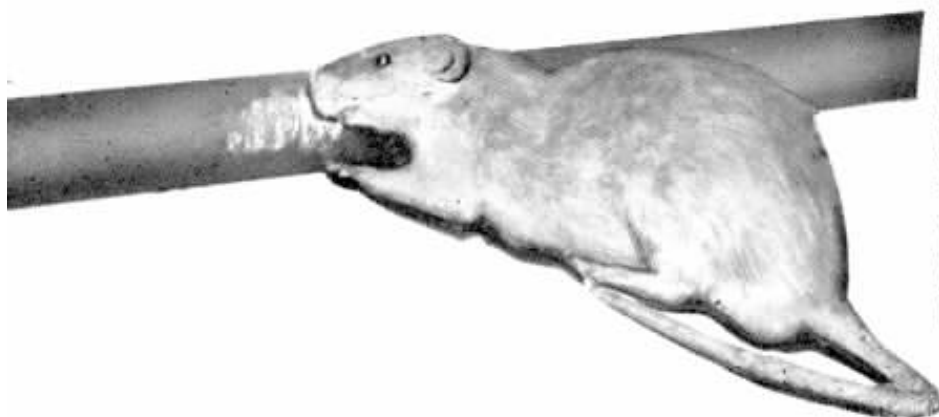
Da contabilidade, com o registro das importâncias, à separação das contas, e à remessa aos diferentes setores da Cobrança, até a entrega e recebimento dos assinantes, uma seqüência enorme, mas de que os cobradores, elementos dos mais úteis da Companhia, fazem uma rotina acertada e fácil... para eles.



Ciclo evolutivo do minúsculo «Bostrychus sp». O inseto procura os cabos telefônicos, perfura-os, e faz ali a sua morada. São meses de lento evoluir, para desespero da Manutenção.

## CAUSAS DE DEFEITOS EM CABOS

Os ratos atacam os cabos, geralmente, dentro de tubulações ou nas caixas de distribuição interna. Pitêu gostoso ou busca de água?



MUITO se tem escrito sôbre a complexidade do equipamento telefônico. Para um leigo, para o assinante comum, quando um telefone deixa de dar sinal, quando as linhas se cruzam, ou ocorre qualquer dificuldade para a realização das chamadas que pretende, a definição salta logo: "É, o aparelho está com defeito!" Mas qual será, afinal, esse defeito? Ai só a Companhia, através de seus serviços técnicos, poderá responder.

Há diversas possibilidades para um defeito; freqüentemente, porém, as causas passam do casual ao propositado.

Vejam os um caso simples. É comum. Um garoto brinca despreocupadamente numa das ruas da cidade. Tem nas mãos irresponsáveis, uma tampa recortada de lata de doce. Atira-a para o alto, e zás!! Batendo de encontro ao cabo telefônico, corta-o. Vários telefones emudecem nessa hora.

"É, está com defeito!"

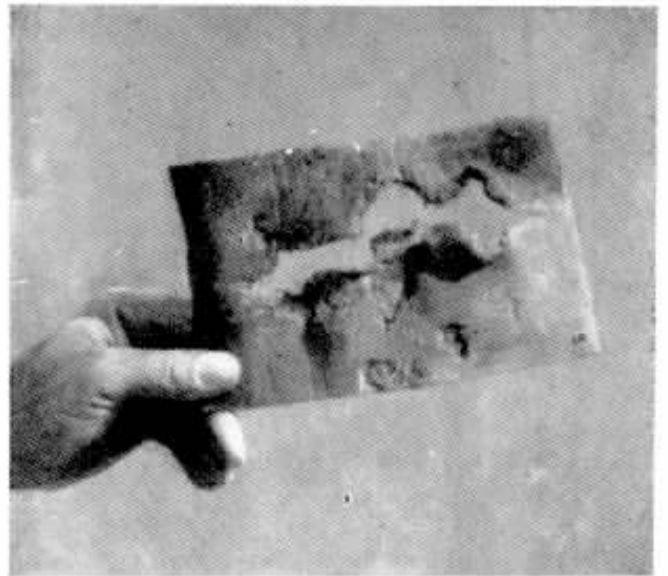
Sim, defeito, mas defeito totalmente imprevisível.

Que dizer por exemplo, das "artes" de um bichinho chamado "Bostrychus"? Pois ele é o responsável pelos minúsculos orifícios encontrados no encapamento dos cabos telefônicos. Para esse inseto, não há melhor "apartamento". Nos orifícios, semelhantes aos furos produzidos pela ponta de um alfinete, são depositados os ovos que, mais tarde, dão larva e se transformam no escaravelho, depois... de ter perturbado por completo as transmissões telefônicas, através dos cabos encerrados naquela seção.

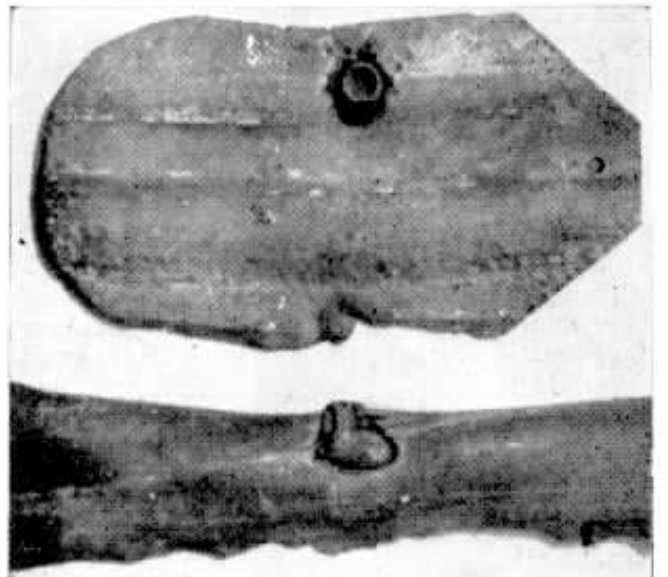
A simples pipa ou papagaio, brinquedo tão popular entre a garotada e dignificado por Franklin que, com a sua pandorga, descobriu a condutibilidade dos raios, pode causar defeitos também. Fios do sistema elétrico, alcançados pelos inocentes e, ao mesmo tempo tão perigosos brinquedos, vêm ao chão, provocando descargas que já ocasionaram, algumas vezes, a queima do encapamento de chumbo do cabo telefônico, deixando-o à mercê do tempo.

A ratazana, tão repelente, temida e odiada, tem a sua parte especial no capítulo dos defeitos de cabos. Seus afiados dentes atacam o encapamento dos cabos dentro da tubulação em entradas de prédios ou nas tubulações e caixas de distribuição internas. Que estranha figura andar no instinto do rato nesse instante? Que procura? Água? Terá o chumbo algum gosto especial para o seu paladar? O certo é que o rato tem sido o responsável por muitos e muitos minutos de silêncio de dezenas de telefones.

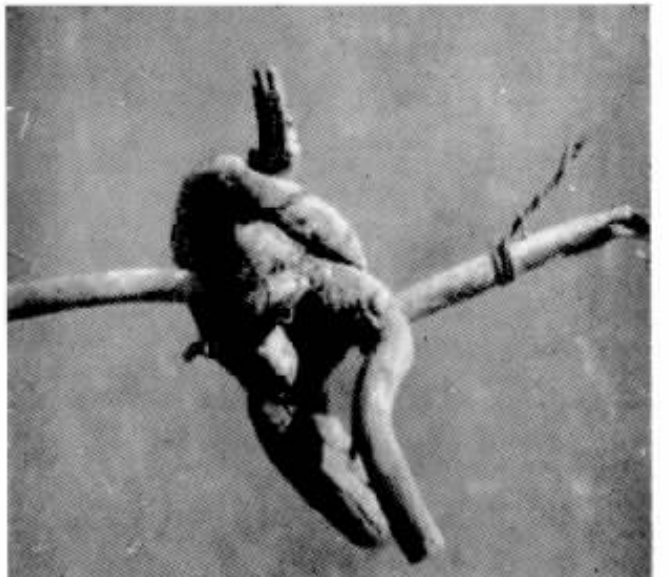
(Cont. na pág. 32)



Esta foto dá bem uma idéia dos efeitos da corrosão química ou eletrólise sobre a capa de chumbo dos cabos. Outro sério inimigo, este.



Balas de revólver, encravadas no chumbo de revestimento dos cabos. Fato responsável por sérias interrupções nas ligações. Abaixo, uma raiz de árvore que, caprichosamente, rompeu uma galeria de dutos, enlaçando o cabo.



# O TELEFONE

Conto de Rachel de Queiroz

escrito especialmente para "Sino Azul"



**T**EVE festa, banquete, discurso e foguete, a inauguração da companhia telefônica na cidade de Aroeiras. Se bem que não fôsse grande a rede, e poucos os aparelhos instalados, — mais ou menos uma dúzia: os oficiais eram o da Delegacia, da estação do trem, da Câmara e da casa do Juiz; e entre os particulares haviam dois especialmente importantes, que uniam pelo fio elétrico o casarão do Major Francisco Leandro, chefe dos marretas, com o sobrado do coronel Benvindo Assunção, chefe rabelista, rico, com loja grande no mercado, de onde lhe vinha riqueza.

E tanto numa casa como na outra, a presença dos dois telefones, suscitando a

possibilidade de uma comunicação impossível, criava uma tensão perigosa.

Imagine-se que a umas duas gerações aquelas famílias não se falavam a não ser em hora de briga. Em perto de cinquenta anos, o mais que um Assunção ouvia de um Leandro era: "Se prepare pra morrer, cabra!" ou "Essa eleição foi roubada!" ou "Se é homem puxe a arma!" Também diziam outras coisas, dessas que os jornais chamam termos de baixo calão. Houve igualmente uma frase dita por um Leandro a um Assunção, e que ficou célebre: na famosa briga do adro da Matriz, quando Carlinho Leandro baleou de morte o moço Donato Assunção, a bela Sinhá Leandro, mulher de Carlinho, que saía da missa atrás do marido, ajoelhou-se junto ao moço moribundo e disse "Jesus seja contigo"; depois lhe cerrou os olhos. Aí Carlinho quis matar Sinhá no



sufragante, achando que aquêlê Jesus seja contigo já era começo de adultério. Sinhá saiu pela praça, correndo e gritando, asilou-se em casa de um irmão, e dêsse caso nasceu uma briga subsidiária, que aliás não rendeu muito. Pois Sinhá, que estava grávida, morreu de mau sucesso e o irmão, pegou-o a febre amarela, numa viagem que fêz ao Rio de Janeiro.

Um Assunção, para um Leandro, era assim uma idéia proibida, imagem proibida, palavra proibida. Nas melhores fases de tréguas, quando um Assunção ia por uma calçada e avistava um Leandro, dobrava pela primeira esquina, ou, na falta de esquina, tomava ostensivamente a cal-



çada oposta. Ainda uns poucos meses atrás, passando pela rua do Carmo o Coronel Benvindo, montado no seu melado campolino (por nome Dois de Ouro), o filho de Chico Leandro chegando à calçada, o menos que pôde fazer foi cuspir no rastro dêle. Frente a frente só se encontravam em hora de luta, e até na igreja tinham seus bancos separados, um do lado do altar de São José, o outro no da Boa Morte.

Pois agora lá estava o telefone, como uma estrada franca, uma porta aberta, entre as duas casas. Com seu ar preto e sonso, pendurado na parede do corredor. Bastava alguém rodar a manivela, dizer à telefonista o número inimigo — o dos Leandro era 15-22, o dos Assunção 15-21, (pelo seguro o Vigário, presidente, da Telefônica, tirou os numeros na sorte, pra não haver preferências) — e logo, do lado proibido, alguém responderia. Calcule só! Ali, junto dos retratos da família, debaixo do quadro do Coração de Jesus, se poderia escutar a voz de um Leandro! Era uma tentação do inferno.

E nessas coisas meditava o Coronel Benvindo, balançando-se na sua rêde branca, armada no alpendre do sobrado, que dava para o jardim. Aspirava o cheiro das rosas abertas

depois da chuva, e olhava de viés para o bicho falante, tão quieto na sua caixa preta. Ora sim senhor, ter o Chico Vinte ao alcance da voz!! (O Chico-Vinte assim se chamava por ser o vigésimo filho do finado Carlinho Leandro, havido da segunda esposa, que lhe dera quatorze filhos, depois dos seis da desditosa Sinhá). Chico-Vinte, sendo embora o caçula, herdara do pai a chefia, por ser o mais disposto, o mais amante da família, o mais dedicado à política, o que se deixara ficar pelas Aroeiras, criando gado e destilando cachaça na sua fazenda da Trapoeiraba. A velha casa da família, na esquina da praça da Matriz, com dezoito portas de frente, — oito na praça e dez no oitão, era o seu pouso na cidade.

Sim, essas coisas pensava o coronel Benvindo, enquanto fazia a sésta. Pensava nelas, quando de repente o telefone tocou, como se respondesse àqueles pensamentos. Tocou, repetiu, bem alto e imperitante. A família tôda acorreu para ver o que seria, mas ninguém se atreveu a pegar no fone. Falar no telefone era falar em nome da casa, prerrogativa do chefe da família. E assim o coronel, quando achou que a campainha já tocara suficien-



te, levantou-se da rêde e atendeu. O padre lhe ensinara o que dizer.

— Alon! berrou o velho na sua voz fanhosa.

Do outro lado, uma fala irreconhecível, num falso-falsete disfarçado, gritou depois em resposta ao alon:

— E' você, Benvindão?

Assombrado com o desplante, o coronel nem soube o que responder. E então o falsete deu um riso e soltou a injúria suprema:

— Benvindão, vim te convidar! Hoje tem missa por alma da Pomba-rôla!

Pomba-rôla é o esqueleto de família da estirpe do Assunção. Não vê que são descendentes do anti-



go vigário colado de Sant'Ana das Dôres; mas o padre velho, em vez de fazer como os outros do seu tempo e escolher moça de família, como tantos que chegavam a trazer uma prima para casa, vestida de noiva, dando origem a uma família que podia não ser legal mas era de sangue bom; o padre velho, não, foi arranjar amizade com uma moça de ponta de rua, por alcunha a Pomba-rôla, a quem montou casa e deu estado. Verdade que depois de ama do vigário, mãe de sua prole numerosa, onde havia dois deutores e um alferes herói do Paraguai, Pomba-rôla assumiu o seu nome

legítimo de D. Dorotéia e se tornou matrona respeitável. Ademais, já estava morta há quase um século. Contudo, quando alguém queria insultar um Assunção, era só falar em pomba, em rôla, ou nas duas juntas. Também usavam arrulhar de longe, imitando a rolinha fogo-pagô. Quanto sangue correu nas ruas das Aroeiras por causa de pomba-rôla e de fogo-pagô, saberá S. Miguel Arcanjo que toma nota dessas coisas, não um de nós.

E pois o coronel, ao ouvir aquela palavra, soltou o fone da mão como se tivesse um bicho dentro; e o fone ficou balançando no fio, feito uma cobra que acabasse de morder. Mas durou pouco o assombro do velho. Porque com aquela rapidez de ação que lhe dera a chefia do seu clã, colocou o fone no gancho, meteu a mão na manivela e logo se pôs a berrar para a telefonista:

— Quem foi o excomulgado que falou agora prá minha casa?

Maria Mimosa, filha da professora, que fizera estágio em Fortaleza aprendendo pra telefonista, mostrou que estava bem treinada e respondia apenas com as fórmulas regulamentares:

— Faz favor? Número, faz favor?

O coronel, aplopético, gritou mais alto:

— Maria Mimosa, deixe de se fazer de bôba! Sou eu que estou falando! Me diga já quem foi o malcriado que ligou para cá!

Meio trêmula, mas ainda oficial, a voz da telefonista resistiu:

— Desculpe, coronel, mas o regulamento não permite se dar o nome dos assinantes que pedem uma ligação... Temos o segredo profissional...

— Maria Mimosa, se você não contar já esse se-

grêdo profissional, eu vou aí e rebento essa joça de tal jeito que nem depois



de cem anos haverá telefone nas Aroeiras!

Maria Mimosa gaguejou um pouco, e acabou confessando trêmulamente:

— A chamada partiu de 15-22...

— Casa de quem, com todos os diabos?

Mais trêmula, ainda, já em pranto, prevendo a gravidade da sua revelação, Maria Mimosa disse, por fim:

— É a residência do Major Francisco de Assis Leandro...

o o o

Devagarinho, com mão firme, o coronel repôs o fone no gancho. O encontro com Maria Mimosa lhe dera tempo para recuperar a sua famosa calma dos momentos de ação. Majestosamente saiu até à loja. Mandou espalhar uns recados. Aos poucos foram chegando os seus homens de confiança; dois cabras que mandara vir a tempos do Riacho do Sangue, Zé Vicente, seu caixeiro, e mais Amarílio, cabra roxo-guajeru que tinha fama de perverso e uma moda de reclamar que não gostava de pau-de-fogo, que não é arma de macho: com ele só no aço frio. Depois, veio do cercado no Juremal o cavalo Dois de Ouro. O coronel montou, acompanhado a cavalo pelo dito Zé Vicente e por

seu genro Pedrinho Queiroz, marido de Juvenília, a filha mais velha, meio feiosa mas que tocava piano e sabia verso em francês. Os demais seguiram a pé, cada um levando o seu rifle de papo amarelo na bandoleira; até Amarílio carregava o seu, não por gosto, dizia êle, mas pelo "regulamento".

Alcançando a praça da Matriz, a expedição parou, para tomar chegada. Já corraera a rua a notícia da saída do grupo encangaçado e já se apinhavam curiosos em cada esquina. O Delegado de polícia trançou os praças na cadeia, prudentemente (era do partido do coronel Benvindo) "para evitar arruaças".

Chegando defronte à porta da casa das dezoito janelas, o coronel sofreu o Dois de Ouro. Sem desmon-



tar, bateu palmas. Ninguém atendeu. Só se escutou, no lado do oitão, o fechar brusco de uma janela. O coronel então chegou mais perto e, com o cabo do chicote, martelou a porta, berrando:

— Ô de casa!

A medo, entreabriu-se uma rótula e apareceu na frincha o olho enviezado de uma cunhã, perguntando quem era.

— Quero falar com o dono da casa!

A cunhã abriu mais um dedo de janella:

— Major Chiquinho foi no sítio, só vem de noite!

— Pois que me apareça outro homem! Não haverá outro homem nessa casa? Quero ver um homem pra falar com êle!

Aí a porta da rua se escancarou nos dois batentes e surgiu a magra figura do Francisquinho, também chamado Vinte-e-um, porque além de ser o filho unico do Chico Vinte era viciado em baralho, justa-



mente no jôgo do vinte-e-um. Dizia-se que o Francisquinho era tísico. Magrelo, no seu dezoito anos, a mãe o queria padre, mas do seminário o expulsaram; porque, não se soube bem, mas contaram muita história mal contada. E no abrir da porta, também Francisquinho foi gritando:

-- Homem tem, e está aqui! Mas homem é que não estou vendo! Só vejo um baiacu velho em cima de um cavalo, e cinco perdigueiros lazentos!

Falou assim para distrair a atenção dos atacantes. E enquanto falava, puxou a mão que trazia às costas, e na mão vinha uma garrucha, que atirou no coronel quase à queimadura. A fortuna do velho foi que no momento em que o tiro veio, êle levantava a mão com o chico-

te: a carga de chumbo passou-lhe raspando entre a costela e o braço e foi pegar, bem na arca do peito, o infeliz Zé Vicente que estava atrás do coronel, e caiu emborcado por cima do cavalo. Ai Amarelilio se adiantou, com a faca nua na mão. Embolou com o meninote e rolaram os dois na calçada. O coronel apeou do melado e se meteu de casa adentro, sem olhar para trás nem tirar o chapéu. Subiu os três degraus do corredor quando se ouviu um alarido de mulher chorando, depois uma voz fina comandou:

— Parem com essa choradeira!

E D. Joaquininha, mulher de Chico Vinte, apareceu na porta da sala, perguntando muito calma:

-- Que é que o senhor quer na minha casa, Coronel Benvindo?

— Minha senhora, eu só quero punir um criminoso.

Dito isso, o coronel passou pela dona, entrou na sala, localizou o telefone, e o indicou para os dois cabras que lhe vinham na pisada:

— Arranquem êsse bicho daí.

E quando os homens puxaram a faca para cortar os fios, o velho recomendou:

-- Não. Arranquem. Quero com tripa e tudo.

Os cabras fizeram fôrça, a caixeta do telefone se largou dos pregos junto com pedaços de rebôco, e as entranhas da coisa faltante ficaram curiosamente à mostra.

-- Levem lá para a praça.

Puseram o telefone no meio do capim de burro, como se fôsse uma aranha caranguejeira. E aí o coronel mandou acender um fogo, com os paus arrancados à cerca velha de um terreno baldio. A chama

subiu -- Em cima do bicho! Em cima do bicho! recomendava o coronel. E o telefone ardeu muito tempo, com um cheiro ruim de celuloide e borracha queimados; por fim só ficaram os pedaços de ferro e louça dos isoladores, entre as cinzas.

O coronel se manteve imóvel e calado, assistindo, enquanto os seus cabras, de armas na mão, guardavam o fogo. Quando tudo acabou o velho correu os olhos pelo povo que espiava medroso, e então disse bem alto:

— Foi pra aprender a não dizer mácriação a homem.



Vinte-e-um não morreu, embora a fachada de Amarelilio lhe houvesse pegado os bofes. Morrinhou, murrinhou, acabou escapando, sempre magro e amarelo; mas como tôda a vida fôra havido por tísico, não fêz grande diferença. Quem morreu foi o pai, Chico Vinte. Veio-lhe uma paixão tão grande ao saber da desfeita que sofrera que lhe deu um ar. Entrevou-se, e com poucos meses era finado. Com o pai dos Leandro defunto, o filho fraco do peito, a guerra entre as duas famílias se amainou. Benvindão ficou chefe absoluto. Mas também teve uma coisa: nunca mais, em casa de Leandro ou de Assunção, na cidade de Aroeiras, se viu um telefone.



Fany apresenta conjunto em algodão listrado, com blusão bem largo de mangas raglan. Aberto nos dois lados.



Com Maria Adelaide, um vestido esportivo, mas sóbrio, em linho, com pequenos debruns pretos nos bolsos.

## NA MODA DE VERÃO TUDO É BELEZA

○ VERAO se instalou e o guarda-roupa de cada uma de nós já apresenta um novo aspecto, com roupas leves e coloridas em primeiro plano, prontas para o trabalho, os passeios e a praia. E' nessa época que começam as preocupações com a variedade de modelos, sempre poucos para as necessidades e para se estar em dia com a elegância.

Para ajudá-las a enfrentar os meses de calor, procuramos "Chez Monique" e "La Donna" em busca de sugestões para trajes de praia e esporte. Nossa satisfação foi total, porque encontramos uma série de coisas maravilhosas, que nos apressamos a mostrar a vocês. Com a ajuda da Glória, Fany e Maria Adelai-

de transmitindo a última palavra em matéria de moda para verão, que vocês poderão aproveitar, naturalmente, com a certeza de serem depois admiradas e elogiadas pelo bom gosto e atualidade.

São modelos simples e fáceis; nem porisso menos femininos ou atraentes, com aquele arzinho que faz com que todos se voltem, reconhecendo o verdadeiro "charme". Para os maiôs, predominam os estampados de um só preço, em espuma de nylon. Mas a grande sensação, conforme vocês poderão ver pelas fotografias, são os conjuntos esportivos de "shorts" e calças compridas com blusões, que vão causar sensação na temporada. Ao lado





**Listras pretas e vermelhas em tecido de fio de nylon, fazem este espetacular modelo, com faixa solta e bolsos.**



disso, apresentamos vestidinhos práticos para tôdas as horas.

Enfim, um mundo de coisas lindas para se ver, fazer e usar.

O rosa será usado em profusão, inclusive nas combinações "ton-sur-ton", dando à mulher leveza e um aspecto sempre juvenil. Também o verde limão e o azul suave estão na ordem do dia, numa supremacia contra os estampados, que vão funcionar para a tarde e muito pouco para a noite.

Em matéria de modelos, continuam bem usados os de cintura baixa, na linha "blousante" (blusa bem fôfa caindo sobre a cintura) e os inteiros, prêsos ao cinto e bem largos.

**Calça e corpete, com bordado em todo o comprimento, dos lados; calça clássica com blusão listrado e, embaixo, maiô «grega» com saia quadriculada,**

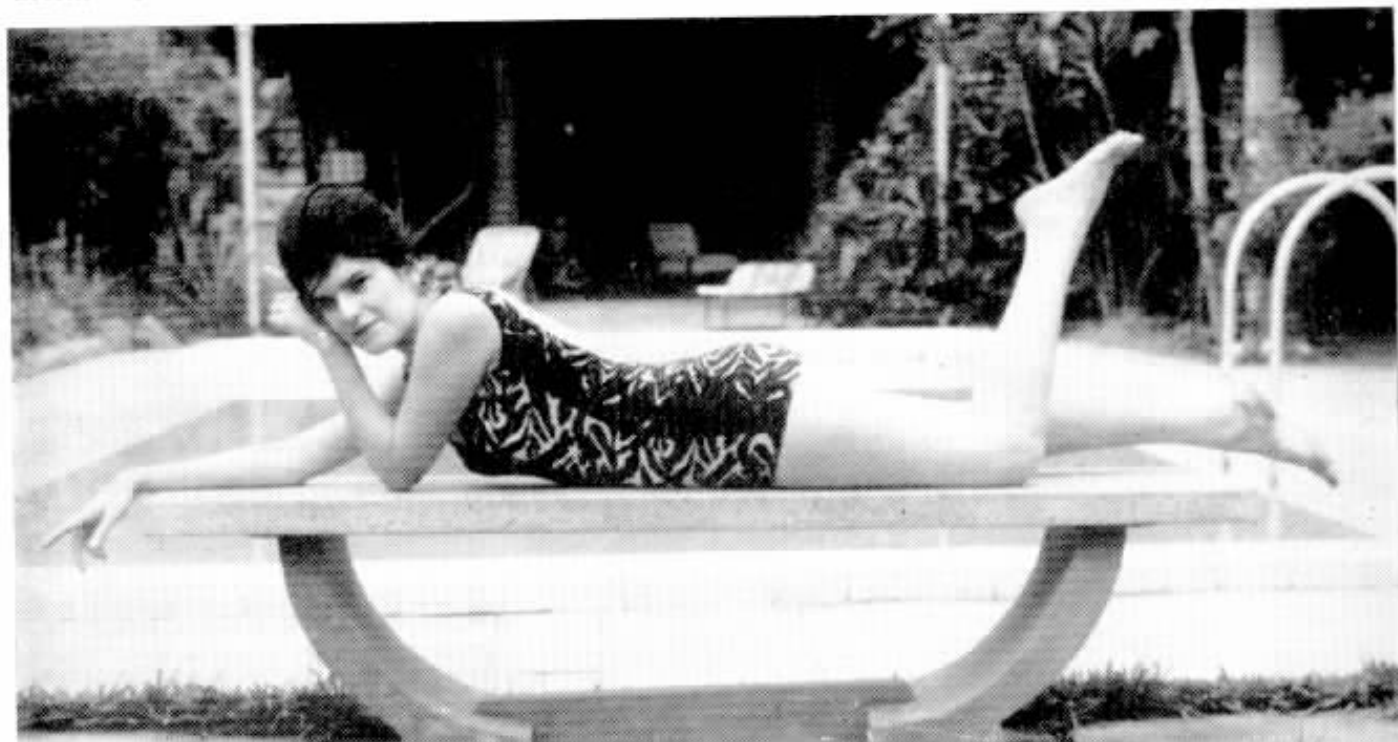


Glória veste um conjunto sofisticado, em tecido «cobra»: calças justas e blusão reto com mangas japonêsas. A fazenda já é o enfeite.



Este modelo de La Donna, é em tecido de fio de «nylon», em listras desiguais. Uma só peça, «bloussante», com faixa caindo em pontas. Muito lindo.

Glória veste ainda «cobra», maiô inteiro bem decotado nas costas e em V profundo na frente.





Elegantíssimo este «três peças» em bordado inglês: «Short», corpete e casaco de mangas compridas. Detalhe: parte da barriga descoberta.



Vestido de Chez Monique, enviezado, em fazenda de listras largas. Blusa um pouco fôfa, decote canoa. A bolsa de palha dá o toque final.

## LISTRAS & TONS DE ROSA DOMINAM

EM matéria de decotes, a tendência é, ainda, a favor dos "canoa" ou redondos e pequenos, junto ao pescoço. Naturalmente, para a noite, podem ser mais ousados, principalmente nas costas. Mas já repararam como a esposa do Presidente Kennedy, considerada uma das mulheres mais elegantes do mundo, só usa estes dois, mesmo em roupas "soirée"?

Os conjuntos são sempre na mesma fazenda, em listras de todos os tipos e em cores vivas e alegres, assim como os maiôs, que apresentam desenhos grandes.

Os exemplos que Glória, Fany e Maria Adelaide nos apresentam, dão bem uma idéia de todos esses detalhes. E pelas fotografias podemos observar que o bom-gosto de Chez Monique e de La Donna é total, casando-se harmoniosamente com o encanto das três.

Chez Monique tem ainda uma variedade enorme de bolsas, saias, blusas e jóias maravilhosas. La Donna é uma nova linha de criações da fábrica Rose Marie Ried, especialista em maiôs de categoria internacional e agora aparecendo com conjuntos em fio helanca e em tecidos diferentes, à base do "nylon".

Para o próximo número, prometemos uma série de outras sugestões. Enquanto isso, estaremos ao inteiro dispor das nossas leitoras para explicações, bastando que escrevam para Sino Azul — Seção Feminina. Na medida do possível, procuraremos ajudá-las em seus problemas de elegância e nas pequenas dúvidas sobre este ou aquele detalhe. E escrevam, também, para uma conversa informal, dizendo se gostaram...



Em tons de rosa, verde e azul claro este modelo se destaca magnificamente. Saia justa com algumas pregas na cintura



Listras horizontais, gravata longa, no modelo vestido por Marisa.



Blusão moderno, fôfo e preso abaixo da cintura, com dois laços.



Maria de Lourdes num conjunto leve. Bolsos aplicados.



Estampado com listras verticais sobressaindo para este modelo, alças, machos abrindo na metade da saia e uma faixa em laço.

## SIMPLICIDADE A NOTA DOMINANTE NA MODA DE 1961

**M**ARISA e Maria de Lourdes posaram para estas criações de "Chez Monique", num estilo um pouco mais "toilette" e perfeitamente apropriadas para as saídas de domingo e sábado, cinemas e festas não de cerimônia. Em matéria de tecidos, o verão será pródigo nas várias qualidades de linho, que se prestam mesmo para conjuntos "duas peças" e saias "evasée". Além do linho, a "amorela" estampada ou em listras, e os algodões, que nunca saem de moda.

Como no verão passado, a simplicidade continua sendo a nota dominante na moda de 61. Alguns detalhes podem complementar o despojamento dos feitos: faixa na cintura terminando em pequeno

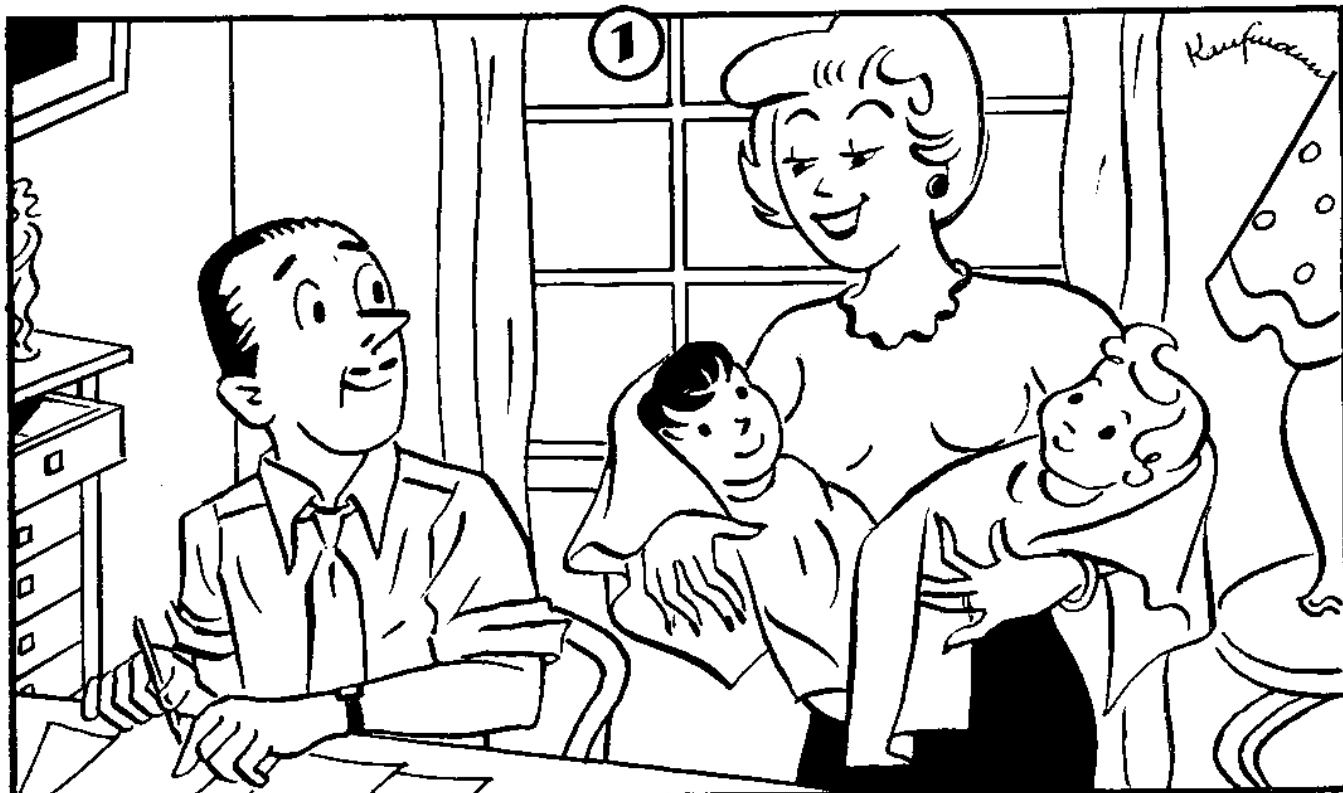
laço, decotes enviezados com gravata pendendo, tirinhas de rafia (que pode ser, também, sianinha ou galão). Mas, de maneira geral, tudo é muito simples e delicado, realçando a feminilidade da mulher.

A grande novidade nas saias são os machos fundos, fechados até pouco abaixo dos quadris; podem ser, também, machos duplos, dando mais roda apenas de parte inferior. Pelas fotos, vocês podem observar que os modelos usados por Marisa e Maria de Lourdes se enquadram dentro dessas regras, e elas estão definitivamente estabelecidas pelos "donos da moda". Experimentem também.

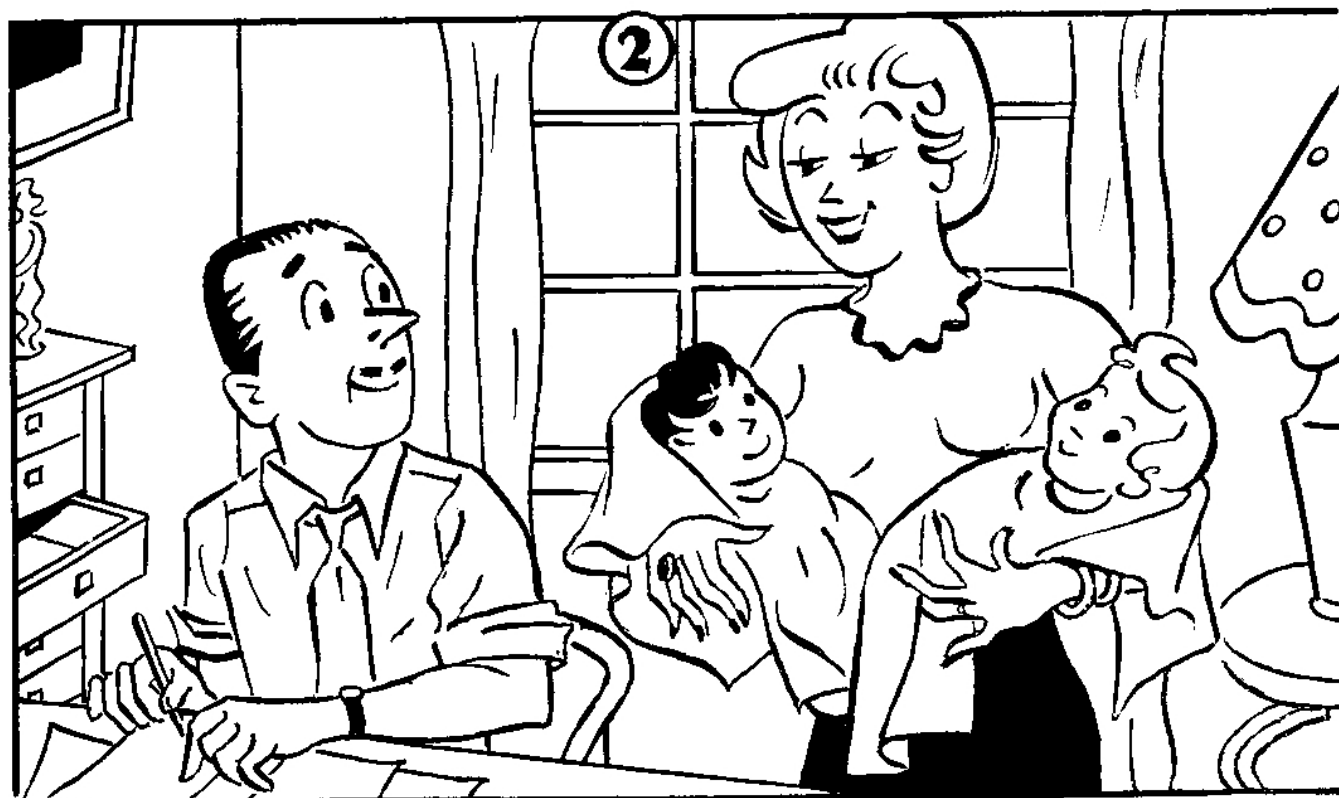
# ENIGMA do ENGANOS



VEJA, CARO LEITOR, SE VOCÊ  
CONSEGUE DESCOBRIR OS  
9 ENGANOS COMPARANDO  
O DESENHO ① COM O ②  
(SOLUÇÃO NA ÚLTIMA CONTRACAPA)



- Já decidi o que eu quero como presente de Natal :  
um telefone que eu fale sem ser preciso usar as mãos.





O doutor Francisco de Prestes Maia, Prefeito municipal de São Paulo, desatou a fita simbólica.

## AMPLIADO EM SÃO PAULO O EQUIPAMENTO DA ESTAÇÃO «92»

### Presente o Prefeito Prestes Maia

FOI inaugurada recentemente, a ampliação do equipamento da estação "92" que serve à capital paulistana e veio possibilitar o atendimento de mais seis mil pretendentes a telefones, residentes em São Paulo, nos bairros do Brás, Mooca, Belém, Belénzinho e adjacências.

A nova estação está localizada na rua Costa Valente, 239, no Brás, onde já funcionava a estação "93", cuja capacidade é também de dez mil assinantes.

Com a ampliação ora inaugurada a que esteve presente o Prefeito municipal da metrópole bandeirante, a estação completou a sua capacidade máxima de dez mil linhas.

O ato inaugural teve o comparecimento, além do prefeito, dos senhores Dr.

José Malheiros, Secretário de Obras em exercício; Engenheiro Antonio Le Voci, Diretor do Departamento de Serviços Municipais e Engenheiro Rubens F. Rodrigues, também daquele Departamento.

O Prefeito de São Paulo foi saudado na ocasião por Carlos Reis Filho, Superintendente Geral Adjunto, que ressaltou a importância do melhoramento, o qual vai servir a uma das mais populosas zonas de São Paulo, numa área altamente industrializada e, portanto, de enorme influência na economia da cidade em particular e do Estado em geral.

Figuras de importância na administração da C. T. B. também estiveram presentes à solenidade.



Na foto acima, a Rainha do TC paulistano, Eugenia Danyluck, aparece com as princesas eleitas. Da esquerda, Asterlina Brandão, Marlene Couto Gonçalves, Dirce Zaramello e Darcy Crepaldi.

## BAILES DA PRIMAVERA NA GUANABARA E EM



NOSSOS colegas de São Paulo realizaram nos amplos salões do Clube Homs, da capital do Planalto, a sua tradicional festa e Baile da Primavera, ocasião em que tiveram a oportunidade de eleger e coroar a sua nova rainha e respectivas princesas, numa promoção sempre simpática do Telefônica bandeirante.

A escolha deste ano recaiu sobre Eugênia Danyluck, do Departamento do Pessoal. As princesas são as gentis colegas: Asterlina Brandão, do Departamento de Contabilidade; Marlene Couto Gonçalves, do Departamento do Pessoal; Dirce Zaramello, do Comercial e Darcy Crepaldi, da Contabilidade.

O presidente do Telefônica Clube, Dr. Nelson Perroud, presta as devidas homenagens a Eugenia Danyluck, bem indicada para Rainha do TC.



A nova Rainha do T.A.C. do Rio é Deir Leal, uma lourinha de sorriso encantador. Na foto, la-deiam-na, da esquerda, a princesa Lúcia Pereira, do Tráfego e Loise N. dos Reis, rainha de 1960.

## SÃO PAULO: ELEIÇÃO DE SUAS RAINHAS

TAMBÉM no Rio foram animadíssimas as comemorações levadas a efeito pelo Telefônica Atlético Clube, no salão do Ginásio do CEMDECA, à rua José do Patrocínio, no Grajaú, para festejar a Primavera.

Ao ensejo, foi eleita a nova rainha. A escolhida foi Deir Leal, colega do Departamento Comercial, proclamada e coroada soberana na ocasião, ficando como princesa, Lúcia Pereira, do Tráfego.

Grande número de colegas esteve presente à festa, inclusive a rainha de 1960, senhorita Loise Nogueira dos Reis, da Contabilidade.

Uma boa promoção no Rio, e outra vitória em São Paulo, dos dois prestigiosos clubes.

A cobiçada coroa foi posta pelo presidente Ignácio Miranda, na loura cabeça da nova rainha, a bela Deir Leal, colega do Comercial do Rio.





Antonio Del Castilho Fernandes, veterano da Rêde de Campinas, ao receber o seu símbolo de 35 anos de bons serviços prestados à C.T.B., das mãos de J. P. Gouvêa.



Como sempre acontece, em meio ao entusiasmo geral, estas jovens, telefonistas de Campinas, ajudaram para o maior brilhantismo da reunião que levou ao Clube de Campo Mogiano, considerável número de pessoas, entre parentes e colegas.

## VETERANOS DE CAMPINAS

NAS aprazíveis dependências do Clube de Campo Mogiano, em Mogi-Mirim, teve lugar, êste ano, a tradicional cerimônia da entrega dos emblemas, aos veteranos de Campinas.

Perante enorme assistência, setenta colegas receberam os seus emblemas por etapas de antiguidade atingidas na Companhia, na ocasião saudados por Haroldo Prestes Miramontes.

A mesa foi presidida por José Portugal Gouvêa, presentes, ainda, vários supervisores, além de outros colegas.

Um churrasco foi oferecido a todos e encerrada a festa com animado baile.



Alegre grupo presente aos festejos, no bucólico e encantador cenário do clube mogiense, legítimo orgulho da bela terra interiorana paulista.



Esther Bueno de Oliveira, veterana colega que há 35 anos serve com desvêlo a nossa Companhia, em Amparo, no interior do grande Estado bandeirante. O flagrante foi feito no justo momento em que recebia, de Nery Marques Fontes, mais uma distinção por tantos e tantos anos de profícua atividade que se traduziram em exemplos magníficos para os seus colegas.



Aracy de Campos Mariani, Telefonista Encarregada, pertencente ao Tráfego de Campinas, festejou os seus vinte anos de contínuo labor.



Outras duas colegas telefonistas que, entre risos e simpatia, ajudando com entusiasmo, muito contribuíram para o brilho da festa.



## TRIBOBÓ

### Recebeu os Veteranos Fluminenses

Após a cerimônia, houve um gostosíssimo churrasco e as nossas colegas de Campos não se fizeram de rogadas. Espêto na mão e bom apetite: satisfação.





**B. J. P. Tancred, coloca à lapela de Paulino Borges, o símbolo correspondente: trinta e cinco anos de bons serviços.**

COMO tradicionalmente acontece, mais uma vez os veteranos fluminenses foram alvo de gratas homenagens. Desta vez, a festa teve lugar no secular e aprazível Columbandê Country Club, em Tribobó, no Estado do Rio, à margem da rodovia Amaral Peixoto, dedicada aos

A esquerda, mais dois flagrantes colhidos no Country na hora agradável do churrasco. As colegas de cima, de «arma» em punho e apetite a postos. Os debaixo ainda estão na «fila»: inveja...



**Após o distintivo, o beijo de Valdimícia em seu pai, Waldemar Gonçalves Dias, dois prêmios no feliz dia da comemoração dos operosos anos de atividade.**

**Sorridente, Luis Sirica recebe de B. J. P. Tancred, o sino de 35 anos de labor.**

colegas veteranos do Distrito B-1, com grande comparecimento de assistentes, autoridades, chefes, colegas e seus familiares.

Após a solenidade de entrega dos emblemas comemorativos, pelos muitos anos de serviço dedicados à C.T.B., foi servido suculento churrasco, animado por alguns números musicais apresentados na ocasião. Um dia alegre, numa ocasião inesquecível.

**Abaixo, Américo Rangel, de Campos, recebendo o afetuoso abraço de sua esposa. Há trinta anos na C. T. B.**





A primeira diretoria da novel APESTERJ ficou assim constituída: presidente, José Martins Gonçalves; secretários, José Francisco Niebus e Carlos F. Manhães; tesoureiros, Elsa José dos Reis e Genebaldo F. Passos. São funcionários da C.T.B. de diversas cidades do Estado.

## NOVA ASSOCIAÇÃO DE CLASSE — A APESTERJ

EM sessão solene e grandemente concorrida, levada a efeito em Niterói, foi concretizada antiga aspiração dos funcionários da C. T. B. que exercem atividade em território do Estado do Rio. A assembléia geral então reunida, fundou a APESTERJ, ou seja, a Associação Profissional dos Em-

pregados em Serviços Telefônicos no Estado do Rio de Janeiro, cujo plano de ação engloba obras de assistência, recreação, esporte e defesa profissional.

A primeira diretoria que tem como presidente José Martins Gonçalves, congrega elementos que exercem atividade em Niterói,

Campos, Barra Mansa, Petrópolis, Duque de Caxias e Rio de Janeiro.

A sessão solene estiveram presente funcionários, familiares e autoridades estaduais e trabalhistas, além de representantes do Sindicato dos Empregados em Serviços Telefônicos da Guanabara.

### CAUSAS DE DEFEITOS EM CABOS — (conclusão)

Os cabos telefônicos aéreos, são outras vítimas freqüentes de pedradas, tiros de caçadores, raios, abalroamento dos postes por acidentes de trânsito, balões de festas juninas, incêndios e até das consequências da "malhação" dos "judas" da Alelúia...

Nada disso é do âmbito da Companhia, mas por isso também ela responde, obrigada a uma vigilância constante da sua rede.

Na verdade, também há defeitos técnicos, embora em escala infinitamente

menor. Uma simples emenda mal feita, um mau ajuste de cabos e as comunicações serão irregulares.

Na C.T.B., a responsabilidade pela manutenção da rede de cabos, está a cargo da Seção de Construções, do Departamento Geral da Rede. Com chuva ou com sol, turmas especializadas estão sempre nas ruas, munidas de aparelhos de alta precisão, como a "ponte de Wheatstone", um medidor de resistência de efeitos quase mágicos; amplificador de sinal, bo-

bina exploratória, aparelho de alta voltagem para reduzir a resistência ôhmica e outros petrechos técnicos que lhes permitem a reparação das causas provocadoras da interrupção dos serviços telefônicos.

Seja qual fôr o defeito, a Seção de Construções da C. T. B. está sempre alerta para consertá-lo, ciente da importância fundamental das comunicações telefônicas na vida da cidade e dentro do lema que é o estímulo para a nossa ação diária: procurando servir melhor.



I. J. Goulart, Superintendente Geral Comercial, com grande satisfação, apertou a mão de Emma O. Nascimento. Uma prestimosa colega que se aposenta agora.

## MERECIDA APOSENTADORIA

EMMA de Oliveira Nascimento, após tantos e tantos anos de agradável convívio conosco, não vai ser mais encontrada diariamente, com seu espírito jovial e sua imensa capacidade de trabalho, no posto em que há tantos anos, vinha sendo um exemplo de atividade invulgar. Aposentou-se para o justo repouso, após dar o melhor de si mesmo à causa comum de todos nós, o trabalho quotidiano na C. T. B.

Emma de Oliveira Nascimento ingressou na Companhia de Carris, em 8 de março de 1928, como operadora. Em 13 de abril de 1931, foi transferida para a Telefônica como telefonista internacional. Em 1º de novembro de 1934, passou a tradutora. Em 1º de maio de 1949, foi promovida a Chefe de Seção, cargo que exerceu com muita dedicação e eficiência até sua aposentadoria.

Deixa grandes amizades e um belo exemplo.

### SOLUÇÃO DO «ENIGMA DOS ENGANOS»



Mais largo o «passo-partout».



Outra gaveta está aberta.



Mudou a forma do relógio.



Falta o brinco na orelha.



Surgiu um anel no dedo, pulseiras.



No braço o dedo anelar ficou escondido.



Diferente a base do abajur.



A perna da mesa está modificada.



- Sim, é seu amor... mas, quem é mesmo que está no aparelho?

# Sino Humor

através da imprensa mundial



- Delegado, acabo de capturar o Zé Escorregadio...



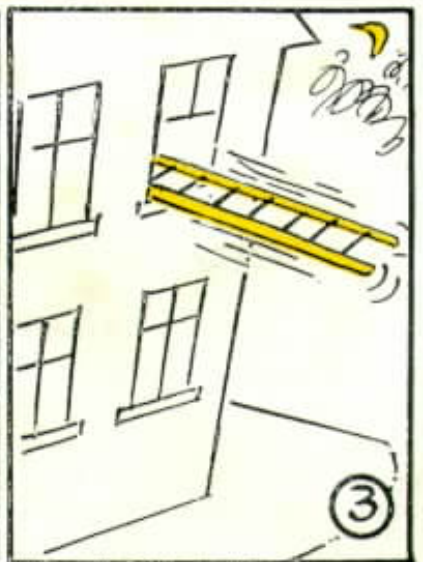
(No Consultório do psiquiatra)  
- Agora, drª Jurema, há quanto tempo a senhora se recusa a deixar a casa?



1



2



3